

da mesma autora de DESTINOS DO AMOR

Amie Knight

com os
olhos do
coração

cherish
BOOKS



da mesma autora de DESTINOS DO AMOR

Amie Knight

com os
olhos do
coração

cherish
BOOKS

Copyright 2016© Amie Knight
Copyright 2019© Cherish Books

Knight, Amie

Com os olhos do coração (See through heart)/ Cherish Books; Rio de Janeiro; 2019

Edição Digital

1.Romance Contemporâneo 2. Literatura Estrangeira 3.Ficção

Com os olhos do coração © Copyright 2019 — Cherish Books

Texto revisado segundo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, através de quaisquer meios, sem a prévia autorização do autor.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, locais ou fatos, terá sido mera coincidência.

Tradução: Bianca Carvalho

Revisão: Sonia Carvalho

Capa: Letícia Kartalian

Diagramação: A.J Ventura

SUMÁRIO

<u>Capa</u>	
<u>Prólogo</u>	
<u>Capítulo 1</u>	
<u>Capítulo 2</u>	
<u>Capítulo 3</u>	
<u>Capítulo 4</u>	
<u>Capítulo 5</u>	
<u>Capítulo 6</u>	
<u>Capítulo 7</u>	
<u>Capítulo 8</u>	
<u>Capítulo 9</u>	
<u>Capítulo 10</u>	
<u>Parte dois</u>	
<u>Capítulo 11</u>	
<u>Capítulo 12</u>	
<u>Capítulo 13</u>	
<u>Capítulo 14</u>	
<u>Capítulo 15</u>	
<u>Capítulo 16</u>	
<u>Capítulo 17</u>	
<u>Capítulo 18</u>	
<u>Capítulo 19</u>	
<u>Capítulo 20</u>	
<u>Capítulo 21</u>	
<u>Capítulo 22</u>	
<u>Capítulo 23</u>	
<u>Capítulo 24</u>	
<u>Epílogo</u>	
<u>Nota da Autora</u>	
<u>Agradecimentos</u>	

Para Kelly

Sua natureza gentil e generosa nunca deixa de me surpreender. Nunca tive tanto orgulho de chamar alguém de amiga.

Assim como Ainsley, você é muito mais forte e corajosa do que pensa ser. Eu te amo.



Prólogo

Eu gritei. Gritei, gritei e gritei.

Chorei até que meus olhos comessem a queimar como fogo e minha garganta ficasse arranhada. Continuei ouvindo as palavras do médico, uma e outra vez, como se estivessem sendo tocadas como música na minha cabeça.

“Ela não despertou. Ela se foi.”

Eu não conseguia respirar.

“Houve muito dano cerebral.”

“O corpo dela está no piloto automático agora.”

“É hora de tirá-la do suporte básico de vida e deixá-la partir.”

“É a coisa certa a fazer.”

Eu falhei. Eu não a mantive segura.

Fiquei olhando para a calçada, apesar da ardência das minhas lágrimas. Eu gostava de sentir aquela dor. O incômodo na minha garganta. Eu merecia isso. Voltei meu olhar na direção do hospital ameaçador que pairava ao meu redor. Já fazia muitos dias que eu estava ali. Sete dias. Sentada ao lado dela. Sete dias. Rezando e esperando que, por algum milagre, pudesse ver o seu sorriso deslumbrante e seus grandes olhos castanhos. Mas tudo que consegui foi o silêncio entre os bipes e o uivar das máquinas.

“Ela sofreu morte cerebral.”

“Não há qualidade de vida.”

“É hora de tomar uma decisão.”

Oh, Deus. Eu ia vomitar. Não aguentaria ficar olhando para o hospital por mais um segundo. Ele representava tudo que eu havia perdido. Representava incontáveis noites de esperança que nunca chegariam a um final feliz. Estava acabado. Uma das melhores coisas da minha vida fora embora. Inclinei-me e

coloquei minhas mãos nos meus joelhos. E então gritei de novo. Porque eu estava simplesmente com raiva. Ardendo de ódio.

Levantei-me e gritei para o céu. Eu me odiava. Eu a odiava. Mas, acima de tudo, eu o odiava.





Capítulo

1

Ainsley – 8 Anos

Lembro-me do primeiro dia em que vi Adrian Davis. Eu estava nos fundos, brincando no riacho que cerca a propriedade da minha mãe. Era um dia típico no sul, o sol escaldante batendo em nós e o ar tão úmido que eu mal conseguia respirar. Normalmente ficava no quintal cercado com Lori, pendurada de cabeça para baixo ou balançando alto nos balanços de plástico, fingindo ser uma acrobata como as que vimos no circo no ano passado. Quando não estávamos caminhando na corda bamba, pegávamos tomates frescos e hortelã na horta na varanda dos fundos de nossa casa de tijolos em Gilbert, Carolina do Sul. Abríamos os tomates e os salpicávamos com o sal do saleiro que roubávamos da velha e quebrada mesa de jantar de fórmica da mamãe.

Mas não naquele dia. Lori queria brincar sozinha. Ela fazia isso de vez em quando e eu aprendi a não pressioná-la. Ela gostava de sua solidão. Poderia ficar por um tempão brincando de Barbie sozinha. Já eu? Simplesmente não conseguia. Precisava da interação e da companhia que as amigas proporcionavam. Tinha que ter alguém para me manter entretida. Então eu encontrava Miranda, no riacho atrás da nossa cerca, para que pudéssemos nos refrescar e pegar girinos. Ela morava atrás da nossa casa desde que eu me entendia por gente. Também era minha melhor amiga há muito tempo. Quando eu não estava com Lori, sempre estava com Miranda. Tínhamos uma amizade simples, que consistia principalmente nela me fazendo rir histericamente.

Com minhas minúsculas mãos, peguei o balde com os girinos e a água do rio, joguei-a de modo que atingisse Miranda. Uma boa quantidade espirrou, enviando uma tonelada de girinos lamacentos diretamente para seu cabelo liso e ruivo.

— Oops — disse baixinho. Não foi intencional, mas me deu vontade de rir.

Eu amava irritá-la.

Ela soltou um bufo irritado.

— Droga, garota. Tenha cuidado. Minha mãe vai ficar irritada pra caramba se tiver que lavar meu cabelo de novo hoje à noite.

Eu revirei meus olhos.

— Por favor. Sua mãe sempre fica irritada pra caramba e para de xingar! Não é fofo e nem feminino.

Miranda abafou uma risada e me lançou uma olhar que eu conhecia muito bem. Era melhor eu correr e muito. Tentei fugir, mas ela já pegou um punhado de lama do fundo do riacho. Senti a gosma espalhar-se pela frente do meu suéter rosa favorito. Ela sabia como eu odiava ficar suja, mas não podia recuar. Meu orgulho não permitiria, então, peguei, juntei o próprio míssil de lama e lancei-o, atingindo-a nas costas. Não demorou muito para que nos tornássemos uma bagunça imunda e suada, rolando na água do riacho escuro.

Eu estava com raiva por causa do meu suéter, então, segurei a cabeça de Miranda na lama e gargalhei alto para dar um efeito.

— Sua mãe vai ficar tão chateada — brinquei com ela. Mas foi só quando senti uma lama fria e molhada me atingindo bem na parte de trás da minha cabeça que parei de tentar afogar minha melhor amiga.

Em estado de choque, levantei-me e me virei, esperando que Lori estivesse na margem do riacho, pronta para participar da briga, mas, ao invés disso, encontrei um lindo garoto de cabelos negros usando o que pareciam ser roupas de igreja. Sua calça azul estava presa por suspensórios pretos que cobriam sua camisa branca. Os sapatos, também pretos, estavam um pouco lamacentos do riacho, mas não tanto quanto suas mãos. Ali estava a evidência.

Miranda se levantou e se inclinou ao meu redor, seu temperamento de fogo em exibição.

— Você não jogou lama em Ainsley! Ela odeia ficar suja. Odeia! Você fez uma coisa péssima.

Sufoquei minha risadinha e abaixei a cabeça para esconder meu sorriso, mas não adiantou. Eu não conseguia não olhar para ele. Aquele menino sedutor exigia minha atenção. Assim que ergui os olhos, ele falou.

— Não parece que ela se importa tanto assim. Estava rolando na lama com você — disse ele a Miranda. — Além disso, eu estava apenas tentando te ajudar. Ela estava prestes a te afogar.

Miranda bufou alto, mas eu apenas olhei para o garoto de olhos azuis. Nunca o tinha visto antes, mas ele parecia bonito demais para ser dali. Meus olhos verdes e sombrios o avaliaram. Ele parecia sofisticado, limpo e da minha idade. Seu rosto era bonito, o nariz, reto e arrebitado na ponta. Seus olhos eram

como o oceano e cobertos de cílios escuros. Seus lábios eram carnudos e rosados. O punhado de sardas em seu nariz só aumentava a sua beleza.

Eu não conseguia desviar o olhar dele e só podia imaginar o que poderia estar pensando de mim naquele momento; do meu cabelo rebelde, indisciplinado, encaracolado e loiro, coberto de lama. Meu suéter rosa de segunda mão, sujo e gasto. Meus pés descalços, porque eu gostava de sapatos tanto quanto gostava de ervilhas. Ou seja, não gostava nem um pouco. Tentei tirar o excesso de lama das minhas roupas, mas desisti quando vi que só piorava as coisas.

— Meu nome é Adrian Davis. Meu pai e eu nos mudamos para a casa ao lado. Você sabe, a casa com a piscina — disse ele.

Nós permanecemos em silêncio e continuamos a olhar, porque éramos simples garotas do sul. Mas ele apenas continuou falando, como se não se incomodasse com isso.

— Vocês devem vir nadar comigo algum dia. Ainda não tenho amigos aqui. Nós nos mudamos ontem e a escola só vai recomeçar daqui a um mês.

Eu sabia de que casa ele estava falando. Era a de tijolos brancos à direita da minha própria casa. Havia uma cerca de arame que cercava o quintal e uma piscina acima do solo com um grande convés vermelho ao redor, bem no meio do quintal. A casa estava vazia há alguns meses desde que nossos vizinhos, os Wilsons, mudaram-se com a filha. Eu morria de vontade de nadar naquela piscina há anos, e agora era minha chance. Decidi que Adrian poderia não ser tão ruim assim.

— Oi. Eu sou Ains... — eu comecei.

Miranda pulou na minha frente e me interrompeu.

— Por que você está vestido assim dessa maneira? — ela perguntou.

— Assim como? — ele retrucou.

Eu poderia dizer que ela o estava envergonhando, e parte de mim não gostou disso, mas outra parte achou muito engraçado.

— Como se você estivesse indo à igreja ou algo assim, menino bonito — disse ela com uma risada.

Cobri minha boca para esconder o riso. Eu gostava das palhaçadas de Miranda. Normalmente ela agia de forma ridícula, mas, às vezes, um pouco de loucura fazia bem, e Miranda gostava muito de proporcioná-la.

Adrian sorriu para mim e enganchou os polegares nos suspensórios.

— Eu gosto de ficar bonito — ele disse com um encolher de ombros.

Ele parecia legal. Um pouco arrumadinho demais para o meu gosto, mas isso não me impediu. Eu precisava da piscina dele na minha vida.

Abri meu melhor sorriso e me certifiquei de adicionar meu charme sulista

no pacote.

— Eu sou a Ainsley. Moro na casa de tijolos logo ali. — Apontei para a casa para que Adrian soubesse onde me encontrar. — Moro com minha mãe e minha prima Loralie. Adorávamos brincar com você.

Miranda revirou os olhos. Ela sabia exatamente o quanto eu queria entrar naquela piscina. Qualquer um que conhecesse o verão do sul também imaginaria o quanto.

Adrian abriu um sorriso enorme cheio de dentes e colocou as mãos nos bolsos enquanto se empertigava. Consegui perceber, então, que aquele garoto não era apenas bonito. Ele era lindo. O tipo de beleza que eu só tinha visto nos filmes. Amei seu sorriso. Fazia com que meu coração parecesse grande demais para o meu peito e meus dedos formigassem. Eu queria que ele sorrisse assim para mim todos os dias, sempre.



Lori geralmente acordava antes de mim quase todas as manhãs, e naquela não foi diferente. Eu a ouvi descer os degraus da cama de beliche. Pude sentir sua respiração ao meu lado. Ela fazia isso todas as manhãs, como se estivesse decidindo se deveria subir. Mas, como sempre, finalmente puxou minhas cobertas e se aconchegou ao meu lado. Aproximei-me e passei meu braço em torno de seu corpo, aconchegando-me.

Deitando minha cabeça perto dela, murmurei:

— Bom dia. — Eu podia sentir o cheiro doce de seu xampu enquanto seu cabelo fazia cócegas no meu nariz. Amava acordar ao lado dela.

Loralie veio morar conosco quando tinha dois anos, e eu, quatro. Disseram-me que sua mãe não conseguia mais cuidar dela. Mais de uma vez, escutei minha família falando sobre como a minha tia amava as drogas mais do que à própria filha. Não entendi no início. Não conseguia, de forma alguma, compreender como alguém poderia amar alguma coisa mais do que a Lori. Ela era minha pessoa favorita no mundo. Só que nada disso importava, porque minha mãe e eu a amávamos mais do que tudo. Minha vida parecia bem pequena antes de Lori. Meu pai fora embora antes mesmo de eu nascer. Minha mãe trabalhou duro e entrou na faculdade de enfermagem porque realmente não teve escolha. Fez isso para poder nos criar sozinha. Mas ela acabou apoiando tanto eu *quanto* Lori. Minha mãe era realmente incrível.

Lori se virou para mim e colou sua testa contra a minha.

— Ains, aquele menino que você conheceu ontem vai nos deixar nadar na piscina dele hoje? Você disse que ele deixaria, e eu quero nadar *agora* mesmo.

Eu olhei para o relógio na nossa mesa de cabeceira de madeira.

— São apenas sete da manhã, Lori. Mamãe ainda não acordou. Tente voltar a dormir. — Aconcheguei-me de novo e fechei meus olhos, esperando que ela entendesse o recado.

Ela não entendeu.

— Não consigo. Estou muito animada. — Ela se ajoelhou sobre a cama e me implorou com seus grandes olhos castanhos de cachorrinho.

Quase sempre me conquistava desse jeito. Aqueles olhos me faziam de idiota completamente.

Sentei-me também e baguncei o cabelo dela.

— Verei o que posso fazer. Vamos tomar café da manhã primeiro. — Eu tinha que admitir que estava muito animada também.

Nós passamos o café da manhã implorando à mamãe que nos deixasse ir nadar com o novo vizinho, e depois de soarmos muito convincentes, ela finalmente concordou. Depois que comemos, certifiquei-me de colocar meu maiô rosa favorito com as bolinhas brancas. Tomei meu tempo e penteei meus cachos grossos em um rabo de cavalo alto. Queria estar bonita para ir à piscina. Não tinha nada a ver com o lindo garoto da casa ao lado. Nada mesmo.

Nós aparecemos na casa de Adrian às nove da manhã em ponto. Foi muito difícil segurar Lori por tanto tempo. Subi até a varanda de sua bela casa branca e relutei em meus próprios pés, ganhando coragem para levantar a aldrava reluzente e dourada da porta da frente. Mas não tive que me preocupar com isso, porque Lori se adiantou, tocou a campainha e então se abaixou às minhas costas, escondendo-se. Ela não era tão extrovertida quanto eu. Estranhos às vezes a deixavam nervosa, e eu não podia evitar ficar com medo por ela também. Demorava muito tempo para que se acostumasse com alguém.

Adrian abriu a porta. Ele esfregava os olhos enquanto resmungava baixinho. Ótimo. Nós o acordamos. Eu poderia ter me sentido mal se não estivesse tão empolgada. Já quase podia vê-lo nos convidando a entrar – eu com meu maiô de bolinhas, e Lori, que espiava ainda escondida atrás de mim, em seu traje de banho roxo com veleiros cor-de-rosa; nós duas segurando nossas toalhas também rosa em nossas mãos.

— Estamos aqui para... nadar — eu disse nervosamente, dando uma boa olhada nele. Sorri ao vê-lo ainda de pijama.

Ele viu meu sorriso e sorriu de volta para mim.

— Bem, ok, então. — Ele se inclinou para trás da porta e gritou: — Papai, as vizinhas estão aqui e vamos nadar!

O pai dele gritou de volta:

— Eu vou descer em um segundo. Nem pense em entrar naquela piscina

sem um adulto presente.

Adrian fez um sinal, e todos nós caminhamos por uma bela sala de estar onde havia uma poltrona e um sofá. Havia pilhas de caixas por todos os lados, algumas cheias, e outras, vazias. Onde não havia caixas, havia pilhas de roupas, toalhas, lençóis e, bem, um pouco de tudo, além de haver pedaços de isopor por toda parte. Era uma bagunça. Nós passamos, então, por outra entrada, uma sala de jantar e uma cozinha. A porta dos fundos dava para um espaço do lado de fora, e eu podia ver a piscina através do vidro. Ainda a observava quando Adrian falou:

— Então, quem é que se esconde aí atrás de você, Ainsley?

Lori pressionou a testa contra as minhas costas e tentou desaparecer.

Agarrei Lori atrás de mim e a puxei para que ficasse bem à minha frente.

— Esta é Loralie. Ela fica um pouco nervosa quando conhece estranhos.

Adrian a estudou por um minuto. Então ele se inclinou para frente e tocou o pequeno nariz de botão de Lori com seu indicador.

— Bem, você não parece uma estranha para mim, Loralie. Você se parece com a minha irmãzinha, Maggie. Ela está no céu agora com a minha mãe, mas era a garota mais bonita do mundo. Tinha grandes olhos e cabelos castanhos bonitos, assim como você.

Senti Lori ofegar um pouco, mas ela se moveu para frente e ficou bem diante de Adrian.

— Por que elas foram para o céu? — perguntou.

Quase peguei Lori e corri para a porta. Toda aquela conversa parecia intrusiva e desajeitada.

Mas, antes que eu pudesse fugir, Adrian respondeu:

— Eles estavam voltando para casa da loja há alguns meses e alguém bateu no carro delas. — Adrian se afastou e olhou para a piscina.

Sua admissão me abalou. As crianças não deveriam perder os pais. Eu estava prestes a dizer a Lori que talvez não fosse o melhor dia para nadarmos. Que devíamos ir para casa e dar um pouco de espaço para Adrian. Mas, antes que eu pudesse falar alguma coisa, Lori foi até ele e jogou os braços ao redor de sua cintura. Encostou a cabeça em suas costas e apertou com força. Adrian congelou por um momento, e eles ficaram assim por um tempo. Fiquei quieta e insegura. Mas, eventualmente, ele se virou e passou os braços ao redor dela também. Senti-me incrivelmente triste por ambos terem perdido suas mães tão jovens. As circunstâncias eram diferentes, mas a situação era praticamente a mesma.

Lori se retirou dos braços de Adrian e o olhou. Eu poderia dizer que ela já gostava dele. Sentira uma afinidade que não conquistara comigo. Eu tinha mãe.

Uma das boas.

— Então, vamos nadar ou o quê, Azul? — ela perguntou.

Adrian arqueou uma sobrancelha.

— Azul?

— Sim — disse ela. — Por causa dos seus olhos.

E foi isso. Nós três nos tornamos amigos muito rápido. Passamos o resto do dia nadando na piscina, deitados em nossas toalhas no deck, conversando enquanto o pai de Adrian nos observava da varanda, lendo o jornal e tomando seu café. Adrian nos informou que tinha oito anos, assim como eu. Eles haviam se mudado há apenas alguns dias e ainda estavam se esforçando para conseguir desempacotar tudo que possuíam.

Adrian deu pulos na piscina como uma bala de canhão, e Lori riu alto. Ele a pegou nos ombros e jogou-a no meio da piscina.

Todas as vezes, ela gritava:

— De novo!

Eu nadei, plantei bananeiras, dei cambalhotas e boiei. Estava delirantemente feliz por poder me refrescar abençoadamente em meio a uma terrível onda de calor do sul.

Passamos muito do nosso verão da mesma forma. Nadando, correndo entre os campos de algodão a um quarteirão das nossas casas ou brincando no balanço do quintal. Estávamos livres, leves e soltos. Alimentamos Adrian com nossos tomates colhidos direto da videira. Nós o ensinamos a pegar girinos no riacho atrás de nossa casa. Capturamos vagalumes à noite e os guardamos em pequenos potes de conserva. Deitamos na grama úmida sob as estrelas à noite em nossos quintais, de mãos dadas. Nossa dupla de repente se tornou um trio. Lori mal conseguia acordar sem correr para o nosso garoto de cabelos negros e olhos azuis. Meu coração estava tão cheio daqueles dois que parecia que poderia explodir. Adrian fez nossas vidas parecerem completas e felizes. Ele foi o Ken para as nossas Barbies. O mestre de cerimônias do nosso espetáculo.





Capítulo 2

Ainsley – 11 Anos

— Parece o som de um gato morrendo.

O susto me fez dar um pulo de uns três metros. Virei-me e encontrei Adrian em pé na nossa varanda, apoiado em um dos pilares brancos, com os braços cruzados no peito, segurando o caderno de desenhos. Passara a desenhar mais e mais naquele livro bobo nos últimos tempos, mas nunca deixava ninguém ver. Eu ficava um pouco irritada com isso. Queria saber o que ele tanto desenhava, porque quando não estava brincando com a gente, ele poderia ser encontrado rabiscando naquele livro com a testa enrugada em pura concentração.

Naquele momento, ele vestia sua calça cáqui, camisa polo verde e sapatos pretos. Como de costume, estava imaculado, e eu, em contrapartida, usava meu moletom velho e uma camiseta surrada.

— Jesus, Adrian, você me assustou e quase me fez deixar meu violino cair. Saia da minha varanda e vá para casa. Agora. Estou tentando praticar. — Tentei imaginar há quanto tempo ele estava ali, porque me sentia mais do que envergonhada.

A verdade era que eu não queria praticar na varanda. Mas fui expulsa de casa. Estava em minha centésima tentativa de "Mary Had a Little Lamb" quando mamãe educadamente sugeriu que estava um dia excepcionalmente quente para dezembro e que eu deveria levar meu violino para brincar lá fora. E a noite estava realmente agradável. Não muito fria. Não muito quente. Nada de mosquitos gigantes ou moscas como no verão. Mas não foi por isso que fui banida para a varanda. Fui, porque eu não era boa nessa coisa de violino. Mas queria ser.

Desde sempre vinha implorando à minha mãe que me deixasse tocar um instrumento. Eu era apaixonada por música no geral, então, ela finalmente

cedeu. Provavelmente ficara arrependida, mas eu, não. Começara a tocar algumas semanas antes, mas sentia que estava melhorando. Minha mãe conseguira comprar um violino barato com seu curto salário de enfermeira, e eu ficara eternamente grata. Amei o presente. Nunca esquecerei o dia em que abri o estojo preto pela primeira vez. O cheiro foi a primeira coisa que me atingiu. Cheirava a terra e a algo acre. Peguei o instrumento cuidadosamente, passando as mãos pela madeira lisa e pensando em como era lindo. Foi amor à primeira vista. Ainda não me sentia confortável com o posicionamento, e o arco parecia estranho na minha mão, mas sentia-me determinada a ser realmente boa. Queria ser a melhor, mas me contentaria, por enquanto, em evoluir do estágio em que estava naquele momento.

— Acho que você precisa praticar mais. Eu realmente jurava que tinha um animal morrendo aqui, Ains. — Ele sorriu e sentou-se no degrau da varanda, deixando seu precioso caderno de esboços de lado. Inclinou-se, apoiando-se nas mãos, cruzando as pernas sobre os tornozelos, lançando um olhar para mim.

Ele não parecia muito disposto a sair dali, então eu definitivamente não voltaria a tocar. Guardei meu instrumento de volta no estojo e me sentei ao lado dele.

— Onde está Lori? — ele perguntou.

— Bem, ela não foi convidada a se retirar da casa antes que provocasse uma dor de cabeça em todos com seu violino, então, suponho que esteja lá dentro, fazendo lição de casa e comendo biscoitos.

Adrian riu, mas eu não estava tentando ser engraçada, então, fiz uma careta.

— Ah, vamos lá, Ains. Você não é assim tão ruim.

Lancei-lhe um olhar severo.

— Você disse que parecia o som de um gato morrendo — eu o acusei. Mas era verdade. O som estava péssimo. Fiz uma careta mais feia.

Ele sorriu largamente e apontou o dedo para mim.

— Ainsley, antes que a gente perceba, você será a melhor violinista de toda essa cidade. Provavelmente de todo o estado da Carolina do Sul.

— Há! Ok, certo. Isso nunca vai acontecer. Eu sou terrível. Você me ouviu — eu disse.

Toda aquela conversa fazia com que me sentisse horrível. Era embaraçoso o suficiente que Lori e mamãe tivessem que testemunhar o quão terrível eu era tocando, mas, agora, Adrian também estava ciente. *Isso era uma merda.*

Ele pressionou o cotovelo na lateral do meu corpo, para que eu olhasse para ele. Voltou-se para mim e disse:

— Porque, quando Ainsley Michelle James coloca algo na cabeça, ela faz. De cabo a rabo. É assim que ela é. É a garota mais esforçada que eu conheço e

nunca desaponta ninguém. Nunca. Especialmente o maior fã dela. Alguma ideia de quem seja?

Eu me senti corar com as palavras dele, mas era bom ouvir aquilo. Era o que eu estava precisando. Meu doce garoto quase sempre me fazia sentir melhor. Nossa amizade crescera aos trancos e barrancos ao longo dos anos. Adrian, Lori e eu passávamos muitos dias juntos naquela varanda ou correndo pela cidade. Nós três. Ainda éramos inseparáveis.

Ainda me sentia um pouco envergonhada, então, mudei rapidamente de assunto.

— O que você está fazendo aqui, afinal?

— Me escondendo. Meu pai está de péssimo humor. Como o Natal está chegando, ele tem dificuldades em aceitar que minha mãe e Maggie não estão por perto, então, eu tento lhe dar espaço.

Enganchei meu braço em um dos dele e encostei minha cabeça em seu ombro.

— Como era sua mãe? — indaguei. Eu já queria fazer aquela pergunta desde que Adrian fora morar perto de nós, mas nunca pareceu o momento certo.

Adrian sorriu um sorriso triste. Eu me senti mal por perguntar, mas também queria conhecer a mulher que criara uma das melhores pessoas que conheci.

— O que você quer saber? — ele perguntou.

— Você sabe... Como era sua aparência? Como ela agia? Esse tipo de coisa — eu disse. Vinha frequentando a casa de Adrian com constância nos últimos dois anos, mas não havia fotos de sua mãe ou de sua irmã em nenhum lugar. Sempre achei que era muito difícil para ele e seu pai olhar para as pessoas que perderam tão repentinamente.

Ele fez uma pausa como se estivesse realmente pensando sobre isso e depois começou:

— Bem, ela se parecia muito comigo, eu acho. Tinha um cabelo escuro que mantinha longo. Era bastante ondulado, macio e cheirava a baunilha. Sempre o usava solto. Ela diria que papai gostava daquele jeito. Seus olhos eram quase da mesma cor exata dos meus. Vovó costumava dizer que eu era uma imagem cuspida dela. — Ele parou de falar e olhou para o degrau da varanda.

Pensei que fosse parar de falar sobre ela, mas depois de um minuto, continuou:

— Todos os anos, ela nos deixava abrir um presente na véspera de Natal. Era sempre um pijama ou um livro natalino para lermos naquela noite. Ela e papai se deitavam conosco em sua cama gigante. Nós nos enchíamos de pipoca, líamos livros e assistíamos a filmes de Natal até desmaiarmos. — Seus lábios se curvaram em um sorriso triste novamente, e eu apertei seu braço com mais força

contra o meu corpo. — Nós acordávamos de manhã e abríamos um milhão de presentes, mas o que eu mais gostava era de seus donuts caseiros. Ela os fritava no fogão, e depois que terminava, deixava-nos mergulhá-los em canela, açúcar, ou chocolate. Era uma ótima confeitadeira. Fazia até chocolate quente para acompanhá-los. Era consistente, cremoso e tão doce que eu não conseguia beber em muita quantidade, mas adorávamos.

Ele parou de falar de novo e encostou a cabeça na minha.

— Ela devia ser maravilhosa, Adrian — disse.

— Ela era. A melhor mãe do mundo — ele disse suavemente.

— Você sente muita falta dela? — perguntei.

Era uma pergunta idiota. Claro que ele sentia falta dela. Mas eu queria que me dissesse. Queria que falasse. Senti que precisava contar a alguém o tamanho de sua saudade.

— O tempo todo. Todo dia. Às vezes, acordo de manhã e esqueço que ela não está aqui. E isso me faz feliz. Deito na cama e acho que consigo sentir o cheiro de waffles de chocolate ou panquecas de mirtilo, ou até mesmo seus famosos donuts, mas então é como se eu a perdesse e a Maggie pela segunda vez. Não sei se vou ser feliz novamente sem ela. Dói demais. As pessoas ficam dizendo que a dor vai passar em breve, mas isso não acontece. Não para mim e nem para o meu pai.

Daquela vez, sua pausa me pareceu um ponto final. Olhei para o rosto dele e a devastação fez meu peito doer. Queria perguntar sobre sua irmã, Maggie, mas sabia que não era a hora. Ele estava sofrendo muito.

Pressionei meu cotovelo em suas costelas e disse:

— Bem, se você precisar...

Mas Adrian me cortou com um aceno de cabeça. Ele queria encerrar a conversa.

Lancei a ele um sorriso cheio de compreensão antes de dizer:

— Este gato aqui não vai morrer sozinho, Adrian.

Ele riu, e eu dei um aperto final em seu braço antes de me levantar e me dirigir para o meu violino. Quando o peguei, fiz uma oração, pedindo perdão pelas orelhas do pobre rapaz, e depois continuei com mais uma rodada de “Mary Had a Little Lamb”. Achei que, de repente, aquela música horrível pudesse animá-lo. Adrian ficou parado por um longo tempo, ouvindo-me tocar, com um olhar imóvel. Sua mandíbula se contraía, e ele movimentava o pescoço. Eventualmente, pegou seu caderno e seu lápis, começando a desenhar.

Passamos o resto da tarde assim. Fazendo coisas diferentes, separados, mas juntos. Foi perfeito.





Capítulo 3

Ainsley – 13 Anos

Era manhã de Natal, e eu estava exausta. O sol ainda não havia nascido, mas eu, sim. Mal consegui tirar um cochilo, e não porque me sentia animada para abrir presentes. Na noite anterior, quando estava prestes a dormir, ouvindo o som do ronco de Lori, um grito abafado me fez sentar na cama. Parecia que vinha lá de fora, então, rastejei em direção à minha janela e notei imediatamente que a luz no quarto de Adrian estava acesa. Abri o vidro e escutei mais forte. Com certeza, sons de baques e gritos altos vinham de seu quarto. Não consegui entender o que diziam, mas era óbvio que havia muita raiva neles. Aquilo pareceu continuar por horas, e mesmo quando finalmente acabou, ainda não consegui dormir, muito preocupada com Adrian. Morávamos um ao lado do outro há anos, e eu nunca tinha ouvido nada parecido antes.

Não é preciso ser um gênio para descobrir que Adrian e seu pai estavam brigando na noite anterior, e, ainda deitada na cama, de manhã, comecei a pensar que minha primeira missão do dia seria checá-lo.

Eu não era de pensar. Era de agir. Então, afastei minhas cobertas, sentindo o frio matinal me atingir com força. Esfreguei vigorosamente meus braços para gerar um pouco de calor. Rangendo os dentes, saí do meu quarto na ponta dos pés e segui pelo corredor, tomando cuidado para não acordar Lori. Espiei o quarto de mamãe. Ela estava deitada na cama, lendo um livro, mas ergueu os olhos quando me viu em sua porta.

— Feliz Natal, querida — ela disse enquanto se remexia, dando um tapinha no ponto da cama que acabara de desocupar. — Venha se aquecer.

Subi na cama, e ela puxou os lençóis e a colcha até o meu pescoço. Aconcheguei-me no travesseiro, e minha mãe me aninhou. Seu quarto inteiro

cheirava a lavanda, mas seu travesseiro e sua cama mais ainda. Isso me acalmava. Era o cheiro da minha mãe, e eu precisava dele naquela manhã.

O quarto inteiro de mamãe era decorado em tons suaves de roxo e branco. Era claro e delicado como ela. Eu amava. Era feminino, bonito e acolhedor, com seus grandes travesseiros e abajures de luzes baixas.

Mamãe se inclinou para perto de mim, seu nariz praticamente tocando o meu. Suas sobrancelhas se ergueram, e ela perguntou:

— O que houve, botãozinho de ouro?

De alguma forma, ela sempre sabia quando algo me incomodava, quando eu estava triste e como me animar. E percebi naquele momento que minha mãe era tudo para mim. Ela me ajudava a escolher minhas roupas todos os dias. Fazia meu café da manhã e meu almoço antes da escola. Comprara aquele violino que eu queria tanto, mas que não podíamos pagar. Quando ficava doente, ela me deixava dormir em sua cama e ficava acordada a noite toda comigo, consolando-me e me curando. Trabalhava longas horas em um emprego que exigia muito de si fisicamente para poder me alimentar e me vestir.

Senti um lampejo de pânico me atingir. O que faria se não a tivesse? E se eu a perdesse de repente? Quem me amaria tão incondicional e completamente? *Oh, Adrian.* Meu coração se partiu em mil pedaços naquele momento de epifania. Ele havia perdido tudo, e agora parecia estar em conflito com o pai também. Minha dor por ele era quase insuportável.

Olhei para minha mãe doce, maravilhosa e altruísta, e pedi outra coisa para ela.

— Mamãe, você sabe fazer donuts?

Ela franziu a testa, confusa, e disse:

— Bem, não, mas acho que a Internet pode te ensinar a fazer qualquer coisa. Por quê? Você quer comer donuts no café da manhã de Natal?

Nós geralmente comíamos biscoitos, patê e bacon. Meus favoritos e de Lori. Mas, naquela manhã, precisávamos de donuts – ou pelo menos Adrian precisava.

— Sim. Eu quero que você faça donuts, e nós poderemos mergulhá-los em chocolate ou canela. Não parece perfeito? — perguntei.

— Tudo o que você quiser é perfeito, Ains. — Mamãe sorriu e se dirigiu para o computador em seu quarto.

Presumi que ia procurar como fazer donuts.

Pisquei os olhos muito devagar e suspirei profundamente.

— Será que podemos convidar Adrian para comer donuts com a gente também? — Eu estava com medo de que ela dissesse que não. Era Natal, afinal de contas. Era o que ela chamaria de “momento de família” e, geralmente, o

“momento de família” só deveria incluir... Bem, a família. Mas eu precisava ter certeza de que Adrian estava bem depois do que ouvira na noite passada.

Senti seus olhos se fixarem nos meus, parecendo confusos novamente.

— Você quer convidar Adrian para comer donuts no café da manhã de Natal? Com a gente? — ela perguntou. Parecia tão intrigada que eu tinha a sensação de que iria jogar o argumento do momento de família a qualquer instante.

— Por favor, mamãe. Por favor, deixe-o vir. É realmente importante, então, só... por favor? — implorei, e nunca tinha implorado por nada. Na verdade, quase nunca pedia qualquer coisa. Então, quando acontecia, ela geralmente cedia. Esperava que aquele fosse um desses casos.

Depois do que pareceu uma eternidade, ela finalmente falou.

— Claro que Adrian pode vir para o café da manhã. Mas certifique-se de convidar o pai dele também. Nós não o queremos sozinho na manhã de Natal. Tudo bem, querida?

Balancei a cabeça e passei meus braços ao redor dela. Eu era a garota mais sortuda do mundo. Tinha o tipo de mãe que me amava o suficiente para confiar em mim. E o sentimento que isso me proporcionava parecia autoindulgente e pleno. Parecia amor.

Alguns minutos depois, Lori acordou animada e pronta para abrir presentes. Então passamos a manhã fazendo isso. Lori ganhou uma enorme casa de bonecas com toneladas de pequenos móveis, e eu, um iPod carregado com música clássica. Fiquei em êxtase, e Lori parecia muito feliz também. Verificava a janela de vez em quando para ver se havia algum movimento na casa de Adrian, mas tudo continuava em silêncio. Eles tinham ficado acordados até tarde. Talvez ainda estivessem dormindo.

Eu estava deitada no sofá, comendo mais um pedaço de chocolate, quando mamãe avisou que ia começar a preparar os donuts. Ela me pediu que fosse chamar Adrian e seu pai.

Olhei para o meu pijama verde de elfo. Adrian iria rir à minha custa, porque nós ficávamos com nosso pijama de Natal o dia inteiro. Era uma coisa nossa. Além disso, Lori estava usando exatamente o mesmo par, só que o dela era vermelho. Eu não seria a única a ser zoada. Calcei meus chinelos, vesti meu casaco e segui até a casa ao lado. O ar estava pesado, com neblina e névoa, o que fazia com que parecesse muito mais frio do que realmente estava, então, tentei me apressar.

Antes que eu pudesse bater, Adrian abriu a porta e saiu. Parecia adorável, vestindo uma camiseta branca e um pijama xadrez, e seu cabelo estava todo desgrenhado.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou. — Está cedo e é Natal. Sua mãe não pediu um "momento de família"?

Quase sorri com o uso do "momento de família" até notar o corte na lateral de seu lábio superior inchado. Oh, Deus! A noite passada. Só consegui chegar a esta conclusão depois do que eu ouvi, mas não queria acreditar.

Ofeguei e segurei o rosto dele com as minhas mãos.

— O que aconteceu com o seu lábio? — perguntei, esfregando meu polegar sobre o corte fresco.

Ele pressionou seu rosto frio no calor da minha mão e disse:

— Não é nada, Ains. Estou bem. Caí de bicicleta ontem à noite.

Ele não parecia bem para mim. Parecia despedaçado. Não pude deixar de querer fazê-lo se sentir melhor. Então, soltei seu rosto e passei meus braços ao redor de sua cintura. Um suspiro pesado escapou de seu peito quando ele retribuiu o abraço, também enlaçando a minha cintura.

Eu recuei apenas o suficiente para olhar em seus olhos e sussurrei:

— Sinto muito que você esteja machucado.

— Estou bem. Juro.

Adrian estava mentindo para mim, mas deixei. Porque eu não queria ouvir a verdade mais do que ele queria me contar. Era horrível demais.

Colocando-me na ponta dos pés, deslizei minha boca pelo corte em seu lábio.

— Pronto. Melhor assim. — Minhas bochechas coraram pela minha própria audácia. Fiquei tentada a pressionar meus lábios do outro lado de sua boca também. Senti um calafrio estranho, mas empolgante, sob a minha pele. Nunca havia pensado em beijar Adrian, mas foi tão natural quanto respirar. Depois de sentir o gosto dele, queria mais. Saí da ponta dos pés, quase sem fôlego só de pensar.

— Perfeito — Adrian sussurrou contra meus lábios. Seus olhos se prenderam aos meus pelo que pareceu uma eternidade. — Às vezes, você é a única coisa neste mundo que me faz sorrir, Ainsley Michelle James.

Embora me sentisse triste por não ter conseguido fazê-lo sorrir, suas palavras me aqueceram, como se o sol brilhasse sobre a minha pele. Mesmo em um dia tão frio, eu estava envolvida em calor. Era tão bom que me fazia querer todos os seus sorrisos para que eu pudesse sempre viver sob esse sol.

— Bem, você me faz brilhar, Adrian Michael Davis. Então, estamos quites — eu disse, abraçando-o apertado novamente.

Ele olhou para mim e sorriu.

— Que bom, Raio de Sol.

Corei com o apelido, e ele rapidamente mudou de assunto.

— Então, você veio aqui para quê? — ele perguntou, com o queixo apoiado na minha cabeça.

Saí de nosso abraço com relutância. Queria dizer que fui encontrá-lo porque estava preocupada. Porque ouvi a terrível briga entre ele e o pai. Mas não fiz isso. Era Natal, e eu não queria piorar as coisas.

— Mamãe queria que eu te convidasse para o café da manhã — disse, brincando com a parte de trás do meu cabelo. Eu provavelmente ficaria em apuros por não convidar o pai dele, mas simplesmente não conseguia.

Adrian olhou para a porta da frente, com uma expressão apreensiva, e depois voltou-se para mim.

— Se você não quiser vir, não tem problema. Mamãe só achou que você gostaria de se juntar a nós — disse como se não fosse importante. Mas era. Eu não queria que ele passasse o dia de Natal brigando com o pai. E principalmente não queria que se machucasse mais do que já tinha se machucado.

Ele pareceu refletir por um minuto, até que finalmente disse:

— Claro. Só me deixe pegar uma jaqueta e meus sapatos. Espere aqui. Eu volto já.

Nós seguimos até a minha casa, e quando abri a porta, uma onda de calor vinda da lareira na sala de estar nos atingiu. Começamos a tirar nossas jaquetas e nossos sapatos enquanto Lori corria, praticamente atacando Adrian no chão.

— Droga, garota. Me deixa entrar na casa primeiro — ele brincou, segurando uma Lori muito animada em seus braços.

Ela o abraçou com ainda mais força.

— Azul, você veio tomar o café da manhã de Natal conosco! Isso não é incrível? E adivinha?

Eu estava sorrindo. Era algo que não podia evitar quando estava com aqueles dois. Nos últimos anos, eles se tornaram incrivelmente próximos, e dizer que fiquei satisfeita seria um enorme eufemismo. Eu estava em êxtase. Lori protegia seu coração como se fosse o Forte Knox. Até sentia que não permitia que nem eu nem minha mãe entrássemos. Mas era diferente com Azul, e eu o amava por isso.

— O que, menina bonita? — ele perguntou. Afastou Lori um pouco de si, e o corpo dela estava rígido de empolgação.

— Vamos comer donuts! — ela gritou bem na cara dele.

Adrian soltou Lori, que começou a girar em círculos, batendo palmas. Evitei olhá-lo quando entrei na cozinha para ajudar na preparação dos doces, e Adrian e Lori me seguiram, sentando-se juntos diante da bancada.

— Feliz Natal, Adrian — disse mamãe. — Seu pai não pôde vir?

Adrian me lançou um olhar questionador antes de dizer:
— Não, senhora. Ele está doente. Nem saiu da cama ainda.
— Vou mandar alguns donuts para ele por você — disse mamãe, antes de olhar para Adrian, sorrindo.
— Ele vai adorar. Obrigado. — Adrian parecia um pouco desconfortável.
Eu sabia o porquê. E não me arrependi de não tê-lo convidado. Aquele homem machucou meu garoto favorito.
— Divirtam-se — disse mamãe.
E nós nos divertimos. Foi um bom dia. Nós nos empanturramos de donuts. Assistimos a filmes de Natal e brincamos com nossos novos brinquedos. Enchemos a cara de doces e chocolate até nossas barrigas doerem. Jogamos jogos de tabuleiro e cantamos canções natalinas. Mamãe até me convenceu a tocar uma versão de “Jingle Bells” de doer os ouvidos, que eu acabara de aprender em meu violino. Mas não soubemos nada do pai de Adrian. Nada. Ele não ligou. Não passou na nossa casa. E Adrian não mencionou isso uma única vez.





Capítulo

4

Ainsley – 14 Anos

Aperfei mais o travesseiro sobre minha cabeça. Estava tentando bloquear os sons familiares que ouvia, vindos da casa ao lado. Cada baque, cada grito e cada grunhido vindos da casa de Adrian me deixavam com o coração apertado. Fazia bastante tempo desde a última vez em que ouvira Adrian e seu pai brigarem, mas não o suficiente para não reconhecer os sons. Eles ainda me aterrorizavam. Meu estômago se revirava ao pensar nele ferido. Meu coração queimava com a necessidade de protegê-lo. Fiquei acordada até que os sons se calassem, mas sabia que não iria dormir.

Precisava vê-lo naquele momento. Certificar-me de que estava bem. Mas não era como se ele fosse aparecer de repente. Não era um filme, então, eu sabia que Adrian não iria jogar uma pedrinha na minha janela nem escalá-la para confessar suas feridas. Se eu quisesse dar uma olhada no meu amigo, teria que fazer isso por mim mesma.

Saí da cama e espiei pela janela. Estava silencioso e, principalmente, escuro lá fora, mas eu podia ver uma luz fraca vinda do quarto de Adrian. Abri a minha o suficiente para conseguir passar. Silenciosamente, fechei-a e cruzei o jardim. O orvalho na grama estava fresco sob meus pés e a barra da minha camisola ficou úmida enquanto eu percorria a distância entre nossas casas.

Bati de leve na janela dele com as pontas dos meus dedos. Vendo-me ali, comecei a questionar o que estava fazendo. Talvez devesse voltar para casa. Quero dizer, Adrian provavelmente estava bem, e talvez eu estivesse exagerando. Certo? Mas não suportava saber que poderia estar precisando de mim, então, bati um pouco mais forte, usando os nós dos meus dedos desta vez.

A janela abriu-se tão rápido que eu caí diretamente no arbusto de azevinho.

— Jesus, Ainsley! Você está tentando acordar todo o bairro? — ele

começou, mas foi parando de falar conforme se aproximava.

Neste momento, percebi que ele estava sem camisa.

— E por que diabos você está aí neste mato? — ele questionou com incredulidade.

Senti meu rosto queimar. Sentia-me humilhada, mas me desprendi do arbusto e procurei por arranhões. *Talvez, se eu não olhá-lo nos olhos, ele não veja o quanto estou envergonhada.*

— Eu só queria saber como você está. — Bufe para esconder minhas verdadeiras emoções. Preparei-me para sair e disse: — Olha, Adrian, eu ouvi você e seu pai brigando. Não foi a primeira vez. Só pensei que talvez você quisesse conversar ou algo assim. Não sei. Só queria ter a certeza de que você está bem. — Comecei a andar, porque precisava sair dali. Virando-me rapidamente, dirigi-me à minha casa.

Não consegui chegar longe. Adrian inclinou-se pela janela, agarrou-me pela cintura e me arrastou para dentro. *Droga!*

Ele se abaixou e levantou minha camisola, procurando por arranhões.

— Estou bem, Ainsley. Você se preocupa demais. Com todos. Tem que se preocupar consigo mesma. Quase se machucou naquela maldita mata — repreendeu-me.

Adrian estava certo. Ele não era minha responsabilidade. Mas mamãe tinha me ensinado a cuidar das pessoas que amo. E, Deus, eu amava Adrian. E como ele se atrevia a me fazer sentir mal por isso?

O meu rosto esquentou e cerrei meus dentes. Fiquei irritada, então explodi:

— Você está certo. Eu não deveria ter vindo te incomodar. Eu te vejo amanhã de manhã no ponto de ônibus. Bons sonhos. — Virei-me em direção à janela, pronta para sair.

Mas Adrian agarrou meus ombros e puxou-me, encostando-me contra seu peito.

— Não vá — ele sussurrou. — Eu só estou tendo um dia horrível e não deveria ter descontado em você. — Ele colocou os braços ao redor dos meus ombros e me abraçou.

Inclinei minha cabeça para trás e para o lado.

— Você quer me contar sobre o seu dia ruim? — perguntei calmamente.

— Venha. — Ele me arrastou até a cama e deitou-se, dando alguns tapinhas no espaço vazio ao lado dele.

Deitei-me, muito ciente de seu peito suave e nu ao lado da minha cabeça. Corei um pouco. Provavelmente, não era certo estar na cama com um menino. Sabia que minha mãe não gostaria, em absoluto. Mas era Adrian. E não estávamos fazendo nada de errado. Eu estava sendo uma boa amiga, como minha

mãe me ensinara a ser. Nunca havia me perguntado o quanto queria que ele me envolvesse em seus braços. Tentei dizer a mim mesma que estava ali apenas para confortar alguém que eu amava.

Adrian estendeu a mão e pegou a minha. Virei a cabeça para olhar seu rosto, mas ele apenas olhava para o teto. Parecia estar pensando, então, fiquei quieta e esperei.

— Meu pai passou a ser uma pessoa muito triste desde que mamãe e Maggie morreram. Ele bebe. Você sabe, cerveja e outras coisas. — Ele fez uma pausa.

Eu não queria que ele continuasse, porque sabia em meu coração o que ele ia dizer, e não queria que fosse verdade. Não para ele. Meus lábios tremiam enquanto a respiração se acelerava. A realidade de tudo devastava minha resistência.

Ele engoliu em seco e depois disse:

— Quando ele bebe, fica bravo, às vezes. Tento lhe dar espaço, Ainsley. Tento mesmo.

Podia ouvir as lágrimas embargando sua voz, e elas partiram meu coração. Senti como se tivesse levado um soco no peito. Dentro do meu peito, eu sabia a verdade, mas a realidade de ouvi-la ainda me chocava.

Eu não podia deixá-lo continuar. Era muito difícil para nós dois, então, virei-me e envolvi meus braços ao redor dele. Adrian apoiou a cabeça no meu peito, e eu o puxei para perto, mas, não soube o que fazer além disso. Usei minha mão para acariciar a pele lisa de sua bochecha, e ele se encolheu.

Inclinou-se para frente e descansou sua testa contra a minha.

— Cuidado, Raio de Sol — ele murmurou.

Olhei para o rosto dele, percebendo o hematoma recente formado em sua bochecha. Eu não queria ter cuidado, sabia que queria abraçá-lo, beijá-lo, protegê-lo. Mas, naquele momento, ele precisava ser consolado.

Eu era uma criança. Mas ele também. Então, fiz o que minha mãe sempre fazia para que me sentisse melhor.

Embalando-o de um lado para o outro, sussurrei:

— Shh — uma e outra vez. Esfreguei suas costas e acariciei seus cabelos lisos e pretos, deixando-o encharcar a frente da minha camisola de lágrimas, enquanto as minhas próprias deslizavam pelas minhas bochechas e pelo seu travesseiro.



Na manhã seguinte, no ponto de ônibus, sentia-me exausta, mas, na maior parte

do dia, fiquei como morta e distraída. Passara a noite anterior com Adrian até que seus olhos finalmente se fechassem e sua respiração se tornasse uniforme. Voltei para casa e me revirei na cama a noite toda. Não consegui me acalmar e me vi completamente impotente. Ainda estava chocada com a confissão de Adrian e não pude parar de tentar encontrar uma solução para seus problemas. Assim eu era; gostava de consertar as coisas. Mas não conseguia descobrir como resolver aquela situação, e isso me matava por dentro.

Embora me sentisse perdida sem saber como ajudar, não poderia contar à minha mãe ou a qualquer outra pessoa. Seria como uma grande traição. Adrian me confidenciou e confiou em mim. Se eu dissesse alguma coisa, ele poderia ser arrancado do pai. Já havia perdido a mãe e a irmã, e, provavelmente, seria afastado de mim também. Via-me imersa em todos esses pensamentos quando alguém puxou um dos cachos do meu cabelo.

É como se os meninos nascessem sabendo que mexer com o cabelo encaracolado de uma garota poderia arruinar seu dia. Será que recebiam um manual que lhes dizia o quão insegura nos sentimos sobre nossos cabelos? Eu me virei e olhei atentamente para Anthony Jackson. Ele morava no outro quarteirão, mas eu gostaria que vivesse em outro continente. Ele tinha o hábito de me provocar sem piedade e também era muito talentoso na arte de fazer bolhas de cuspe. Descobri isso no ano passado, na aula de inglês, onde tive a sorte de me sentar na mesa em frente a ele. Ele fazia com que bolhas de cuspe caíssem na minha cabeça sempre que o professor não estava olhando. Quando me virava e pedia-lhe para parar, ele as soprava no meu rosto. Era uma pena, na verdade, porque não era um garoto feio. Seus cabelos loiros e olhos castanho-claros quase poderiam nos convencer de que era um anjo. Tinha um sorriso maravilhoso e covinhas, mas eu sabia o que escondiam aquelas pequenas fendas em cada bochecha – o diabo em pessoa.

Eu não estava a fim de aturar suas travessuras.

— Anthony Jackson, se você não mantiver suas mãos sujas longe de mim, eu vou chutar suas minúsculas bolas. — Não estava de bom humor para lidar com as babaquices dele.

Lori arrancava as folhas de uma árvore próxima, e Adrian e Miranda ainda não tinham chegado ao ponto de ônibus. Eu estava sozinha.

— Você vai fazer o quê? — Ele gargalhou.

Suspirei.

— Olha, Anthony. Hoje não é um bom dia, ok?

Ele me olhou como se estivesse sentindo um pouco de remorso por ter estragado o meu dia, mas então agarrou minha mão e a levou à boca.

— Oh, Ainsley. Você está tendo uma manhã difícil? Será que vai se sentir

melhor se eu te der um beijo, querida?

Oh. Meu. Deus. O diabo iria beijar minha mão. Eu estava quase arrancando-a dele, antes que fosse infectada, quando Adrian apareceu do nada e empurrou Anthony mais forte do que achei necessário.

— Mantenha sua boca imunda longe de Ainsley — gritou.

Fiquei ali parada, com os olhos arregalados. O rosto de Adrian era uma máscara de raiva, o punho cerrado nas laterais do corpo. Eu poderia dizer que estava esperando que Anthony revidasse, mas, sabiamente, este apenas deu de ombros e saiu, resmungando um pedido de desculpas. Eu fiquei em choque, boquiaberta.

Adrian nunca interferira nas provocações de Anthony. Ele sabia que eu conseguia cuidar de mim mesma. Não era nenhuma mosca morta. Esta não era a primeira vez que um menino me provocava, e nem seria a última. Mas naquele dia, por algum motivo, ele havia se envolvido. Podia ver uma expressão protetora em seu rosto. Isso me assustou. Mas também me deixou animada.

Fiquei ali, olhando boquiaberta para Adrian enquanto ele caminhava até Lori e sentava-se ao seu lado, sussurrando em seu ouvido, fazendo-a rir, que era o que ele sempre fazia no ponto de ônibus. Com isso eu poderia lidar, não com os olhares intensos que me dirigiu todo o caminho até a escola, comigo sentada ao lado de Miranda, no ônibus, e com ele ao lado de Lori. Esses olhares faziam com que eu me sentisse diferente, como se as coisas tivessem mudado magicamente entre nós durante a noite. E talvez fosse isso mesmo. Eu podia sentir não apenas em seus olhares intensos, mas também no tremor das minhas pernas e nos batimentos selvagens dentro do meu peito. Eu não sabia o que isso significaria para nós. Era terrível. Excitante. Durante a manhã inteira, me vi perseguida por pensamentos sobre como salvar meu amigo, mas quem iria salvar a mim?





Capítulo 5

Ainsley – 15 Anos

Hummm. Senti o cheiro antes mesmo de acordar. Bacon. Era a comida favorita de Lori, e mamãe estava fazendo porque era seu aniversário de 13 anos. Saí da cama, inclinei-me sobre o beliche superior e deixei um beijo molhado e babado na bochecha dela.

— Feliz aniversário, macaquinha! — gritei.

Lori se afastou de mim e resmungou:

— Sai daqui.

Eu sabia como tirá-la da cama.

— Ah, vamos lá, aniversariante. Estou sentindo cheio de bacon — cantarolei.

Lori saltou da cama, e nós corremos para a cozinha, uma atrás da outra. Fomos distribuindo cotoveladas e joelhadas por todo o caminho através do corredor. Minha mãe estava parada na frente do forno, vestindo sua camisola, virando panquecas. Algumas das minhas memórias favoritas dela tinham essa pequena cozinha como cenário. Ela adorava preparar o café da manhã. Era a sua refeição predileta, e quando tirava raros dias de folga, passávamos muitas manhãs lá; eu sentada nos bancos brancos, ela, batendo manteiga e ovos. Em manhãs ainda mais raras, quando fazia biscoitos e geleia, colocava um banquinho perto do fogão e uma xícara de leite em minhas mãos. Eu o bebia devagar, enquanto ela se ocupava para que a geleia ficasse pronta. Já podia fazer meus próprios biscoitos e minha geleia, mas isso não me impedia de continuar pedindo leite a ela.

— Bom dia, meninas. Dormiram bem?

Lori assentiu, enquanto eu me sentava em um banco para assistir mamãe cozinhar. Lori pulou no banquinho ao lado do meu

Eu estava muito animada. Lori não sabia disso, mas nós a levaríamos para escolher um gatinho. Ela sempre quis ter um animalzinho de estimação. Mal conseguia contar o número de vezes em que trazia para casa um cachorro ou um gato abandonado. Mamãe sempre acabava encontrando o dono, e Lori ficava com o coração partido quando as pequenas bolas de pelo precisavam ser devolvidas para suas casas. Mas, naquele dia, ela poderia escolher um e ficar com ele.

Minha mãe colocou as panquecas e o bacon à nossa frente, e nós comemos.

— Sinto que estou me esquecendo de algo — ela disse, olhando para mim e dando uma piscadela.

Olhei para Lori e sorri. Seu rosto estava triste, e seus ombros, caídos. Ela nem sempre se sentia feliz em seu aniversário. Eu sabia que era uma data difícil, por causa da ausência de sua mãe, e ela geralmente não se importava com aquele dia. Mas mamãe e eu sempre nos uníamos e tentávamos torná-lo o mais especial possível.

Minha mãe estava ao lado de Lori, seus cabelos castanhos, que começavam a ficar grisalhos, presos por um grande coque na cabeça. Batia no queixo com o dedo, como se estivesse pensando em algo.

— O que eu estou esquecendo, Ains? Acho que temos algo especial para fazer hoje, não temos?

Lori deu uma risadinha, e eu sorri. Mamãe sempre conseguia melhorar o humor dela.

— Ahhh, sim. É aniversário de alguém hoje. — Ela arrancou Lori do banquinho e cantou a versão mais horrível e fora de tom de "Feliz Aniversário" que eu já tinha ouvido, enquanto girava e dançava com Lori pela sala de estar.

Os risos de Lori eram tão altos que ela mal conseguia se manter de pé, então, mamãe a puxou para si e terminou sua música.

— Feliz aniversário, garota preciosa e incrível. Você não tem noção do quão sortudas e abençoadas somos por todos os anos que passamos com você. Você é muito amada.

Lori inclinou-se para frente e sussurrou:

— Eu amo você, tia Jessi.

— Eu também te amo. Então, o que você quer fazer no seu aniversário, querida? — perguntou minha mãe.

Lori não hesitou.

— Eu quero acampar no quintal com Ains e Azul. Quero pizza e fazer *s'mores*.

— Boa ideia, garota. Tome o seu café da manhã, pegue suas roupas, escove os dentes e os cabelos. Vamos sair, tenho uma surpresa. — Mamãe bagunçou as

madeixas de Lori.

Após devorarmos nosso café da manhã, corremos até o nosso quarto. Peguei um short jeans e uma camiseta branca. Quando cheguei ao banheiro, minha prima já estava lá, escovando os dentes. Também usava jeans, só que a camisa dela era preta e dizia *Aniversariante* na parte da frente, com as cores do arco-íris. Ela não parecia tão melancólica quanto no início do dia, mas eu podia jurar que não estava bem. Peguei minha própria escova de dentes, adicionei a pasta e comecei a escová-los. Olhei-a através do espelho e lhe dei um empurrão com o cotovelo. Lori olhou para mim e empurrou-me de volta com o quadril. Sorri cheia de pasta no dente, e ela sorriu de volta. Odiava vê-la triste. Esperava que o tal gatinho transformasse aquele aniversário no melhor de todos.

Enquanto penteávamos o cabelo, mamãe gritou:

— Vamos lá, moças! Não desperdicem o lindo dia de sol.

Nós nos enfiamos no velho Volvo branco da minha mãe e saímos. Lori ficou tentando adivinhar aonde iríamos, mas não lhe demos nenhuma pista. Tirei minhas sandálias, apoiei meus pés em cima do assento diante de mim e fiquei ouvindo o blues que mamãe sempre ouvia no rádio. Quando entramos no abrigo de animais, Lori gritou tão alto que quase caí do meu banco.

— Oh, meu Deus, vamos adotar um animal de estimação? Vamos? Tia Jessi, posso pegar um cachorro e um gato? Estou tão animada! — Lori estava literalmente pulando em seu banco.

Mamãe virou-se e olhou para nós.

— Você pode pegar um animal de estimação, Loralie. Só um, entendeu?

Lori assentiu.

Minha mãe continuou:

— Eu preferia que você escolhesse um gatinho, porque eles são um pouco mais fáceis de cuidar e eu trabalho muito. Porém, este animal será sua responsabilidade. Você vai cuidar dele, alimentá-lo, amá-lo, e, em troca, ele vai te amar, porque você merece isso. Se não der para esse animal seu amor e devoção, é sinal de que não o merece e o devolveremos. Entende o que estou tentando dizer, garotinha? — Minha mãe olhou para ela, suplicante.

Olhei para ela também. Seu rosto parecia sério e solene. Ela sabia, assim como eu, o que minha mãe estava tentando dizer. A mãe de Lori não cuidara dela nem a amara. Ela não merecia sua devoção e nem sua tristeza neste dia especial.

Lori assentiu, pensativa.

Minha mãe abriu a porta do carro.

— Bem, vamos pegar a estrada, bonecas.

Passamos a tarde caminhando pelo abrigo e acariciando vários cães e gatos. Lori levou muito tempo para decidir sobre seu futuro animal de estimação.

Muitos precisavam de um lar cheio de amor, mas ela finalmente escolheu um gatinho preto e branco, que chamou de Patches. O bichinho chorou durante todo o caminho para casa, mas Lori colocou-o em seu colo, abraçando-o e acalmando-o. Toda vez que eu olhava para trás, minha prima sorria de volta para mim. Sua felicidade também me deixava feliz. O sorriso que eu via em seu rosto era como um presente. Prometi a mim mesma que jamais permitiria que ela sofresse.

Quando chegamos em casa, vimos Adrian sentado nos degraus da frente, com calças pretas, camisa vermelha de manga curta e, claro, aqueles suspensórios que eu adorava. Bonito que nem o diabo. Nas mãos, ele segurava uma pequena caixa embrulhada em papel de lavanda com um laço branco amarrado em torno dela. Lançou-nos um sorriso enquanto estacionávamos.

Lori saltou primeiro do carro e correu para ele.

— Azul, seu pai vai te deixar acampar esta noite conosco no quintal? Tia Jessi disse que poderíamos comer pizza e *s'mores*!

Eu estava sorrindo, subindo a calçada até a varanda da frente, quando percebi o pequeno corte no lábio de Adrian.

Ele deve ter percebido minha expressão de decepção, porque abraçou Lori, e, por cima do ombro dela, falou:

— Está tudo bem.

Mas não estava. Uma dor similar a de um chute no estômago me atingiu. Fazia algum tempo que não o via machucado, então pensei que as coisas tinham melhorado, mas, com toda a certeza, estava enganada. Sentia-me pequena e impotente. Não havia nada que pudesse fazer para ajudá-lo além de contar à minha mãe, que, em troca, sentiria-se obrigada a chamar o serviço social. Não podia fazer isso com ele. Não queria arruinar o aniversário de Lori, mas era horrível. Tinha certeza de que ela não fazia ideia do que estava acontecendo com Adrian e seu pai. Mas eu não podia deixar que continuasse. Precisaria conversar com ele sobre isso mais tarde.

Mamãe passou por nós e entrou na casa, prometendo ligar para o pai de Adrian para certificar-se de que ele permitira que o filho acampasse com a gente.

Adrian ergueu Lori do chão e girou-a, segurando o presente embrulhado em papel lavanda firmemente às suas costas; o gatinho escondido confortavelmente entre eles.

— Feliz aniversário para a garota mais bonita do mundo.

Dei um passo para trás sem nem me dar conta do que fazia. Por que doía ouvi-lo falar com ela daquela forma? Eu adorava Lori. E Deus sabia que ela precisava daqueles elogios mais do que ninguém. Mas, por algum motivo, ouvir tais palavras em relação a ela, saindo da boca de Adrian, incomodou-me. Culpa e

ciúme duelavam dentro de mim. Sacudi a cabeça e tentei afastar aqueles pensamentos.

Quando Adrian parou de girar, Lori recuou e apresentou-o a Patches. Ele tirou o gato dos braços dela, deu um abraço no bichinho e depois entregou a Lori a caixa de presente.

Os olhos de Lori arregalaram-se de surpresa.

— Oba! Você me comprou um presente! — exclamou.

Adorava, como, a cada ano, ela ficava animada e surpresa ao saber que Adrian pensara nela o suficiente para lhe comprar um presente.

— Loralie Nicole James, sempre te dei presentes e sempre vou dar, então, apenas abra. — Adrian sentou-se nos degraus da varanda com o gatinho no colo, então, eu me coloquei de um lado, e Lori, de outro.

Ela lentamente desamarrou o laço branco e desembulhou o papel cor de lavanda tão cuidadosamente que parecia que talvez tivesse pretensão de guardá-lo – e provavelmente esta era mesmo a sua intenção. Uma caixa de joias branca surgiu, e ela puxou ainda mais o papel.

— Estou tão empolgada — disse ela, enquanto balançava nervosamente as pernas.

Eu tinha que admitir que também estava bastante intrigada. Adrian geralmente nos comprava brinquedos, livros ou algum outro presente educativo, mas genérico. Joias pareciam tão íntimas e pessoais. Senti uma onda de medo se iniciar em meu estômago.

Lori puxou a tampa, revelando um pequeno medalhão de ouro branco em formato de coração que pendia de uma corrente delicada. Era gracioso e bonito, e eu fiquei instantaneamente com ciúmes, odiando-me por isso. Minha prima merecia belos presentes de alguém a quem adorava. Ainda assim, esse raciocínio não impediu que uma inveja do tamanho de uma bola de golfe obstruísse minha garganta ou que o brilho do ciúme surgisse nos meus olhos. Ela ergueu o minúsculo medalhão, e eu desviei o olhar. Não podia assistir. Era demais Por que ele lhe dera um presente como aquele? Sentia-me traída de alguma forma e nem entendia o porquê. Adrian não era meu namorado, nem nada perto disso. Nós éramos apenas amigos, assim como ele e Lori. Só isso. O presente mostrava que algo grande estava acontecendo. Algo apenas entre eles. Alguma coisa na qual não fui incluída.

— Oh, Deus, Adrian, eu amei. É o presente mais bonito que já ganhei.

Voltei a olhar quando ela abriu o medalhão. Meu estômago se retorceu, como se algo muito pesado pesasse sobre o meu peito. Não podia continuar testemunhando aquilo, então me levantei e entrei na casa. Não queria que compreendessem o que eu estava sentindo. A imagem de Adrian de um lado da

joia, ela do outro, e eu em lugar nenhum.

— O presente mais bonito para uma das minhas garotas favoritas — eu o ouvi dizer assim que tranquei a porta e corri para o banheiro para que pudesse esconder minhas lágrimas atrás de uma porta fechada.

Eu era uma pessoa horrível; não tinha o direito de chorar e nem motivo para estar tão magoada ou irritada. Mas era assim que me sentia. Adrian dera seu coração a outra garota, partindo o meu. Completamente. Para piorar as coisas, esta menina era minha prima, minha irmã, minha melhor amiga no mundo.

Deslizei encostada na porta do banheiro e sentei-me no chão, enterrando meu rosto nos joelhos para que ninguém ouvisse meus soluços. Odiava-me por chorar assim. Deus, eu pensava que ele seria meu. As noites em que reconfortei Adrian, quando ele brigava com o pai, passavam pela minha cabeça. Como me contara seus segredos. Nossos momentos compartilhados na varanda e no riacho. Como pude me iludir tanto? Eu precisava me recompor, voltar para lá e fingir que estava delirantemente feliz, mas não conseguia. Não soube por quanto tempo fiquei sentada ali, chorando e sentindo pena de mim mesma, mas, eventualmente, ouvi uma batida na porta.

— Sim — respondi calmamente. Droga. Eu podia ouvir as lágrimas na minha própria voz. Ainda não estava preparada.

— Ainsley, meu presente não é bonito? — Era Lori.

Eu sabia que ela queria mostrar seu presente, e eu não queria decepcioná-la. Era o que os melhores amigos faziam. Nós contávamos tudo uma para a outra, e quando recebíamos um presente maravilhoso, conversávamos sobre isso como melhores amigas que éramos. Eu não queria falar sobre seu medalhão. Mas falaria. Por ela.

— Sim, Lori. O melhor — disse, ainda sentada no chão do banheiro. Limpava furiosamente meus olhos e meu rosto. Precisava me recompor e voltar para lá. Ela eventualmente começaria a questionar o porquê de eu permanecer trancada por tanto tempo.

— Adrian também é lindo, não é, Ainsley?

Mesmo através da porta do banheiro, pude ouvir o amor em sua voz. Senti lágrimas frescas deslizarem pelas minhas bochechas, e engasguei um soluço. Mas eu não queria mentir para ela.

Eu achava que Adrian era o menino mais bonito do mundo, então eu disse:

— Sim, o menino mais lindo do mundo. — Eu esperava que minhas palavras trêmulas não me traíssem.

Eu podia ouvir o que parecia ser Lori sentando-se do outro lado da porta. Imaginei-a inclinando-se contra o outro lado da posição em que eu estava. A ironia da situação não me passou despercebida. Será que Adrian tinha,

inconscientemente, erguido uma enorme barreira entre Lori e eu? A barreira seria ele mesmo?

— Ele parece um príncipe, você não acha? Com aqueles suspensórios, sempre tão elegante. — Ela riu suavemente e então continuou. — Você acha que a garota com quem ela se casará será uma princesa? Linda e sempre vestida com babados? Talvez ela use uma tiara em vez de suspensórios... — Ela ficou quieta novamente, e eu me perguntei se estava se imaginando como a princesa de Adrian.

Meu coração se fechou. Lori merecia um príncipe. Sim, ela merecia. E eu queria que ela tivesse um, mas por que precisava ser *ele*? E por que não poderia ser eu esta princesa? O que havia de errado comigo? Mas eu sabia que não poderia deixar aquele garoto construir paredes entre nós. Ela precisava de mim, e provavelmente eu precisava muito mais dela. Também precisávamos de Adrian. Eu a amava demais para agir como uma ciumenta e invejosa. Isso tinha que parar. Precisava me recuperar, sair e comemorar o aniversário dela.

Levantei-me e olhei no espelho sobre a pia. Meu rosto estava manchado, então joguei água e esfreguei-o com a toalha de mão pendurada ao meu lado. Respirei fundo e abri a porta do banheiro. Lori devia estar encostada na porta, porque ela caiu aos meus pés. Nós duas começamos a rir, e foi só olhar para seu rosto para tudo ficar melhor, como sempre.

— Vamos, princesa Loralie. Uma festa cheia de pizza, bolo e *s'mores* está acontecendo em sua homenagem — disse.

Ela abriu um sorriso suave, e então partimos para encontrar Adrian e a comida.



Nossas barrigas estavam cheias de pizza e *s'mores*, e nos encontrávamos deitados no quintal, em nossos sacos de dormir, sob as estrelas. Era o clima perfeito para um acampamento imaginário.

Já estávamos quase dormindo quando Lori falou:

— Vamos brincar de faz de conta, Ains?

Os cantos dos meus lábios inclinaram-se um pouco. Lori e eu brincávamos daquele jogo desde que ela aprendera a falar, e ainda era um dos nossos favoritos. Remexi-me dentro do saco de dormir e olhei para as estrelas. Podia sentir Adrian me observando do outro lado de Lori, mas estava decidida a ignorá-lo, pois ele me causava frio na barriga, e eu não queria isso. Então, mantive meus olhos no céu. Amigos. Nós sempre seríamos amigos.

— Qual é nosso faz de conta agora, Lori? — sussurrei na noite quente.

— Nós vamos fingir que minha mãe não me deixou e que ainda me ama — disse, com uma voz vacilante por causa das lágrimas. — Que estou apenas aqui visitando você e tia Jessi para o verão. Que ela vai voltar para me levar para casa.

Minha garganta inchou e se apertou, cheia de dor por ela. Mas engoli e respirei fundo.

— Eu nunca vou fingir isso, Lori. Jamais. — disse calmamente. Soei firme, mas gentil.

Eu sabia, que, para ela, poderia parecer egoísta ou indiferente, mas seu lugar era ali, com as pessoas que a amavam. Pessoas que jamais a abandonariam.

Lori virou o rosto, com o cenho franzido para mim.

— Por que não?

Virei meu corpo, pousando o cotovelo no chão, apoiando minha cabeça em minha mão e olhando para ela. Queria que ela soubesse que significava muito para mim, que mamãe, eu e até Adrian a adorávamos. Como explicar o quanto alguém significa para você? Era quase impossível, mas iria tentar. Não conseguia entender por que ela não enxergava isso. Amá-la era como respirar. Por que Lori não compreendia?

— Porque, Loralie Nicole James, nunca quero viver em um mundo onde você não esteja comigo. Nem mesmo em faz de conta. — Voltei a deitar, bufando, e olhei para Adrian por sobre a cabeça de Lori.

As lágrimas que brilhavam em seus olhos também queimaram nos meus, então, desviei o olhar, mas, antes, eu o vi deslizar sua mão na direção da de Lori e segurá-la. Minha prima manteve-se firme segurando o medalhão ao redor do pescoço com os outros dedos, como se fosse uma tábua de salvação que poderia resgatá-la um dia. Mesmo que eu tivesse ficado ressentida com o medalhão e seu significado, saber que poderia salvá-la fazia com que eu me sentisse melhor.

Ela se moveu, descansando sua cabeça cheirosa na curva do meu pescoço, e suspirou.

— Te amo, Ains.

Eu também a amava muito. E eu me certificaria de que nunca duvidasse disso.

Ficamos lá fora em silêncio, no escuro daquela noite de verão, lamentando por algo que Loralie nunca tivera de verdade, e isso me deixou com uma raiva dos infernos. Fechei os olhos e adormeci com pensamentos sobre como o jogo do faz de conta definitivamente não era mais um dos meus favoritos. Tinha completa certeza de que o odiava.

Abri os olhos, mas o sol batendo neles fez com que eu os fechasse novamente. Podia ouvir os pássaros cantarem, e o cheiro doce de hortelã do

jardim de mamãe permeava o ar, que estava frio e denso com o orvalho da manhã. Então, remexi-me e abri meus olhos mais uma vez, com um pouco mais de cuidado. O espaço ao meu lado estava vazio, então, olhei para o saco de dormir de Adrian. Tanto ele quanto Lori estavam enfiados em um mesmo saco e ainda dormiam. Ele estava de costas, e ela, de lado, com a cabeça em seu peito. Seus longos e grossos cílios descansavam no topo das bochechas bronzeadas dele, e seus cabelos pousavam sobre o ombro do garoto. Pareciam perfeitos e doces aconchegados um no outro. Eu os estudei mais profundamente. Queria que tivessem paz mais do que qualquer coisa no mundo, que o pai de Adrian parasse de bater nele e Lori encontrasse a felicidade que sua mãe lhe roubara. Talvez pudessem salvar um ao outro, já que eu não conseguia ajudá-los.

Meus sentimentos estranhos por Adrian desapareceriam, pensei. Eu não estava realmente convencida de que um homem era capaz de ficar ao lado da mulher que amava, já que meu próprio pai desaparecera antes de eu nascer. Ele nos deixou sozinhas. Nós não sabíamos quem era o pai de Lori, talvez estivesse preso por aí. Isto é o que os homens fazem. Vão embora. Eu precisava proteger meu coração, e Lori precisava de Adrian. Tinha que pensar assim, porque ajudaria a diminuir a dor. Mas a amizade que sentia por aquele garoto permaneceria. Nós sempre seríamos amigos. Assim como Lori e eu. Os três, sempre juntos.

Eu era ferozmente leal e altruísta – uma característica que costumava valorizar em mim. Sempre pensei que essas qualidades fossem uma benção. Só que agora, eu as via como a pior maldição.

Eu precisava de um pouco de paz. Precisava do meu violino, da minha música. Silenciosamente, abri meu saco de dormir e caminhei até a porta dos fundos da casa. Virei-me uma última vez e observei meus anjos dormindo sob o sol. Isso fez meu coração doer, mas me fez sorrir também. Abri a porta, esperando encontrar minha mãe na cozinha, mas estava tudo quieto, então, fui até meu quarto e me fechei lá dentro. Peguei meu violino e gentilmente pousei-o em meu ombro. Finalmente começava a pegar o jeito. Mamãe não me proibia mais de tocar na varanda dos fundos, e isso me fazia pensar que ela quase gostava de me ouvir. Sentia o arco do violino como uma extensão do meu braço em vez da ferramenta pesada que fora um dia. Naquele momento, iniciei pelas minhas escalas e aquecimento, mas antes que desse conta, meus olhos se fecharam, e meu corpo passou a se balançar no ritmo da peça clássica mais recente na qual começamos a trabalhar na orquestra.

Sentia-me bem enquanto estava tocando. Viva. Tão surpreendentemente viva que não conseguia não me mover. Eu não era uma dessas musicistas que ficava sentada e rígida enquanto tocava brilhantemente. Não era daquelas que só

batiam o pé levemente no ritmo. Meu corpo inteiro se remexia, dançava com a música e fazia com que eu me sentisse incrível. Curada. A música acabou por preencher o que eu não possuía na vida, porque era algo que sempre me pertenceria. Era minha. Este sentimento explosivo, que me levava à lua e me trazia de volta, renascia dentro de mim e era só meu. E ninguém poderia tirá-lo de mim.





Capítulo

6

Ainsley – 16 Anos

Lori não voltara no ônibus depois da escola naquele dia, novamente. Fazia isso com cada vez mais constância. Alguma coisa a incomodava, e eu não sabia como ajudar. Não tinha ideia do que estava acontecendo, mas sentia que não era nada bom. Minha mãe passara a trabalhar no turno da noite desde que Lori e eu nos tornamos maduras o suficiente para ficarmos sozinhas em casa. Ganhava mais e, vivendo apenas de sua renda, precisávamos do dinheiro, então, Lori e eu começamos a nos virar. Isso vinha funcionando muito bem até recentemente. De repente, minha prima passara a não pegar o ônibus para casa. E, quando voltava, passava da meia-noite, e ela cheirava a cigarros e cerveja barata e velha. Sabia que estava saindo com um grupo diferente, com meninas que atravessavam a rua na hora do almoço para fumarem na floresta ou se esconderem no banheiro para ficarem com seus namorados quando deveriam estar na sala de aula. Não que eu as julgasse.

Ok. Talvez julgasse um pouco, mas não queria que Lori saísse com *aquelas* garotas. Tentei conversar com ela sobre as últimas duas semanas, mas as minhas súplicas para que pegasse o ônibus e voltasse para casa comigo não deram resultado. Quando embarquei naquele dia e não a encontrei, soube que teria que contar à mamãe, e isso foi o bastante para arruinar a maior parte de um dia bom. Eu não desejava ser aquele tipo de garota, a filhinha da mamãe, a fofoqueira, mas não importava o que eu queria, porque era o certo a fazer.

Sentei-me no ônibus, em um banco, sozinha, e fiquei estudando. Deus, isso estava acabando comigo. Minha mãe provavelmente teria que voltar para o turno da manhã para que pudesse cuidar melhor de Lori, e o dinheiro extra que tanto precisávamos desapareceria. Adeus às aulas particulares de violino, e eu poderia dizer adeus também àquele lindo e caro arco. Às vezes, a criancice de Lori me

irritava.

Refletia sobre tudo isso quando Anthony Jackson colocou sua mochila perto de mim e sentou-se ao meu lado no ônibus. Ele realmente tinha o dom de escolher os piores dias para me irritar. Não que andasse me incomodando muito ultimamente. Parara um pouco com a interminável provocação. Olhei para ele enquanto colocava sua mochila no chão entre nós.

— Ei, Ains. — Ele deu uma piscadinha. A aparência juvenil de Anthony começava a desaparecer, dando lugar a feições muito bonitas. Era o único menino em nossa escola que conseguia cultivar uma barba cheia. Mantinha o cabelo loiro longo, quase cobrindo seus lindos olhos de avelã. Parecia um surfista, e era um gato.

— Ei, Anthony. — Passei o olho por todos os assentos vazios no ônibus e depois olhei de volta para ele. — Você está perdido, por acaso?

Anthony deu uma gargalhada. Era sexy. Isso era uma droga.

— Bem, Ains. Eu sei exatamente onde estou. Estou sentado ao lado da garota mais gata deste ônibus.

Senti minhas bochechas ruborizarem. Por que ele tinha que ser tão amaldiçoadamente bonito? Isso arruinava minha vida. Eu sabia que Anthony não era para mim. O boato era que qualquer coisa que tivesse uma vagina acabava dormindo com ele. Sabia que não era o tipo de garota que iria ficar com alguém só por ficar. Era movida pela emoção. Além disso, não era exatamente de parar o trânsito. Aprendi a domar meu cabelo rebelde com o uso de muitos produtos, mas tinha a cintura um pouco larga para o meu gosto. Mas além de cuidar dos meus cachos dourados, não me empenhava muito com minha aparência. Geralmente não usava maquiagem, e camisetas com jeans compunham meu traje preferido. O que quero dizer é: eu era comum. Mas estava satisfeita sendo assim e era inteligente o suficiente para saber que Anthony Jackson, o surfista, partiria meu coração. Então, estava decidida a protegê-lo com a minha vida.

— Guarde essa conversinha para outra garota, Anthony. Você e eu sabemos que eu não sou assim. — Tentei o meu melhor para fazê-lo entender com clareza, mas ele se aproximou ainda mais de mim no assento.

Seu rosto estava a poucos metros do meu quando sussurrou perto de meus lábios:

— Você poderia ser.

Meu estômago revirou. Eu tinha que admitir que estava lisonjeada. Achei que o motivo era que Anthony vinha do inferno e o diabo tinha todos os tipos de truques mentais Jedi na manga. Senti olhos quentes em mim e não eram os de Anthony, então, olhei para cima e lá estava Adrian, com seu rosto carrancudo, e eu logo soube que meu dia passara de péssimo a uma completa merda.

Adrian ficou ali parado, olhando para Anthony. Eu poderia dizer que ele estava tentando fazer com que Anthony saísse do meu lado no ônibus, mas este simplesmente riu e se aproximou tanto que nossas coxas começaram a se tocar.

— Onde diabos está Loralie? — perguntou Adrian.

Por que ele ficara tão irritado comigo por Lori não estar ali? Como eu poderia levar meus estudos a sério tendo que me certificar de que ela chegaria a todos os lugares onde deveria ir a cada minuto de todos os dias? Minha frustração cresceu.

Respondi, então, através de dentes cerrados:

— Não aqui, obviamente.

Adrian, Lori e eu ainda mantínhamos o mesmo relacionamento que sempre tivemos enquanto crescíamos. Nós três passávamos quase todas as horas do dia juntos. A menos que Lori desaparecesse, o que estava se tornando mais frequente nos últimos tempos. Até onde eu sabia, Adrian ainda não dera nenhum passo para assumir um relacionamento sério com Lori, mas certamente esperava que acontecesse logo. Estávamos na idade em que quase todos tinham uma namorada ou namorado, embora Lori e Adrian nunca tivessem se relacionado com ninguém.

— Merda! Outra vez? — perguntou.

Eu assenti. Ele balançou a cabeça, voltou para a frente do ônibus e sentou-se a dois lugares de nós. Estava claramente tão preocupado com Lori quanto eu. Precisava falar com Adrian que iria contar para a minha mãe.

Miranda se atirou no banco à minha frente e virou-se para mim e para Anthony.

— E aí, manos?

Suspirei de alívio. Talvez ela pudesse interromper toda a tensão, porque sentia que poderia perder a cabeça a qualquer momento. Os longos cabelos vermelhos de Miranda estavam presos em um coque bagunçado no topo da cabeça, um delineador roxo marcava seus olhos e ela usava uma camiseta de cor rosa brilhante que dizia: *Gosto de balada, mas a minha balada são os livros*. Esta era a minha amiga, uma porra louca. Mas proporcionava um entretenimento fantástico.

— Ei, oi — respondi.

Anthony murmurou um olá, sem sequer se incomodar de parar de olhar para o telefone. Provavelmente estava enviando mensagens de texto para alguma de suas conquistas.

Miranda revirou os olhos para ele e disse:

— Lori não apareceu de novo hoje?

— Não — eu respondi.

— Merda. Essa é a terceira vez nas últimas duas semanas. O que você vai fazer?

Apertei os lábios e franzi a testa.

— Você sabe o que preciso fazer, Miranda — respondi.

Ela balançou a cabeça e murmurou:

— Isso é uma merda.

— Exatamente — eu disse. Olhei por cima do ombro de Miranda para encontrar Adrian ainda me enviando olhares como se fossem punhais.

Miranda viu para onde eu estava olhando e se virou para Adrian.

— Qual o problema do nerd lá atrás? — perguntou ela.

Ela dera a Adrian este apelido, porque ele começara a usar óculos de grau no ano passado. Isso fez com que concluísse que ele era um nerd. Na verdade, eu não concordava. Achava que aqueles óculos eram sexy.

Suspirei e me abaixei mais no assento para que ele não pudesse me ver.

— Ele ficou chateado porque Lori não pegou o ônibus de novo.

Miranda riu e estendeu a mão para tirar os fones de ouvido de dentro da mochila. Aquela garota estava sempre ouvindo um *audiobook*.

— Ains, ele não está chateado com Lori. Ele está chateado com isso. — Usou a mão dela para fazer um gesto entre mim e Anthony, enquanto balançava a cabeça.

De que diabos ela estava falando?

Anthony sorriu, mas eu não sabia o que estava acontecendo.

— Se toca, abelhinha — ela disse antes de colocar o fone nos ouvidos.

Obviamente, eu precisava de uma pista, porque não fazia ideia do que diabos estava acontecendo na minha vida. Lori tornara-se completamente ausente. Anthony Jackson sentava-se ao meu lado no ônibus, cheio de más intenções. E Adrian tentava me matar com apenas um olhar. Pior. Dia. De. Todos.

Quando o ônibus chegou em nosso ponto, Adrian praticamente mergulhou para o assento que eu estava compartilhando com Anthony. Ele me agarrou, arrancando-me do meu assento. Tive que escalar Anthony com medo de sentar-me sobre ele. Olhei para trás para pedir ajuda, mas Miranda apenas ergueu as sobrancelhas e disse:

— Boa sorte. — Traidora. Eu me vingaria dela mais tarde – e de seu cachorrinho também.

Saí do ônibus viva, mas por pouco. Não fazia ideia do que estava fazendo ou para onde estava indo, mas, aparentemente, Adrian tinha algo difícil que precisava me dizer. Comecei a correr para acompanhá-lo quando ele abruptamente parou entre os dois campos de algodão perto de nossas casas.

Embrenhou-se entre eles e começou a me conduzir de uma maneira tranquila. Não pude deixar de apreciar a beleza deles. Estavam cheios de algodão naquela época do ano, e tudo o que eu podia ver ao nosso redor eram belos cachos brancos. Adrian me surpreendeu agarrando a parte de trás da minha cabeça e trazendo minha testa para perto da dele.

Meu corpo virou pedra.

— O que foi, Adrian? Está tudo bem? Seu pai fez alguma coisa? — Devo ter soado como louca, mas ele estava me assustando.

Ele lambeu os lábios, e estávamos tão perto que não pude deixar de olhá-los. Sabia que não deveria. Os lábios daquele menino iriam me matar. Pareciam tão macios e rosados. Não havia nada nele que não me atraía. Adrian estava se transformando em um homem bonito, e não podia deixar de reparar. O. Tempo. Todo. Na piscina, naquele verão, eu tinha notado como seus músculos estavam se tornando mais definidos. Como o punhado de cabelo em seu peito percorria em uma fina linha desde o abdômen e mergulhava abaixo de seus short. Essa trilha de pelos me mantinha acordada em mais noites do que conseguia contar.

E era como se Adrian soubesse que eu gostava de olhar para o corpo dele. Sentia que ele sabia que eu amava o resíduo de barba em seu queixo. Parecia saber que eu adorava o jeito como empurrava os óculos até o topo do nariz, porque era assim que aparava a grama, usando seus calções de basquete, sem camisa, lindo, suado e bronzeado. Ele esfregava o queixo com a palma da mão, apertava os óculos no nariz e depois piscava para mim. Que visão! Filho da mãe!

Ele sabia o que fazia comigo. Aquele garoto me deixava em constante estado de tensão sexual. O tipo de estado que me fazia imaginar minhas mãos pequenas acariciando seu peito bronzeado ou rastreando a trilha atrativa que guiava aos ombros de nadador. Gostaria de experimentar qual seria a sensação da barba que havia em suas bochechas e seu queixo contra meu rosto liso. Perguntava-me se ele iria tirar os óculos caso alguma vez se atrevesse a pressionar os lábios contra os meus. Aqueles lábios perfeitos. Santo inferno, eu era uma garota de dezesseis anos com os hormônios à flor da pele e que nunca fora beijada. Será que ele não reparava o quanto me torturava? Ele devia saber, mas nós dois entendíamos que Adrian não era para mim. Éramos melhores amigos, e no que me dizia respeito, ele sempre pertencera a Lori. Não podia ser meu. Nunca. Eu não podia fazer isso com ela.

— Ainsley, meu pai já não me machuca mais. Ele não consegue. Você sabe o que aconteceu na última vez em que colocou suas mãos em mim. Pare de se preocupar comigo. Tem uma coisa que precisamos conversar — ele sussurrou.

Eu o ignorei e continuei.

— É sobre Lori? Eu vou ter que contar à minha mãe que ela não voltou para

casa. Vai ser uma droga, porque mamãe vai ficar muito decepcionada, mas não se preocupe com isso. Vou cuidar de tudo — eu disse. Era uma pergunta idiota, mas por que ele estava tão perto de mim? *Chegue para trás, imbecil, antes que minha pele comece a pegar fogo.*

Mas Adrian apenas balançou a cabeça para frente e para trás contra a minha.

Levantei minhas mãos e segurei suas duas bochechas.

— O que há de errado, então? Diga alguma coisa. Você está me assustando.

Ele afastou a testa da minha apenas o suficiente para me olhar diretamente nos olhos.

— Não saia com Anthony, Ains — ele sussurrou. Inclinou-se para frente, e eu quase tive um ataque de pânico.

Pensei que ele iria tocar meus lábios, mas apenas depositou um longo beijo na minha bochecha direita. Ok, não era um beijo na boca, mas, ainda assim, foi incrível. Ele passou o nariz por aquele lado do meu rosto e colocou suas grandes mãos na minha cintura, segurando-a com força.

— Ele não é bom o suficiente para você, Raio de Sol. — Outro beijo lento na minha outra bochecha.

Senti meus olhos se fecharem. Estavam pesados e sonolentos, então deixei-os fechados.

— Não vou aguentar isso, Ains. Você merece mais. Entende? — Ele beijou uma das minhas pálpebras fechadas.

Eu podia ouvir o que ele dizia, e, em algum nível, acho que sabia que estava me pedindo para ficar longe de Anthony, mas me sentia tonta, embriagada pela textura de sua boca e sua respiração. Ele beijou a parte de baixo do meu maxilar, e eu inclinei minha cabeça para trás, soltando um leve gemido. Sentia o cheiro dele ao meu redor. Não cheirava mais como o garotinho com quem eu compartilhei sacos de dormir e trenós na neve. Já não cheirava como um garoto, sol e sujeira. Cheirava a suor limpo, xampu e *homem*. Como o céu. Era intoxicante. E, Deus, a sensação era boa.

— Você me ouviu, Ainsley? — Ele depositou um último beijo na inclinação da minha clavícula e deixou seus lábios lá, enquanto respirava pesadamente.

Meu próprio suspiro soava rápido e pesado, e eu podia sentir a pulsação em meu pescoço violentamente agitada. Perguntei-me se ele conseguia perceber. A sensação de estar completamente pressionada a ele era maravilhosa. Um resquício de barba em seu queixo roçava meu pescoço e provocava arrepios em minha pele e por todo o meu corpo. Minha camiseta começava a ficar suada e apertada em meus seios, e eu queria tirá-la. Meu peito e meu pescoço pinicavam de calor, e eu desejava que Adrian continuasse me beijando, porém, mais

embaixo. Sentia o calor acumulando-se na minha barriga como se fosse um incêndio, então, uni minhas coxas para aliviar a pressão. Não ajudou em nada. Adrian lentamente me soltou, mas minhas pernas quase não me sustentavam, então ele manteve as mãos nos meus quadris para me estabilizar.

— Você entende? — Ele se certificou de me olhar bem nos meus olhos. Aqueles olhos azuis. *Azul*.

Deus, o que diabos havia de errado comigo? Droga, eu não entendia! Não entendia as emoções que percorriam meu corpo, o significado por trás daqueles doces e lentos beijos. Nem mesmo o porquê de querer mais. Só desejava que esse sentimento desaparecesse. Não conseguia falar por medo de que minha voz mostrasse minha necessidade ou minha ansiedade, então, acenei com a cabeça e me afastei de Adrian. Jesus, ele nem tinha me beijado na boca, e eu já me sentia um caos e sexualmente frustrada. *Recomponha-se, Ains*. Ele não precisava saber como me afetava. Ergui a cabeça e saí do esconderijo entre os campos de algodão com as pernas bambas, muitas perguntas no meu coração e uma excitação desenfreada nas minhas veias.



Brava. Irada. Furiosa. Indignada. Enfurecida. Começava a aprender que havia muitas palavras para descrever o quão irritada eu estava, e todas passaram pela minha mente uma ou outra vez nas últimas horas.

Eram dez da noite, e eu queria machucar alguém, especialmente Lori. Ainda não chegara em casa, deixando-me estressada. *Oh, mais um sinônimo para irritada*. E você sabe o que me deixava ainda mais louca? O fato de eu odiar estar tão zangada. Não era da minha natureza. Eu era uma garota tranquila, feliz, dançava conforme a música. Mas naquele momento? Sim, eu estava ainda mais irritada exatamente por *estar* irritada.

Fiquei basicamente sentada no sofá desde que cheguei da escola, e isso significava – suspirei só de pensar – cinco ou seis horas atrás. Tentei tocar meu violino ou fazer alguma tarefa de casa. Sem chance. Simplesmente não consegui me concentrar. Estava muito irritada com Lori. O que diabos ela estava pensando? Não podia chegar tarde e esperar que eu fosse ficar calada.

O toque do meu telefone sobre a mesa de café interrompeu minhas reflexões. Inclinei-me para pegá-lo, esperando e rezando para que fosse Lori. Não era. Li no identificador de chamadas que era Adrian. Meus dedos picaram para atender àquele garoto e saber o que queria, mas não fiz isso. Não conseguiria mais lidar com Adrian naquele dia. Só podia escalar uma montanha de cada vez, e, naquele momento, a montanha era Lori. Meu telefone tocou

novamente, e eu me sobressaltei. Maldito fosse. Ele não iria me deixar em paz. Senti minha ansiedade aumentar em vários níveis. E se não respondesse e ele viesse até a minha casa? Não poderia enfrentá-lo depois do que acontecera mais cedo. Não depois de ele encostar seus lábios macios e rosados na minha pele. Sentia meu corpo incendiar só de pensar nisso. Peguei o telefone e li rapidamente a mensagem.

Adrian: Lori chegou em casa?

Adrian: Não me ignore, Raio de Sol. Sei que você está bem acordada, sentada no sofá esperando por ela. Provavelmente muito irritada.

Caramba, será que ele podia me ver? Dei um pulo e olhei ao redor da sala, especialmente para a janela da frente. Outra mensagem.

Adrian: Não consigo te ver. Só conheço você. Vá para a cama e lide com as merdas de Lori amanhã.

Eu conseguia imaginar o sorriso presunçoso em seu rosto. *Ele só me conhecia.* Revirei os olhos e reclinei-me de volta no sofá, apoiando minhas pernas no encosto. Peguei uma mecha do meu cabelo encaracolado que escapara do meu rabo de cavalo na parte de trás da minha cabeça. Colocando o telefone voltado para baixo sobre o meu estômago, enrolei os fios um pouco mais. Não iria respondê-lo. Ele havia abalado meu mundo mais cedo. Não conseguia nem entender a bagunça que fizera com nossa amizade. E tudo porque Anthony Jackson se sentara ao meu lado no ônibus? Era uma loucura, e sua reação fora completamente infundada. O garoto tinha perdido a cabeça, e eu não iria lhe dedicar um único segundo do meu tempo naquela noite. Uma montanha de cada vez, droga!

Outra mensagem! Era uma estupidez, mas chequei meu telefone novamente.

Adrian: Eu poderia passar aí e verificar o porquê de não estar respondendo minhas mensagens. Precisamos conversar, de qualquer maneira.

Merda! Merda! Merda! Não! Ele não podia vir. Só Deus sabia o que poderia acontecer. Adrian poderia usar seus lábios mágicos em mim novamente. E eles deviam mesmo ser mágicos, porque ainda estava pensando neles contra minhas bochechas. E meu pescoço. *Hummmm.* Meus braços ficaram arrepiados. Aqueles lábios, obviamente, fizeram-me tomar as piores decisões da vida. Eu precisava ficar longe deles, então, peguei o telefone e escrevi uma resposta rápida.

Eu: Não, não venha! Já estou de pijama e me preparando para deitar. :)

Eu estava mentindo. Era uma mentirosa. Não estava de pijama e não iria dormir até que Lori atravessasse aquela porta e depois que conversássemos muito. Fiz questão de adicionar a carinha sorridente. Ela devia amenizar as coisas, certo?

Vi os pontinhos, o que me fez concluir que estava me escrevendo uma resposta e não marchando pelo meu jardim. Senti o alívio dentro de mim até a mensagem dele chegar.

Adrian: Nós realmente precisamos conversar, Ainsley. Eu não quero que você fique com Anthony, e precisamos falar sobre nós.

Nós? Obviamente, não obtive o memorando de que havia um "nós", porque, até onde eu sabia, éramos apenas amigos. Sempre fomos. O medalhão. Ele dera o medalhão a Lori, e naquele momento nossos destinos foram selados. Até aquele momento, ele nunca tentara nada comigo, nem mesmo agira remotamente como se fôssemos algo mais do que amigos.

Conversar? Nada disso. Não iria acontecer. Porque descobri o novo tipo de *conversa* de Adrian depois da escola e não gostei nem um pouco. Tá, eu novamente estava mentindo. Eu adorei, mas, ainda assim, não era certo! Oh, Deus, eu estava enlouquecendo! Comecei a enrolar meu cabelo furiosamente e a balançar meu joelho esquerdo. E então eu vi mais pontinhos. Outra mensagem!

Adrian: Pelo menos me responda se você entendeu sobre Anthony.

Não. Ele. Não. Por que achava que podia opinar sobre com quem eu namoro? Quero dizer, Adrian provavelmente estava certo. Anthony com certeza não era a melhor escolha para mim, mas minhas decisões e meus erros me pertenciam, maldição! Tentei imaginar se os lábios de Anthony seriam tão deliciosos quanto os de Adrian. Porque os de Adrian eram incríveis e nem sequer tinham beijado meus lábios. E seu cheiro. Deus! Ouvi meu próprio gemido ecoando na sala silenciosa e rapidamente me arrastei de volta à realidade. O que diabos havia de errado comigo? E com Adrian? Digitei um texto rápido que encerraria aquela conversa perturbadora de uma vez por todas.

Eu: Você não pode escolher com quem eu namoro, Adrian Michael Davis. Entendeu? Te vejo no ponto de ônibus amanhã de manhã, onde conversaremos. Com palavras reais. E não haverá nada daquela porcaria de feitiçaria que você usou depois da escola esta manhã. Boa noite!

Coloquei meu telefone no silencioso e o deixei sobre a mesa de café. Havia um limite até onde uma garota podia aguentar. Eu estava perdendo a cabeça. Porque meu amigo da infância começava a me enlouquecer, e eu já tinha coisas demais com as quais lidar. Sentei-me no sofá e enrolei meu cabelo um pouco mais. E continuei a esperar por Lori.

O som de uma porta batendo me tirou de um sono profundo. O que eu estava fazendo no sofá? *Ah, certo. Lori.* Estava escuro na sala, mas pude ver minha prima tropeçando, tentando tirar suas botas. Ao menos se lembrara de fazer isso. Nós não usávamos sapatos naquela casa. E minha mãe falava sério sobre isso. Era lei. Olhei para o relógio na parede da sala de estar. Eram onze e

meia. No que diabos aquela garota estava pensando? Mamãe chegaria em casa em menos de uma hora. Era como se ela nem se importasse em ser pega.

Lori finalmente tirou as botas e tentou lenta e silenciosamente se dirigir para o quarto dela. Nós já não compartilhamos um há um bom tempo. Lori se mudara para o final do corredor, alegando que não era mais uma criança e que precisava de seu próprio espaço. Eu a compreendia e também queria um quarto só meu. Mas, nos últimos tempos, parecia que Lori não precisava de espaço. Parecia que alguém precisava ficar de olho nela como um falcão, porque insistia nas piores decisões.

Ela não me viu, parada na escuridão, e pensou que iria escapar impune novamente. Eu não podia deixá-la em paz. Tinha que dizer alguma coisa. Levantei-me e caminhei em sua direção.

— Lori — eu disse, com firmeza, no cômodo escuro e sombrio.

Ela rapidamente se virou para me encarar, quase tropeçando na quina da mesa ao lado do sofá. Estendi a mão e segurei seu braço, estabilizando-a. De alguma forma, ainda conseguiu esbarrar em mim. Olhou-me com um sorriso de canto.

— Ei, Ains. O que está fazendo acordada? — ela falou com uma voz arrastada de bêbada. Os olhos dela pareciam selvagens e desfocados, cobertos de delineador. Sua blusa de flanela preta e seus jeans cheiravam a cigarros e cerveja velha.

Senti minha irritação se agravando. Provavelmente não era hora de discutir sobre suas atitudes recentes, mas, de qualquer forma, eu iria fazer isso. Estava cansada das merdas que fazia. Eu não merecia isso, e tampouco a minha mãe.

— Onde você esteve? — gritei. — Você não pegou o ônibus para casa. Outra vez. — Tentei manter o nível da minha voz, mas mesmo para os meus ouvidos ela soava alterada e frustrada.

O rosto de Lori estava sério, e então ela me deu um sorriso triste.

— Acabei saindo com amigos depois da escola. Não é grande coisa. Estou em casa agora. Não queria te preocupar. — Ela parecia inocente e doce, o sorriso, genuíno.

Quase comprei seu ato. Vinha caindo em sua lábia há meses. Mas não daquela vez. Eu estava preparada.

Peguei-a pelos ombros e aproximei meu rosto do dela.

— Você está bêbada, Lori. Eu e você sabemos disso, então chega de mentiras. Isso tem que parar. Não posso continuar me preocupando com você. Não sei o que há de errado ou por que está fazendo isso, mas acabou. Vou contar à mamãe: — Afastei-me com os dentes cerrados.

Lori baixou a cabeça, e eu senti seu corpo estremecer. Merda. Não queria

fazê-la chorar, mas ela precisava ouvir isso. Estava prestes a envolver seu pequeno corpo com meus braços quando escutei seu resmungo. Peguei seu queixo entre meu polegar e meu dedo indicador, erguendo seus olhos para os meus. Honestamente não podia acreditar no que via.

— Você está rindo? — gritei bem em seu rosto.

A *minha* Lori nunca faria isso. Quem era essa impostora? Soltei-a, e ela novamente tropeçou no tapete da sala de estar, ainda rindo. Pouco me importei quando caiu no chão. Nunca na minha vida me senti tão irritada como naquele momento.

Inclinei-me e gritei para ela:

— De que porra você está rindo?

Seus olhos se arregalaram de surpresa, e ela girou, colocando-se de lado e rindo ainda mais.

— Você acabou de dizer "porra"? — ela murmurou por entre uma risada voraz. E não parou por ali. Ela se ergueu do chão e colocou-se sentada, olhando para mim. — A palavra "porra" realmente passou pelos lábios puros e tão inocentes de Ainsley James? — ela perguntou com zombaria e sarcasmo.

Senti como se estivesse em um universo alternativo. Um onde Lori não gostava de mim. Um universo onde os papéis eram invertidos e impostores eram revelados. Ela nunca falara assim comigo antes. Não me interprete mal. Tivemos a nossa cota de brigas. Brigas sobre onde minha mãe deveria nos levar para jantar. Brigas sobre quem ficaria com o computador depois da escola. Brigas estúpidas. Brigas que não significavam nada e não machucavam ninguém. Mas Lori nunca me olhara de forma tão venenosa. Eu estaria me sentindo horrível se não estivesse tão irritada com ela. Teria partido meu coração, se sua zombaria não me deixasse tão nervosa.

Aproximei-me um pouco mais dela e gritei próxima de seu rosto.

— Quer saber de uma coisa, Loralie? Vá se foder! Só vá se foder.

Jesus, eu queria encontrar uma maneira mais eloquente de praguejar, mas não consegui. Xingar as pessoas não era minha forma de agir. Nunca tive uma briga tão séria com ninguém. Ninguém nunca me deixou tão irritada e magoada. Minhas mãos tremiam, e eu podia sentir lágrimas de raiva molhando minhas bochechas.

Olhei para as minhas mãos trêmulas e me senti nauseada. O que estava acontecendo? Aquela não era eu. Aquela não era Lori. Não éramos *nós*. O que eu estava fazendo, lançando-lhe frases duras como pedras? Especialmente para alguém que tanto amava. Já começava a me arrepender das coisas que disse. Meu coração doía pelas palavras cruéis que atirei para ela.

Lori levantou-se e ficou bem próxima. Seu peito contra meu peito. Seus pés

praticamente sobre os meus. Eu podia sentir seu coração trovejar contra o meu. A respiração dela atingia meu rosto.

— Não, Ainsley. Vão você e a sua vida perfeita se foderem. Você não precisa ser a melhor em tudo, sabia? Não precisa fazer com que o resto de nós se sinta tão falho. Estou de saco cheio desse seu jeito altruísta. Fique com Azul! Fique com a tia Jessi! Fique com todos eles! Eu não me importo. Todos eles te amam mais, de qualquer maneira. Eu odeio você! — ela gritou para mim, enquanto pingos de cuspe escapavam de sua boca por conta da raiva.

Recuei, ferida, enquanto o assalto verbal de suas palavras chovia sobre mim como mil facas afiadas. A silhueta esguia de Lori avançou mais um pouco na minha direção, mas recuei outra vez. Ela me odiava? Isso me deixou atordoada. Não consegui me mexer nem parar de olhar para a estranha na minha frente. Lágrimas frescas escorriam pelo meu rosto. A escuridão da sala de estar parecia assustadora e sombria. O silêncio era alto demais.

Eu estava destruída. Obliterada. Através da neblina das minhas lágrimas, meus olhos analisaram o rosto de Lori, procurando por um pequeno vestígio da garota que era tão querida para mim. A pequena criança de cabelos castanhos que, aos dois anos, fugia de seu berço, no canto do meu quarto, para se juntar a mim na minha "cama grande". A doce menina de seis anos que gostava de montar nas feiras contanto que eu segurasse sua mão o tempo todo. Não a mão da minha mãe. A *minha*. A adolescente nervosa que me fez sair da minha cama na noite anterior ao seu início da nona série para que eu pudesse abraçá-la até que adormecesse. Isso acontecera há menos de um ano. Onde estava aquela menina? A pessoa na minha frente não era Lori. Os olhos daquela garota estavam vazios e partidos. Os olhos da minha Lori eram brilhantes. Aquela menina era má e sem consideração. Minha Lori era gentil e reflexiva.

Não consegui mais olhar para aquela garota vazia, então, corri para o meu quarto e fechei a porta. Joguei-me na minha cama e chorei – soluços tão violentos que me feriram fisicamente. Minha mente estava acelerada. Eu não conseguia compreender. Lori realmente pensava que eu queria ser a melhor? Destacava-me nos estudos e no violino só porque trabalhava duro. Não era uma daquelas crianças que naturalmente iam bem na escola. Passei muitas noites em claro estudando para provas e muitas vezes fiquei depois da hora na biblioteca. Eu merecia minhas boas notas. Conquistara-as. Assim como merecia Adrian e mamãe. Como ela podia pensar que queria tirá-los dela? Eles a amavam tanto quanto a mim. Sabia que era verdade. Por que ela enxergava isso?

Eu esperava que Lori viesse atrás de mim. Pedindo perdão e desculpas. Para tentar retirar as coisas horríveis que me dissera. Mas ela não fez isso. Não apareceu. Isso doeu quase tanto quanto suas palavras.

Quase.





Capítulo

7

Ainsley – 16 Anos

Fazia três dias desde a minha briga com Lori. Eu vinha evitando-a tanto quando corria de Adrian como se ele fosse o diabo. Parei de pegar o ônibus e, ao invés disso, escolhi pegar carona na ida e volta da escola com amigos. Por sorte, não tive aulas com nenhum deles. Não parava no meu armário, a menos que fosse absolutamente necessário, e, quando fazia isso, assegurava-me de agir rápido. Escondia-me no salão da orquestra no almoço, tocando meu violino em uma das minúsculas salas de prática. Mamãe nunca ficava em casa à noite, então, eu levava algo para jantar no meu quarto, trancando a porta e me afogando em autopiedade. Também fazia a lição e praticava meu violino. Até ali, meu plano vinha funcionando.

Eu não tinha cumprido a ameaça de contar à minha mãe sobre Lori, nem conseguia pensar nisso naquele momento. Estava muito ocupada sentindo-me zangada e magoada. Adrian ligou para o meu celular uma quantidade ridícula de vezes nos últimos três dias. Quando não fazia isso, ele me enviava mensagem, após mensagem, após mensagem. Ainda não me sentia pronta para lidar com ele.

Fique com Azul! Fique com a tia Jessi! Fique com todos eles!

Minha cabeça latejava.

Ao menos Lori ficara em casa nas últimas duas noites. Do meu quarto, eu podia ouvi-la fazendo comida na cozinha ou assistindo TV na sala de estar. Até ouvi Adrian aparecer uma noite e ficar com ela. Não sabia se nossa briga fizera alguma diferença no comportamento dela, mas não me importava. Sim, eu ainda estava chateada.

Acabara de chegar da escola e de me trancar no meu quarto quando Miranda mandou uma mensagem.

Miranda: Ei, meu amor! Onde você está?

Eu sorri por causa do "meu amor" e digitei uma mensagem rápida em resposta.

Eu: em casa Mas eu preciso sair.

Eu não queria ouvir Lori na cozinha e na sala de estar, seguindo com sua vida como se não tivesse arruinado a minha. Achava que já teria superado o problema àquela altura. Sinceramente pensei que não estaria mais tão irritada. Mas não acontecera. Na verdade, meus sentimentos estavam se tornando mais fortes, e eu sentia o ressentimento infeccionando dentro de mim como uma ferida aberta. Fiquei chocada com a minha capacidade de guardar rancor. Claramente, eu não era a santa que Lori achava que eu era. Isso me fez sentir como a pior pessoa do mundo.

Miranda: Me encontre no riacho. ;)

Eu: Okay. Me dê 5 minutos.

Vesti uma jaqueta para me proteger da brisa fresca da noite, calcei chinelos e corri pelo corredor. Lori estava no sofá, assistindo TV, mas nem sequer fiz contato visual. Continuei seguindo até a porta dos fundos e passando pelo portão. Encontrei Miranda sentada do nosso lado do riacho, esperando por mim.

Vinte minutos depois já tinha atualizado Miranda de tudo o que havia acontecido nos últimos três dias. Desde Adrian e sua magia nos campos de algodão até minha enorme briga com Lori. Suspeitei que Miranda não tinha uma única palavra sobre o que eu disse a respeito de Lori. Ela se fixara em Adrian. Estávamos deitadas de costas na grama, observando o sol se por e testemunhando a chegada das estrelas.

— Ele não fez isso! — ela disse, sua voz cheia de admiração.

— Ele *fez* — respondi em resposta, lançando-lhe um olhar sério polvilhado com um pouco de sarcasmo.

Era fácil entender o porquê de ela não acreditar. Eu mesma quase não acreditava. Só podia atribuir as ações de Adrian ao fato dele estar morrendo de ciúme de Anthony. O que, por sua vez, deixava-me irritada. Como ele se atrevia?

— Não me diga! Quem diria que nosso garoto guardava tudo isso? Nossa, isso é meio sexy. — Ela suspirou. — Ele beijou sua boca ou só o seu rosto?

Seus olhos estavam arregalados, seu rosto parecia intrigado. Soava cheia de orgulho, e minha irritação por toda a situação aumentou. Por que diabos ela sentia orgulho dele? Não é certo começar de repente a desejar alguém quando há outra pessoa entrando no jogo. Ele teve anos para me reivindicar, mas não o fez. Ele queria Lori. Sentia-me confusa e zangada. Mas a culpa... *"Fique com Azul"*. A culpa me engolia.

— Eu te disse exatamente o que aconteceu, Miranda. Ele beijou meu rosto e

meu pescoço bem aqui. — Eu aponte para minha clavícula. Mesmo ao fazer isso, senti meu rosto se enrugando de vergonha e um pouco de luxúria.

Deus, fora sexy. Ela estava certa, e eu a odiava um pouco por isso.

Miranda voltou o rosto, impressionado, para mim.

— E ele pediu para você ficar longe de Anthony Jackson? Para não sair com ele? — perguntou ela. Sua expressão ficou séria, como se a resposta a essa pergunta pudesse resolver a fome no mundo.

Revirei meus olhos e rangi meus dentes.

— Não, ele não pediu! Ele mandou que eu ficasse longe de Anthony! — praticamente gritei.

Estava mais do que frustrada porque Adrian não tinha pedido. Ele me dissera o que fazer. Rosnara suas ordens para mim enquanto salpicava meu rosto com os beijos mais doces e sexies da minha vida. Olhei para as estrelas e rezei para ter coragem de resistir àqueles beijos fantásticos.

Miranda explodiu em um riso vertiginoso, alegria irradiando de seus olhos.

— Menina, o Adrian agiu como um daqueles heróis alfa de livros bem na sua cara. Aposto que foi mesmo muito sexy. Estou muito triste por ter perdido isso. — Ela franziu a testa um pouco e depois retornou ao seu sorriso vago e assustador.

Miranda parecia alimentar ilusões românticas a respeito de mim e de Adrian em sua cabeça. Não. Nada disso. Não era como se fôssemos o casal de um daqueles romances horríveis que ela sempre lia. Apressei-me em tirar o cavalinho dela da chuva.

— Sim, bem, até que foi sexy. — Ah! Até que foi sexy. Eu ainda podia sentir o calor de seus lábios me queimando mesmo três dias depois, mas era uma boa mentirosa, então, continuei: — Só que acho Anthony muito bonito, e ele parece gostar de mim. — Da mesma forma que gostava *de toda a população feminina*. — Então, eu acho que, se me convidar, vou aceitar sair com ele.

Isso colocaria Adrian em seu lugar, e também impediria que eu destruísse Lori mais do que ela já estava destruída. Claramente, a menina vinha passando por algum problema, e por mais que eu estivesse chateada com ela no mais alto grau, não queria machucá-la. Nunca.

Esperava que minhas ideias arruinassem as ilusões de doce romance adolescente de Miranda. Esperava que o sorriso dela desaparecesse a qualquer minuto. Mal podia esperar, na verdade. Estava cansada de seus sorrisos. Mas, não. Ela se levantou e jogou as mãos para o ar.

— Triângulos amorosos por toda parte! Isso é incrível! Quer dizer, eu não conseguiria escrever uma merda assim! É inacreditável. — Sua voz ecoou na área arborizada em torno de nós.

Eu soltei um suspiro irritado. Esta era a minha vida? Sêrio?

Miranda se deitou novamente e girou, colocando-se de lado, apoiando-se em um cotovelo e se elevando sobre mim.

— Então, quando Adrian estava agiu como macho alfa com você nos campos, você sentiu? — ela perguntou. Parecia desesperada pela resposta, e eu lhe teria dado se soubesse do que diabos estava falando.

— Senti o quê? — perguntei. Conhecia essa garota pela maior parte da minha vida e, na maioria dos dias, ainda não entendia metade do que saía de sua boca. Era como se falasse outra língua.

— Você sabe... *Aquilo* — ela sussurrou baixinho e ergueu as sobrancelhas perfeitamente esculpidas.

Oh, Deus, não! Nós não íamos falar sobre o pênis de Adrian. Isso não estava acontecendo. Eu não o havia sentido, e não queria falar sobre isso agora. Então, balancei a cabeça vigorosamente para negar toda aquela conversa. Mas acho que Miranda entendeu que meu balançar de cabeça significava confusão, porque continuou falando. Sobre o pau de Adrian.

— Você sabe, a cobra dele... O fazedor de bebês? A rola?

Pelo amor do menino Jesus! Alguém precisava fazê-la parar. Ainda assim, não pude evitar o riso que escapou dos meus lábios. Ela era absolutamente louca. Antes que percebesse, estávamos rolando na grama do nosso amado riacho em delirantes ataques de riso.

Quando finalmente ficamos em silêncio, Miranda se aproximou de mim e entrelaçou minha mão na dela. Estávamos ambas olhando para o céu, e suas palavras me atingiram no coração.

— Você sabe, Ains. Não tem problema em fazer uma coisa para você mesma. Não tem problema em ser egoísta às vezes. Em amar a si mesma como ama os outros. Lori vai entender. E você e Adrian vão resolver as coisas. — Ela sorriu para mim. — Porque algumas coisas estão destinadas a ser.

Deus. Aquela garota. Aquela garota irremediavelmente romântica. Eu a amava.



Eu estava na escola, na hora do almoço, sentindo-me muito presunçosa para o meu próprio bem. Depois da minha conversa com Miranda na noite anterior, decidi arriscar e voltar ao ônibus naquela manhã. E não apenas metaforicamente. Foi um momento perfeito para exercer minha independência e mostrar a Adrian Davis que ele não era meu dono. Infantil, eu sei, mas andava me sentindo mais imatura nos últimos tempos.

Esperei até o último segundo para chegar ao ponto, aparecendo apenas um minuto ou dois antes de o ônibus realmente aparecer. Fui a última a entrar. Dei uma olhada nas minhas opções de assentos. Adrian e Lori estavam sentados juntos – como de costume. Eu geralmente me sentava com Miranda, mas abri um sorriso tenso e passei direto por ela, que me deu uma piscada maliciosa de volta, o que só alimentou minha confiança. Anthony ergueu os olhos quando me aproximei dele.

— Este assento está ocupado? — perguntei. Meu Deus. Nossa! *Este assento está ocupado? Isto era o melhor que você poderia dizer, Ains?*

Anthony não pareceu alarmado. Ele colocou aquelas enormes covinhas em jogo, deu um tapinha no assento ao seu lado e pulou para perto da janela. Aproximei-me dele e coloquei minha mochila no colo. Sorriu para mim e voltou a olhar para o telefone. Nós não nos falamos durante todo o caminho para a escola. O ônibus ficava sempre praticamente em silêncio pela manhã. Nenhum de nós tinha despertado cem por cento. O ônibus até poderia estar em silêncio, mas os olhares que Adrian lançava em minha direção pareciam gritar. Ele estava chateado. O tremor de sua mandíbula quadrada e os punhais que se manifestavam em seus olhos eram provas concretas. Assim que chegamos na escola, eu pulei do ônibus como se minha bunda estivesse pegando fogo e continuei o meu dia como se tudo na minha vida não fosse a mais completa merda.

Eu não tinha visto ou ouvido falar de Adrian desde aquela manhã. Então, sentia-me muito orgulhosa de mim mesma. Sim. Presunçosa.

Segui até a sala de instrumentos dentro do salão da orquestra. Peguei meu violino e fui até a pequena sala de exercícios onde costumava almoçar. Abri a porta e me preparei para acender a luz, mas antes que pudesse tocar no interruptor, fui arrastada de volta. Um grito ficou preso na minha garganta, mas antes que eu pudesse libertá-lo, Adrian fechou a porta e colocou a mão sobre a minha boca. Seu corpo grande empurrou o meu de volta contra a porta, prendendo-me. Deus, quando foi que meu garoto dos suspensórios ficou tão alto? Ele provavelmente passava de um metro e oitenta e cinco, enquanto eu tinha apenas um e cinquenta e sete.

— Nem pense em gritar — ele sussurrou.

Oh, Deus! Ele parecia realmente irritado, então, decidi que gritar com ele provavelmente não seria legal. Tirou a mão da minha boca, mas deixou seu corpo tão perto do meu que uma folha de papel não caberia entre nós.

Deus, ele estava lindo naquele dia. Seu cabelo andava um pouco mais comprido do que de costume e caía por cima dos óculos. Suas bochechas estavam rosadas, seus olhos ferozes, sua mandíbula cerrada daquele jeito sexy

novamente. Merda! Aquela expressão irritada como o inferno caía magnificamente bem em Adrian. Eu poderia comê-lo com uma colher.

Ele inclinou o rosto para ridiculamente perto do meu.

— Nós ainda somos melhores amigos, Ainsley? — Ele respirou contra meus lábios. Sua pergunta me livrou da minha sessão de adoração à versão furiosa de Adrian.

— O quê? Claro que somos. Por que você faria uma pergunta tão boba? — indaguei. E realmente estava perplexa. Mordi meu lábio inferior cheia de nervosismo.

Sim, eu andava evitando-o ultimamente, mas nós éramos amigos há muito tempo. Eu só precisava de um tempo para descobrir o que estava rolando entre nós. Só precisava fazer as pazes com Lori e acertar as coisas com ela. Tinha muita coisa acontecendo. Nós sempre seríamos melhores amigos. Sua pergunta parecia absurda.

Ele colocou as mãos na parede de cada lado da minha cabeça, efetivamente bloqueando qualquer saída. Então descansou a testa no lateral do meu pescoço e perguntou:

— Então por que você está me evitando? Tenho tentado ligar para você há dias. — Ele parecia um pouco triste e derrotado.

Sentia-me como a pior amiga do mundo. Ele ergueu a cabeça e olhou diretamente para mim. Mordi meu lábio com tanta força que chegou a doer. Não sabia o que dizer a ele, porque eu mesma ainda não conhecia meus motivos. Entre minha confusão e seu corpo perfeito pressionado tão perto do meu, eu não conseguia pensar. Pela primeira vez na minha vida, fiquei sem palavras. Aparentemente, meu corpo traidor não estava na mesma sintonia da minha boca silenciosa, porque senti meus quadris se aproximarem de Adrian. Porra, quem diria que meus instintos agiriam como uma vadia naquele momento?

O gemido de Adrian ecoou ruidosamente através da sala escura e silenciosa. Uma rajada de luxúria subiu por todo o meu corpo com aquele som. Queria ouvi-lo de novo. Pensei em pressionar meus quadris por mais tempo e com mais força, mas antes que pudesse fazer isso, Adrian colocou a palma da mão de forma suave na minha bochecha e tirou meu lábio inferior de entre meus dentes com o polegar. Ficou olhando atentamente para a minha boca, passando o dedo levemente sobre ela.

— Deus, esta boca. Penso nela todos os dias. Toda noite. Esses lábios... Eu não consigo parar de imaginar como deve ser o gosto deles. Qual será a sensação de tê-los contra os meus — disse ele baixinho e reverentemente.

Seu polegar roçando na minha boca estava me deixando louca. Eu queria tocá-lo com a minha língua e prová-lo. Mas precisava falar. No entanto, não

consegui fazer com que as palavras saíssem. Choque e excitação estavam afetando-as. Sentia-as presas na minha garganta. Eu não podia dizer que também pensava em sua boca. Que pensava *nele*. O tempo todo. Que adorava sua natureza doce, mas temperamental. Que ele era a estrela em todas as fantasias que já tive. Mas que também era proibido. Havia muitas barreiras entre mim e o garoto que eu mais amava nesse mundo. Não podia permitir que o próprio Adrian se tornasse mais uma. Pressionei um beijo suave em seu polegar, rezando para que entendesse. Esperando que soubesse.

Ele rosnou baixo, do fundo de sua garganta, e fixou seus olhos determinados nos meus.

— Raio de Sol, eu vou te beijar. Não consigo me conter. Sei que isso vai mudar tudo, mas não posso *não* fazer isso. Nem por mais um minuto. — Ele passou o nariz ao longo do meu.

Senti meus olhos se fecharem.

— Peça-me para parar. Peça-me para não beijar você antes que eu estrague tudo. Peça-me agora. — Suas palavras dançaram nos meus lábios tão suavemente.

Inclinei minha cabeça em direção à porta e separei meus lábios, tomando grandes goles de ar. Sentia-me queimar de dentro para fora. Qualquer um e tudo fora daquela minúscula sala coberta de sombras deixaram de existir para mim. Não havia mais esperança. Eu queria. Naquele momento, queria aquele beijo mais que tudo. Não podia mais negar-lhe ou nem a mim mesma.

Adrian colocou os dedos na minha nuca. Pousou o polegar no meu queixo, inclinando minha cabeça para baixo, para mais perto da dele. Seus olhos questionadores encontraram os meus, e eu sabia o que ele via refletido em ambos. *Sim*. Sim, mais e mais.

Seus lábios trêmulos pressionaram suavemente o meu lábio inferior, o que fez minha boca se separar em uma respiração rápida. Ele levou as mãos às minhas bochechas e capturou meu lábio superior entre os dele, sugando-o suavemente. Com certeza, era a mesma sensação de estar no céu. Nunca tinha sido beijada na minha vida, mas sabia que aquele beijo era especial. Sabia que beijos como aquele eram raros e belos. Um beijo que nasceu de anos de amizade e amor.

Por conta própria, minhas mãos agarraram a frente da camisa de Adrian. Fiquei na ponta dos pés e pressionei meus lábios com mais firmeza nos dele. Delicadamente deslizei minha língua por seu lábio inferior. Só queria sentir um gostinho do meu garoto, dono dos olhos azuis de oceano. Adrian abriu a boca, e sua língua encontrou a minha com um gemido doloroso. Engoli aquele som e o ecoei com um dos meus. Borboletas invadiram meu estômago. Adrian pousou

uma de suas mãos no meu rosto e agarrou a parte de trás do meu cabelo, manobrando minha cabeça do jeito que queria. Devorou minha boca como um homem faminto, e eu me deixei levar. Perdida. Seus lábios e sua língua me destruíram de novo e de novo. Foi uma doce tortura que eu não queria que acabasse. Tirou minhas mãos de seu peito e as envolveu em volta do pescoço. Nós nos beijamos e nos beijamos, seu peito pressionado contra o meu, a batida do meu coração sincronizando-se com a cadência do dele. Era música. Nossa música. E tornou-se a minha favorita.

Adrian finalmente recuou, dando alguns passos para longe. Seus óculos tornaram-se bagunça fumegante e borrada. Era adorável. Ele passou as mãos trêmulas pelo cabelo.

— Porra. Eu sabia que você teria um gosto assim — ele disse, seus lábios inchados e molhados. Eles pareciam exuberantes e maduros, e eu os queria novamente.

Conseguí encontrar um fio da minha voz.

— Como o quê? — eu resmunguei por entre meus lábios também inchados do beijo.

Seu rosto estava cheio de amor e um sentimento silencioso de posse, enquanto ele considerava suas próximas palavras.

— Como a madressilva do riacho à tarde. Como se estivéssemos à beira da fogueira à noite. Como donuts na manhã de Natal. — Ele pressionou seus lábios nos meus novamente e sussurrou através deles: — Como se você fosse minha.



Como se você fosse minha.

Eu não conseguia parar de ficar obcecada pelas palavras de Adrian para mim. Tinha passado o resto do dia atrás de uma névoa, flutuando no ponto mais alto da intimidade. Não ouvi uma palavra do que meus professores disseram. Não fiz uma única anotação. Os beijos de Adrian me tornaram completamente inútil. Mas eu estava feliz com isso. Passei o dia inteiro sonhando com a ferocidade de sua boca e suas doces palavras. Na viagem de ônibus para casa, Adrian sentou-se ao meu lado, e eu não disse nada. Miranda entrou no ônibus e acomodou-se ao lado de Lori, lançando-me um olhar que indagava: “o que diabos está acontecendo?”. Ignorei-a e fingi que não estava sentada ao lado de um garoto que tinha me destruído com um único toque de seus lábios.

Agora, estava tentando ao máximo reunir a energia para preencher os requerimentos da faculdade que mamãe me pedira para fazer dias atrás. O tempo corria, ela dissera. E estava certa. Eu estava no meio do meu primeiro ano e

queria estudar música mais do que qualquer coisa no mundo. Precisava de uma boa escola não só que me aceitasse, mas que também me oferecesse uma bolsa. Nós não tínhamos o dinheiro nem crédito para bancar uma faculdade, então, meu futuro dependia completamente do meu talento. Já havia preenchido inscrições para universidade em Boston e Nashville, mas meu coração estava nas Carolinas, perto de casa. Perto da minha mãe, de Adrian e Lori. A Universidade da Carolina do Sul foi minha primeira escolha. Não possuía a melhor escola de música, mas tinha um benefício enorme: localização. Ficava a menos de uma hora de casa.

Estava na metade da minha tarefa quando ouvi uma batida suave na minha porta. Não poderia ser mamãe. Era muito cedo para que ela já tivesse chegado do trabalho. Eu tinha uma ideia de quem poderia ser e não queria responder. Não queria que estragassem um dos dias mais incríveis da minha vida com palavras mesquinhas e comentários maliciosos. Ainda estava muito magoada e com raiva. Suas palavras causaram danos irreparáveis. Elas tinham mutilado e transformado nosso relacionamento de algo bom e puro em algo feio. Não queria brigar novamente. Nem sabia se estava pronta para fazer as pazes. Não importava, no entanto. Porque Lori abriu a porta e enfiou a cabeça lá dentro. Olhou para mim e respirou fundo, como se estivesse sugando coragem em vez de ar.

— Ains, podemos conversar? — sua voz soou frágil, e eu odiava isso.

Nós não conseguíamos mais conversar nem ser honestas como sempre fomos. Nossa briga mudou as coisas da mesma forma que o beijo de Adrian mudara. Eu não queria que ela temesse falar comigo, mas estava me controlando para não encontrar uma maneira educada de mandá-la se foder.

Ela abriu a porta antes de entrar e sentar-se aos pés da minha cama. Seus ombros caídos e sua cabeça baixa revelaram seu desespero.

— Por favor, Ainsley. Deus, por favor, fale comigo. Esses últimos três dias foram os piores da minha vida. Não aguento quando está com raiva de mim.

Lori estava conversando com o chão, por isso, eu não podia ver suas lágrimas, mas sua voz soava embargada. Não aguentei, então segui até a cama e me sentei ao lado dela. Queria colocar meus braços em volta de seu corpo pequeno e confortá-la, mas meu orgulho não deixava. Ela não se desculpou pelas coisas que disse. Ninguém nunca me esmagara emocionalmente de forma tão horrível, e eu não podia simplesmente deixar passar tão fácil.

— Lori, eu não sei se devemos conversar. Ainda estou muito chateada. Não quero brigar, mas não acho que esteja pronta para falar com você. — Doeue dizer isso. Temia que as coisas nunca mais fossem as mesmas entre nós.

Lori aproximou seu rosto manchado de lágrimas do meu. Seus olhos imploravam – suplicavam – por uma chance.

— Eu fui muito cruel, Ainsley. Sei que fui. E sinto muito. Só quero que você me perdoe. Não sei por que disse aquelas coisas horríveis. Porque elas não são verdadeiras. Eu nunca poderia te odiar. Você é a melhor coisa da minha vida. Por favor, não me afaste. Não vou suportar.

Soluços profundos sacudiram seus ombros. Colocou as mãos sobre o rosto e começou a chorar com mais força. Droga, ela estava partindo meu coração. Eu deveria saber que só conseguiria suportar dois segundos de sua presença. Nossa amizade continha algumas das melhores partes de nós duas, e, embora estivéssemos brigadas há apenas alguns dias, eu sentia falta. Sentia falta de nós.

Passei meus braços ao redor de seus ombros e a trouxe para perto. Beijei o topo de sua cabeça.

— Eu sei. Tudo bem, Lori. Sei que você sente muito. Me desculpe também. Eu não deveria ter dito o que disse. Mas estava tão brava com você. Quero que cuide melhor de si mesma. Me assusta quando fica fora a noite toda e bebe. Você significa o mundo inteiro para mim. Não sei o que eu faria se te acontecesse alguma coisa — eu disse com os lábios encostados em seu cabelo.

Ela se afastou e olhou para mim.

— Às vezes, eu me sinto tão triste, Ains. Não consigo evitar. Não passa. — Seus olhos se encheram de lágrimas de novo, e ela empurrou a cabeça contra o meu peito. — Às vezes, a única coisa que afasta a dor é a bebida. Ela faz com que desapareça. Por apenas um tempinho, eu me sinto como uma garota normal. Uma garota cuja mãe a ama e não a abandonou com outra pessoa. Como ela pôde fazer isso, Ainsley? Como pode visitar a vovó e não perguntar sobre mim? Como pode ligar para tia Jessi pedindo dinheiro e não querer falar comigo? Por que ela me odeia? O que eu fiz errado?

Deus, por que ela não disse nada para mim antes? Há quanto tempo vinha se sentindo assim? Meu estômago se revirou de arrependimento. Eu deveria saber. Deveria ter previsto. Claro que doía saber que sua mãe a tratava como uma estranha virtual. Eu deveria tê-la ajudado antes que começasse a beber. Mas poderia ajudá-la agora. E faria isso.

— Oh, Lori. Não. Você não fez nada de errado. Sua mãe não está certa. Ela está doente. É viciada. Não é que não te ame. As drogas a controlam. Não é sua culpa, de forma alguma. Você é perfeita e bonita, e se sua mãe não estivesse tão doente, ela veria isso, porque é impossível não ver. Por favor, me diga que entende.

Seu choro se acalmou enquanto eu a segurei contra o peito pelo que pareceu uma eternidade. Ela recuou e correu para o topo da minha cama, deitando a cabeça no meu travesseiro. Fiz o mesmo, aproximando-me dela e colocando-me ao seu lado. A sensação era boa. De normalidade.

Ela sorriu e disse:

— Nunca deixe de me amar, Ainsley. Você é minha pessoa favorita em todo o mundo. Não suportaria perder você.

Eu sorri de volta para ela e me inclinei para beliscar a ponta de seu nariz.

— Como se eu pudesse deixar de te amar. Quem vai me colocar no meu lugar dizendo que estou bancando a perfeitinha? — Eu ri.

Lori não achou engraçado.

— Droga, Ains. Eu não queria dizer isso. — Ela franziu o cenho, e sua testa se enrugou com o pensamento. — Bem, eu acho que... É só que... Você é boa em tudo e todo mundo te ama. Você nem precisa tentar. Às vezes, acho que fico com ciúme. Mas sei que não deveria. Sei que você me ama. Só é difícil. Mas você é maravilhosa para mim. Você é a melhor e não quero que mude.

Nós convivíamos juntas por tempo suficiente para eu entender seus pensamentos dispersos.

— Eu só estava brincando, garota. Está tudo bem. Vamos esquecer isso e nunca deixar acontecer de novo. OK? Também odeio brigar com você — disse.

Lori pegou a mecha do meu cabelo que eu costumava enrolar e o esfregou entre seus dedos.

— Então... Adrian, hein? — ela perguntou.

Meus olhos se voltaram para os dela. Imediatamente me senti em pânico. Não estava pronta nem para discutir minha amizade com Adrian. Um relacionamento? Droga, eu não fazia ideia. Mas sabia que meus outros amigos não me deixavam tão desejosa. Eles não me faziam sentir como se estivesse flutuando em uma nuvem fofinha.

Mas se me pedisse naquele exato minuto para desistir dele, eu desistiria. Sabia que faria isso – já acontecera uma vez. Evidentemente, fora mais fácil desistir antes. Muito mais fácil do que seria naquele momento, quando já tinha provado um pouco dele. Quando uma paixão descontrolada cavalgava dentro do meu peito. Seria difícil deixá-lo para trás, mas eu faria isso por ela. Faria qualquer coisa por Lori.

— Lori, eu não...

Ela me cortou.

— Ainsley, tudo bem. Eu juro. — Ela acariciou meu cabelo e me lançou um olhar reconfortante. — Eu sempre soube que Adrian gostava de você desse jeito. Vocês dois são as pessoas mais incríveis que conheço. É justo que acabem ficando juntos. Não me entenda mal. Adrian é lindo, doce e gentil. Qualquer garota seria uma sortuda por tê-lo. Mas você, Ains, você o merece. Se está feliz, fico feliz também

Não deixei de perceber o olhar de melancolia que atravessou suas feições.

Não perdi o vislumbre de mágoa em seu sorriso. Também não deixei passar o fato de que Loralie Nicole James me amava tanto quanto eu a amava. A magnitude do que ela estava fazendo não me passou despercebida. O doce vínculo e os laços emocionais do nosso relacionamento inundaram meu corpo.

Ela estava me dizendo que tudo bem se eu ficasse com Adrian. Acho que nunca poderia me dar um presente melhor. Eu nunca seria capaz de lhe dizer o que isso significava para mim. Mas também não achei que fosse necessário. Parecia que ela sabia – ou não me daria um presente tão precioso. Nunca poderia amar Lori mais do que já a amava, mas naquele momento meu coração inchou tanto por ela que senti que poderia flutuar.

Eu provavelmente deveria ter dito a Lori que não queria Adrian. Que se ela não ficasse com ele, nenhuma de nós ficaria. Mas não consegui. Porque era muito gananciosa. Eu o amava há muito tempo. E agora que Adrian e eu poderíamos ser reais e não uma miragem ao longe, não conseguiria dizer não. Decidi, naquele momento, que eu seria melhor para Lori. Não permitiria que bebesse. Não deixaria sua tristeza, por causa do abandono da mãe, coagi-la a tomar decisões erradas. Eu a apoiaria. Não deixaria que me afastasse com palavras de ódio. Iria me certificar de nunca mais ignorá-la. Eu a amaria em tudo, até nos momentos mais horríveis. Resolveria seus problemas. E ela conheceria um garoto que não poderia evitar beijá-la também. E todos nós viveríamos felizes para sempre.





Capítulo 8

Ainsley – 18 Anos

— **B**om trabalho, Violet. Agora use o dedo indicador para pressionar a corda G. Isso! Agora, use seu dedo longo na corda D. Agora, seu dedo anelar. Use-o na corda A.

Eu estava lecionando violino a uma adorável menina de sete anos quando o familiar toque do meu telefone me interrompeu. Novamente. Soube quem era antes mesmo de pegar o aparelho no suporte de partituras para checar. Lori. Ela me mandara mensagens durante a aula inteira, querendo que eu e Adrian a acompanhássemos em uma festa na casa de Laura e Katie naquela noite. Em primeiro lugar, não havia interesse da minha parte em ir a uma festa, muito menos na casa daquelas duas. As meninas, gêmeas idênticas, significavam problemas com P maiúsculo. Eram estudantes de intercâmbio vindas da Inglaterra e muito festeiras. Quando não estavam enchendo a cara nos bosques do outro lado da rua da escola, geralmente estavam transando com caras aleatórios.

Verifiquei minhas mensagens de texto enquanto instruía Violet.

— Agora use o dedo mindinho e pegue a corda E.

Sim. Era Lori.

Lori: Por favor, venha comigo esta noite! É uma festa de fim de ano e a família das gêmeas está fora da cidade. Vai ser épico!

Deus, eu realmente não queria ir. Entre estudar para os exames finais e dar aulas de violino quase todos os dias da semana para ganhar dinheiro extra, sentia-me exausta. Mal tinha tempo de encontrar Adrian e estava mais do que ansiosa para ficar com ele em frente à TV assistindo Netflix. Quando eu dizia que queria ficar com ele, estava, na verdade, afirmando que queria estar entre suas coxas. E, por assistir Netflix, eu queria dizer beijar meu homem inteiro.

Eu realmente não queria que Lori fosse também. Mamãe passava noventa por cento do tempo chateada com a minha prima. A menina não respeitava horários ou regras em geral. Ela fumava. Bebia. Fazia o que diabos queria e deixava minha mãe irada. Estava fora de controle, mas não havia esperança. Nada do que dizíamos a impedia. Na verdade, quanto mais protestávamos sobre algo, mais ela desobedecia. Então, tentei não fazer muito alarde sobre a festa, convidando-a a ficar comigo e com Adrian.

Eu: Por que você não fica comigo e com o Adrian hoje à noite e nos ajuda a colocar a Netflix em dia?

Eu sabia qual seria a resposta dela mesmo antes de perder meu tempo digitando a mensagem. Lori não ficava mais comigo e com Adrian. Aquele último ano fora duro para todos nós. Para Lori especialmente. Ela sabia que iríamos para a faculdade enquanto ela ainda estaria completando o ensino médio.

Mudanças sempre a assustavam, mas o dia estava chegando, gostasse ou não. Ela estava lutando contra isso de uma maneira só dela. Basicamente, festejando, bebendo e fazendo escolhas ruins. E, por mais que eu tentasse ser solidária, começava a ficar seriamente irritada com as merdas que fazia. Além de sentir falta dela. Não conseguia me lembrar da última vez que passamos algum tempo juntas. Não mais caminhadas silenciosas para a escola ou um café da manhã apressado em pé no balcão da cozinha. *Tempo real*. Acontece que não é tão fácil consertar os problemas de alguém, especialmente se esta pessoa não quer que eles sejam consertados. Saber que eu não podia fazer o melhor por Lori era um comprimido difícil de engolir. E aquele comprimido descia pela minha garganta muito amargo e doloroso.

Verifiquei o relógio e percebi que tinham se passado cinco minutos do final da minha aula. Disse um rápido adeus a Violet e seus pais, e fui para minha caminhonete branca estacionada na entrada da garagem. Era uma lata velha, mas paguei em dinheiro, à vista, sozinha. Acontece que dar aulas de violino pagam muito bem. Até consegui economizar uma boa quantia para meu primeiro ano na faculdade.

Chequei meu telefone novamente para ver se Lori tinha mandado uma mensagem de resposta. Não havia nada. Provavelmente estava com raiva de mim e me ignorando. Ela fazia isso algumas vezes quando as coisas não aconteciam do jeito dela. Respirei fundo para me acalmar e mandei uma mensagem a Adrian.

Eu: A caminho de casa.

Mesmo depois do estresse com Lori, ainda consegui sair do carro com um sorriso no rosto. Estava ansiosa para passar a noite com Adrian. Não nos víamos com frequência suficiente. Ele estava sempre atarefado fazendo aulas de desenho

no curso local depois de passar um dia inteiro na escola. Eu me ocupava ensinando violino, estudando e tentando não perder a cabeça com Lori. Tínhamos vidas cheias, mas ainda tentávamos encontrar tempo para passarmos alguns momentos sozinhos durante a semana. Aquela noite era um desses momentos. O ano letivo finalmente tinha terminado, então, esperançosamente, haveria muitas outras noites por vir. Nós dois tínhamos planos de frequentar a Universidade da Carolina do Sul no outono. Ele, no curso de arte, e eu, no de música.

Eu e Adrian ainda não tínhamos ultrapassado os limites dos beijos e carícias indecentes. Mas, Deus, eu queria. Muito. Tinha certeza que ele também. Não sabia exatamente o que estávamos esperando, mas ainda não parecia o momento certo. Nossa primeira vez precisava ser especial. Monumental. Tecnicamente, estávamos juntos há apenas um ano e meio como namorado e namorada. Mas nosso relacionamento era baseado em muitos anos de amor incondicional e aceitação. Eu não queria me conformar com uma transa desleixada e rápida na minha cama de solteiro antes que minha mãe chegasse do trabalho. Queria magia.

Adrian estava sentado na varanda, em uma das nossas cadeiras de balanço, com o bloco de desenhos na mão, quando entrei na garagem. Não pude evitar o sorriso bobo no meu rosto enquanto subia os degraus da frente. Era muito apaixonada por aquele homem incrível. E ele sabia disso. Sua testa estava franzida em concentração enquanto desenhava, com os olhos atentos, a mão firme. Às vezes, deixava-me espiar o que desenhava. Retratos de Lori, Miranda e até do gato da minha prima, o Patches. Meus favoritos eram as paisagens, entretanto. Os campos de algodão ao redor das nossas casas. O riacho atrás de nossa propriedade. Eu nunca tinha visto um desenho de mim, e era muito tímida para pedir um, mas esperava conseguir pelo menos um dia. Seus desenhos eram incrivelmente vívidos e, às vezes, ele adicionava um toque de aquarela para dar dinâmica. Adrian era brilhantemente talentoso, lindo e todo meu.

Ele deve ter sentido meu olhar intenso, porque olhou para mim e colocou seu caderno de desenho de lado. Deu alguns tapinhas no seu colo, então eu me sentei e passei meus braços em volta do seu pescoço.

— Como foi o seu dia, Raio de Sol? — ele murmurou contra meu pescoço.

— Ocupado, mas bom. Melhor agora. O que você está desenhando? — perguntei.

Ele deslizou o nariz ao longo da curva onde meu pescoço encontrava meu ombro e inspirou.

— Algo bonito. — ele sussurrou enquanto polvilhava meu ombro com beijos demorados.

— Eu? — perguntei, batendo meus cílios para ele.

— Talvez. — Ele riu. — Talvez seja o pôr do sol. — Riu um pouco mais.

Pulei de seu colo, peguei minhas chaves na minha bolsa e abri a porta da frente. Adrian me seguiu, mantendo-se próximo. Passamos a noite fazendo o que normalmente fazíamos. Preparamos pizzas e as comemos no sofá, combinando-as com uma Coca gelada enquanto assistíamos TV. Eu estava lavando a louça quando Adrian me chamou do sofá.

— Venha aqui, Ainsley! — ele vociferou.

Revirei os olhos em direção à pia. Quanto mais velho Adrian ficava, mais mandão se tornava. Nem sempre me fazia feliz quando assumia o lado dominador, mas eu tinha que admitir que era muito sexy.

Enxuguei minhas mãos em um pano de prato. Então segui até a sala de estar e fiquei de frente para o sofá. Adrian deu um tapinha nas coxas ligeiramente abertas e se acomodou um pouco mais no assento. Arqueei uma sobrancelha e lancei-lhe um olhar entediado. Eu estava tudo menos entediada. Estava pronta para fazer o que ele queria, mas uma garota tem que se fazer um pouco de difícil.

— Sente-se no meu colo — disse Adrian sem rodeios.

Meu rosto aqueceu com suas palavras. Mandão.

— Sabe? Deve haver medicação para isso — eu disse enquanto o obedecia, colocando uma perna de cada lado, pressionando minha bunda em seu colo, porque por mais que estivesse fazendo jogo duro, não era burra.

— Para quê? — ele perguntou bem contra meus lábios. Moveu a boca para o meu pescoço, e eu reprimi um gemido.

— Para o claro caso de autoritarismo do qual você não consegue se livrar — tentei responder com cinismo, mas com a boca aberta de Adrian pressionada no meu pescoço, as palavras soaram frágeis e ofegantes demais.

— Eu tenho o remédio que preciso bem aqui — disse ele, agarrando minha bunda com as duas mãos e esfregando-me contra si.

Ele reivindicou minha boca em um beijo duro e serpenteou as mãos sob a minha camisa até as laterais da minha cintura. Deslizou-as para cima, e eu senti minhas costas se curvarem sob o seu toque, conforme aproximava-se dos meus seios. Esfregou o polegar em cada mamilo, e eu gemi contra sua boca.

Fomos interrompidos no momento em que meu telefone tocou sobre mesa de café, assustando-nos.

— Mas que merda! — Adrian grunhiu contra a minha boca.

Sorri para ele e olhei para o relógio. Onze da noite. Era tarde para alguém ligar, e eu fiquei preocupada que Lori precisasse de uma carona para casa. Relutantemente saí do colo de Adrian e peguei o telefone só para ouvir uma Miranda histérica do outro lado da linha.



Adrian estacionou na entrada do pronto-socorro, e eu pulei do carro antes mesmo que minha picape parasse completamente. Presumi que ele iria buscar um estacionamento enquanto eu corria para dentro e me dirigia até a recepção.

— Lori James. Estou procurando por Lori James. Ela foi trazida para cá de ambulância há apenas alguns minutos. Preciso vê-la — vociferei para a enfermeira atrás do balcão feio em tom de verde-floresta. Apoiei-me nele, tentando recuperar o fôlego e ganhar um pouco de sanidade. Tinha que me manter no controle ou eles nunca me deixariam vê-la. E eu precisava vê-la para saber que estava bem.

A jovem enfermeira, cujo nome no crachá era Sandy, virou-se para a tela do computador e clicou algumas vezes no teclado. Olhou para mim por trás de seus óculos.

— Ela está aqui, querida, mas os médicos estão trabalhando nela agora. Você é a filha da Jessica, certo? Sua mãe desceu assim que a trouxeram. Ela está lá agora. Quer que eu a chame? — perguntou.

Seu sorriso triste fez minha pele formigar com uma compreensão sombria. Eu não gostei da pena em seu olhar. Isso me fez reconhecer que algo terrível poderia ter acontecido com Lori.

Os médicos estavam trabalhando nela. O que diabos isso significava? Não me soava nada bem. Oh, Deus. *Por favor. Por favor, faça com que ela se salve.* Meu estômago revirou. Balancei a cabeça para a enfermeira. Sim, eu precisava da minha mãe. Naquele exato minuto. Ela me faria sentir melhor. Diria que Lori estava bem e que todos poderíamos ir para casa. Juntos.

Tive uma vaga consciência de quando Adrian se aproximou do balcão e colocou o braço em volta dos meus ombros. A enfermeira pediu que fôssemos para a sala de espera enquanto ela encontrava minha mãe para mim. Senti-me tonta quando Adrian nos conduziu para o local. Tudo parecia nebuloso e pesado. Como se eu estivesse em um sonho. Não, como se eu estivesse em um pesadelo.

A sala de espera estava completamente vazia, exceto por uma garota ruiva no canto, agachada, com a cabeça entre as mãos. Corri para Miranda e me sentei ao lado dela, envolvendo meus braços em torno de seu corpo trêmulo.

Ela sufocou palavras que consegui compreender com muita dificuldade apesar de seus soluços profundos.

— Ainsley. Ela não estava respirando. Não estava se movendo. — Miranda se inclinou e agarrou o topo dos meus braços com as mãos, apertando-os com força, quase machucando. Mas eu precisava deles lá, para me manter presa à realidade. — Seus lábios estavam azuis, Ains. Eu tentei salvá-la.

Tentou salvá-la? A histeria passou por mim como um relâmpago. A Lori tinha morrido? Não.

— Não. O que você quer dizer com tentou salvá-la? — soei acusatória, mas não consegui parar. Eu não sabia o que tinha acontecido. E precisava saber. — Miranda, porra me responda! Que diabos você está falando?

Ela parecia chocada. Seu rosto vermelho, manchado de lágrimas, e seu corpo trêmulo quase me impediram de dizer minhas próximas palavras.

— Você a salvou ou não? Conte-nos o que aconteceu. Agora! — gritei.

Miranda se encolheu com o meu tom áspero e enterrou a cabeça em suas mãos, balançando-se para frente e para trás. Eu deveria me sentir mal com a maneira como a estava tratando, mas não pude, porque operava a puro pavor e terror absoluto.

Fui erguida do assento ao lado de Miranda antes que percebesse. Adrian sentou-se no banco que eu ocupava, deixando-me em seu colo, embalando-me como um bebê. Então ele passou o braço em volta de Miranda e nos puxou para ficarmos todos juntos.

— Tudo bem, meninas. Vamos apenas nos acalmar por um minuto, ok?

Adrian era a voz da razão, mas eu me sentia descontrolada, irritada e totalmente desequilibrada. Precisava de respostas naquele exato minuto. Mas Adrian me conhecia muito bem. Ele me apertou com força e levou seus lábios ao meu ouvido.

— Respire, Raio de Sol. Miranda te ama. Você a ama. Respire — ele insistiu.

Então eu respirei fundo, de forma dolorosa, mas quanto mais eu respirava, mais o ar me fazia gaguejar até que me tornei uma confusão de soluços, desesperada por ar. Todos nós envolvemos nossos braços mais apertados um ao redor do outro, todas as nossas testas se tocando. Não pude deixar de notar a ausência de uma cabeça entre nós, e a agonia disso parecia pesar no meu estômago.

— Eu a encontrei em um quarto no andar de cima na casa das gêmeas. Estava procurando por ela. Queria ficar de olho nela para vocês. Acho que não fiz um bom trabalho. — As palavras sussurradas de Miranda recaíram sobre nós três.

Suas respirações agudas fizeram sua ansiedade vencê-la, então eu a puxei para mais perto de mim. Tão perto que não conseguíamos ver o rosto um da outro. Tão perto que nossas lágrimas e nossas respirações se tornaram uma só.

— Ela estava deitada no chão. Eu sabia que havia algo de errado. Sua perna estava em um ângulo estranho... Deus! Os lábios dela. Frios e azuis. Liguei para 911. Ainsley. Por favor. — Ela me apertou mais contra si. — Eu nunca fiz

massagem cardíaca antes na minha vida. Mas tentei tanto por ela. Tentei enquanto o operador conversava comigo. Eu estava com muito medo, mas juro que tentei o meu melhor, Ains. Fiz isso, porque também a amo, sabe? Por favor, não fique com raiva de mim. Eu tentei tanto. — Suas palavras se interromperam por conta de um choro irregular.

Sentir o corpo de Adrian estremecer contra o meu próprio me assustou. Ele era geralmente o mais forte em situações como aquela, mas a realidade do que poderia estar prestes a ocorrer parecia abalar até a ele. Estávamos todos um caos e precisávamos de alguém; alguém para nos dizer o que diabos estava acontecendo com Lori.

— Crianças. — A voz da minha mãe atravessou nosso amontoado.

Nós nos separamos, reunindo-nos em volta dela, esperando por respostas. Ela parecia pálida, os olhos vermelhos e inchados. Estava visivelmente abalada. Segurei as mãos de Adrian e Miranda nas minhas e me preparei para más notícias.

— Os médicos fizeram tudo o que podiam por Loralie. Ela está em estado crítico. Ainda não sabemos o que aconteceu ou porque não estava respirando quando Miranda a encontrou, mas minha suspeita é de drogas ou álcool. Eles a testaram, então, saberemos em breve. — Os olhos tristes da minha mãe se desviaram para Miranda. Ela acariciou o rosto da minha amiga com a palma da mão. — Nós devemos muito a você esta noite, querida. Você pode ter salvado a vida de Lori.

Larguei a mão de Miranda e passei um braço em volta de seus ombros, puxando-a para perto.

— Quando podemos vê-la? — perguntei.

A apreensão percorreu o rosto de mamãe. Ela parecia cansada e emocionalmente esgotada, mas eu sentia que também temia nos levar para ver Lori.

— Eu posso levar um de cada vez para vê-la. Vou te levar primeiro, Ains — ela disse.

Afastei-me de Adrian e Miranda, agarrando a mão da minha mãe. Seguimos, passando por duas grandes portas vermelhas e percorremos outro corredor. Antes de minha mãe abrir uma porta no final do corredor, ela se virou para mim e disse:

— Ainsley, não quero que você fique com medo quando a vir. Lori não se parece com ela mesma. Está conectada a muitas máquinas agora. É um pouco assustador, então, eu queria te avisar primeiro, ok?

Balancei a cabeça e apertei a mão dela quando abriu a porta. Eu realmente fiquei feliz por minha mãe ter me dado aquele aviso, mas nada, absolutamente

nada, poderia ter me preparado para o horror do que estava diante de mim.

Fiquei piscando várias vezes, tentando fazer a imagem desaparecer, mas ela estava presa na parte de trás dos meus olhos, inescapável. O pequeno corpo bronzeado de Lori estava parcialmente reclinado na cama do hospital, parecendo sem vida e mole, envolto em um mar de lençóis brancos até o peito. Suas mãos flácidas estavam sobre seu estômago, com IVs espetadas em ambas. Havia tantos fios surgindo por debaixo dos lençóis, presos a tantas máquinas que eu mal podia contar. Sua boca aberta segurava um grande tubo preso a outra máquina maior. Seus olhos inchados estavam fechados. Seu rosto era inexpressivo. Suas grossas e brilhantes mechas castanhas estavam presas a um coque no alto da cabeça. Eu senti e ouvi um suspiro em meus ouvidos, e uma onda de tontura me deu uma bofetada no rosto. Havia muitos bipes. Muitas máquinas. Era como um pesadelo. Não poderia ser real.

Eu ainda estava com os olhos fechados quando senti os resultados da minha dor vazarem pelo meu rosto. Imediatamente, fui envolvida por braços quentes e pelo doce aroma de lavanda. Normalmente, este cheiro me confortava. Normalmente, aqueles braços faziam tudo ficar bem. Mas, naquele momento, eles serviram a um propósito diferente. Eles me deixaram desmoronar. Eles me deixaram cair. Mas me seguraram o tempo todo.

— Tudo bem, Ainsley. Nós vamos sobreviver a isso. Nós vamos. Por Lori — ela sussurrou para mim.

Foi a primeira vez na vida que não acreditei na minha mãe. Suas palavras soaram desanimadas para os meus ouvidos. Não era como se eu pudesse necessariamente ouvir uma mentira nelas. Só não tinham o mesmo tom verdadeiro que eu costumava ouvir da boca da minha mãe.

Eu saí de seu abraço e busquei um pouco de coragem. Puxei uma dura cadeira de madeira com almofadas de vinil vermelhas para o lado da cama de Lori e me sentei. Agarrei sua mão delicada na minha e a segurei. Nada aconteceu. Nem um tremer de suas pálpebras. Nem uma contração de um dedo. O único movimento que ressoou de seu corpo flácido foi o subir e descer de seu peito. Quanto mais a observava, mais notava que o ruído coincidia com o som da máquina gigante presa à sua boca. O susto me tomou de dentro para fora.

— Ela não está respirando sozinha? — perguntei à minha mãe, que estava sentada do outro lado de Lori, segurando a outra mão.

— Não o suficiente. Os médicos estão esperando que, uma vez que o que estiver em seu sistema consiga sair, ela acorde para respirar sozinha. Por enquanto, precisa de ajuda para respirar através do ventilador — ela respondeu.

— E como eles vão saber se ela está respirando sozinha se está ligada a esta máquina? — perguntei.

Talvez ela estivesse respirando sozinha agora, mas ninguém soubesse. Eu não a queria ligada àquela maldita máquina. Queria que respirasse sozinha da mesma forma como eu mesma precisava respirar. *Abra as porras dos seus olhos, Lori.*

— Eles vão reduzir seu oxigênio de vez em quando para ver se ela está respirando sozinha. — Minha mãe fez uma pausa e continuou: — Você sabe, Miranda provavelmente salvou a vida dela esta noite. A massagem cardíaca manteve o coração de Lori batendo até os paramédicos chegarem e assumirem o controle.

Não gostei de como minha mãe usou palavras como "provavelmente" e "pode ter" ao se referir à vida de Lori. Isso me deixou ainda mais no limite. Eu disse:

— Mas e se ela não puder respirar sozinha novamente?

O rosto de mamãe desanimou, e ela se encolheu como se eu tivesse batido nela. Imediatamente me senti mal por perguntar de forma tão dura, mas precisava saber o pior cenário possível. E precisava ouvir. De sua boca. Mas ela não disse. Saiu da cadeira e alisou o cabelo de Lori preso no coque. Beijou-a na testa, virou-se e saiu do quarto.

Fiquei escutando as máquinas, rezando para que sua mão apertasse a minha de volta. Implorei a Deus por outra chance de ouvir a voz de Lori. Prometi a Ele que iria a qualquer festa que minha prima quisesse, se ao menos ela acordasse. Eu a deixaria ouvir seu rock na minha picape velha. Pegaria minhas economias para a faculdade e lhe compraria aquele violão que estava implorando que mamãe comprasse. Fiz todos os tipos de promessas para o Grande Homem lá em cima. E então fiquei com raiva Dele. Como pôde deixar aquilo acontecer com ela? Lori não merecia. Como Ele pôde deixar tal coisa acontecer comigo e com mamãe? Ele não sabia de nosso amor por ela? Não sabia que isso nos destruiria?

Prometi e culpei. Implorei e amaldiçoei. Orei a Ele em um só fôlego e O desprezei no seguinte.





Capítulo

9

Ainsley

Minutos sangravam em horas, e horas se transformavam em dias com nenhuma mínima melhora de Lori. Eu estava trancada no inferno, e Loralie detinha a chave. Precisava desesperadamente que ela acordasse e me soltasse. Os médicos nos disseram que os testes dela acusaram grandes quantidades de álcool e comprimidos tarja preta em seu sistema; uma quantidade e uma combinação mortais e quase instantâneas para fazer parar o coração. Eles não sabiam há quanto tempo ela ficara inconsciente antes que Miranda a encontrasse, nem sabiam quanto tempo seu cérebro sofrera sem oxigênio. Não poderiam nos dizer se ela seria capaz de respirar sozinha. Nem sabiam se iria acordar. E, se acordasse, não sabiam a extensão de seu dano cerebral. Não sabiam de nada. E era uma porra de uma agonia. *Acorde-me deste pesadelo!*

As enfermeiras tinham desistido de manter Adrian, Miranda e eu fora do quarto. Nós três e mamãe nos sentávamos em volta dela dia e noite. Nós não suportávamos pensar nela sozinha, sem um de nós por perto. Nas noites em que mamãe nos forçava a ir para casa, Adrian ficava comigo, deitado na cama ao meu lado, em um abraço muito apertado, como se achasse que eu poderia desaparecer. E talvez ele estivesse certo. Porque, a cada dia que passava, sentia-me um pouco mais desvanecida.

No terceiro dia de hospitalização de Lori, cansei de olhar para seu cabelo sujo e oleoso. Ela teria ficado mortificada se alguém a visse assim. Então mamãe e eu reclinamos sua cama e o lavamos em uma das banheiras feias e beges das salas de hospital. Aparei e pinteí suas unhas. Raspei cuidadosamente suas pernas e apliquei continuamente protetor labial nos lábios secos e rachados, abertos pelo tubo. Eu queria que ela parecesse com a menina linda que era antes de nos deixar naquele desespero. E ela um dia pareceria, porque todos nós tínhamos esperança.

Não é isso que todo filme feito para TV nos ensina? Todos os romances? Toda boa história? Você espera, reza e obtém seu final feliz. Mas aquilo que vivíamos se parecia muito com a vida real.

Os médicos não disseram que ela não iria acordar. Não disseram que era um caso sem esperança. Eles tinham nos jogado aqueles minúsculos grãos de otimismo como um fazendeiro alimentando suas galinhas, e nós os comíamos com vontade. Porque era o que tínhamos que fazer. Não havia escolha.

No quarto dia, Adrian e eu estávamos à sua cabeceira enquanto mamãe comia no refeitório. Olhava para o meu celular quando Adrian de repente pulou.

— Ainsley! Eu acho que ela está acordando — ele exclamou. — Ela está apertando minha mão. Parece estar trazendo-a para seu corpo também. Vá chamar uma enfermeira.

Mais uma vez, a esperança elevou sua cabeça inconstante, e eu toquei o botão das enfermeiras na cama de Lori, freneticamente, pelo menos uma dúzia de vezes. Sentia-me tonta. Ela estava se movendo. Ela ia acordar.

A enfermeira entrou, segurou a mão de Lori e esperou por um aperto. Quando isso aconteceu, ela saiu da sala para chamar um médico. Adrian e eu ficamos zonzos de alívio até o médico entrar e nos dar a notícia devastadora de que Lori não estava acordando. Ele nos informou que sua reação era um reflexo involuntário. E, pior, indicava danos cerebrais graves.

Os próximos dias se mostraram ainda mais desafiadores porque os pés e tornozelos de Lori se viraram e se curvaram. Seus punhos se cerraram com força, até o ponto do que poderia ser doloroso, e seu pulso se voltou para dentro e para cima. Com cada reviravolta, aperto e agitação visual, nossa esperança aumentava e depois desaparecia completamente. Os reflexos estavam piorando, mas nos apegamos à fé de que ela acordaria. Nós poderíamos lidar com lesões cerebrais. Cuidaríamos dela. Eu não iria para a faculdade e ficaria com ela o dia todo, se acordasse.

As enfermeiras, os fisioterapeutas e os médicos que visitavam o quarto de Lori lançavam olhares penalizados em nossa direção, e eu comecei a odiá-los. Deliciava-me com o silêncio do quarto quando eles não a estavam cutucando e verificando. Quando não estavam lá, sentindo pena de nós, continuavam incapazes de fazer absolutamente qualquer coisa para nos ajudar. *Acorde.*

Adrian tentou me acalmar, mas com o passar dos dias, fui ficando cada vez mais furiosa. Deus estava nos impondo uma provação cruel. Eu não queria me acalmar. Queria gritar e gritar. Queria derrubar aquele maldito hospital inteiro. Passei a ser grosseira com todos. Enfermeiras nem me dirigiam mais a palavra. Miranda e mamãe tentavam conversar comigo, mas não havia nada que pudessem dizer. Como isso foi acontecer? Como eu poderia superar? Eu deveria

ter ido àquela festa. Tudo isso poderia ter sido evitado se eu estivesse lá. Nem lembro se disse a Lori que a amava antes de sair naquela manhã. Nem tentei entrar em contato com ela quando não me mandou uma mensagem de resposta. Era tudo culpa minha. Eu não conseguia nem contar para minha mãe. Estava muito envergonhada. A culpa era minha. *Me deixe sair deste pesadelo.*

Seus reflexos continuaram a piorar. Seu cérebro não conseguia nem controlar a temperatura de seu corpo, então, a febre aumentava a agonia. Os médicos não podiam tirá-la do tubo, porque ela não respirava sozinha. Seus olhos castanhos não eram mais castanhos. Ela os abria involuntariamente, as pupilas explodiam e elas se mostravam tão negras quanto a noite. Sem alma. Fé e esperança abandonavam o barco a cada dia que passava e o corpo de Lori continuava a falhar. Suas costas e seu pescoço se curvavam e seus dentes cerravam das formas mais assustadoras que eu já tinha visto na minha vida. Era pura tortura e, eventualmente, apenas rezei para que algo acontecesse. Vida. Morte. Qualquer coisa. Porque não podia olhar para a minha garota favorita no mundo por mais um dia. Eu queria rastejar naquela cama e morrer junto com ela.

No sétimo dia, os médicos arrancaram nossas pequenas migalhas de esperança como ladrões. Roubaram nossa fé. Nossa positividade. Nosso futuro.

Estávamos em pé no corredor do hospital. Adrian, mamãe, Miranda e eu. O médico colocou a mão no ombro de mamãe e o apertou. Ele a conhecia. Já trabalhavam há muitos anos juntos.

— Jessi, ela não está acordando — disse ele. — Ela se foi. Há muito dano cerebral. Seu corpo está apenas no piloto automático agora. É hora de tirá-la do suporte básico de vida e deixá-la partir. É a coisa certa a fazer.

Mamãe apenas assentiu e olhou fixamente para a parede. Era como se ela mal tivesse ouvido o que ele dissera. Isso me assustou um pouco, então, continuei observando-a, aguardando uma reação.

O médico falou novamente:

— Ela está com morte cerebral. Não há qualidade de vida. É hora de tomar uma decisão. Eu sinto muito. — Ele apertou o ombro dela novamente e se afastou.

Todos nós chorávamos, exceto minha mãe. Algo estava errado. Ela apenas ficou olhando fixamente para o nada.

— Mamãe — arfei.

Nada.

— Mãe! — gritei. Droga. O que estava acontecendo?

Antes que eu pudesse gritar seu nome novamente, ela se foi, correndo pelo corredor do hospital. Correu para a escada, e todos nós fomos atrás. Nós a seguimos por seis lances, descemos outro corredor e saímos do hospital. Mamãe

bateu a porta lateral do hospital com um estrondo, jogou-se de joelhos na calçada e gritou. Ela arranhou o pescoço com as unhas. Puxou o cabelo. Puxou cada ponto de roupa. Gritou e uivou, rouca, sem parar. Eu estava apavorada. Adrian tentava violentamente impedi-la de se machucar, segurando os braços dela contra o corpo, mas ele mesmo estava sofrendo. Eu podia perceber isso pelo tremor de seus ombros. As lágrimas em seu rosto.

Eu fiquei sozinha. Totalmente entorpecida. Como se um filme estivesse passando diante dos meus olhos.

— Não! Nãaaaaaa! — ela gritou repetidamente.

Mamãe e Adrian estavam encolhidos no chão. Ele a balançava para frente e para trás, sussurrando em seu ouvido. Eu já estava aflita, mas testemunhar aquilo? Era algo com o qual eu não conseguia lidar. Os gritos angustiados da minha mãe me destruíram. Ela era a mãe de Lori em todos os sentidos da palavra. Não era o jeito certo de se perder um filho. Era errado e inesperado. Uma porra desesperadora.

No meio de tudo isso, ouvi um som estranho vindo de outro lugar. Olhei em volta, buscando a origem do barulho. Miranda chorava silenciosamente ao meu lado, sussurrando:

— Oh, meu Deus — uma e outra vez. Quem estava fazendo aquele barulho horrível?

O estacionamento ao nosso lado estava vazio, exceto por alguns carros. O barulho ficava cada vez mais alto. Eu odiava aquele som. Era terrível. De repente, percebi que era eu. Estava gritando a plenos pulmões. Não conseguia parar. *Oh, Deus, faça parar.* Eu não aguentava olhar para o hospital. O lugar que abrigava meu pior pesadelo. O lugar onde moravam nossa esperança e nosso fracasso. Eu não podia olhar para aquelas pessoas quebradas ao meu redor. Estávamos arruinados para sempre. Completamente destruídos. Como seríamos consertados? Como poderíamos seguir em frente? Havia muitas pessoas e muitos cacos. Éramos pedaços de vidro frágeis estilhaçados por todo aquele lugar esquecido por Deus. Estávamos irreparavelmente fraturados. Não havia esperança. Eu queria nos varrer e nos jogar no lixo.





Capítulo 10 Ainsley

— Eu deveria ter ido àquela porra de festa, Adrian.

Adrian dirigia minha picape, enquanto eu me mantinha com um péssimo humor ao lado dele. Estávamos a caminho do hospital. Chuva respingava no para-brisa. O vento uivava. Trovões explodiam, e raios de luz iluminavam o céu. Parecia apropriado porque... Aquela tempestade e eu? Éramos iguais – turbulentas, bravas, fora de controle. Mamãe nos esperava no hospital. Íamos nos despedir de Lori, e eu estava ansiosa por uma briga. Sentia-me irritada com o mundo e queria descontar na pessoa que eu mais amava: Adrian.

Depois que acalmamos mamãe e fizemos os preparativos com os médicos no dia anterior, chegamos em casa, mal comemos o jantar e fingimos dormir. O que realmente fizemos foi ficarmos acordados a noite toda, desejando um milagre.

As mãos de Adrian apertaram o volante, mas ele não olhou na minha direção. Manteve os olhos na estrada cheia de água à nossa frente e disse com firmeza:

— Não faça isso, Ains. Não jogue o jogo da culpa. É uma estrada sem saída e não vai consertar nada. Porra, você pode muito bem culpar Miranda por não encontrá-la rápido o suficiente ou as gêmeas por ter dado a festa. E sua mãe? Ela não a obrigou a ficar em casa. Ou eu? E quanto a mim? Eu deveria ter ido a esta festa também, certo?

Ele estava certo. Culpar a mim mesma e a todos os outros não iria mudar nossa situação. Não traria Lori de volta, mas com certeza me fazia sentir melhor em relação à minha própria raiva. Isso a alimentava. Tornava-a mais forte. E eu estava me apegando a esta raiva para seguir em frente. Aquele sentimento violento dentro de mim era a única coisa que mantinha o luto à distância, então,

eu o segurava com as duas mãos.

— Está certo. Você deveria ter ido — cuspi para ele. — Você deveria ter estado lá.

Eu queria que ele ficasse com raiva, assim como eu. Precisava disso.

A picape foi jogada para o lado da estrada. Adrian pisou no freio, soltou meu cinto e me puxou pelo console, colocando-me em seu colo. A chuva batia contra as janelas. O vento sacudia o carro. Ele me puxou para perto e beijou o topo da minha cabeça.

— Eu não vou deixar você fazer isso — ele disse contra meu cabelo. — Não vou deixar você me afastar. Não vou deixar que esconda sua dor. Com certeza não vou brigar com você. Eu vejo você, Raio de Sol. Vejo sua dor. Pode chorar. Gritar a plenos pulmões. Mas isso que você está fazendo agora? Isso não pode acontecer. Não pode. Estamos *todos* sofrendo. Precisamos dar força um para o outro, não nos machucarmos. — Ele beijou minha boca com força e rapidez e depois me colocou de volta no meu lugar. Pegou meu cinto de segurança e o afivelou. Jogou o carro de volta na estrada e não disse mais nada.

Olhei pela janela, estudando a tempestade, sentindo minha raiva desaparecer. A angústia do que tínhamos que fazer ondulou sob minha pele, tentando escapar. Era nauseante.

Quando chegamos ao hospital, mamãe estava esperando por nós com Lori. O medo se acumulava em minhas entranhas, mas eu precisava controlá-lo. Poderia dizer que ela estava se segurando pelo mais frágil dos fios. Temia que uma explosão emocional vinda de mim pudesse empurrá-la da frágil borda da sanidade. Eu não poderia surtar. Alguém tinha que ser forte.

Nós nos despedimos. Mamãe, Miranda, Adrian e eu. Um de cada vez, entramos e tivemos alguns últimos momentos com nossa garota. Eu fui a última a entrar. Inclinei-me para cheirar o cabelo dela uma última vez, lembrando as manhãs abraçadas na cama quando éramos crianças. Mas não cheirava mais a xampu doce. Cheirava a desinfetante. A vitaminas. A mortalidade. A hospital. Da mesma maneira que minha mãe cheirava todos os dias quando entrava em casa, vinda do trabalho. Um cheiro que costumava me confortar. Agora, só me deixava nauseada. Beije seus lábios rachados ao redor do tubo. Pressionei minha boca na covinha em seu queixo. Fiquei olhando para ela por um bom tempo. Tinha mudado muito em apenas sete dias. Seu rosto, outrora vibrante, agora estava pálido e sem vida. Deitei-me na cama com ela e tentei abraçá-la o melhor que pude, apesar de todos aqueles tubos e fios.

— Como você vai ter coragem de me deixar? — sussurrei em seu ouvido. — Não sei se posso ficar aqui sem você. — Agarrei-a com mais força e solucei contra seu cabelo. — Eu te amo, Loralie. Estou tão brava com você. Mas

também estou brava comigo mesma. Por não ter estado por perto. Me perdoe. Por favor. — Orei a Deus para que ela pudesse me ouvir. E então chorei até não poder mais chorar. Quando minhas lágrimas secaram, eu relutantemente soltei Lori e me levantei.

Eu não estava pronta, mas já era hora.

Os médicos removeram todo o suporte de vida e a deixaram o mais confortável possível. Consolei-me com o fato de que ela não sofrera por muito tempo. Foi rápido. Levou apenas uma hora para que eu perdesse algo que amava há mais de dezesseis anos. Levou apenas uma hora para que a pequena fissura no meu coração se abrisse e o partisse em dois.



Adrian: Vou passar por aí esta noite por volta das 9. Amo você, Raio de Sol.

Estava ocupada tocando meu violino quando ele mandou uma mensagem. Eu tocava, tocava, tocava. O tempo todo. Meu violino era a única coisa que me mantinha sã naqueles dias. Fazia duas semanas desde o funeral de Lori, mas pareciam dois anos. A cidade inteira comparecera para oferecer suas condolências. Todos, exceto a mãe de Lori. O que foi bom para mim. Ela não tinha nenhum direito de estar lá, de qualquer maneira.

Eu não queria ver Adrian naquela noite. Chegara ao ponto em que eu nunca queria encontrá-lo, e isso fazia com que me sentisse mal, porque não era culpa dele. Ele era paciente, gentil e amoroso em todos os sentidos, quando eu permitia. Vinha todas as noites e me aninhava contra si até que eu adormecesse. Mamãe não dizia nada sobre dormirmos juntos no meu quarto. Eu não sabia se ela permitia porque achava que eu precisava dele ou se estava muito envolvida em sua própria tristeza para se importar.

Afastei meu próprio sofrimento e vesti uma armadura de coragem durante todo o funeral e desde então. Vinha fingindo ser forte, mas por dentro sentia-me um turbilhão de emoções. Estava cheia de culpa e atormentada pela mágoa, mas mantinha o rosto congelado todos os dias. Tocava meu violino até que as pontas dos meus dedos queimassem e doessem, e minhas costas e meu pescoço ficassem rígidos. Eram os únicos momentos em que não pensava ou sentia falta de Lori. Minha música era meu refúgio, e quando Adrian estava comigo, eu não conseguia tocar. Por isso, não o queria lá.

Quando via seu rosto, imaginava o de Lori. Pensava nela chamando-o de Azul. Lembrava-me dele jogando-a na piscina. Dele empurrando-a no balanço. Lembrava-me do medalhão, que só Deus sabia onde estava. Seu rosto me fazia lembrar. Assim como o rosto da mamãe. Assim como o maldito rosto do gato.

Aquele maldito riacho. Assim como aquela casa. Assim como aquele balanço feio, enferrujado e azul no quintal. Começava a odiar aquele lugar. Não tinha notícias de Miranda desde o funeral. Eu sabia que ela estava sofrendo também. Fora ela quem encontrara Lori, mas não conseguira salvá-la. Não conseguia imaginar pelo que estava passando, mas mal tinha forças para sair da cama todas as manhãs. O que eu poderia fazer para ajudá-la?

Levou apenas uma semana de lembranças e sofrimento para que eu colocasse meus planos em ação. Não podia mais fazer isso. Não poderia ficar ali. Doía demais. Precisava sair. Então tocava meu violino como um demônio e fingia que aquela maldita cidade, aquela casa e aquelas pessoas não estavam me sufocando em desespero. Meu único consolo era saber que meu tempo ali tinha prazo de validade.

Mandeí uma resposta para Adrian, porque, por mais que não suportasse olhar para o rosto dele, eu ainda o amava ferozmente. Ele era meu tudo. Era doloroso amá-lo e detestá-lo daquela forma. Era o pior tipo de tortura.

Eu: OK. Te vejo mais tarde, então.

Eu não sabia por que ele ainda me suportava. Até eu conseguia reconhecer que havia me tornado apenas uma sombra da garota por quem ele se apaixonou. Vivia em uma névoa de agonia e mal falava. Lutava para sorrir e nunca ria. Como ele poderia me amar assim? E se eu nunca melhorasse? Adrian nunca me deixaria. Era bom demais. Eu o arruinaria.

Eu sabia o que tinha que fazer, mas havia uma última coisa que desejava antes da decisão final.

Larguei meu violino, fiquei só de calcinha e subi na cama para esperar por Adrian. O quarto estava escuro, exceto por uma pequena luz noturna acesa, vinda da suíte do meu quarto. Passei as mãos sobre os lençóis limpos e frios da minha cama de solteiro e contemplei o que estava prestes a fazer. Precisava desse momento com Adrian, então eu faria o que tinha que fazer. Talvez um dia ele não me odiasse. Talvez me perdoasse. Era uma aposta na qual eu estava disposta a entrar. Vinha esperando por esse momento com aquele garoto por quase toda a minha vida. Sim, minha mãe estava no trabalho. Sim, teria que ser na minha pequena cama de solteiro. Mas eu me certificaria de que não fosse rápido nem desleixado.

Ouvi Adrian fechar a porta da frente, e meus olhos voaram para o meu despertador na mesa de cabeceira. 20h58. Meu garoto doce e confiável. Ele nunca me decepcionava. Senti um lampejo de culpa me queimar, mas não podia desistir. Eu precisava dele. Ouvi Adrian entrar no meu quarto, tirar os tênis e a camisa. Ouvi o barulho de seus óculos sendo colocados na mesa de cabeceira. Senti quando afastou as cobertas e subiu na cama atrás de mim. Pressionou a

frente do seu corpo grande nas minhas costas, suspirando contra meu cabelo.

Girei-me para encarar Adrian e olhei em seus olhos azuis enquanto eles me avaliavam. Aqueles olhos tinham perdido o brilho nos últimos dias. Ele parecia cansado e triste. Eu sabia que estava sofrendo do seu próprio jeito, mas quase nunca me deixava ver. Estava muito ocupado tentando fazer com que eu me sentisse melhor. Eu não tinha coragem de dizer a ele que nunca seria a mesma. Que estava quebrada. Que não poderia ser consertada.

Adrian olhou para o meu torso nu em estado de choque.

— Que diabos, Ainsley? — ele disse.

Pressionei meu peito nu contra o dele e passei a mão por seus lindos cabelos. Tentei guardar a suavidade deles em minhas mãos na memória. Suavemente toquei seus lábios, e Adrian soltou um gemido doloroso. Eu esfreguei meu corpo ao longo do dele e deslizei minha língua em sua boca, pronta para criar mais memórias, mas Adrian se afastou e agarrou meu rosto com as duas mãos.

— O que você está fazendo, Ains? — perguntou. Parecia confuso e um pouco zangado. — Você não está pronta. Isso não vai consertar as coisas. Vá colocar uma camisa e volte para a cama. — Ele se deitou de costas e respirou fundo algumas vezes.

Eu não saí da cama. Em vez disso, coloquei minha cabeça no peito de Adrian e passei meus dedos por cada elevação e músculo de seu torso. Apoiei-me no cotovelo e segurei seu rosto. Beije-o lentamente e depois encostei minha testa na dele.

— Por favor. Finja comigo, Adrian. — Era errado e manipulador. Eu sabia que aquelas palavras envolveriam seu coração. Eu sabia que ele me daria tudo o que eu queria se eu as usasse. — Vamos fingir que somos apenas um garoto e uma garota apaixonados. Que nossas vidas não foram dominadas pela tristeza e por um desgosto esmagadores. Que não estamos nadando em um mar de pesar sem fim. Por favor, me dê isso. Um momento de beleza em meio a tudo que é feio — implorei a ele.

Ele nos girou até se elevar sobre mim, o peso de seu corpo me pressionando deliciosamente contra o colchão. Sua expressão era sincera quando disse:

— Você não sabe, Raio de Sol, mas você me salvou. E isso pode levar algum tempo, mas vou te salvar também. Vou fazer tudo melhorar. Eu prometo — ele disse isso tão poderosamente, com tanta força, que eu quase acreditei nele.

— Por favor, Adrian — eu implorei.

Seus lábios capturaram os meus e me marcaram. Jurei que nunca esqueceria seu gosto e seu cheiro. Nunca me esqueceria de como sua boca me levou às estrelas. Ele acariciou cada centímetro da minha pele nua com a boca e as mãos

lentamente, saboreando-me como se eu fosse um presente raro. E quando tirou sua roupa, expondo-se a mim, olhei para o corpo daquele homem de tirar o fôlego até gravá-lo em minha mente. Eu não queria esquecer uma única polegada da figura de Adrian. Precisaria daquelas memórias em breve.

Eu me lembraria do peso pecaminoso dele entre minhas pernas.

As lágrimas em nossos olhos quando ele rompeu minha virgindade e me entregou a sua própria.

A plenitude impressionante de senti-lo completamente dentro de mim.

O lado selvagem de agir de forma completamente desinibida.

O som das nossas respirações e gemidos ecoando um no outro.

O calor do fogo que corria através de mim quando meu orgasmo chegou.

O rubor de sua pele quando seu orgasmo perseguiu o meu.

O som grave de sua voz enquanto ele sussurrava seu amor por mim.

Eu me lembraria de tudo.

Depois, deitei-me de frente para Adrian, traçando cada linha de seu lindo rosto até que ele adormeceu. Fiquei assim a noite toda, observando-o dormir até as quatro da manhã. Então, silenciosa e cuidadosamente saí da cama, vesti um short jeans, uma camiseta e chinelos. Peguei meu violino, meu telefone e o envelope que estava sobre minha mesa de cabeceira antes de dar uma última olhada em Adrian, que ainda dormia na minha cama. Caminhei até o quarto da minha mãe. Coloquei o envelope sob a porta fechada. Em seguida saí da casa e fui até a minha picape na garagem. Subi ao lado de duas mochilas grandes e coloquei meu violino em cima delas. Liguei o motor, lancei um último olhar à minha infância e parti no meio da noite como uma ladra. Porque era isso que eu era. Havia roubado algo precioso de Adrian, mas não me arrependia nem um pouco. Precisaria dessas lembranças, então eu as peguei.

Eu as estava levando comigo para colocá-las em uma pequena caixa. Cada cheiro, cada som, cada dor, cada sentimento. Eu as colocaria lá dentro, trancaria e guardaria em segurança dentro meu coração. Porque haveria dias em que me sentiria tão solitária, tão triste, sentindo saudades de casa e sentindo tanto a falta de Adrian, que precisaria abrir a caixa e trazê-las à tona. Para que pudesse lembrar e continuar. Para que pudesse recordar como era amar e ser amada.



Parte dois



Dias Atuais



Capítulo

11

Ainsley – 22 Anos

*C*ampos de algodão. O riacho ao entardecer, o sol rosado refletido na água. Um balanço azul. Vagalumes em frascos. As estrelas. Sacos de dormir. Uma fogueira. Uma piscina. Crianças nadando naquela piscina. Crianças. Cabelo castanho. Olhos castanhos. Sorriso maravilhoso. Lori.

Lori gritando. Uma cama de hospital. Bip. Máquinas soando por todo lugar. Tubos por toda parte. Bip. Grandes olhos vagos e negros. Um caixão. Lori dentro dele. Morte. Bip. Bip. Bip.

Levantei-me da cama com a mão no peito, sentindo como se meu coração estivesse batendo um milhão de vezes por minuto. Peguei meu telefone e desliguei o alarme. Oito horas. Toquei a frente da minha camiseta encharcada de suor enquanto me esforçava para manter minha respiração sob controle.

Respire fundo, Ainsley. Um. Outra vez. Dois. Mais uma. Três.

Melhor. Quase melhor. Despenquei sobre o meu travesseiro e afastei o cabelo molhado da minha testa com a mão. *Respire.*

Quando minha respiração finalmente se acalmou, saí da cama e fui para o banheiro anexado ao meu quarto no meu pequeno apartamento. Demorei o necessário, lavando meticulosamente meu cabelo e meu corpo com a água tão quente quanto possível. Precisava enxaguar o pesadelo, as lembranças ruins que ainda me atormentavam mesmo anos depois.

Saí do chuveiro e peguei minha toalha, secando-me. Olhei para a garota magra demais no espelho e me encolhi. Ela parecia patética, solitária e quebrada. Eu não queria ser aquela garota, então, comecei a pensar em consertá-la. Ou pelo menos tentar.

Peguei minha caixa de maquiagem debaixo da pia. Preparei meu rosto, apliquei a base e depois o pó. Fiz o contorno. Passei blush. Desenhei uma

sombra profunda e escura, em seguida, adicionei cílios falsos. Escureci minhas sobrancelhas e adicionei um vermelho-escuro aos meus lábios.

Usando minha chapinha, endireitei meus cabelos até que nem mesmo o menor cacho ousasse aparecer.

Olhei-me no espelho, naquela versão maquiada, e me senti mais forte e melhor. Eu não parecia comigo mesma. Estava vestindo minha armadura. Perfeito.

Coloquei minha calcinha e meu sutiã, peguei um vestido justo, preto e apertado, com mangas três quartos. Ele abraçava meu corpo dos ombros até os joelhos. Pus um par de brincos de argola de ouro, minhas sapatilhas pretas e me dirigi até a sala de estar.

Merda! Examinei com atenção minha sala de estar. Pedacos de papel, marcadores, tecidos e botões estavam espalhados por toda parte. Basicamente parecia que uma loja de artesanato tinha sido jogada lá dentro. Percorri o cômodo por inteiro e perdi a cabeça. Havia glitter em todas as almofadas do sofá. Kelly e eu já tínhamos conversado sobre isso. Glitter era o herpes do artesanato. Depois de ter essa merda em sua casa, você nunca consegue se livrar dela. Que se fodesse. Eu ia matá-la.

Mesmo tão irritada, não conseguia me sentir surpresa. Kelly adorava fazer aquele tipo de coisa. Ela ia até a loja de artesanato e comprava tudo. Que Deus a abençoasse, mas ela tinha grandes planos e, infelizmente, nenhum deles dava frutos. A menina sofria de um caso terrível de distúrbio de déficit de atenção. Havia projetos inacabados pela casa inteira, todos de ideias retiradas do Pinterest, e não importava o quanto eu tentasse controlá-la, ela sempre encontrava uma maneira de enfiar mais alguma coisa no apartamento, normalmente algo pela metade. Para piorar, muitas vezes não guardava seus pertences depois de suas maratonas da meia-noite. E me deixava louca.

Peguei o aspirador de pó e comecei a limpar todo aquele brilho. Deus, era muito. Mas mesmo enquanto limpava a bagunça de Kelly, não pude deixar de sorrir, porque apesar de louca, desorganizada, desleixada e desatenta, minha colega de quarto ainda era minha melhor amiga e a pessoa mais incrível, generosa e carinhosa que eu conhecia. Ela tiraria a camisa do corpo para te dar. Descobri isso no primeiro dia.

Quando cheguei à Escola de Música de Nashville, não tinha nada além da minha velha picape, duas mochilas e meu violino. Entrei nos dormitórios completamente perdida. Deixei para trás tudo que amava, a setecentos e quarenta quilômetros sudeste. Apavorada, nunca me senti mais sozinha em toda a minha vida.

Ao chegar ao dormitório designado a mim, a porta estava aberta, e, dentro dele, desempacotando suas coisas, havia uma fada minúscula. Aquela garota era ainda mais baixa do que eu, e seu cabelo preto tinha o corte de fadinha mais adorável. Ela era preciosa, e eu logo concluí por seu sorriso radiante e seus olhos bondosos que queria ser minha amiga.

— Oi. Eu sou Kelly Potter. Acho que seremos colegas de quarto, não é? — ela perguntou, erguendo as sobrancelhas.

Eu não queria fazer amigos. Estava lá para estudar, obter o meu diploma e continuar com a minha vida. Não queria estar perto de ninguém. Queria tocar violino e esquecer tudo e todos. Definitivamente, não desejava formar novos laços com pessoas que poderiam me deixar ou me machucar. Tivera o suficiente disso para durar uma vida.

Lancei-lhe um sorriso de boca fechada. Foi tudo que o que consegui.

— Sim. Eu sou Ainsley — disse baixinho, afastando-me de Kelly e indo para o meu canto do quarto.

Merda! Olhei para o colchão nu. Nem tinha pensado em levar lençóis, cobertas ou um travesseiro. Teria que comprar tudo, mas não naquele dia. Estava exausta por ter passado quase sete horas na estrada.

— O que você toca? Ou é cantora? — ela perguntou.

Eu não me virei. Apenas continuei olhando para aquele colchão. Estava manchado e irregular. Parecia velho e desgastado — assim como eu. Queria chorar por causa dele e pelo quanto me sentia suja e miserável, mas, em vez disso, respondi-lhe com "Violino".

— Jura? Isso é incrível — ela disse atrás de mim. Se notou minha tristeza, não deixou transparecer. — Eu sou percussionista. — falou, imitando o gesto do toque do instrumento.

Senti um lado da minha boca se curvar. Aquela menina minúscula tocava bateria. Era fofo e engraçado.

— Legal — eu disse em resposta, porque era verdade.

Passamos o resto do dia descompactando nossas coisas, e Kelly pareceu entender que eu não queria muita conversa, porque se manteve quieta. Naquela noite, depois que tomei banho e coloquei meu pijama em um dos banheiros comunitários, voltei para o meu quarto e encontrei lençóis limpos, um travesseiro e um cobertor na minha cama. Olhei de relance para minha colega.

— Você não trouxe nenhum lençol, certo? Quero dizer, notei que você desempacotou tudo, mas não fez a sua cama. Eu tenho algumas coisas extras. Não é grande coisa. — Ela desviou o olhar quando terminou a frase. Estava tentando não me deixar desconfortável.

Deus, eu cheguei a arfar.

— Obrigada — murmurei, enquanto me deitava nos lençóis cheirosos e encostava a cabeça no travesseiro macio. Virei meu corpo, de frente para a parede, e deixei as lágrimas caírem.

Eu não merecia sua gentileza. Eu era uma pessoa horrível. Não protegi Lori. Havia abandonado minha família, minha melhor amiga e o amor da minha vida, porque era uma vadia. Odiava a mim mesma, e pela forma como tinha tratado Kelly o dia todo, ela deveria me odiar também. Em vez disso, não fora nada além de gentil. Sim, eu era uma pessoa horrível.

Isolar-me deveria ser uma punição para mim. Só que minha personalidade destrutiva não desanimara Kelly de jeito nenhum. Em vez disso, ela me seguia como um cachorrinho perdido. Quando achava que eu não estava comendo o suficiente, trazia-me comida. Quando eu não tomava banho durante dias, ela me empurrava pelo corredor até os chuveiros. Quando considerava que eu precisava de ar livre, ela me forçava a pegar sol. Quando estava nos meus piores dias, ela praticamente me pegava no colo e me carregava. Ela se enfiou na minha vida, tocando bateria, com seu artesanato, e me obrigando a rir quando tudo que eu queria fazer era chorar.

Aquele primeiro semestre longe de casa quase me matou. Eu estava deprimida, sentindo falta da minha família e amigos. Sentia falta de Adrian acima de tudo, e minha caixa de memórias nem sequer funcionou. As lembranças só pareciam me deixar com mais saudade. Queria jogar fora todas elas, mas, em vez disso, via-me presa. Kelly fora minha salvadora naquele primeiro ano de faculdade. Era praticamente minha única amiga. Conhecia-me por dentro e por fora, e mesmo que eu agisse como uma vadia mal-humorada durante metade do tempo, ela me aguentava. Porque me amava. E entendia minhas lutas e inseguranças.

Queríamos sair dos dormitórios antes do nosso último ano e decidimos nos mudar para nosso pequeno apartamento de dois quartos. Já estávamos lá há um ano e o adorávamos, mas parte de mim ainda sentia falta de dividir um quarto real com Kelly. Três anos tinham construído um hábito difícil de perder.

Eu devia a minha sanidade à Kelly – minha vida, até. Então, limpar sua bagunça desleixada não era algo assim tão ruim.

Depois que terminei de limpar a sala, fui até a cozinha, comecei a preparar um café e arrumei um pouco as coisas por lá. O café terminava de ser preparado, e eu finalizava as tarefas domésticas quando Kelly saiu do quarto. Vestia uma camiseta rosa que preenchia sua pequena estrutura e descia até os joelhos. Seu cabelo curto estava uma bagunça. Porra, se ao menos eu conseguisse sair da cama com aquele aspecto fofo.

— Bom dia, Ains — ela cumprimentou enquanto se sentava no bar da cozinha, de frente para mim.

Coloquei duas fatias de pão na torradeira e olhei para ela incisivamente.

— Nós já conversamos sobre o glitter, Kelly. Há quatro anos falamos sobre isso. Você prometeu não usá-lo no nosso apartamento, e quase conseguiu cumprir por um ano inteiro. Por que fez isso? Por quê?

Sim, eu estava sendo um pouco dramática, mas era glitter, pelo amor de Deus, e sujara todo o nosso apartamento. Era como se o local tivesse sido infectado.

— Outro sonho ruim na noite passada? — Kelly perguntou, apontando para o pote de café.

Não fazia ideia de como ela sempre sabia, como conseguia ler através da minha maquiagem, direto do meu coração. Não sabia se tinha a ver com meus olhos assombrados, mas eu nunca conseguia enganar aquela garota.

Balancei a cabeça, mas rapidamente mudei de assunto.

— O glitter, Kells! Glitter por toda parte! É disso que estamos falando. — Uma torrada pulou, e eu esperei que ela voltasse a si.

Por fim, enquanto passava manteiga na torrada, ela disse:

— Desculpa, garota. Eu falhei na noite passada. Não pude evitar. Precisava enfeitar um página de scrapbook. Só ficou perfeita quando adicionei aquele pequeno toque de glitter.

Pequeno toque uma ova. Tinha glitter por toda parte.

Balancei a cabeça e dei uma mordida na torrada, entregando-lhe a outra.

— Pedi que não comprasse essas canetas com glitter. Eu sabia que elas seriam uma porta de entrada para drogas mais pesadas, e agora olhe para você. — Apontei para o brilho grudado no lado esquerdo do rosto dela. — Você está uma bagunça.

Kelly esfregou o rosto furiosamente e perguntou:

— Então, agora que você está livre como um pássaro, o que pretende fazer hoje?

Eu não estava nem perto de ser livre como um pássaro. Tinha me formado, é verdade, e a faculdade ficara no passado, mas ainda me sentia sobrecarregada com tudo o que precisava fazer.

— Tenho duas aulas de violino para dar, e, hoje à noite, vou tocar no Boots — respondi.

Kelly tinha um amigo que tocava numa banda de bluegrass e, às vezes, eles precisavam de um violino e uma voz de apoio. Quando isso acontecia, ligavam-me. Eu adorava tocar em Nashville. Era sempre incrível e animado, e me impedia de pensar. Tocar ainda era minha fuga. Bluegrass ou música clássica, eu

não me importava. De qualquer forma, era a minha cura.

— Você vai tocar com o Brooks hoje à noite? — ela perguntou com malícia em seus olhos.

— Meu Deus, desista disso, Kell. Qualquer homem que dê seu próprio nome à sua banda não é para mim. Não me entenda mal. O cara é bonito, mas é muito egoísta. E, sim, vou tocar com o *The Brooks Taylor Band* hoje à noite. Ele me ligou há alguns dias para perguntar, e eu preciso do dinheiro.

Kelly estava tentando limpar o brilho em seu rosto novamente quando disse:

— Ele não é egoísta. É um cara legal. E ele te liga porque quer te ver, não só porque precisa de apoio.

Revirei os olhos, mas ela continuou.

— Brooks gosta de você, querida. Dê uma chance a ele. Acho que é hora de tentar seguir em frente, sabe? Quero dizer, você não pode decidir nunca mais namorar. Sei que amava Adrian, mas...

Meu telefone tocou naquele exato momento, e eu não poderia ficar mais feliz com isso. Sorri para mim mesma quando dei a volta no balcão para pegá-lo. Esperava que fossem notícias sobre minha audição com a Orquestra Sinfônica de Nashville. Eu tinha enviado um vídeo e estava esperando por um feedback para realmente tentar uma chance. Também esperava que isso desse um fim na minha conversa com Kelly.

Ela poderia pegar aquele discurso e engoli-lo. Mesmo depois de todo aquele tempo, não me sentia pronta para namorar. Cheguei a tentar, mas simplesmente não consegui. Ainda amava muito Adrian e passei os últimos quatro anos idealizando o quão épico nosso relacionamento fora desde que éramos crianças. Eu sabia que nenhum outro homem poderia se comparar a ele.

Meu sorriso desapareceu quando olhei para a tela. Era Miranda. Novamente. Geralmente nos falávamos uma vez por mês, mas ela ligava todos os dias na semana anterior. Eu a estava ignorando. Falava com ela e com mamãe apenas uma ou duas vezes no mês por um motivo. Eu sabia que, se comesse a me aproximar e falar com elas o tempo todo, acabaria indo para casa. Parte de mim queria fazer isso, mas uma parte maior estava apavorada. Meu estômago se revirava com a ideia de voltar àquela cidadezinha e ver todos os lugares por onde eu e Lori passamos juntas. Simplesmente não conseguia.

— É Miranda de novo? — Kelly perguntou.

Balancei a cabeça e enviei a ligação para o correio de voz, que eu praticamente me recusava a verificar.

— E se for algo importante que ela precisa falar com você? Não acha que deveria ligar de volta? Ela tem ligado bastante ultimamente, e geralmente não

liga. — Kelly deu outra mordida na torrada. — Eu ligaria de volta, Ains.

Eu sabia que ela estava certa. Miranda não me pressionava para falar mais do que eu estava disposta. Era como se soubesse que eu tinha limites do que poderia suportar e que não estava pronta para voltar para casa. Não era de seu feitio ligar todos os dias em uma semana. *Merda.*

Deus, e se houvesse algo de errado com Adrian ou minha mãe? E se eu tivesse que voltar para lá? Sabia que era por isso que eu vinha evitando as ligações dela. Eu estava assustada.

— Vou ligar para ela mais tarde. Meu dia está muito cheio. — A desculpa saiu da minha língua com facilidade, mas tinha um gosto terrível. *Eu deveria ligar de volta naquele momento. Algo podia estar errado.*

Deixei Kelly em casa ainda de pijama e fui para minha primeira aula de violino. Agora que a faculdade terminara, eu teria que lecionar para ganhar dinheiro. Não iria mais receber a bolsa e precisava do dinheiro. Meu objetivo era dar aulas em tempo integral, ganhar a vida com elas e fazer um teste para a Filarmônica de Nashville. Era o que eu queria, mais do que qualquer coisa. Não seria paga por isso, mas ainda queria.

Depois das minhas aulas, voltei para casa, pratiquei a lista de músicas para o show no Boots e troquei de roupa, colocando um vestido curto jeans e botas de cowgirl marrons. Adicionei brincos de argola e um longo colar prateados e retoquei minha maquiagem. Estava quase pronta para sair quando ouvi o zumbido do meu celular, o que indicava que tinha recebido uma mensagem. Tirei meu telefone da minha bolsa gigante e dei uma olhada.

Miranda: Pare de evitar minhas ligações, Ains. É importante. Nós precisamos conversar.

Deus. Ela não ia desistir. Deveria ser algo muito ruim para ela estar me ligando assim, sem parar. Minhas mãos começaram a suar e meu coração galopou dentro do meu peito. Respondi de qualquer maneira, porque realmente não tinha escolha naquele momento.

Eu: Estou aqui. Desculpe, tenho andado muito ocupada ultimamente.

Enrolei uma mecha do meu cabelo alisado no dedo. *Por favor, não deixe que seja uma má notícia. Por favor.*

Miranda: Eu realmente preciso falar com você pelo telefone. Mensagens de texto não vão adiantar, meu amor.

O medo me preencheu. Deveria ser algo muito ruim se Miranda não queria me falar por mensagem. Arrumaria um tempo para conversar com ela no dia seguinte. Eu precisava sair para o show. Estava mentindo para mim mesma. Queria adiar a conversa, porque não conseguiria lidar com o que ela tinha para me dizer.

Eu: Posso ligar para você amanhã? Estou de saída. Vou tocar esta noite.

A resposta voltou tão rápido que eu sabia que ela deveria ter apenas digitado e apertado enviar.

Miranda: Não. Você está me evitando há dias. Atenda o maldito telefone.

Assim que terminei de ler a mensagem dela, meu telefone começou a tocar.

Eu atendi ao telefone com um grunhido:

— Ei, Miranda.

— Ei, Ains — ela suspirou no telefone. Parecia aliviada e imediatamente me senti culpada. Deveria ter atendido dias atrás.

Mordi a isca e derramei meus pensamentos:

— Você tem más notícias para mim, certo? É por isso que vem ligando sem parar? — Sentei-me na minha cama, tentando me preparar, esfregando minhas mãos suadas no meu vestido.

— Ainsley, eu tenho ligado há dias porque você precisa voltar para casa. Sei que não quer, mas precisa. Vou começar dizendo que sua mãe está bem e os médicos disseram que o prognóstico é muito bom, mas ela descobriu um nódulo no seio no mês passado.

Ofeguei no telefone, e Miranda fez uma pausa. Não! Isso não poderia estar acontecendo. Deus não ousaria tirar minha mãe de mim depois de tudo que eu tinha passado. Ele não ousaria. A cama rangeu enquanto comecei a me balançar para frente e para trás, meu corpo negando o que minha mente sabia ser verdade.

Escutei atentamente quando Miranda continuou:

— É câncer, definitivamente, mas os médicos realmente acham que, quando a quimioterapia acabar e o tumor estiver um pouco menor, eles poderão fazer uma cirurgia, e ela se livrará dele completamente. Eles acham que vai ficar tudo bem, Ains. Acham mesmo. Então eu não quero que você entre em pânico. OK?

Pânico? Sim, eu estava completamente em pânico. Sentia como se houvesse alguém sentado sobre o meu peito. Ou alguma outra coisa. Como um elefante. Sim, havia um elefante sentado no meu peito, e eu sentia que não conseguia respirar. Tentei tomar fôlego. Não fui capaz, então tentei de novo.

— A quimioterapia começou há algumas semanas — ela continuou. — Imaginei que ligaria para você para que voltasse para ajudá-la, mas toda vez que pergunto, ela diz que está tudo bem e que não quer te incomodar. Você tem que vir para casa, querida. Ela precisa de você. A quimioterapia a deixa mal, e ela não pode cuidar de si mesma, mas nunca vai te pedir. Nunca. Então eu estou pedindo. Venha para casa, Ainsley. Por favor?

Porra. Ela já estava fazendo quimioterapia e nem tinha me contado. Eu precisava me controlar pela minha mãe; precisava começar com a minha respiração. Engoli o ar lentamente, enquanto contava até três.

— Ainsley, você está bem? Diga algo. Está me assustando — Miranda sussurrou do outro lado da linha.

Meu nariz ardia, e eu sabia o que viria a seguir, então, decidi por uma resposta rápida e objetiva. Precisava sair daquele maldito telefone para poder chorar sozinha.

— Estarei em casa em alguns dias — disse rapidamente e desliguei o telefone. Deitei-me na cama, enterrei meu rosto no meu travesseiro e gritei contra ele.

Seria algum tipo de piada? Será que estava sendo punida porque não voltava para casa há quatro anos? Gritei de novo enquanto apertava o travesseiro em volta da minha cabeça com as duas mãos.

Senti mãos balançando meus ombros, mas continuei chorando contra meu travesseiro.

— Ainsley, o que há de errado? Adrian? Sua mãe?

Minhas orelhas estavam abafadas pelo travesseiro, mas ainda podia ouvir Kelly tentando obter respostas. Sua mão quente esfregava minhas costas, e eu continuei deitada, deixando que me acalmasse, porque me sentia mal e precisava do conforto. Minha mãe estava doente. Muito doente. E se ela morresse? E se ela me deixasse como Lori fizera? Como eu poderia sobreviver a outro golpe como esse?

Quando fiquei mais calma, sentei-me e olhei para Kelly, limpando freneticamente os olhos.

— Minha mãe. Ela está doente. Câncer de mama — murmurei através das minhas lágrimas.

Era fácil perceber que Kelly ficara chocada. Podia ver em seus olhos que até ela ficara surpresa com o fato de a vida ter jogado aquele tipo de coisa sobre mim. Ela colocou os braços ao meu redor, abraçando-me com força, e, mais uma vez, eu deixei. Precisava disso, e ela era a única pessoa no mundo que me conhecia. Eu não teria essa sorte quando chegasse em casa. Não havia mais ninguém lá que me amasse assim. Cortei aquelas relações no dia em que saí.

Oh, Deus. Voltar para casa.

Isso significava que eu teria que ir para casa e não havia escolha. Podia sentir o começo de um tremor nas minhas pernas. Iniciou nos meus pés, subiu pelas minhas pernas e, finalmente, meu corpo tornou-se um caos. Merda. Se eu retornasse, teria que voltar para a mesma casa, repleta de memórias. Teria que ver Miranda e Adrian. Adrian. Com certeza ele não me amava mais. Afinal, eu o havia abandonado logo depois da primeira vez em que fizemos amor. Ele nunca veio me procurar nem me ligou. Parte de mim esperava que me perseguisse e me levasse de volta para casa – ou que pelo menos ligasse, mandasse mensagem ou

algo assim –, mas não fizera nada disso. Não tentou entrar em contato comigo uma única vez. Eu o conhecia bem o suficiente para saber que isso significava que estava tudo terminado.

Eu o encontraria em nossa cidadezinha. Será que o pai dele ainda morava perto da minha mãe? Se sim, eu o veria o tempo todo, e ele enxergaria através de mim. Eu tinha certeza disso.

Isso nem era o pior. A parte horrível era que eu teria que dormir naquela casa. Olhar para aquele quintal. Para o riacho. Tudo me lembrava dela. Senti que começava a desmoronar.

Agarrei Kelly com mais força.

Ela disse:

— Tudo bem, Ainsley. Vai dar tudo certo.

Eu me afastei do seu toque e olhei para minha amiga.

— Não, não vai ficar bem. Vou ter que voltar para casa, Kelly. Mas não posso ir. Não estou preparada.

Kelly agarrou meus ombros, segurando-os com força.

— Foda-se, Ainsley. Você está pronta. Faz quatro anos desde que ela morreu e agora sua mãe precisa de você. É hora de ir para casa. Já terminou a faculdade. Não tem razão para não voltar e ficar com ela. E você, mais do que ninguém, sabe com que rapidez um ente querido pode ser arrancado da sua vida sem aviso prévio. Agora, vá em frente, chore e desabafe, porque amanhã vamos fazer suas malas. Pode gritar até colocar esse apartamento abaixo hoje, mas amanhã você estará muito ocupada. Entendeu?

Foi isso que eu fiz. Cancelei meu show com Brooks e fiquei na cama o dia todo, chorando pela minha doce mãezinha, a quem não via há quatro anos. Chorei por Adrian, que eu havia abandonado. Chorei por Miranda, de quem eu mal retornava ligações. E chorei por mim, porque minha mãe estava doente – e porque estava voltando para casa, aterrorizada.





Capítulo

12

Adrian

Eu podia me lembrar da última vez em que vi Ainsley James como se fosse ontem. Nós compartilhamos um dos momentos mais importantes da minha vida de adolescente. Um momento que eu estava esperando para dar a ela desde que tinha treze anos de idade, quando comecei a notar a curva de seus seios e o longo e suave comprimento de suas pernas fantásticas. Quando percebi que minha garota começava a se tornar uma mulher linda. Eu sempre a amei, mas nunca havia percebido o quanto a queria. E eu finalmente a tive naquela noite. Estávamos profundamente enraizados em nossa dor, mas fora incrível. Fora um terremoto, como eu sabia que seria.

O cheiro dela, do meu raio de sol, pairara pesadamente no quarto junto ao profundo e almiscarado aroma do sexo. Sentia sua bunda pressionada confortavelmente contra o meu pau já duro novamente. Eu a teria tomado de novo e de novo – o tempo inteiro –, mas podia sentir que ela não estava pronta para isso. Pensei que nunca me cansaria dela, mas isso não importava, porque, na minha cabeça, eu a teria sempre. Haveria muito tempo para possuí-la de corpo e alma.

Mentira.

Eu sussurrei que a amava. Sonhos de salvá-la, de curá-la – curar a nós dois juntos – me assombravam. Nós lidaríamos com isso, através da força e da resistência inesgotável do nosso amor. Nosso amor me manteve perseverando muitas vezes. Ele me impediu de mergulhar em um poço de desespero nos primeiros anos depois que eu perdi minha mãe e minha irmã. Nosso amor tornou o abuso do meu pai suportável. Eu não teria sobrevivido àquele tempo sem isso. Não poderia falhar conosco agora.

Mas ela arrancou todos esses sonhos. Ela fugira, deixando-me emaranhado

em seus lençóis, com o cheiro de seu sexo ainda em minha pele. O sol que entrava pelas cortinas me acordara. Minha mão tocou o lençol frio ao meu lado, em vez de tocar em Ainsley. Girei minha cabeça em direção ao travesseiro e inspirei o que ela deixou.

Quando analisei a situação, soube imediatamente. Sentei-me na cama e olhei ao redor, percebendo que estava tudo muito quieto. Imediatamente notei o desaparecimento de seu violino, e o pânico me atingiu. Peguei meu short, vestindo-o com pressa, e corri para a sala, ficando cara a cara com Jessi, seu roupão azul e sua expressão magoada, que permaneceu congelada no tempo em minha mente todos esses anos depois. Ela segurava uma folha de papel branca, a mão sobre a boca como se estivesse tentando evitar que os soluços escapassem. Rios de lágrimas corriam por seu rosto, e eu soube.

Ela se foi. Deixou a todos nós. Porra, foi doloroso. Ainda doía, aliás.

Ainsley era a única pessoa na minha vida que nunca esperei que pudesse me deixar. Eu soube, desde a primeira vez em que a vi, que ela era para mim. Desde que a vi fazendo guerra de lama naquele riacho com Miranda, com seus doces cachos emaranhados e imundos, sua covinha aparecendo com sua risada. Parecia ridículo quando eu pensava a respeito, mas soube, em nosso primeiro encontro, que aquela garota seria o meu começo e o meu fim. E quando ela virou aqueles olhos verdes na direção dos meus, compreendi que faria qualquer coisa para mantê-los brilhando. Nosso relacionamento apenas solidificou em minha mente o que meu coração já sabia. Ela era o amor da minha vida.

Ainsley era minha constante, minha salvação, em um mundo de surpresas desagradáveis e chocantes que me pegavam desprevenido a cada momento. Eu não conseguia me afastar da escuridão a menos que estivesse com aquela garota. Ela fora o meu lado bom. Minha luz. Meu tudo. Mas, agora, era meu nada.

Miranda: Ela está voltando para casa.

A mensagem que recebi naquela manhã abalou o meu mundo. Não me sentia pronto para encontrá-la, mas sabia que seria apenas uma questão de tempo. Ela já deveria ter voltado para casa há semanas. Apavorado, já estava prevendo o momento. Previa, porque Jessi estava doente, e eu sabia que ela queria a filha em casa mais do que tudo. Eu a amava o suficiente para desejar isso também. Mas estava com medo, porque meu relacionamento com Ainsley era exatamente o que era: porra nenhuma. E não houve um tempo, desde que eu tinha oito anos de idade, onde nós não havíamos sido algo um para o outro – exceto os anos em que passamos separados. Eu não sabia como não ser algo para ela, mas teria que aprender, porque...

Que *tudo* se fodesse. Que *ela* se fodesse.

Pousei minha xícara de café no balcão e passei as mãos pelo cabelo. Merda.

Eu me recusava a permitir que Ainsley fizesse aquilo comigo. Ela não conseguiria me afetar de novo.

Peguei meu telefone sobre o balcão e acessei as informações de contato de Greta antes de enviar uma mensagem rápida para ela.

Eu: Minha casa. Esta noite.

Eu sabia que ela viria. Sempre vinha. Greta e eu estávamos saindo há alguns meses. Não era sério, e fiz questão de deixar isso bem claro desde o início. Eu não tinha tempo nem disposição para relacionamentos sérios, mas gostava imensamente do corpo dela.

Meu relacionamento com Greta era pessoal e profissional. Tinha acabado de me formar bacharel em artes plásticas pela Universidade da Carolina do Sul quando um ex-professor me colocou em contato com Henry, o dono de uma galeria no centro de Columbia. Meu professor notara meu talento para pinturas vibrantes e únicas em aquarela, e passou minhas informações. Greta era a filha de Henry e a gerente da galeria. Henry deu uma olhada nas minhas pinturas e me chamou de ousado. Disse que meu trabalho me levaria longe. Eu sabia que ele estava esperando fazer dinheiro comigo, e eu precisava de grana o mais rápido possível. Naquela época ainda vivia da escassez da minha bolsa estudantil. Ele me ofereceu a chance de expor meu trabalho, e eu a agarrei.

Também acabei agarrando Greta, porque ela era linda. Tinha um par de seios fantásticos e uma bunda que enchia minhas mãos grandes. Ainda faltavam dois meses para minha exposição, mas eu estava trabalhando em algumas novas peças para ela. Entre o estresse de cuidar de Jessi e a exibição, dois meses não pareciam tempo suficiente para fazer tudo o que eu queria fazer.

Eu peguei meu telefone e vi que Greta tinha me mandado uma resposta.

Greta: Claro, baby.

Abri um sorriso, porque Greta era descomplicada, e eu precisava disso na minha vida. Não precisava de drama, mentiras e problemas de relacionamento. Precisava transar, e ela estava feliz em me satisfazer.

Fui para o quarto de hóspedes do meu apartamento de dois quartos. Transformei aquele cômodo em um estúdio de arte imediatamente após me mudar, no meu último ano de faculdade. Era uma bagunça, mas era meu. Uma grande mesa de metal ficava no canto, abrigando meu computador e o monitor de tela grande que às vezes usava para trabalhos de design gráfico. O espaço estava cheio de papéis, grafites, pincéis, paletas de tinta e trapos. Eu não era exatamente o mais organizado quando estava concentrado.

Dirigi-me à grande mesa de desenho próxima à janela, no meio do cômodo. Do outro lado dela havia um velho futon de metal com mais bagunça em cima. Senti a criatividade fluindo, então, imediatamente peguei um lápis de desenho e

o pousei no papel aquarela.

Antes que eu percebesse, já tinha o esboço de uma mulher. Não dava para ver o seu rosto, pois estava de perfil e se inclinava para o céu, mas suas costas se inclinavam para trás com uma curva deliciosa que empinava seus seios. Os cabelos grossos e ondulados se espalhavam por todo o corpo e chicoteavam o ar, conforme o vento soprava.

Adicionei tinta e água. Então eu sequei. Estava quase terminando quando ouvi:

— Querido, cheguei em casa.

Eu não era seu amor, e ela definitivamente não estava na casa dela, mas gritei de qualquer maneira:

— Estou aqui atrás!

Miranda colocou a cabeça na fresta da porta e sorriu para mim.

— O que você está fazendo? — ela perguntou. Arrastou uma tonelada de bagunça e se jogou no futon.

— Só pintando. Senti a criatividade começar a fluir, então, decidi passar o dia aqui. O que você tem feito? — respondi enquanto continuava a trabalhar.

Desde que Ainsley fora embora, Miranda e eu nos tornamos próximos. Nós nos apoiamos em nossos momentos difíceis, porque a dor era esmagadora demais, e a pessoa da qual dependíamos nos abandonou. Quando alguém te vê no mais profundo nível de depressão, isso tende a forjar uma base sólida para uma amizade verdadeira. E foi o que aconteceu comigo e com Miranda. Por mais irônico que pudesse ser, tive a sorte de ter aquela garota louca para ajudar a me manter com os pés no chão.

Miranda se levantou e ficou ao meu lado, olhando para minha mais nova peça. Ouvi sua respiração profunda, mas tentei ignorá-la. Tentou tocar o cabelo da modelo, e eu empurrei a mão dela.

— Ainda não está seco, sua doida! Não toque — eu disse.

Ela afastou os olhos da pintura e me olhou.

— É linda. Um dos seus melhores trabalhos — sussurrou. Ela se inclinou para trás, estudando pensativamente a pintura um pouco mais, e então virou-se para mim. — Está bem. Vai ficar tudo bem. Você sabe disso, não sabe? — perguntou quando colocou os braços em volta da minha cintura, puxando-me para um abraço.

Eu queria rir dela, fingir que não sabia do que diabos estava falando. Queria dizer que claro que iria ficar tudo bem, porque eu tinha superado Ainsley e sua volta para casa não iria me afetar de forma alguma. Mas não consegui. Não podia mentir assim para Miranda. Nós não nos tratávamos desta forma. Eu não queria estragar um dos únicos bons relacionamentos que tinha em minha vida

com inverdades, e, por causa disso, envolvi meus braços ao redor dela também, deixando-a me consolar. Não disse nada, porque por mais que não desejasse mentir, a verdade era muito difícil.

Olhei para a pintura por sobre o ombro de Miranda. Nenhum de nós dois precisava ver o rosto da garota para saber quem era. Eu podia ver, claro como o dia, nos tentáculos suaves de cor de trigo de seu cabelo cacheado e bagunçado pelo vento. Estava no modo como ela mantinha seu corpo arqueado, como se estivesse pronta para o mundo. Aquela era a Ainsley do meu passado, seus braços abertos, prontos para absorver todas as facetas do universo, abraçando-o, o tempo todo cuidando dele e agarrando-o com vontade. Aquela garota não era uma fugitiva. Mas a Ainsley da pintura não existia mais, era apenas uma lembrança que eu carregava no meu coração.

Miranda não perguntou se era Ainsley, mas nem precisava. Ela estava tão linda diante de um mar de algodão, o sol poente dando tons de azul, lavanda e rosados aos campos. Era um dos meus melhores trabalhos, e eu odiei isso. Não desenhava ou pintava Ainsley há quatro longos anos, e parecia catártico fazê-lo. Era assustador como o inferno.

Porra. Não, eu não estava bem.

Afastei-me de Miranda e tomei seu lugar no futon, colocando uma perna sobre a outra, fingindo indiferença. Esforcei-me para parecer despreocupado, enquanto, por dentro, sentia-me como uma mola tensa, pronta para explodir a qualquer momento.

— Você tem que dar o fora daqui, senhorita. Terei um encontro bem quente esta noite — eu disse a Miranda, erguendo minhas sobancelhas.

Seu lábio superior se curvou em desgosto enquanto se remexia ainda mais no futon. Sentou-se ao meu lado e disse:

— Greta, de novo? — como se o nome tivesse um gosto amargo em sua boca.

— Sim — disse, prolongando o I para dar um efeito. — O que você tem contra Greta, afinal? — perguntei com um sorriso.

Eu sabia o que ela tinha contra Greta. Precisava ouvir aquela merda quase todos os dias, mas isso a afastaria do assunto Ainsley, sentimentos e todas as outras besteiras das quais eu não queria falar.

Miranda estalou a língua, suspirou e recostou-se no futon.

— Adrian, você sabe exatamente o que eu tenho contra Greta! Ela é uma loira superficial com peitos falsos. Sabe o que você deveria me perguntar? — Miranda me olhou incisivamente. — Você deveria me perguntar o que eu gosto nela, porque essa é uma resposta fácil. Nem uma única coisa. Nada. Nadinha. Zero.

— Lá vamos nós — eu murmurei enquanto suspirava, esfregando meus dedos em meus olhos com tanta pressão quanto podia aguentar. Talvez devesse tê-la deixado falar sobre nossos "sentimentos", porque parecia estar indo em direção a um território perigoso. O tipo de território que envolvia tangentes para as quais eu não tinha tempo. Tangentes eu conhecia muito bem.

Miranda se levantou do futon.

— Você acabou de dizer: 'Lá vamos nós'? — ela repetiu minhas palavras em um tom profundo de voz de urso que me fez rir.

Se eu tivesse que interpretá-la por sua linguagem corporal, teria adivinhado que Miranda não estava muito satisfeita com a minha risada, porque apontou o dedo na minha cara e se postou sobre mim. Recuei um pouco, porque aquela garota podia ser seriamente assustadora quando irritada.

— Quer saber de uma coisa, Adrian? Eu não me importo se quer ouvir ou não, mas essa garota não é boa o suficiente para você. E se, que Deus me proteja, eu tiver que te dizer isso pelo resto da sua vida, vou dizer. Ela é uma merda. Você, não. Você merece mais. Merece o melhor, porque você é o melhor. E só a nível de esclarecimento. — Nivelou a mão direita bem baixo: — Ela é nota um. — Miranda ficou na ponta dos pés e levantou a mesma mão o mais alto que podia. — Você, meu amigo, é nota dez. — Então, pousou as mãos nos quadris e perguntou, enquanto olhava para a minha pintura: — Adivinha quem mais é nota dez? — Pegou sua bolsa de cima do futon e se virou em direção à porta. — Para seu governo, estou indo embora. Quando uma garota faz um discurso épico como esse, deve completá-lo com uma saída triunfal. — Inclinando-se, ela me beijou na bochecha e murmurou: — Te amo, querido. — E, como a tempestade que era, saiu da minha casa em um flash.

Quando ouvi a porta da frente fechar, soltei um suspiro de alívio.

— Jesus, essa garota é louca — murmurei para o quarto vazio.

Arrastei-me para fora do futon e segui até o meu quarto. Precisava de um banho e de roupas limpas, porque tinha planos para aquela noite. Esses planos envolviam deixar Greta nua e me perder entre suas pernas. Eu precisava esquecer Ainsley. Precisava esquecer o fluxo de adrenalina que me inundara depois da mensagem de Miranda. Precisava me lembrar de como fui abandonado e de como estava feliz sem ela.





Capítulo

13

Ainsley

Eu já sentia falta de Kelly. Passamos os últimos cinco dias empacotando minhas coisas e preparando minha viagem para casa. Quando saí, minha amiga me abraçou mais vezes do que julguei apropriado, e quando lhe disse isso, ouvi que deveria calar a boca e que ela iria me visitar em breve. Desejei que pudesse me acompanhar, porque eu estava apavorada e sentia como se estivesse oscilando no dilema de: *eu posso fazer isso e estou perdendo a porra da cabeça*.

Diminuí a velocidade quando me aproximei da placa de "Bem-vindo a Gilbert". Parei no acostamento e olhei ao redor. Tudo parecia igual. Os campos de tabaco e algodão cobriam cada lado das ruas até onde os olhos podiam ver, como sempre fora durante toda a minha vida. Mas olhares eram muito enganadores, porque nada naquela cidade seria igual, principalmente porque eu estava diferente.

Reuni um pouco de coragem, voltei à estrada e então segui para a casa da minha mãe. Levou apenas dez minutos até que eu entrasse na garagem, estacionando atrás do velho Volvo. A doce casinha onde morei parecia não ter mudado nem um pouco. Mamãe obviamente ainda cuidava bem do quintal, porque a grama parecia recém cortada e havia lindas flores de verão alinhadas na calçada.

Não pude evitar olhar na direção da casa de Adrian. Imaginava que ele provavelmente não morava mais lá, mas era automático virar minha cabeça naquela direção. O velho sedã prateado que o pai dele costumava dirigir estava logo na frente, o que me dizia que ainda morava lá. Olhei além da cerca de arame e vi a piscina. Havia uma capa preta sobre ela, e eu me perguntei se ainda era usada. Sorri por causa das boas lembranças e imediatamente me senti culpada por isso. Eu estava em casa. Lori se fora, e, para piorar as coisas, eu

havia abandonado todos os que me amavam. Não havia motivos para sorrir.

Peguei meu violino e minha bolsa, mas deixei o resto das minhas coisas no carro. Voltaria para pegá-las depois. Andei até a porta e hesitei antes de girar a maçaneta, porque não parecia certo. Aquela não era mais a minha casa. Eu tinha perdido o direito de apenas entrar, então, toquei a campainha e recuei.

Ouvi o som da porta sendo destrancada e senti meu rosto queimar. Eu nem tinha ligado para dizer que estava voltando para casa. E se ela não me quisesse ali? E se fosse tudo um erro?

A porta se abriu, e logo vi minha mãe. Não percebi o quanto senti sua falta até pôr os olhos nela. Seu cabelo quase grisalho estava preso em um coque no alto da cabeça, e ela vestia uma camiseta e short jeans. Parecia um pouco mais magra e um pouco mais velha. Não usava nem um resquício de maquiagem, mas aquela era a minha mãe. Era bom saber que não mudara muito durante minha ausência.

— Ainsley? — ela arfou. O choque se desenhou em todo o seu rosto, mas eu não sabia dizer se era do tipo bom ou ruim.

Não tive que esperar muito para chegar à conclusão, porque ela me agarrou pelos ombros e rapidamente me puxou para um forte e longo abraço. Pude ouvi-la fungando. Pude sentir seu peito se movimentando contra o meu em um esforço para controlar suas lágrimas.

— Sim, mamãe. Eu estou em casa — murmurei contra seu cabelo.

O cheiro de lavanda me envolveu como um casaco confortável. Eu não merecia aquele lindo regresso, mas, ainda assim, absorvi tudo. Fazia muito tempo desde que minha mãe me abraçara daquela forma. Parecia pleno e perfeito. Parecia como uma volta para casa deveria se parecer.

Quando ela finalmente recuou, agarrou meu rosto com as duas mãos. O dela estava vermelho e coberto de lágrimas, mas nunca a vi mais bonita. Parte de mim ficou chocada com o quão feliz me sentia em vê-la. Tinha perdido tanto tempo e energia evitando as más lembranças daquele lugar que as outras, boas, doces e preciosas, acabaram desaparecendo também.

— Por que não me disse que estava voltando para casa? Eu teria preparado as coisas para você — disse ela.

Minha mãe maravilhosa, sempre tentando cuidar de mim. Só que naquele momento eu seria forte. Eu cuidaria dela. Estaria ao seu lado e compensaria toda a ausência.

— Por que você não me disse que eu precisava voltar para casa? — perguntei. Vi quando sua expressão tornou-se tristonha, enquanto processava a minha pergunta.

— Ah, eu sabia que aquela intrometida te ligaria. Ela não consegue parar de

se intrometer nos assuntos dos outros — disse, enquanto me arrastava para dentro da casa pela mão.

Tudo parecia exatamente igual. Cheirava exatamente igual também. A mobília. As cortinas. Nada havia mudado. Nada além de mim. Eu era a intrusa. Olhei para o corredor, em direção ao quarto de Lori, e notei que a porta dela estava fechada. Esperava que continuasse assim.

— Mamãe, você ama Miranda, então pare. Por que não me ligou? Eu teria voltado para casa imediatamente — disse com suavidade. Não queria castigá-la ou fazê-la se sentir mal, mas também queria que soubesse que eu a amava e que queria estar ao seu lado.

— Eu amo Miranda, e ela tem sorte por isso, porque estou zangada agora. Ainsley, eu sabia que você não queria voltar para casa. Se quisesse, teria vindo. Eu não pretendia te incomodar. Tem muitas coisas boas para você em Nashville. Você não precisa de uma mãe te prendendo aqui.

Eu não queria explicar por que não pude voltar ou porque não vinha para casa há muito tempo, mas queria que ela soubesse o quanto ainda significava para mim.

— Mamãe, eu faria qualquer coisa por você. Sabe disso, não sabe? — perguntei, apertando sua mão.

— Eu sei, e foi exatamente por isso que não liguei para você. Quando fui lá te ver, fiquei muito orgulhosa de tudo o que você estava fazendo — disse ela, entrando na cozinha. — Agora, o que posso preparar para você comer? Sei que deve estar com fome depois dessa longa viagem.

A mulher era louca se pensava que eu ia deixá-la cozinhar para mim enquanto não se curasse. Eu estava lá para fazer a comida, a limpeza e qualquer outra coisa que precisasse.

— De jeito nenhum, mãe. Você não vai cozinhar nada para mim. Saia do caminho e me deixe preparar um jantar para nós. Estou aqui para te ajudar, lembra? Então, afaste-se do fogão agora mesmo. — Olhei ao redor da cozinha e notei que nada havia mudado ali também. Era doce, mas triste. — O que você está com vontade de comer? — perguntei.

Ela sorriu para mim e encostou-se no balcão em frente ao fogão.

— Que tal biscoitos e pasta? — ela perguntou.

Senti meu nariz começar a arder com as lágrimas, então, virei-me para a geladeira, abrindo-a e enterrando prontamente meu rosto dentro dela. Respirei profundamente enquanto pegava as coisas que precisaríamos para fazer os biscoitos.

Quando me virei para minha mãe, ela ainda sorria para mim e, mais uma vez, lembrou-me o quanto senti falta dela e como tinha sorte de ainda tê-la.

Também me fez lembrar que talvez minha vida não fosse tão terrível, porque ainda existiam pessoas que me amavam e perdoavam minhas falhas.

— Biscoitos e pasta, né? — eu disse alegremente. Inclinei-me para perto da minha mãe e sussurrei: — Se você se comportar e permitir que eu cozinhe tudo, posso até te deixar derramar o leite.

Seu sorriso se alargou mesmo quando as lágrimas encheram seus olhos.

— Combinado — ela sussurrou de volta para mim.



Eu já estava em casa há três dias. Três dias em que consegui não encontrar Adrian Davis, e estava muito feliz com isso. Sabia que, se o visse e ele me evitasse, meu coração já destruído seria partido em um milhão de pedaços, então, apenas o evitei. Às vezes olhava para sua casa, para os balanços da varanda da frente à noite. Perguntava-me o que estaria fazendo. Se existia uma namorada e se ela o amava tanto quanto eu. Teria ido para a faculdade? Ainda desenhava e pintava? Muita coisa podia mudar em quatro anos.

Tentava imaginar se ele sabia que eu estava em casa, e então me lembrei de como o abandonei. Sim, ele provavelmente sabia que eu tinha voltado e não se importava nem um pouco. Não podia culpá-lo. Foi uma escolha minha.

No primeiro mês em que liguei para mamãe de Nashville, ela tentou me atualizar sobre Adrian. Eu educadamente disse que não queria saber. Era mais fácil fingir que ele não existia do que imaginá-lo lá sem mim. Ela tentou novamente alguns meses depois e, novamente, recusei qualquer informação. Então, quando me pegou olhando para os balanços de sua antiga casa na noite anterior, olhou para mim interrogativamente, como se não entendesse o que eu queria saber. Acho que ela tomou o meu silêncio como consentimento, porque olhou para a casa de Adrian e disse:

— Ele não mora mais ali, querida.

Isso eu já tinha concluído por mim mesma, porque não o vi desde que cheguei em casa, então, não lhe dei resposta. O que havia para dizer? Eu nem sequer merecia aquelas poucas informações, por isso não exigi mais. Ainda assim, várias perguntas passaram pela minha cabeça. Estava agindo como uma garota imatura. Queria saber, mas não queria. Queria saber, porque ainda o amava. E não queria saber, porque tinha certeza de que ele não me amava mais. Como poderia?

Eu provavelmente teria respostas, querendo ou não, porque iria me encontrar com Miranda em exatos dois minutos. Abri a porta do Beau's, um barzinho que servia comida gordurosa. Miranda escolhera o lugar. Ligara na

noite anterior e pedira para me ver para que pudéssemos "conversar", e já que mamãe não estava se sentindo mal, eu realmente não tinha uma razão para não ir. Além disso, ficar dentro daquela casa começava a me fazer mal. Evitava o quintal e o riacho, mas não podia fugir das fotos na parede ou das lembranças que me acompanhavam em todos os cômodos da minha casa de infância. Aquelas memórias surgiam sem aviso, fazendo-me sorrir enquanto me matavam lentamente por dentro. Era uma mistura terrível de nostalgia e agonia, mas sobreviveria a isso por minha mãe. Não deixaria que percebesse. Ela já tinha muito com o que lidar naquele momento.

O Beau's cheirava a cerveja velha e comida frita, e as solas das minhas botas grudavam no chão enquanto eu entrava, mas era um dos únicos lugares para onde podíamos ir depois das nove da noite naquela cidadezinha. Sentia-me um pouco bem vestida demais para o lugar, mas precisava da minha armadura, então, tinha escolhido um vestido branco de verão, botas e alisei meu cabelo. Maquiara meu rosto com olhos escuros e esfumados, além de um batom nude.

Esperava que mamãe ficasse bem enquanto eu estivesse fora. Ela não realizara nenhum tratamento desde que cheguei em casa e parecia estar bem. Tínhamos passeado, assistido TV durante o dia e ficado abraçadas no sofá. Foram alguns bons dias de reconexão.

Vi Miranda nos fundos, segurando uma caneca de cerveja e com uma tigela de frango frito à sua frente. Usava um chapéu branco e uma camiseta azul. Diminuí o ritmo dos meus passos conforme me aproximava. Deus, eu estava nervosa, e isso me deixou triste. Não deveria ser assim, mas eu fui a culpada pelo que fiz a mim. E a ela.

Miranda sorriu e levantou-se quando me viu. Eu não sabia o que esperar, mas certamente não imaginava o abraço de urso que recebi ou o "Putá merda, você está magra!" que se seguiu. Acho que esperava que ela se mostrasse um pouco chateada, mas deveria saber que Miranda não guardava rancor.

Nós nos sentamos à mesa, e eu me encolhi sob a avaliação de Miranda.

— Deus, você está diferente, Ains — disse ela. Não parecia muito satisfeita com as mudanças.

Olhei para o meu vestido e minhas botas. Parecia tudo certo. Comecei a me perguntar se minha maquiagem tinha resistido ao calor.

Miranda deve ter captado a minha preocupação, porque disse imediatamente:

— Quer dizer, você não está mal. Só não se parece mais com você. Só isso.

Soltei um suspiro de alívio. Isso era bom, pensei. Não queria mais ser eu mesma.

Eu não queria falar sobre mim, então, mudei rapidamente de assunto.

— Bem, você parece exatamente a mesma. Ainda tem aquele seu chapéu de gatinho? — perguntei, sorrindo.

— Provavelmente tenho, em algum lugar. Tudo volta à moda, mais cedo ou mais tarde, você sabe. — Ela riu.

— Garota, eu não sei se aquele chapéu algum dia esteve na moda — respondi.

Nós duas rimos, e eu pedi uma Coca diet, enquanto observava Miranda escolher uma de suas asinhas de frango frito.

— Então, me diga o que tem feito? — perguntei.

E ela começou a me contar. Disse que conseguira um emprego editando romances. Não foi uma surpresa, mas fiquei feliz por ela estar colocando seu diploma de letras para funcionar. Miranda parecia normal e ajustada, e por mais que me sentisse feliz por ela, não consegui não invejá-la. Minha amiga estava seguindo em frente e parecia genuinamente satisfeita com sua vida. Enquanto isso, eu estava presa naquele estranho purgatório de onde não podia voltar, mas também não podia seguir em frente.

Tinha me esquecido a diversão e o riso que Miranda sempre proporcionava, e antes que eu percebesse, a noite estava acabando. O garçom pegou nosso dinheiro pouco antes de eu dizer a ela que precisava correr para o banheiro. Fiz o que tinha que fazer, verifiquei minha maquiagem e meu cabelo no espelho, e abri a porta enquanto checava meu telefone para ter certeza de que minha mãe não tinha ligado. De repente, colidi com uma parede de músculos e meu telefone caiu no chão. O cheiro amadeirado de colônia me atingiu, e quando me afastei, meus olhos se ergueram – primeiro para sua camisa social creme, coberta por suspensórios pretos e depois para o pescoço grosso e a mandíbula masculina. Ergui os olhos mais um pouco e avistei aqueles lábios. Conhecia-os melhor que os meus próprios. Sonhei com aqueles lábios por anos. Eles eram a estrela de todas as fantasias que já tive desde meus doze anos de idade – aqueles malditos lábios. Minha boca ficou seca quando olhei os olhos azuis e vi seus óculos de aro preto.

— Adrian — suspirei.

Nós estávamos frente a frente, mas eu poderia muito bem estar empoleirada à beira de um precipício, porque me sentia pronta para cair. Era apaixonada por aquele garoto – que virou homem – por tanto tempo quanto me lembrava, e lá estava ele, mais lindo do que em todos os meus sonhos mais loucos. Estava mais alto, mais forte e mais irresistível do que nunca. Meu coração disparou conforme minhas mãos tremeram de ansiedade. Por conta própria, meu corpo cambaleou em direção ao dele como se soubesse exatamente a quem pertencia, mesmo que minha mente estivesse em desacordo. Deus, quem iria dizer que eu ainda poderia

amá-lo mesmo depois de todo aquele tempo?

Minha mão trêmula estava prestes a tocar seu peito quando uma mulher alta e loira se colocou ao lado dele, separando-nos e pegando meu telefone, que tinha caído entre nós. Usava um vestido vermelho apertado, sem mangas e botas pretas.

— É uma amiga sua? — perguntou a Adrian enquanto me entregava o aparelho.

Tanto o meu olhar quanto o dela se voltaram para ele, e o veneno que vi vindo de Adrian me fez recuar.

Seus lábios se contorceram com desdém e seus olhos seguraram os meus enquanto ele respondia:

— É só uma garota que eu conhecia.

O golpe físico dessas palavras ricocheteou pelo meu corpo, mesmo sabendo que eu as merecia. Não deixei que ele percebesse. Dei uma última olhada na loira e notei que seu sorriso parecia radiante demais. O tipo de sorriso que dizia: *Sim, vadia, ele é meu*. Joguei meu celular de volta na minha bolsa e fiz uma fuga rápida. Não me virei. Não olhei para trás, porque não suportava a expressão no rosto de Adrian. Aquele rosto já demonstrara tanta adoração e amor, e, agora, o desgosto que vi me cortou ao meio.

Quando voltei para a mesa, pude ver pelo olhar penalizado no rosto de Miranda que ela testemunhara meu reencontro com Adrian.

— Porra, Ainsley. Eu deveria ter te avisado, mas não sabia que ele estaria aqui esta noite. Pensei que teria pelo menos mais alguns dias para te atualizar sobre as coisas.

Eu estava de pé, ao lado da nossa mesa, ainda um pouco atordoada. Não conseguia nem me concentrar mais em Miranda. Adrian tinha uma namorada. Senti a bile subir pela minha garganta. Ele tinha uma namorada, e ela parecia uma maldita coelhinha da Playboy. Ele tinha uma namorada linda, e lá estava eu, ainda ansiando por ele. Quão patético era isso? Mas não podia nem ficar brava. Era minha culpa. Ele tinha todo o direito de seguir em frente com sua vida. E eu... eu merecia o sofrimento.

Certifiquei-me de manter meu rosto o mais neutro possível.

— Tudo bem, Miranda. Claro que Adrian tem uma namorada. Ele é um cara ótimo e merece ser feliz — eu disse com um sorriso falso.

Miranda não parecia nem um pouco enganada pela minha mentira. Levantou-se e me fez sentar em uma cadeira na lateral da mesa. Acomodou-se ao meu lado e estendeu a mão, pegando uma das minhas.

— Tudo bem ficar triste, Ains — ela disse, apertando minha mão.

Desdenhei.

— Eu não estou triste. Quer dizer, acho que estou um pouco desapontado por ele me odiar, mas era de se esperar, honestamente. A forma como o tratei foi terrível e imperdoável, então, eu entendo.

— Há uma porra de uma linha muito tênue entre o amor e o ódio, Ains — disse Miranda com um sorriso triste.

Eu sabia o que ela queria dizer. Sabia muito bem que não se podia odiar algo ou alguém sem amá-lo loucamente. Eu amava aquela cidade tanto quanto a odiava. Às vezes, pensava em Lori e no quanto a amava apenas para odiá-la por ter me abandonado. Era uma linha tênue, e eu estava cansada de andar sobre ela.

Levantei-me e puxei Miranda também.

— Temos que sair daqui. Com certeza mamãe deve estar esperando por mim e está ficando tarde.

Miranda pegou sua bolsa, e nós duas seguimos até a porta da frente do Beau's. Não foi por acaso que passamos direto por Adrian e a loira enquanto eles se pegavam em uma cabine, suas línguas enfiadas na garganta um do outro. Não pude deixar de paralisar, chocada, quando os olhos vingativos de Adrian voaram para os meus enquanto ele continuava beijando a garota. Senti-me nauseada. Esforcei-me para manter a dor afastada do meu rosto, enquanto saía daquele bar e entrava no estacionamento.

Miranda me alcançou de um fôlego só e agarrou meu braço antes de eu entrar no meu carro.

— Deus, me desculpe, Ains. Adrian está agindo como um idiota completo.

Era verdade; ele estava mesmo. Mas eu deveria ter previsto.

Agi como se o fato de ele ter beijado aquela mulher na minha presença não tivesse me enviado diretamente para um mundo repleto de dor.

— Está tudo bem, garota. Passe lá em casa amanhã, sim? Mamãe quer ver você.

Miranda assentiu solenemente enquanto eu entrava no meu carro e fechava a porta. Assim que saí do estacionamento, senti a familiar ardência das lágrimas. Cerrando os dentes, tentei contê-las, mas não adiantou.

Eu não podia acreditar que um caso de amor de quinze anos tivesse chegado àquele ponto. Pensei em Adrian beijando aquela mulher, o olhar em seus olhos me queimando. Ele estava me colocando no meu lugar. Ele estava me mandando de volta para o inferno. Um lugar para onde eu não ia há mais de quatro anos. Só que agora Adrian tinha a chave.





Capítulo

14

Adrian

Estava saindo do chuveiro e me enxugando quando ouvi a batida da porta da frente e um rugido que dizia: “Adrian Davis, venha aqui agora!”.

Apenas uma pessoa no mundo era louca o suficiente para entrar no meu apartamento e gritar a plenos pulmões daquele jeito. E eu a amava muito, então, aguentava aquela merda. Além disso, ela era boa em me entreter. Sorri e continuei me secando quando ouvi seus passos trovejando em direção ao meu quarto. A porta se abriu e lá estava Miranda, louca como o inferno. Virei meu corpo completamente em sua direção, colocando minha toalha sobre os ombros e arqueando uma sobrancelha para obter efeito. Se alguém invade a minha casa, vai sofrer as consequências.

Ela ficou boquiaberta, arregalou seus grandes olhos castanhos e baixou a cabeça.

— Oh. Meu. Deus. O que diabos há de errado com você? Vista... alguma coisa nessa... arma de destruição em massa, cara. Jesus, você não sabe que não vou poder desver essa merda? — ela gritou para mim. Colocou as mãos sobre os olhos e se virou.

Prendi a toalha em volta da minha cintura e fiz uma careta para ela. Eu não estava muito bravo, mas adorava deixá-la constrangida. Miranda era minha melhor amiga há anos, e a verdade era que eu já esperava sua visita naquela manhã. Sabia que ela não deixaria a noite anterior passar impune. Eu agi como um babaca de primeira classe, e ela estava lá para me fazer enxergar isso.

— Você não teria que desver nada se aprendesse a tocar uma campainha, Miranda. — Dei uma olhada para ela por cima do meu ombro enquanto seguia para o banheiro para terminar de me arrumar.

Ela me seguiu, porque a garota não tinha absolutamente nenhum limite.

Viu? Completamente louca.

— Eu tocara a campainha se você realmente trancasse a porta como uma pessoa normal que está realmente preocupada com sua segurança — disse ela do lado, de fora do banheiro.

— É uma questão de cortesia, querida — eu disse, com a boca cheia de pasta de dente, antes de cuspi-la na pia.

— Falando de cortesia — Miranda rosnou com os dentes cerrados.

Merda. Ela *realmente* não ia deixar a noite anterior passar impune. Droga, eu não pretendia ir tão longe. Só queria machucar Ainsley como ela me machucara há quatro malditos anos. O toque de mágoa em seu rosto e a pequena pitada de dor que vi, quando dei a entender que ela não era ninguém importante, nem chegaram perto da agonia que experimentei quando partiu. O puro sofrimento dos últimos quatro anos. Ela mal reagira, mas eu conhecia seu rosto como conhecia o meu. Poderia estar tentando se esconder atrás de toda aquela maquiagem e das camadas de gelo, mas eu a via. Sempre vi e sempre veria. Quanto ao beijo, eu quis que isso a machucasse, mas não queria ter aberto meus olhos nem vê-la olhando para mim. Senti-me mal e não consegui desviar o olhar. Os lábios de Greta pareciam errados. Não eram suaves o suficiente. Não tinham o gosto que eu desejava. Aquele beijo arruinou a minha noite com tanta certeza quanto arruinou a de Ainsley. Eu era péssimo naquele negócio de vingança.

Passei desodorante debaixo dos braços e tentei sair do banheiro. Miranda bloqueou meu caminho, então, coloquei minhas mãos sob seus braços, erguendo-a do chão e fisicamente movendo-a para o lado. Ela bufou e recostou-se no batente da porta. Peguei minha cueca boxer, sentei-me na cama e enfiei-a por debaixo da toalha, preparando-me para me defender. Olhei para ela, realmente analisando-a pela primeira vez, e não pude evitar a gargalhada que escapou da minha boca.

— O que, em nome de Deus, você está vestindo? — perguntei em meio à minha risada. Olhei para as calças pretas muito apertadas que ela usava, que pareciam ter uma estampa de donuts. Quer dizer, eu poderia estar enganado, então estudei-as com mais afinco. Não, eram donuts mesmo. Eu ri ainda mais.

— Agora não é hora de discutir o quão deliciosa e elegante minha legging é, Adrian. Eu realmente não consigo acreditar no que fez na noite passada. Aquele não é você. Estou desesperadamente desapontada. Você sabia que ela estava voltando para casa. Eu te avisei, e em vez de tentar reconquistá-la ou ser legal, você se mostrou um idiota completo. Quero dizer, aquele beijo, bem... Foi errado em muitos níveis. Deus, você deve ser o pior alfa da história. — Ela revirou os olhos, sentou-se na cama comigo, depois se deitou. Olhou para o teto e suspirou. — Agiu como um completo... — Parou como se estivesse avaliando

a pessoa que eu era. Então, estalou os dedos e gritou com entusiasmo: — Um Alfa-babaca! Sim, é isso, um alfa babaca. Está arruinando todos os mocinhos de livros que eu já li.

As merdas dos livros de Miranda me deixavam louco, mas, geralmente, era bem cômico. Não naquele dia, contudo. Ela não podia querer isso de mim. Não deveria esperar que eu perdoasse Ainsley. Não havia como voltar atrás. Não havia maneira de consertar as coisas. Não havia nem mesmo a possibilidade de uma amizade. Eu ainda estava muito machucado e puto da vida.

Levantei-me para terminar de me vestir, deixando a doida deitada na minha cama.

— Miranda, eu e Ainsley terminamos, e você sabe disso. Tire essa porcaria da sua cabeça, querida. Ela me deixou quando eu precisava dela. Roubou de mim algo precioso e fodeu com tudo. Não sei nem como você consegue perdoá-la. Ela também te abandonou, lembra? Eu? Estou fora. Não deveria ter feito o que fiz ontem à noite, você está certa. Tentarei não ser horrível com ela, mas nunca seremos os mesmos. Porra, nós provavelmente nunca seremos amigos novamente, mas vou me esforçar para ser respeitoso, o que é mais do que ela me deu quando foi embora. Isso é o melhor que posso fazer — terminei de falar enquanto enfiava a camiseta sobre a cabeça.

— Eu sei que ela te machucou. Sei mesmo. Eu estava lá, lembra? Nós éramos tudo um para o outro, mas também sei que Ainsley não é a mesma garota que era antes de perdermos Lori. Pode parecer que está bem, mas não está. Algo não está certo, e eu não sei como ajudá-la, porque ela se recusa a mostrar uma única partícula de emoção. Ainsley precisa da nossa ajuda, Adrian. Sei que está ferido, mas ela precisa de você. Confie em mim. Você é o Sr. Darcy para a Elizabeth dela, o Deuce da Eva, o Joe da Violet. Ela precisa de você para se curar. Precisa daquele amor épico para consertar as coisas.

Jesus, eu não tinha ideia do que Miranda estava falando. Não queria nem perguntar, porque com certeza tinha a ver com seus livros de romance, mas eu precisava me manter firme e alertá-la sobre como as coisas iriam ser. Não ficaria preso na teia de Ainsley de novo só para ser deixado pendurado – sozinho. Nunca mais.

Sentei-me ao lado dela na cama e puxei-a para que ela ficasse deitada sobre o meu peito com o braço em volta dela.

— Você sabe que eu te amo, querida, não sabe?

Ela assentiu, então, continuei.

— E você sabe que eu faria qualquer coisa no mundo por você. Sabe disso, porque é verdade. Eu estava ao seu lado nas noites em que não conseguia dormir depois da morte de Lori. Depois de cada pesadelo. Você me ligava, e eu largava

tudo em um segundo para estar com você. Sempre farei isso, porque é o que somos um para o outro, e isso nunca vai mudar. — Parei de falar para poder segurar seu queixo e fazê-la olhar para mim, porque estava falando sério e queria que ela entendesse. — Mas você não pode me pedir para fazer isso, Miranda. Não é justo nem certo. A vida não é um livro de romance. A vida é difícil, e há erros que não podem ser corrigidos. Ainsley cometeu um e agora tem que conviver com ele. E, por mais que seja difícil de lidar, eu também tenho. Você também. Todos nós.

Miranda abraçou minha cintura e sussurrou contra o meu peito:

— Eu só quero que vocês sejam felizes. Vocês dois. A vida nos deu um começo difícil, sabe? Todos nós merecemos um pouco de felicidade.

Eu sabia disso. Sabia, acima de tudo, porque meu começo tinha sido um inferno, e Ainsley fora o meu paraíso naquele caos – até ela não ser mais. Não queria incomodar Miranda com isso, então, apenas puxei seu longo rabo de cavalo e brinquei, dizendo:

— Não se preocupe, doidinha. Você encontrará seu Dex e terá sua felicidade.

Miranda se sentou e olhou para mim, confusa.

— Dex? — perguntou. O rosto de Miranda ficou tomado pela confusão e então ela sorriu. — Ah, você quer dizer Deuce. — Bagunçou meu cabelo.

Eu acho que eu quis dizer Deuce, embora não tenha certeza do motivo para qualquer garota querer sair com um cara chamado Deuce.

Miranda continuou.

— Eu não tenho certeza se quero um Deuce. Quer dizer, talvez sim, porque ele é super sexy e descolado. Ah, e ele é o presidente de um MC bem bad ass, mas também sabe ser cruel e não é tão legal noventa e nove por cento do tempo.

Ela estava muito séria, e como senti que poderia ficar falando para sempre, eu a interrompi com uma pergunta genuína:

— Que diabos é um MC?

— Um clube de motoqueiros — ela respondeu revirando os olhos, como se eu fosse um desinformado. Seu rosto ficou todo sonhador.

Eu só podia supor que estava fantasiando sobre esse Deuce. Revirei os olhos e a prendi na cama, fazendo cócegas nela.

— Ah, não, nem pensar. Nada de caras sexies e descolados para você. Vamos te juntar com um desenvolvedor de software bem gente boa ou um contador — eu disse, enquanto continuava a lhe fazer cócegas.

Miranda riu histericamente, porque sabia que eu estava falando merda e não tinha absolutamente nenhum controle sobre suas loucuras. Sua risada me lembrou de que estávamos felizes. Tínhamos seguido em frente, e as coisas eram

melhores para mim, Miranda e Jessi. Estávamos chegando lá, e Ainsley voltara para a cidade para nos destruir – para arruinar a todos nós – mas eu não permitiria. De jeito nenhum. Nem pensar.



Não importava o quanto me preparasse, não importava quantas conversas encorajadoras tivesse comigo mesmo, meu estômago ainda se revirava toda vez que eu via Ainsley. Sabia que iria encontrá-la, porque ia passar no hospital para checar Jessi e entregar sua bolsa de quimioterapia, que ainda estava no meu carro. O que eu não esperava era vê-la de pé na entrada, parecendo prestes a ter um colapso nervoso. Andava de um lado para o outro e parava de vez em quando, balançando-se para frente e para trás na ponta dos pés. Seus braços estavam apertados ao redor de seu corpo como se estivesse se segurando. Eu queria passar por ela. Queria jogar na parte de trás do meu cérebro aquela vozinha insistente que dizia: *Pare. Ela precisa de você*. Eu queria abandoná-la e deixar que sua dor a afundasse em um sofrimento incessante. Assim como fizera comigo quando partira. Mas as palavras de Miranda naquela dia ainda me assombravam. Ainsley não era a mesma. Ela ainda estava danificada. Precisava de alguém. Eu poderia ser o primeiro a admitir que aquele alguém não era eu, mas, ainda assim, não podia simplesmente passar e ignorá-la. Meu coração não permitia, e isso me irritou.

Eu estava bem perto quando ela finalmente me viu. Sua mente parecia muito distante. Sabia bem disso, porque, às vezes, também buscava este lugar para escapar da dor da vida real. Seus olhos estavam vermelhos e inchados, seu cabelo, uma bagunça, e ela perdera um pouco de sua maquiagem durante os momentos de aflição. Não usava um vestido extravagante como na semana anterior, quando a vi no Beau, mas um jeans desbotado e uma camiseta de Nashville. Fiquei feliz em ter um vislumbre da minha antiga Ainsley, o que me deixou ainda mais puto comigo mesmo. Mas, Deus, ela era linda. Até com a maquiagem borrada, ainda me tirava o fôlego. *Merda!*

Coloquei-me à sua frente, segurando a bolsa de Jessi e cheio de fogo no meu sangue. Eu estava puto da vida. Como ela ousava se parecer tanto com a minha garota?

— Que porra você está fazendo aqui? Por que não está lá dentro com sua mãe? — perguntei com um pouco mais de severidade do que deveria, mas não pude evitar. Aquela garota me deixava absolutamente insano.

Seus olhos se arregalaram, e ela estendeu uma mão trêmula em minha direção como se quisesse me alcançar, mas, rápido como um raio, recolheu-a na

direção de seu corpo. Ficou ereta e empertigada, e um olhar mais duro substituiu a dor que testemunhei quando a vi pela primeira vez.

Ela novamente envolveu um braço ao redor de seu corpo de forma protetora e me perguntou com calma:

— O que você está fazendo aqui, Adrian?

Isso me levou ao limite. Não era possível que tivesse acabado de me perguntar aquilo. A verdadeira questão era: o que *ela* estava fazendo ali? Eu estava fazendo o que eu vinha fazendo há quatro malditos anos. Cuidando da minha família. Aproximei-me de Ainsley ao máximo, porque queria que percebesse a minha raiva. Ela não tinha o direito de me questionar.

— Eu estou fazendo o que sempre faço, Ainsley. Cuidando das pessoas que me amam. Isso é o que eu faço com quem se importa comigo. Eu não fujo quando as coisas ficam difíceis. Fico por perto e tento ajudar. — Ergui a bolsa de Jessi para ela ver. — E eu estou com a bolsa de quimio da Jessi. Ela vai precisar dela hoje. Agora, por que diabos você não está lá dentro com a sua mãe?

Sua expressão tornou-se desanimada apenas por tempo suficiente para que eu percebesse. Provavelmente ninguém mais teria notado o lampejo de dor que cruzou seu rosto, mas eu notei por causa do que fomos um dia um para o outro. Porque éramos quem éramos. Inferno. Eu nunca me livraria de Ainsley.

Mais uma vez ela se balançou na ponta dos pés e disse:

— É só... difícil. Entrar lá, sabe? O cheiro. Os sons. — Ela olhou para o chão. — Faz com que eu me lembre.

Eu entendia. Entendia, porque tinha levado Jessi para todas as suas consultas de quimioterapia até o momento. Entendia, porque aquele era o único hospital da cidade, e eu havia cruzado suas portas inúmeras vezes ao longo dos anos. E morria um pouco toda vez que fazia isso. Obrigava-me a pensar em Lori, minha linda garotinha.

Coloquei a bolsa no chão entre nós e agarrei seus ombros, insistindo para que olhasse para mim. Ela continuou a fitar o chão, então, falei, por entre dentes:

— Olhe para mim, Ainsley.

Quando seus olhos verdes-esmeralda colidiram com os meus, meu corpo ficou rígido. Como eu poderia odiá-la e querê-la tanto ao mesmo tempo? Tocá-la enviou faíscas de eletricidade ao longo da minha pele.

Respirei fundo para me controlar.

— Você vai se recompor e entrar neste hospital comigo. Vai fazer isso, porque sua mãe precisa de você e é a coisa certa. Acha que isso não faz mal a todos nós? Acha que não foi horrível para a sua mãe ter que voltar para trabalhar aqui uma semana depois de perder Lori? Com certeza que sim, mas ela fez isso porque precisava. Fez isso por você. E. Você. Vai. Fazer. O. Mesmo.

Ainsley desviou o olhar, como se não pudesse suportar me encarar tanto quanto eu não suportava encará-la, e assentiu suavemente. Peguei a bolsa entre nós em uma das mãos e agarrei seu braço, descolando-o de seu corpo com a outra. Entrelacei nossas mãos e a arrastei até as portas de vidro da entrada do hospital. Ela acompanhou meu ritmo e caminhou ao meu lado. Parecia um pouco mais forte, e eu fiquei feliz. Não porque me importasse. Não me importava com ela – ou assim mentia para mim mesmo. Eu me importava com Jessi, e ela precisava de Ainsley. Fiquei tentando me convencer disso até chegarmos ao elevador, onde soltei sua mão.

— O que é uma bolsa de quimio, e por que você está com ela? — Ainsley perguntou suavemente quando entramos no elevador.

Ela não sabia. Fiquei chocado. Ninguém contara a ela que eu estava cuidando de Jessi. Segurar sua mão, estar por perto, tudo isso fazia com que meu ódio por ela vacilasse. Ainsley poderia me machucar novamente se eu a deixasse entrar.

Senti minha desconfiança surgir entre nós como uma janela se fechando, então, alimentei-me daquele sentimento e disse:

— São revistas, um iPod com suas músicas favoritas, alguns audiobooks, seu kindle e alguns lanches que não a deixam enjoada. Só algumas merdas para a quimioterapia. E eu fico com isso, porque tenho trazido sua mãe para as consultas há algum tempo. Alguns de nós a ajudaram, Ainsley. Alguns de nós sabem o que está acontecendo, porque falamos com ela mais de uma vez por mês.

Minha voz estava carregada de ódio, eu sabia, mas não me importava nem um pouco. Se desse a ela uma polegada de mim, ela tomaria tudo, e eu me recusava a deixar isso acontecer – de novo.

Depois de sair do elevador, segui para onde Jessi estaria. Já a tinha acompanhado vezes demais para saber onde encontrá-la. Ainsley ficou atrás de mim alguns metros. Não a culpava. Na verdade, ela provavelmente estava mais segura lá atrás, porque eu me sentia pronto para explodir.

Parei na frente de Jessi e coloquei um enorme sorriso no meu rosto. Não deixaria meus problemas com a filha dela a contaminarem. Ela não precisava daquela merda. Precisava de amor e estabilidade, não da loucura que eram os novos Adrian e Ainsley.

— Ei, linda. Eu trouxe sua bolsa. Não queria que você ficasse sem ela hoje — murmurei quando me inclinei e abracei Jessi bem apertado. Então, beijei sua bochecha.

Eu amava aquela mulher como se ela fosse minha própria mãe. Ela ficara ao meu lado durante meu crescimento. Não fazia ideia se sabia o que acontecia

na minha casa quando eu era criança, mas tenho a sensação de que sim. Jessi era inteligente e nada lhe passava despercebido. Tentou ajudar o melhor que pôde, e desde a morte de Lori nos tornamos ainda mais próximos. Nossa dor nos deu um ao outro. Por mais que eu odiasse admitir, Lori me dera uma mãe.

— Own, obrigada, querido. Você é o melhor — disse Jessi enquanto retribuía o abraço.

Pude sentir os olhos de Ainsley nas minhas costas enquanto eu tirava da bolsa de quimioterapia uma manta que Miranda fizera para Jessi. Coloquei-a sobre suas pernas e ao redor de seus ombros. Ela já estava ligada, recebendo seu tratamento. Toda vez que via aquela IV, entrava um pouco em pânico. Eu não podia perdê-la também. Seria demais para suportar. Os médicos disseram que seu prognóstico era bom. Tinham encontrado o câncer cedo, e com o tratamento para reduzir o tumor e uma cirurgia para remover o resto, ela ficaria bem. Minha fé era mais forte dessa vez. Os fatos estavam ao meu lado.

— Você quer que eu pegue alguma coisa para comer, ou está tudo bem assim? — perguntei.

Jessi sorriu para Ainsley atrás de mim e depois me olhou.

— Acho que estou bem, querido, mas obrigada por tudo.

Eu estava feliz por Jessi ter Ainsley, embora esta volta me fizesse sofrer. Ela havia recuperado uma luz em seus olhos, e não parecia tão bem desde que recebemos as notícias sobre o câncer.

— Perfeito. Bem, quando estiver se sentindo melhor, eu levo para você aquela sopa do seu restaurante mexicano favorito. Abasteci seu carro na semana passada, então, ainda vai poder usá-lo por um bom tempo, e vou passar neste fim de semana para cortar a grama — eu disse.

Jessi sorriu para mim.

— Você cuida tão bem de mim, querido. Nem sei como agradecer.

Eu não queria que Ainsley se intrometesse em nosso momento particular, então, inclinei-me em sua direção, encostei meus lábios no ouvido de Jessi e sussurrei:

— Eu te amo, linda. — Então eu dei um longo beijo em sua testa.

Despedi-me e passei direto por Ainsley ao sair, sem lhe dar atenção, embora prestasse atenção nela o tempo *todo*. Cheguei ao corredor, pensando em como iria evitar Ainsley enquanto ainda estivesse cuidando da mãe dela. Teria que superar nossos problemas, porque nada me faria abandonar Jessi. Ela era praticamente minha mãe, e Ainsley não demoraria a fugir novamente, porque era o que ela fazia quando a merda ficava difícil. E eu estaria lá para limpar a bagunça e consertar as coisas novamente, porque era o que *eu* fazia.





Capítulo

15

Adrian

Suor escorria da minha testa e se instalava em meus olhos. Peguei minha toalha pendurada na esteira, e limpei meu rosto. Joguei-a no chão e aumentei a velocidade do aparelho. Já estava correndo naquele negócio há mais de uma hora sem sucesso. Havia acordado naquela manhã me sentindo completamente desequilibrado e decidi ir para a academia no meu condomínio para relaxar um pouco. Normalmente, malhar me acalmava, mas não naquela manhã, e eu sabia exatamente o porquê. Ainsley. Que merda!

Uma hora de musculação e uma a mais na esteira não adiantaram de nada para me acalmar. Eu sabia o que mais me acalmaria. Sexo. Sexo definitivamente me acalmaria, mas desde que havia topado com Ainsley na frente do hospital alguns dias atrás, não quis ligar para Greta. E eu sabia o porquê. Tivera um pequeno vislumbre da minha Ainsley e, agora, ninguém mais a superaria. *Merda!*

Desliguei a esteira e andei pelo condomínio, voltando para o meu apartamento. Depois abri o chuveiro e tirei minha bermuda e camisa. Olhei meu rosto vermelho e suado no espelho, pensando no rosto corado de Ainsley em frente ao hospital. Estava quase sem maquiagem. E chegou a mostrar um pouco de emoção. Senti meu pulso acelerar só de pensar em ter *minha* Ainsley de volta.

Deus, eu precisava tirar aquela garota da minha cabeça, mas não tinha a menor ideia de como fazê-lo. Desde sua volta, Ainsley fixara residência em minha mente quase vinte e quatro horas por dia. Quando não estava pensando em como evitá-la ou no quanto queria odiá-la, pensava em beijá-la, em ter sua boca macia na minha. Ou, melhor ainda, em transar com ela.

Entrei no chuveiro, lavei o suor do meu cabelo e comecei a ensaboar meu corpo. Corri minha mão por sobre o meu peito, passando pelo meu abdômen e

descendo para o meu pênis já meio duro. Esfreguei o sabonete ao redor da cabeça algumas vezes. O sentimento era revigorante depois de me sentir tão infeliz nos últimos dias. Comecei a me acariciar devagar, enquanto minha mente automaticamente se transportava para a boca de Ainsley. Lembrei-me da primeira vez em que a beijei naquele espaço pequeno e escuro nos fundos da sala de música. Pensei em como sua língua alcançara a minha, um pouco insegura, e como seu gosto explodira em minha boca. Lembrei-me dela gemendo quando nossos peitos se tocaram. Lembrei-me da urgência de suas respirações enquanto arqueava-se contra mim. Lembrei-me da primeira noite em que realmente a tomei e o quão apertada parecera em torno do meu pau latejante. Eu a queria há tanto tempo, e a espera valera a pena.

Comecei a me masturbar mais rápido e mais forte conforme a imaginava de joelhos diante de mim, seus lindos lábios em volta do meu pau enquanto tocava a si mesma furiosamente entre as próprias pernas. Foi só o que precisei imaginar. Ela de joelhos, minhas mãos em seus cabelos, eu fodendo sua boca. Senti o calafrio do meu orgasmo começar na base da minha coluna e disparar para cima, o impacto quase me fazendo cair de joelhos no chão do chuveiro. *Merda.*

Encostei minha testa nos ladrilhos frios do banheiro e me balancei para frente e para trás. O que diabos havia de errado comigo? Pensar em Ainsley me chupando não iria me ajudar a seguir em frente com a minha vida. Agora que ela estava na cidade, sentia-me de volta à estaca zero. Sentia-me como o Adrian de dezesseis anos novamente, e eu odiava isso. Quando adolescente, gozei no chão do chuveiro mais vezes do que podia contar só de pensar em Ainsley James. Não queria sofrer por uma garota que praticamente arrancara meu coração do meu peito. Soquei a parede do banheiro com meu punho, fechei a água e saí do chuveiro.

Deveria me sentir relaxado depois daquele orgasmo alucinante, mas, ao invés disso, estava furioso comigo mesmo e mais estressado do que nunca. Terminei de me vestir o mais rápido possível e saí. Estava trancando a porta da frente do meu apartamento quando ouvi uma voz familiar atrás de mim.

— Aí está você. Eu tenho tentado ficar com você por dias.

Greta subiu a calçada, seus quadris balançando em uma combinação de saia-terno preta que geralmente fazia meu pau latejar com força. Agora? Nada.

Suspirei. Estava com um humor de merda e, embora não quisesse desmentir nela, fiquei puto por ter surgido sem um convite. Greta sabia qual era o lance entre nós, e era apenas sexo. Não havia corações, romance ou flores. O que significava que, com certeza, não deveria haver nenhuma visita inesperada ao meu apartamento.

— O que você está fazendo aqui, Greta? — perguntei. Eu sabia que ela

podia ouvir a irritação no meu tom de voz. Ficou bem óbvio em sua expressão decepcionada.

Ela fez um biquinho e disse:

— Senti sua falta. Tenho ligado há dias, e você não atende, então pensei em parar e ver como você estava.

Ela chegou mais perto, e eu pude sentir o cheiro forte e floral de seu perfume. Costumava pensar que aquele seu biquinho era adorável. Costumava pensar que seu perfume era extremamente sensual. Agora, ambos estavam me dando uma maldita dor de cabeça. Jesus, eu só queria que ela entrasse em seu carro caro e saísse, mas sabia que não havia absolutamente nenhuma chance de isso acontecer sem que eu a mandasse embora.

— Sim, eu tenho estado muito ocupado. Que tal nos falarmos mais tarde se estiver menos acelerado? — perguntei. Tilintei minhas chaves e me dirigi para o estacionamento.

Esperava que ela pegasse a deixa e fosse embora. Greta não ia querer lidar comigo. Inferno, nem eu mesmo queria lidar com meu lado rabugento.

Mas seria pedir demais que ela simplesmente fosse embora, é claro. Começou a andar rapidamente para me alcançar e pulou na minha frente. Pressionou seu corpo contra o meu e colocou os braços em volta do meu pescoço. Nossos rostos estavam tão próximos que nossos narizes se tocaram, e eu senti meu estômago revirar. Parecia errado e sujo estar colado em alguém depois de gozar no chuveiro com imagens de Ainsley na cabeça.

— Você não quer subir e brincar um pouco? — Greta perguntou com seu sorriso de gato de Cheshire. Ela parecia pronta para atacar, e eu não estava de bom humor para isso.

— Olha, querida. Eu não estou de bom humor hoje. Tenho muita coisa em mente, e minha tarde está cheia, então, ligo para você quando estiver livre. Ok? — Tentei ser o mais claro possível, porque ela obviamente não conseguia entender a maldita mensagem. Tirei seus braços de meu pescoço e passei por ela, indo em direção o meu velho Mustang azul. Ouvi o barulho de seus saltos me seguindo pelo estacionamento e pensei que estaria livre. Pensei errado.

— Adrian, você está agindo de forma estranha desde que vimos *aquela garota* no Beau's. É este o problema? Está saindo com outra pessoa?

Ela dissera “aquela garota” como se Ainsley fosse inferior a ela, e eu senti meu temperamento começar a piorar.

Antes que pudesse me impedir, virei-me e atirei de volta:

— O nome dessa garota é Ainsley, mas seria melhor se você mantivesse o nome dela fora da sua boca. Entendeu?

Greta assentiu.

Continuei falando:

— Você sabe que o que temos é casual, Greta. Não quero mais visitas indesejadas. Estou de péssimo humor hoje, então, vou ligar para você quando não estiver ocupado, sim? — terminei com firmeza.

— Sim — Greta respondeu e seguiu até o seu carro batendo os saltos no chão. Entrou em seu Lexus branco, fechou a porta e saiu do estacionamento.

Corri minhas mãos pelo meu cabelo enquanto continuava seguindo até o meu carro. Entrei e bati a porta. Deus, aquele dia estava se transformando em pura merda. Abaixei a janela e liguei o rádio o mais alto que pude, esperando que isso afastasse meus pensamentos sobre Ainsley. Ela estava me ganhando de volta, e eu não podia permitir. Precisava reforçar as paredes de aço ao redor do meu coração, e se isso significasse que teria que agir como um idiota completo com ela, então, que assim fosse. Eu não me importava com o que Miranda tinha a dizer sobre isso também. Não iria renunciar à minha felicidade por Ainsley. Que se fodesse.

Parei no restaurante mexicano favorito de Jessi, peguei a sopa que ela gostava e fui para a sua casa. Iria entrar, entregar o embrulho, fazer uma visita rápida e depois dar o fora de lá, para poder ver Ainsley o mínimo possível. E já que estava ali, provavelmente faria uma visita ao meu pai também. Nós passamos a nos dar bem. Ele parou de beber depois que eu fui para a faculdade. Através de muita terapia e reuniões de AA, estava chegando lá. Nós não tínhamos uma relação maravilhosa, mas ela melhorava a cada dia. Na maior parte do tempo ainda agia como um idiota, mas perdera o amor de sua vida e sua filhinha de uma só vez, então, eu o entendia, mesmo que me irritasse às vezes.

Estacionei atrás do carro de Jessi, estremecendo ao ver a caminhonete de Ainsley. Claro que ela estaria em casa. De que outra forma meu dia poderia ficar pior? Peguei a sopa e segui até a varanda cujas escadas já tinha subido vezes demais para contar na minha vida. O céu estava coberto de nuvens e o cheiro de chuva flutuava no ar. Bati uma vez antes de entrar. Éramos quase da família, e Jessi nunca trancava as portas durante o dia. Gilbert era uma cidadezinha segura.

— Olá, olá! — eu disse alto o suficiente para quem quisesse ouvir, conforme tirava meus sapatos e os deixava na entrada.

Não obtive resposta, então, segui até a sala de estar, onde Jessi e Ainsley estavam enroscadas sob uma manta no sofá, assistindo a algum lixo televisivo diurno. Quase sorri ao vê-las aninhadas assim. O rosto de Ainsley ainda estava muito maquiado, o cabelo, preso em um daqueles coques elaborados, mas com aspecto bagunçado, que as garotas faziam no topo de suas cabeças. Seu rosto parecia aberto e expressivo, e eu gostei de vê-la assim. Ambas mostravam-se tão absortas na televisão que nem notaram minha presença até me verem

praticamente em cima delas.

— Ei, linda. Trouxe sua sopa — disse, assim que os olhos de Jessi encontraram os meus.

— Oh, querido, você não precisava fazer isso. Eu poderia pedir a Ainsley que fosse buscá-la para mim — Jessi respondeu enquanto se levantava para me abraçar.

Notei, por cima do ombro, o quão chocada Ainsley parecia ao me ver de pé em sua sala de estar, e não pude deixar de sorrir com o quanto isso me deixou satisfeito. Que bom. Ela merecia ficar um pouco desconfortável. Sentia-me um caos há dias.

— Fique aí quietinha que vou reaquecer isso aqui e colocar em uma tigela para você — disse, segurando o recipiente de sopa.

Jessi sorriu, acenando com a cabeça, e eu fui para a cozinha.

Então eu ouvi:

— Eu já volto. Vou ajudar — vindo de Ainsley.

Já estava tirando uma tigela do armário e enchendo-a de sopa quando Ainsley entrou na cozinha. Eu não precisava da ajuda dela. Conhecia bem aquela cozinha. Coloquei a sopa no micro-ondas e o liguei, determinado a ignorá-la.

Peguei uma colher na gaveta de talheres quando Ainsley calmamente chamou:

— Adrian.

Voltei meus olhos em sua direção, por mais que não quisesse fazer isso, e — maldição! — foi um erro terrível, porque meu olhar não pôde evitar viajar por todo o seu corpo lindo. Estava muito mais magra do que na época da escola, mas não menos bonita, e a blusa apertada e roxa, combinada à ainda mais apertada calça preta que usava, não escondia suas curvas. Porra, seus mamilos! Ela não usava sutiã. Eu estava sendo testado como nunca antes e odiava o quanto queria falhar. Odiava o quanto meu corpo desejava o dela.

— O que foi? — retruquei quando meus olhos percorreram seu corpo mais uma vez. Sim, era a pior forma de tortura, mas não conseguia me conter e senti a tensão me comprimir, deixando-me pronto para agarrá-la a qualquer momento.

Ainsley cruzou os braços contra os seios, cobrindo os mamilos como se estivesse escondendo-os de mim, enquanto dizia:

— Há um vazamento embaixo da pia. Tentei descobrir o problema, mas não consegui. Mamãe disse que você poderia dar uma olhada quando chegasse. Se importa?

Eu poderia dizer que ela não queria me pedir nada, mas fizera pela mãe, então eu disse:

— Sim, claro. Depois que eu levar a sopa para ela, dou uma olhada.

Ela lançou um sorriso para mim que costumava iluminar meu mundo inteiro. Um que me guiou pelos piores dias da minha vida. Só que me irritou o fato de ela ousar sorrir para mim daquela forma novamente, porque me fez querer coisas que eu não poderia ter. Também me fez lembrar que eu amava aquele sorriso, e eu não poderia permitir que me desse um *daqueles* novamente.

— Eu também teria trazido sopa para você, sabe, mas pensei que já teria voltado para Nashville a esta altura. Mas acho que não vai ter problema. Você não parece comer de verdade há um bom tempo, de qualquer maneira — cuspi as palavras.

Eu esperava um olhar magoado ou pelo menos uma briga em resposta às minhas palavras cáusticas, mas o que consegui foi pior. Porque foi nada. Era como se ela entendesse e aceitasse meu sarcasmo. Eu não queria isso e com certeza não gostei de sua reação. Queria o oposto daquele sorriso. Queria sua raiva, sua hostilidade. Uma maldita razão para ainda odiá-la. Definitivamente não queria aquele olhar vago em seu rosto, porque me fazia pensar no que Miranda dissera. Fazia com que pensasse que talvez ela estivesse certa – que Ainsley estava destruída.

Ela pegou a sopa e a colher das minhas mãos, e murmurou:

— Vou levar isto aqui para minha mãe para que você possa olhar a pia.

Apenas fiquei lá, de boca aberta, atordoado como o idiota que eu era. Então, para não aumentar minha mortificação, peguei um banquinho da lavanderia da cozinha e coloquei-o de lado, na frente da pia do armário. Retirei um balde cheio de água de debaixo dela, sentei-me no banquinho e recostei-me no armário para ver claramente o cano que vazava. Parecia que só precisava ser apertado, então, levantei-me e busquei uma chave de fenda na gaveta da cozinha. Depois de cinco minutos procurando por ela, encontrei-a no fundo, com cerca de cinco milhões de outras coisas. Sentei-me no banquinho, recostei-me no armário como antes e comecei a trabalhar.

Eu estava quase terminando quando vi pernas sexies cobertas de preto na minha frente. Continuei apertando o cano, mesmo quando pude sentir seu olhar cálido em mim. Tentei ignorar, mas não aguentei mais um segundo. Se eu não dissesse alguma coisa logo, iria pular de debaixo daquela pia, deixá-la nua e enterrar meu pau nela em tempo recorde – quer eu gostasse dela ou não. Porque nossa animosidade não parecia importar para o meu corpo, de um jeito ou de outro.

Respirei fundo e disse:

— Ainsley, você está olhando para o meu pau? Porque eu sinto que você *está* olhando para o meu pau.

— Eu... eu... Claro que não estou olhando para o seu pau. Porque... bem...

isso seria uma loucura, e eu não sou louca. Por que... por que ... eu faria isso? — ela divagou.

Não pude evitar o sorriso ou a expressão zombaria que surgiu em meus olhos. Sim, ela estava realmente olhando para o meu pau. Fiquei feliz por não ser o único perdido naquele inferno cheio de luxúria.

Terminei de apertar o cano, saí de debaixo da pia e me sentei no banquinho. Ali estava Ainsley, encostada no fogão, esperando por mim. Observava-me como se sua mente estivesse cheia de perguntas, então, eu ergui minhas sobrelanceiras em uma expressão de "continue".

Ela respirou fundo e perguntou:

— Você ajuda muito a minha mãe, não é?

Eu tinha a sensação de que teríamos aquela conversa desde nosso encontro no hospital. Não queria explicar a ela o que vinha fazendo nos últimos quatro anos. Ela não tinha mais o direito de conhecer a mim ou a minha vida.

Então, em vez de responder, perguntei:

— O que significa tudo isso para você, Ains?

Seu rosto ficou vermelho, e eu pude vê-la tentando controlar sua raiva.

— O que isso significa para mim? Que tipo de pergunta é essa, Adrian? Ela é minha mãe. Acho que tenho direito de saber o que está acontecendo em sua vida. Quem a ajuda. Quem a leva para seus compromissos.

Soltei uma risada sarcástica, coloquei o banquinho de volta no banheiro e fechei o armário debaixo da pia.

— Gata, você só pode estar brincando comigo. Tem que estar, porque enquanto rebojava sua bunda por Nashville, eu estava aqui, cuidando da — apontei meu dedo na cara dela — sua mamãe.

Pronto, consegui. Pude ver a raiva tomando conta de seu rosto e soube que tinha conseguido. Sim. *Me dê toda essa raiva, vamos explodir toda essa merda e seguir em frente com nossas vidas.* Seria melhor que acontecesse logo para que não precisasse falar mais de uma vez. Então eu nunca mais teria que ter aquela conversa com ela novamente. Queria finalmente acabar com a dor, fechar a página. Queria um pouco de paz na minha vida.

— Me dê um desconto, Adrian! Quando vai parar de me punir por ir embora? Por quanto tempo vamos continuar sendo terríveis um com o outro? Quando será suficiente? — seu grito ecoou pela cozinha.

— Dar um desconto? Sério, te dar um desconto? Você voltou há menos de duas semanas e acha que é suficiente para que eu esqueça o passado? Acha que é assim? Bem, isso não vai acontecer, Ainsley, então você é que tem que *me* dar um desconto! — gritei de volta enquanto saía da cozinha, tirando minhas chaves do meu bolso da calça jeans.

Que ela se fodesse. Ainsley queria que eu lhe desse um desconto? Ela teve uma porra de um desconto nos últimos quatro anos. Enquanto isso, eu tentava varrer todos os malditos cacões que ela e Lori deixaram para trás.

Abri a porta de tela da casa para uma chuva torrencial. Estava chovendo tanto que não consegui ver nada à minha frente, mas continuei seguindo. Precisava dar o fora dali. Logo antes de chegar ao lado do motorista, fui interceptado por Ainsley.

Ela encostou-se à porta na chuva, as roupas encharcadas, os olhos voltados para os meus. Seu queixo tremeu ao gritar comigo:

— Por que você não foi?

Eu não entendi o que ela estava querendo saber. Por que não fui aonde? Por que diabos estávamos de pé na chuva, fazendo perguntas estúpidas?

— Do que você está falando? — perguntei.

Mesmo na chuva, vi lágrimas escorrendo de seus olhos.

— Por que você não foi me procurar quando eu fui embora? Minha mãe sabia onde eu estava. Por que não ligou? Por que não mandou uma mensagem? Merda, por que nem mesmo mandou um e-mail? Por que, Adrian, por quê? — ela implorou, batendo o pequeno punho contra o meu peito.

Ela queria que eu fosse procurá-la. Senti uma dor no peito – uma que não sentia desde a manhã em que acordara sozinho naquela cama e soube que ela havia me abandonado. Doera, tão fundo e tão cru, que eu quis gritar até colocar o bairro abaixo, mas, em vez disso, agarrei suas mãos, tirando-as do meu peito e perguntei:

— Por que foi embora? Por que me deixou quando mais precisei? Como você pôde fazer isso sabendo o quanto eu te amava? Como pôde se importar tão pouco com o meu coração?

Tentei empurrá-la para longe, mas ela agarrou o tecido da minha camisa, puxando-me para mais perto até que nossos corpos molhados encostaram um contra o outro. Ela estava pressionada entre mim e a porta do carro. Trovões ressoavam à distância, e a chuva batia na calçada ao nosso redor, mas tudo o que eu podia ver e sentir era ela, um pequeno vislumbre do meu raio de sol no meio daquela tempestade.

— Por que você não foi? — ela sussurrou contra meus lábios. Parecia tão devastada quanto eu me sentia.

Agarrei seu rosto com força entre as palmas das minhas mãos, usando meus polegares para limpar as lágrimas sob seus olhos. Mal podia acreditar que não entendia o porquê de eu não ter ido atrás dela. Isso me abalou com tanta força que não pude deixar de lhe contar a verdade.

Olhei profundamente em seus olhos.

— Eu não fui, porque não pude. Não poderia correr atrás de você sabendo que me deixou sem nem se importar. Sei que estava sofrendo, Ains, mas eu também. Como não enxergou isso? Como não pensou que também perdi Lori? — Deixei minhas mãos deslizarem até seus ombros e sacudi seu corpo. — Minha mãe e minha irmã me deixaram contra a vontade delas. Foi rápido e chocante, mas, ainda assim, foi para a morte. Meu pai me abandonou pelo álcool, dando-me atenção apenas com seu punho, e então Lori... Deus. Nunca esperei que você fosse fazer isso comigo. Nunca. Nunca esperei que fosse me deixar de livre e espontânea vontade, Ainsley. Você não deveria ter feito isso. Deveria ter ficado comigo, como estive por dez malditos anos. Eu não poderia ir atrás de você, porque você me destruiu. Não podia ir atrás de você depois disso. E ainda não posso. Ainda estou muito machucado. Entendeu? — gritei através da chuva que jorrava e do vento que uivava. O violento distúrbio da mãe natureza girava em torno de nós, mas mal notava, porque só conseguia me concentrar na tempestade dentro de mim. Ela estava furiosa. Era brutal e selvagem, e eu queria chorar por causa de sua intensidade.

Ainsley baixou a cabeça, encostando-a em meu peito, e mesmo que a chuva estivesse forte demais para que eu ouvisse seu choro, vi seus ombros tremerem com os soluços. Ela ergueu a cabeça em direção à minha, deixando sua boca a um suspiro de distância da minha e disse:

— Deus, Adrian, me perdoe. Por favor, me perdoe. Eu estava um caos. Todos os dias aqui eram pura agonia sem Lori. Toda vez que eu olhava para você, para mamãe ou para qualquer coisa, tudo que eu via era ela. Isso estava me matando. Tive que ir embora. Por favor, me perdoe. Eu era um desastre.

Coloquei minhas mãos de volta em suas bochechas e esfreguei meu polegar contra o rosa que manchava seus lábios.

— Você acha que não é mais um desastre? Acha que não está mais um caos? Então, o que diabos é essa merda no seu rosto? — Continuei esfregando seu lábio com o polegar até que a verdadeira cor deles surgisse. O rosa estava manchado ao redor de sua boca, e a chuva lavava ainda mais a maquiagem. — Quem você está fingindo ser hoje, Ains? Por que diabos está tão magra? Por que se esconde atrás de uma fachada que não te representa? Você ainda está uma merda, e me mata perceber que, mesmo destruída desse jeito, eu ainda te desejo mais do que preciso respirar. Porque consigo ver através de toda essa porcaria que tenta encobrir. Vejo seu coração. Vejo a minha Ainsley. A garota que me salvou várias vezes quando criança. Não posso evitar amá-la. E me odeio por isso.

Estupidamente colidi meus lábios com os dela. Não pude evitar. Ainsley congelou por apenas um segundo antes de seu corpo se derreter como manteiga

contra o meu. Porra, eu tinha esquecido como ela encaixava tão perfeitamente em mim. Abriu a boca, deslizando a língua contra a minha, e tudo foi perdido, menos nós, naquele exato momento. Eu estava com tanta fome. Parecia estar faminto há anos, e agora me via determinado a me satisfazer. Devorei e devorei sua boca, mas, ainda assim, não era suficiente. Quando suas pequenas mãos abriram caminho debaixo da minha camiseta molhada e correram até meu abdômen e meu peito, perdi todo o controle. Rosnei baixo, enquanto embolava uma mão em seu cabelo encharcado, e o agarrei com força enquanto movia minha outra mão por debaixo de sua camisa em direção ao seu pequeno, mas perfeito, seio. Esfreguei meu polegar sobre o mamilo e uni meus dedos, apertando-o. Ela gemeu contra minha boca, e essa foi toda a permissão da qual eu precisei. Empurrei ainda mais seu corpo contra o carro com o meu até que ela estava inclinada sobre ele e movi minha mão trêmula para dentro de duas calças, enfiando-a em sua calcinha. Prendi o ar com o contato.

— Porra, baby — eu disse contra sua boca. — Você está tão molhada e quente para mim.

Ela inclinou a pélvis contra a minha mão e se arqueou para trás no carro, seu corpo implorando por mais. E, naquele momento, eu queria dar tudo a ela. Cada. Maldita. Coisa. Deslizei meu dedo médio mais fundo em sua intimidade, penetrando-a. O suspiro que soltou contra a minha boca me levou ao limite. Meu polegar começou a esfregar círculos lentos e preguiçosos ao redor de seu clitóris enquanto o segurava com meus dedos. Ainsley ficava linda quando excitada. Apoiou-se na minha mão enquanto eu violava e punia sua boca com a minha.

Sua respiração começou a ficar cada vez mais acelerada, e eu pude senti-la chegando perto do clímax. Inclinei-me para trás, para poder ver seu rosto quando ela finalmente se deixou levar. Deitou a cabeça contra o carro e arqueou o pescoço lindamente. Foi tão impressionante, tão magnífico. Eu queria pintá-la daquele jeito, debruçada no meu Mustang azul, sua boca entreaberta em pura entrega, o êxtase gravado em cada uma das suas feições. Queria que o mundo visse o quanto ela ficava ainda mais espetacular quando se tornava minha.

— Por favor. Adrian, por favor — ela implorou quando agarrou meu pulso, empurrando minha mão com mais força contra ela. — Por favor, mais rápido. — Sua súplica fez minha mente girar.

Comecei a mover meu polegar mais rápido em torno de sua intimidade e empurrei meus dedos mais e mais dentro dela.

— Goze, baby. Deixe-me assistir. Goze para mim. Na minha mão — sussurrei em seu ouvido antes de chupar e morder o lóbulo de sua orelha. E, Deus, eu queria vê-la desmoronar por mim. Só por mim.

— Sim, sim — ela disse tão baixinho que eu quase não ouvi por conta da

chuva.

Ela estava montada na minha mão, a cabeça jogada para trás em êxtase, quando a senti se despedaçar. Foi lindo e feio ao mesmo tempo, e tão real... Naquele momento, eu sabia que estava fodido, porque a quis de novo, de novo e de novo.

Ela colocou os braços em volta de mim e descansou a testa no meu peito, conforme sua respiração desacelerava. Enquanto isso, senti-me como uma bomba pronta para detonar, minha ansiedade alcançando níveis astronômicos. Como pude permitir que isso acontecesse? Fora um erro, mas eu queria fazer de novo, só que desta vez estando dentro dela.

Ainsley interrompeu meus pensamentos.

— Eu sinto muito, Adrian. Sinto muitíssimo. Eu não deveria ter ido embora.

Meu corpo se retraiu com suas palavras, que se esgueiraram através de mim como aço nas minhas veias. Era verdade. Ela havia me abandonado e provavelmente me deixaria novamente. Sua vida estava em Nashville, e a minha estava ali, em Gilbert, e Deus sabia que Ainsley não queria ficar. Iria embora quando sua mãe estivesse melhor. Ia me machucar novamente, e o único culpado seria eu mesmo. Porque era fraco, e aquela mulher era a minha completa ruína.

Saí de seus braços e murmurei um pedido de desculpas.

— Me desculpa. Eu preciso ir. — Puxei para longe do carro e abri a porta antes de deslizar meu corpo encharcado para o banco e me fechar lá dentro com força.

Ainsley bateu com o punho na minha janela, então, eu abri o suficiente para ouvi-la.

— Precisamos conversar, Adrian. Não fuja. Por favor, fique. — Ela parecia patética sob a chuva, molhada até os ossos, implorando para eu não ir embora.

Mas eu não poderia ficar, porque, se fizesse isso, seria o fim. Ela teria tudo de mim e então me jogaria fora como lixo quando terminasse comigo. Eu não poderia sobreviver a isso novamente. Mal tinha sobrevivido na primeira vez.

Lancei-lhe um olhar de aço através da janela e soltei uma risada sarcástica.

— Você deveria começar a fazer as malas, princesa.

Ela parecia confusa e atordoada com a minha resposta.

— O quê? Do que está falando? Por que eu preciso começar a arrumar as malas? — ela perguntou.

— Não é isso que você faz? Você goza. E depois vai embora — respondi.

Ela pareceu perplexa por apenas um segundo antes de compreender.

Adagas de ódio voaram de seus olhos quando fechei minha janela.

— Saia da frente — murmurei através do vidro. Eu precisava dar o fora dali

antes que ela explodisse, porque eu sabia que era isso que iria acontecer.

Cuidadosamente tirei o carro da garagem, enquanto Ainsley corria atrás dele. Ela bateu com o punho no meu capô, gritando:

— Vá se foder, Adrian! Vá se foder!

Desisti de sair cuidadosamente e me retirei o mais rápido que pude, pegando a rua principal. Verifiquei o espelho retrovisor e lá estava ela, irritada como o inferno, gritando a plenos pulmões. Apesar do medo que sentia da minha reação em relação a ela depois de todos aqueles anos, não pude deixar de sorrir ao ver a raiva, o fogo absoluto no rosto do meu raio de sol. Foi bom ver outra coisa além daquela expressão triste e desanimada com a qual acabei me acostumando desde que ela chegara em casa.

Sim. Que eu me fodesse. Que eu realmente me fodesse.





Capítulo

16

Ainsley

Minha cabeça latejava, e todo o meu corpo ficara dolorido por ter passado a maior parte da noite no chão do banheiro com a minha mãe. A quimio estava nos dando uma surra, e, embora eu me sentisse mais do que cansada, também me sentia incrivelmente grata por estar lá para ajudá-la. Fiz uma anotação mental para ligar para Miranda e dizer exatamente isso. Eu lhe devia um agradecimento, porque minha mãe precisava de mim e devia minha volta para casa à minha amiga.

Depois de uma longa noite segurando o cabelo de mamãe enquanto ela vomitava repetidamente, nós duas dormimos até o meio-dia. Naquele momento, eu estava me arrastando, mas determinada a conseguir preparar alguma coisa para ela comer. Comecei a ferver o leite para preparar um mingau sem graça, esperando que ela o mantivesse no estômago. Comecei a colocar os pratos sujos do jantar anterior na máquina de lavar louça quando ouvi o zumbido do cortador de grama. Pressionei meu rosto contra a janela sobre a pia e olhei para o lado esquerdo do quintal, de onde vinha o som. Com certeza, lá estava Adrian. O rato desgraçado.

Apesar de tudo, pressionei meu rosto mais perto do vidro, como a adolescente apaixonada como a qual eu começava a agir. Claro que ele ficaria ridiculamente sexy enquanto cortava a grama, o boné colocado para trás sobre aquela espessa juba de cabelos escuros, uma velha camiseta branca apertada e um jeans azul desbotado moldando-se perfeitamente ao seu belo traseiro. Afastei o cabelo do meu pescoço e usei minha outra mão para me abanar. Ele era absurdamente gostoso, e isso me irritou ainda mais.

Fazia apenas uma semana desde o mais épico orgasmo da história. Sim, era assim que eu o chamava, porque foi o orgasmo mais impressionante da minha

vida. Não que houvesse muitos com os quais comparar. Tive exatamente dois orgasmos que não foram pelas minhas próprias mãos, e Adrian fora o responsável por ambos. Ainda estava puta da vida tanto pelo começo quanto pelo fim daquela noite, mas tudo que acontecera entre esses dois momentos – o orgasmo – não me deixou nem um pouco arrependida. Na verdade, não conseguia parar de pensar em sua pele contra a minha e o olhar determinado em seu rosto quando me levou ao limite. Percebi que me queria tanto quanto eu, e isso me fez esquecer que o abandonei e que ele me odiava. Nos poucos momentos em que seu corpo se elevava sobre o meu, em que a chuva pesada nos protegera do resto do mundo, fomos apenas Ainsley e Adrian. Fomos o *nós* que se encaixa como duas peças de quebra-cabeça – o *nós* que costumávamos ser antes de Lori morrer.

Eu realmente não tive a intenção de começar uma briga na cozinha naquela noite. Só queria saber o quanto e com que frequência ele vinha ajudando minha mãe. Planejava agradecer e conquistar algum tipo de civilidade entre nós. E só olhei um pouquinho para o pau dele enquanto consertava a pia da cozinha. Quer dizer, o que eu deveria fazer? O negócio estava bem ali. Pareceu estranho *não* olhar. Cara, eu estava me transformando em uma ninfomaníaca.

Honestamente, achava toda aquela situação bizarra. Não fazia ideia de que Adrian estava ajudando a minha mãe desde que fui embora. Quando ele apareceu no hospital, encontrou-me à beira de outro dos meus malditos ataques de pânico. Foi tão difícil entrar naquele hospital que eu só consegui deixar minha mãe lá dentro, assistida, e então fugi. Jesus, tudo naquele maldito lugar me deixava enjoada. Desde os cheiros a todos os sons familiares. Meu estômago se contorceu em nós. Graças a Deus, Adrian aparecera, e, por mais que suas palavras tivessem sido duras, eu precisava delas. A mão dele na minha, enquanto me guiava por aquelas portas, confortou-me além do que poderia imaginar. Então, não. Não fiquei chocada por saber que a ajudara quando eu não estava por perto, porque era Adrian, e por mais que minha vontade fosse dar um chute naquela bunda sexy, eu sabia que ele era uma pessoa boa, decente e amorosa. Era doce, admirável. Era... simplesmente ele.

Só pareceu estranho, porque esta deveria ser a minha tarefa, mas eu não estava por perto. Deveria estar, contudo. E, novamente, era para mim que retornava a culpa. Eu era a responsável por tudo. Mas, ainda assim, não esperava suas palavras odiosas logo depois de ele me fazer gozar contra seu carro.

Você goza. E depois vai embora.

Elas me surpreenderam tanto que congelei por um segundo, pensando que certamente deveria ter ouvido mal. Mesmo naquele momento, podia sentir o constrangimento pela situação erguer-se até o meu rosto. Não cometeria o

mesmo erro novamente, por mais que tivesse sido épico. Por mais que tivesse sido bom me deixar levar e ser a velha Ainsley por alguns instantes. Não iria me entregar a ele novamente para que me insultasse logo depois.

Mas, Deus, eu ainda o queria. Mesmo sabendo que não o merecia, isso não me impediu de sair correndo pela varanda e de praticamente implorar por uma resposta sobre o porquê de ele não ter ido atrás de mim. Era fácil ver que ficara chocado com a minha pergunta. Suas razões eram válidas demais. Mesmo assim, não poderia mais fazer isso. Ele precisava me deixar em paz agora que eu estava de volta. Não ia ser seu brinquedinho.

O barulho do cortador de grama me tirou dos meus pensamentos e me obrigou a me concentrar no quintal novamente. Adrian estava a poucos metros da janela, bebendo um pouco de água. Colocou a água no chão e depois segurou a parte de baixo de sua camisa. *Santo inferno! Hoje, não!* Ainda estava me recuperando da nossa noite na chuva. Não precisava vê-lo sem camisa. Mas eu era uma mulher fraca, então, pressionei meu rosto contra o vidro novamente. Abdômen e músculos perfeitos cobertos de suor me fizeram morder o lábio quando, de repente, ele se virou para mim como se sentisse que eu o observava. Afastei minha cabeça do vidro, envergonhada por ter sido pega boquiaberta. Novamente.

Adrian me lançou um sorriso vitorioso, e eu desejei bater na cara dele. Com aquele único olhar era fácil ver o quanto me conhecia. Sabia que meu amor por ele era tão forte quanto no primeiro dia em que encostou seus lábios nos meus. Sabia que, com um piscar de olhos, eu iria correndo em sua direção. E faria isso, porque era tudo verdade – não importava o quanto estivesse zangada, ainda me sentia irreparavelmente apaixonada. No entanto, ele não precisava esfregar isso na minha cara. Filho da puta arrogante.

Ergui meu punho para a janela e lentamente deixei meu dedo do meio surgir, dando-lhe um sorriso "vá se foder". *Tome isso, babaca.*

Mesmo através da vidraça, pude ouvir suas palavras abafadas.

— Já fiz isso, docinho.

Fechei as persianas enquanto ele soltava uma risada sarcástica e bufei, afastando-me do fogão apenas para esbarrar na minha mãe.

— Onde você ia, parecendo tão irritada? E é Adrian lá fora, cortando a grama? — perguntou ela.

— Sim, ele está lá fora. — *E usando cada pedacinho de seu sex appeal para me deixar infeliz.* Eu queria bater a cabeça no balcão algumas vezes, mas, ao invés disso, mexi o mingau no fogão.

Mamãe veio por trás de mim e colocou os braços ao meu redor, descansando a cabeça no meu ombro. Soltei um suspiro de alívio ao sentir seu

abraço.

— Você sabe que, se quiser conversar, eu estou aqui, certo? E me disseram que sou uma ótima ouvinte.

Eu sabia disso, porque minha mãe sempre esteve ao meu lado. Sempre soube que era uma sortuda por ter uma mãe incrível, que nunca me decepcionaria. E era exatamente por isso que não conseguia lhe falar sobre aquele assunto. Ela estava doente, e eu deveria estar cuidando dela, não incomodando-a com todos os meus problemas. Queria cuidar dela como cuidara de mim durante toda a minha vida.

— Eu sei, mamãe — eu disse, colocando minha mão sobre a dela na minha cintura.

— Você sabe que pode me contar qualquer coisa, certo?

Deus, eu não queria contar qualquer coisa. Queria contar tudo. Queria bater meus pés, chorar, gritar e deixar tudo sair. Queria dizer que por não ter ido à festa com Lori, eu praticamente a havia matado. Queria dizer a ela que ainda tinha pesadelos com minha prima no hospital. Queria dizer que eu não deveria ter ido embora, que estava arrependida e que senti tanto a falta dela enquanto estive fora que às vezes mal conseguia respirar. Queria dizer que Adrian me odiava e que não suportava isso. Que toda vez que ele me lançava um olhar de desprezo, eu morria um pouco por dentro.

Mas não contei nada disso. Em contrapartida, continuei mexendo o mingau e disse:

— Sei disso, mamãe. Eu te amo.



Acordei na manhã seguinte sentindo-me ainda pior do que no dia anterior, apesar de ter dormido uma noite inteira. Tive meu primeiro pesadelo desde que cheguei em casa, e foi o pior de todos.

Eu estava andando pelos corredores do Hospital Gilbert sozinha, usando apenas uma camisola longa e branca. O piso era frio contra os meus pés, e o único som que podia ouvir era o meu coração trovejando dentro do peito. De cada lado de mim, as paredes estavam alinhadas com portas. Uma após a outra. Estava procurando por alguém ou alguma coisa, mas quase todas as portas que tentei abrir estavam trancadas. Ocasionalmente, esbarrava em uma destrancada e encontrava duas camas bem arrumadas dentro dela. Cada quarto estava vazio ou trancado, e eu sentia minha ansiedade aumentar um pouco. Eventualmente, fiquei histérica, correndo de quarto em quarto, checando freneticamente as portas. Quando achei que não aguentaria mais nem um minuto, abri uma delas

e encontrei alguém em uma das duas camas. Lenta e timidamente caminhei em direção à pessoa, apavorada com quem poderia encontrar deitado ali.

Aproximei-me da cama e vi dois pés e pernas longas cobertas de branco até o peito da pessoa deitada na cama. Continuei subindo até chegar ao rosto misterioso e descobrir que era Adrian. Seus olhos azuis estavam abertos e vazios. Seus lábios quase tinham o mesmo tom. Azul. Ele estava morto.

Um grito silencioso escapou dos meus lábios. Gritei de novo, mas, ainda assim, nenhum som surgiu.

— Adrian! Adrian! — gritei repetidas vezes, mas o quarto permaneceu completamente silencioso.

Levantei-me da cama, sentindo como se fosse morrer ali mesmo. Sem fôlego. Não havia uma única grama de ar que eu conseguisse respirar. Levei minha mão ao meu peito e fiz uma contagem regressiva a partir das dez, rezando para que o oxigênio viesse, e, eventualmente, ele veio. Acho que nunca tive um ataque de pânico tão cruel na minha vida, e olha que tive muitos desde que perdi Lori.

Enterrei minhas mãos no meu cabelo e chorei. Sabia que estava piorando desde que cheguei em casa. Em cada esquina havia uma lembrança de Lori e Adrian, e, às vezes, era quase insuportável estar ali. Sofria pela minha mãe, mas aquele sonho... Aquele sonho permaneceu comigo pela maior parte do dia. Não conseguia tirar a imagem de Adrian, deitado naquela cama, como Lori, da minha cabeça. Eu sabia por que tinha sonhado com aquilo. Porque o havia perdido. Nunca o recuperaria, e aquela era a forma encontrada pelo meu subconsciente para me informar. Eu o havia perdido, e ele nunca me perdoaria. Continuaríamos nos esbarrando naquela cidadezinha, dali a vinte anos, e eu ainda receberia seus olhares de desgosto e suas injúrias. Aquela fora a teia que teci. Agora estava presa nela. Era hora de seguir em frente e parar de chorar por Adrian. Não era saudável. Era hora de deixar o sonho ir embora junto com o pesadelo.

Eu não precisava de Adrian. Precisava me fortalecer sozinha. Não tinha a mínima ideia de como fazer isso, mas descobriria. Descobriria como ser eu mesma novamente, não importava o que isso queria dizer. Foram quatro anos. Mal conseguia me lembrar da antiga Ainsley, mas ainda sabia algumas coisas sobre ela. Ela amava feroz e abertamente. Não se escondia. Não abandonava seus entes queridos. Amava aquela cidade. Aquela casa. Ela se amava. Precisava encontrá-la novamente. Tempo. Levaria tempo.

Vesti uma camiseta, uma calça jeans desbotada e caminhei pelo corredor até o quarto de Lori, determinada a abrir a porta. Só que não consegui. Fiquei do lado de fora, com as palmas das mãos nela, desejando ser mais corajosa. Eventualmente, também encostei minha bochecha quente na madeira lisa e fria,

sabendo que estava diante de um precipício muito alto, só que não conseguia me lançar para frente. Sentia muito medo. Lágrimas rolaram silenciosamente pelo meu rosto, mas eu o mantive pressionado onde estava, tão perto, mas tão longe. Não seria naquele dia, mas, eventualmente, eu abriria aquela maldita porta.

Passei o resto do dia limpando banheiros, passando aspirador e espanando. À noite, peguei meu violino e toquei por horas e horas, até que meus dedos doeram, e meu ombro e meu pescoço ficaram rígidos. Ainda assim, não foi o suficiente. Calcei uma sandália e deixei meu cabelo solto e ondulado. Olhei no espelho e decidi que não iria me incomodar em me maquiar. Ao invés disso, queria ser a Ainsley que costumava ser. Aquela que Adrian amava.

E lá estava eu, dirigindo-me ao Beau's, na esperança de que a noite do microfone aberto ainda acontecesse às sextas-feiras e aos sábados. Eu nunca tinha tocado lá, mas precisava de uma fuga e me lembrava de assistir as pessoas tocando enquanto jantávamos quando eu era criança. Parei no estacionamento quase vazio e peguei meu violino. Caminhei até as portas e pedi para falar com o gerente.

A gerente educadamente sorriu para mim, dando-me a notícia que eu não queria ouvir.

— Não fazemos mais noites do microfone aberto há anos.

Olhei para o palco vazio e perguntei:

— Mas alguém vai tocar esta noite? — Eu não entendia por que não poderia tocar, se não houvesse ninguém na programação. O lugar estava praticamente vazio, de qualquer maneira. Havia exatamente duas pessoas além dos funcionários, e eles estavam jogando sinuca nos fundos.

A gerente olhou para mim e retorceu as mãos como se não soubesse o que fazer.

— Olha — eu disse —, eu não estou tentando ganhar dinheiro aqui. Só quero tocar. Pode ser?

Ela me deu um sorriso de alívio e disse:

— Claro. Não temos ninguém tocando hoje. Vá em frente, embora não haja muita gente por aqui. Ainda está cedo, então, nunca se sabe.

— Obrigada — eu disse, caminhando rapidamente para o pequeno palco, que não era exatamente um palco, mas apenas um ponto onde o carpete sujo terminava e um piso reluzente iniciava.

Arrastei uma cadeira e tirei meu violino da caixa. Não precisava de um microfone. Eu realmente não precisava de um público. Só precisava ser corajosa. Precisava ser eu mesma. Então, fechei meus olhos e comecei a tocar.





Capítulo

17

Adrian

Tudo que eu queria era uma cerveja e minha cama, e depois do dia que tive, era o que merecia. Mesmo assim, entrei no Beau's, sentindo-me mais leve, porque finalmente disse a Greta que não queria mais vê-la e estava me sentindo muito aliviado. Nas duas últimas semanas, deixei-a de lado e inventei desculpas. Ela estava certa naquele dia na calçada em frente ao meu apartamento. Desde que Ainsley voltara para casa, não parecia certo ficar com outra. Porque, por mais que eu quisesse odiar Ainsley, sabia que uma boa parte de mim ainda a amava. Este era o problema de amar alguém tão profundamente – esse amor não desaparece simplesmente porque essa pessoa fez algo horrível. Não desaparece porque você *quer*. O amor pode ser tão cruel quanto maravilhoso. Eu não podia retomar as coisas com Ainsley, embora uma grande parte de mim desejasse isso. Não podia confiar nela – não depois de como me abandonara sem dizer nada. Também sabia que não poderia continuar a ver Greta enquanto ainda estivesse apaixonado por outra mulher.

Greta não facilitara as coisas para mim, para dizer o mínimo. Ela ficou louca, e foi por isso que eu parei no Beau's para tomar uma cerveja. Depois, pretendia ir para a minha casa, para a minha cama. Estava rezando para que Greta se recuperasse, porque, apesar de não termos mais um relacionamento pessoal, ainda teríamos um profissional.

Assim que entrei no Beau's, eu ouvi. Um violino. E soube. Soube, porque o destino era uma vadia e constantemente tentava me unir a Ainsley. Senti como se estivesse em um dos romances de Miranda. Então, imaginando que era ela, sentei-me nos fundos do restaurante. Um confronto depois do meu desastre com Greta era a última coisa que eu precisava.

O lugar estava quase vazio, então, mesmo sentado em uma mesa num canto

escuro, longe do palco, eu tinha uma visão perfeita de Ainsley. Não pude evitar sorrir quando a onda de nostalgia tomou conta de mim ao vê-la tocando. Ela era brilhante. Sempre fora.

O garçom veio pegar o meu pedido, e eu mal consegui dizer qual cerveja queria. Não conseguia tirar meus olhos dela. Seu corpo se balançava para frente e para trás ao ritmo da peça clássica que tocava. Sorri, lembrando que ela sempre fez isso. Mesmo quando tocava muito mal, costumava ficar em sua varanda, movimentando-se para lá e para cá. Seus olhos estavam fechados em concentração, e seu cabelo estava solto, selvagem ao redor de seu rosto, exatamente como eu amava. Desde que voltara para casa, começara a se parecer cada vez mais com meu raio de sol – e isso estava me matando. Assim como naquela manhã em que a vi me observando cortar a grama como uma stalker. Naquela manhã, ela me fez rir genuinamente quando me deu o dedo do meio. Sentia falta de seu jeitinho provocador. Fazia com que eu me lembrasse do que costumávamos ter.

Era mais fácil ignorá-la quando não se parecia com a antiga Ainsley. Os vestidos, a maquiagem e o cabelo sensual só me lembravam de que ela não era minha, mas quando estava vestida daquela forma – de jeans e camiseta, com o rosto limpo – era como se nunca tivesse ido embora. E eu odiava e amava essa impressão, porque era uma mentira.

Ainsley parou de tocar e abriu os olhos. Empertiguei-me na minha cadeira, tentando adivinhar o que viria em seguida. Desde que cheguei, o local enchera um pouco, e havia pessoas sentadas na minha frente.

Ela sorriu, olhando ao redor do salão.

— Esta próxima música é para os dois amores da minha vida. Para quem me deixou e para quem eu deixei. — Seus lábios tremiam enquanto ela continuava: — Sinto muito que nosso amor tenha acabado cedo demais, mas ainda sou muito grata por tudo, porque foi o melhor que poderia receber. E, a partir de agora, vou me lembrar apenas das coisas boas.

Uma lágrima solitária deslizou pelo seu rosto quando ela fechou os olhos e começou a tocar. Eu nunca tinha ouvido a música antes, mas era lenta e triste, com um clima country. Senti o ardor das lágrimas atrás dos meus olhos enquanto me perguntava onde ela havia aprendido aquela música bonita e melancólica. Perguntei-me como teria sido sua vida em Nashville. Se tinha sido feliz lá. Provavelmente, não. Ela mal parecia ter vivido enquanto estava fora, e me lembrei dos avisos de Miranda de que Ainsley não era mais ela mesma.

Mais lágrimas deslizaram por seu rosto, e ela manteve os olhos fechados, afastando-se do resto do mundo. Parecia transbordar de emoção, mas ainda tocava sem falhas. Eu nunca a vi mais bonita do que naquele exato momento.

Nem mesmo na noite em que a imprensei contra o meu carro. Senti cada barreira que havia erguido ao redor do meu coração nos últimos quatro anos caindo com cada nota daquela música, cada balanço de seu corpo, cada lágrima que deixava seus olhos.

Pensei em suas palavras. *Esta próxima música é para os dois amores da minha vida. Para quem me deixou e para quem eu deixei.* A umidade se acumulou nos meus olhos e transbordou. Minhas lágrimas eram tão inevitáveis quanto meu amor pela garota no palco. Eu não sabia como parar de amá-la, mas também não sabia mais como amá-la. Nosso relacionamento e a confiança foram danificados de forma tão irreparável que eu nem sabia por onde começar a consertá-los. Mas pensar nisso era o mesmo que assumir que havia chance de conserto. Meu coração e minha mente estavam em desacordo um com o outro, e isso era excruciante.

Seria difícil confiar nela novamente, mas, Deus, eu queria tanto. Então, ao invés de focar em todas as coisas que não conseguiria consertar naquela noite, fiquei escutando Ainsley tocar. E vi meu raio de sol iluminar o palco de um bar escuro e sujo localizado nos arredores de uma cidadezinha do interior.





Capítulo

18

Ainsley

O tempo voava. Eu já estava em casa há quase um mês e, embora não soubesse exatamente o que fazer da minha vida, sabia que começava a cogitar ficar em definitivo. Pensar em deixar minha mãe, Miranda e, sim, até mesmo Adrian novamente, fazia com que minha pulsação disparasse em um surto de ansiedade. Então, eu vasculhava os anúncios em busca de pessoas procurando por aulas de violino. Até coloquei meu próprio, na seção "Procura-se Alunos". Agora, eu estava percorrendo a página da Filarmônica da Carolina do Sul, tentando descobrir como fazer uma audição. Eles ensaiavam e se apresentavam a apenas cerca de quarenta minutos da minha casa, e eu *precisava* tocar.

— Adrian está aqui, mexendo no meu carro, querida — disse minha mãe, enquanto chegava na sala de estar. Ela estava de pé atrás do sofá, olhando por cima do meu ombro para o laptop empoleirado nas minhas pernas cruzadas. — Vocês dois parecem estar se dando melhor, não é? — perguntou não tão sutilmente.

Ela vinha fazendo isso ultimamente – um milhão de perguntas não tão sutis sobre mim e Adrian. Com um bom motivo. Na verdade, estava certa de várias maneiras. As duas últimas semanas tinham sido melhores para nós dois. Ele não escalava minha janela à noite, professando seu amor, nem qualquer coisa maluca assim. Para ser sincera, ele mal falava comigo e, quando falava, dizia apenas: "Oi, Ains", quando chegava, ou "Até mais, Ains", quando saía. Sempre estava por perto para ajudar a minha mãe quando ela precisava, e era bastante indiferente a mim na maior parte do tempo. Mas eu preferia assim, porque qualquer coisa era melhor do que Adrian irritado.

— Hum-hum — murmurei para minha mãe, continuando a checar a página, mas realmente sem prestar atenção.

Ela vinha buscando informações há mais de uma semana. Sei que estava curiosa sobre o que tinha mudado, mas eu não sabia o que dizer a ela, porque não tinha certeza. Voltara do Beau's duas semanas atrás determinada a fazer boas mudanças em minha vida e não brigar mais com Adrian, e parecia, por alguma mágica, que ele chegara à mesma conclusão. Mesmo assim, às vezes me via sonhando em tê-lo como amigo de novo. Não amantes. Apenas amigos. Eu sentia falta daquela parte de nós mais do que tudo.

Mamãe caminhou para o meu lado do sofá, sentou-se bem perto de mim e soltou um longo suspiro. Fechei a tampa do meu laptop e virei meu corpo para ela. Sabia que queria conversar, e quando minha mãe queria conversar, era melhor lhe dar atenção.

— Querida, eu sei que Adrian ficou chateado quando você foi embora. Aquele garoto te ama com todo o coração, e eu sei que, quando você voltou, ele ainda estava muito magoado e irritado. Mas vejo o jeito que você olha para ele. Vejo o desejo em seus olhos. E, mais do que tudo no mundo, quero que seja feliz, Ainsley. Você entende isso? — mamãe perguntou, inclinando-se e pegando a minha mão.

Balancei a cabeça, mesmo quando senti as lágrimas em meus olhos.

— Também vejo o jeito como Adrian olha para você. E, se pensa por um segundo que aquele garoto não lambe o chão por onde você anda, está completamente enganada. Ele te adora, mesmo que ainda esteja bravo pra caramba.

Balancei minha cabeça para frente e para trás enquanto as lágrimas caíam. Não, ela estava errada. Adrian não me adorava mais. Ele me adorara um dia, mas arruinei tudo quando fui embora.

Mamãe pegou meu rosto entre as duas mãos e disse:

— Me escute, querida. Nós sabemos melhor do que ninguém que a vida é curta e que o amanhã não é garantido. Se você quer algo, precisa ir atrás. Não espere até que seja tarde — ela terminou.

Já parecia ser tarde demais para mim e Adrian. Mas não era tarde demais para mim e para minha mãe, e eu lhe devia um pedido de desculpas. Adrian não merecia a minha fuga, mas ela também não. Eu precisava parar de sentir pena de mim mesma e admitir meus erros.

Joguei meus braços em volta do seu pescoço e disse:

— Sinto muito por ter te abandonado, mamãe. Não foi certo. Você estava sofrendo também, e eu te deixei sozinha. Me desculpa — choraminguei em seu ombro.

Ela esfregou minhas costas e me calou.

— Não, Ainsley. Eu entendo por que você foi embora. Você fez o que tinha

que fazer para sobreviver. Perdemos alguém precioso para nós. — Ela fez uma pausa e olhou ao longe, como se fosse insuportável lembrar-se da perda de Lori. — Foi uma época muito difícil para todos. Não fiquei decepcionada por você ter partido. Senti sua falta ferozmente, mas nunca senti raiva. — Puxou-me para mais perto.

Inclinei-me mais em direção a ela até que nossos quadris se tocaram. Encostei minha cabeça em seu peito e fechei meus olhos.

— Você sempre foi uma criança tão abnegada, Ains. — Ela soltou uma pequena risada. — Mesmo aos quatro anos de idade tomava conta de Loralie como se fosse mãe dela. E então, quando Adrian se mudou para a casa ao lado, você cuidou dele também. É da sua natureza querer cuidar de todos. Mas agora é hora de cuidar de si mesma.

Ela apertou meus ombros.

— Amar a si mesma não te torna vaidosa ou egoísta. Só indestrutível. Descubra o que você quer e tudo vai se encaixar, querida. Eu prometo — ela disse suavemente, esfregando minhas costas.

Naquele momento, senti-me a garota mais sortuda do mundo. Eu não achava que mamãe estivesse certa sobre mim e Adrian, mas sabia que ela me amava mais do que todas as estrelas no céu.

Mamãe recuou e ergueu meu queixo com os dedos para que eu olhasse para ela.

— Hoje é um bom dia para pegar aquele violino e tocar um pouco lá fora, não acha? Talvez você ganhe um público. — Ela piscou, dando-me um sorriso cúmplice.

Ela estava certa. As noites quentes de verão estavam chegando ao fim. O tempo finalmente começava a esfriar, e eu não havia tocado naquela varanda desde que chegara em casa. O tempo estivera muito quente. Além disso, proporcionava muitas lembranças que eu me esforçava para evitar. Mas não ia mais fazer isso. Iria abraçar essas memórias, porque eram tudo o que restava do trio que uma vez fora composto por Lori, Ainsley e Adrian. Adrian estava lá fora, trabalhando no carro, e talvez ele me dissesse um “Oi, Ains.” Era muito embaraçosa a forma como eu vivia por aqueles cumprimentos, mas queria pegar o que quer que me restasse.

— Eu amo você, mamãe — eu disse, abraçando-a bem forte. Olhei para o rosto dela.

Ela parecia doente, muito diferente de como sempre parecera. Havia perdido a maior parte do cabelo espesso, e as sobrancelhas e os cílios eram inexistentes. Passara a usar uma bandana para cobrir sua cabeça careca. Eu queria pedir a Miranda que fizesse um gorro para ela antes que o outono

realmente chegasse. Era difícil vê-la daquela forma, mas sabia que não era o câncer que a deixava tão doente. Era a quimioterapia, e era temporária. E era isso que eu dizia a mim mesma todos os dias.

— Amo você também, Ainsley — ela murmurou quando me afastei e segui meu caminho até o meu quarto.

Andei pelo corredor, em seguida, parando brevemente diante da porta fechada de Lori. Esfreguei minha mão na madeira lisa e desejei ter coragem de abri-la. Ainda não.

Continuei seguindo pelo corredor e deixei minha própria porta aberta. Tirei meu violino do estojo. Depois deslizei o arco pelas cordas para poder ajustar meu instrumento antes de sujeitar toda a vizinhança às minhas notas nítidas ou planas. Respirando profundamente, saí pela porta da frente. Eu não precisava de partituras. Guardava muitas músicas no meu coração e na minha cabeça.

Era um frio entardecer, e eu olhei para o céu, notando que o sol e a lua estavam ali, lado a lado no céu. Eles me fizeram pensar em mim e em Adrian: tão diferentes, mas muito parecidos. Dia e noite. Escuro e claro. Pensei nas palavras de mamãe mais cedo. "*É hora de cuidar de você*". Olhei para a lateral da casa e reparei na porta da garagem aberta. Da varanda, onde me coloquei, não conseguia ver aquele espaço por inteiro, mas assumi que Adrian ainda estava lá, porque o carro dele continuava estacionado do outro lado da rua, em frente à casa da minha mãe.

Delicadamente pousei o violino na minha clavícula e encostei meu arco sobre as cordas algumas vezes antes de iniciar um velho blues que aprendi em Nashville. E assim por diante. Toquei pelo que pareceu uma eternidade. Do blues ao clássico, passando pelo bluegrass, continuei até a lua estar mais alta do que o sol no céu. Em algum momento, ouvi minha mãe ir até a varanda, onde sentou-se na cadeira de balanço enquanto eu tocava. Eventualmente, ela entrou, mas se certificou de acender a luz da varanda para mim, porque a luz do dia estava indo embora.

Quando meus dedos ficaram dormentes, e meu braço, cansado, eu prometi a mim mesma que seria a última música, Adrian finalmente fez uma aparição. Saiu direto da garagem e foi até o carro. Tive a certeza de que iria embora até que voltou para a calçada da minha casa, segurando um lápis e um caderno de desenho na mão. Subiu os degraus da varanda e encostou-se ao pilar antes de descer até ficar a apenas um metro de mim. Cruzou as pernas, e eu me senti sem ar.

Adrian não olhou para mim, e eu não parei de tocar, apesar de me sentir emocionada. Não podia acreditar que estava sentado tão perto de mim por livre e espontânea vontade. Abriu o bloco e começou a desenhar, e mesmo exausta de

tocar, continuei. Porque ficar com ele e assisti-lo desenhar era algo que não pude fazer por anos. Sentia falta da ruga em sua testa. Do jeito como sua mandíbula se cerrava em concentração. Da maneira segura e hábil como seus dedos se moviam em torno de seu lápis. Parecia o meu garoto de cabelos negros sentado ali, e eu senti as familiares cócegas no fundo da minha garganta que indicavam o pranto. Mas estava cansada de chorar. Não havia mais choro dentro de mim. Eu queria sorrir e, mesmo sentindo lágrimas na parte de trás das minhas pálpebras, foi exatamente isso que fiz. Fechei meus olhos e sorri com todo o meu coração. Comecei a me balançar ao ritmo de uma das minhas peças favoritas, e o Azul de Lori estava sentado ao meu lado, porque era onde ele queria estar. Continuaria tocando a noite toda se ele permanecesse ali comigo.

Abri meus olhos novamente para ter certeza de que Adrian permanecia sentado lá, e ele estava. Só que me encarava ao invés de desenhar. Seus olhos fixos em mim fizeram meu arco parar completamente. Baixei meu violino e olhei para ele em choque. Estava fazendo contato visual, e eu não conseguia decidir se isso era bom ou ruim. Novamente me lembrei das palavras da minha mãe:

"Isso te torna indestrutível. Descubra o que você quer e tudo vai se encaixar, querida. Eu prometo."

Seja indestrutível, Ains. Seja indestrutível. Cantei para mim mesma uma e outra vez. Queria derramar meu coração para Adrian, mas tudo que consegui oferecer foi meu sorriso. Olhei-o nos olhos e sorri tanto que senti minhas bochechas queimarem. Queria que ele soubesse o quanto era importante que estivesse sentado comigo depois de todo aquele tempo. O quão feliz isso me fazia.

Eu não esperava que ele retribuísse meu sorriso, mas retribuiu, e eu o devorei. Seus olhos gentis e sua expressão doce enviaram faíscas de eletricidade por toda a minha pele. Pensei em dizer alguma coisa, mas não queria estragar aquele momento porque temia que nunca mais voltasse a ter aquela oportunidade. E, assim como quando tinha oito anos, quis aproveitá-la ao máximo.

Adrian desviou o olhar e, mesmo à luz do entardecer, pude ver o tom rosado em suas bochechas. Ele olhou para mim novamente, e seus olhos iridescentes atingiram os meus.

— Você evoluiu muito desde a época em que soava como um gato morto, Raio de Sol — ele disse despreocupadamente. Fora dito de tal forma que ninguém pensaria que havia quatro anos de sofrimento e pesar entre nós. Fora dito de uma forma que sugeria que nunca seríamos amigos. *Raio de sol.*

Ele me chamou de raio de sol novamente. Eu não ouvia aquele doce apelido há muito tempo. Mesmo sob a escuridão da noite que surgia, aquela palavra lançou uma abundância de luz sobre mim. Meu coração se inchou tanto que o centro do meu peito começou a doer, e eu senti os familiares calafrios que apenas um único garoto na minha vida era capaz de proporcionar.

Eu sabia que ele estava apenas me oferecendo seu perdão e amizade naquele momento, mas parecia muito maior. Era como se estivesse me dando o mundo.

— Eu tenho uma exposição de arte chegando — disse Adrian sem rodeios.

Meu pulso disparou. *Ele está me convidando?*

— Ok — eu respondi, um pouco sem fôlego. *Por favor, que ele esteja me convidando.*

— Você acha que vai ficar por aqui o tempo suficiente para ir? — ele murmurou enquanto olhava para o bloco de desenho.

Dava perceber que lhe custara muito perguntar aquilo. O nó em sua garganta subia e descia quando ele dirigiu seu olhar ao meu.

— Eu não perderia por nada neste mundo — disse, olhando para ele. E eu estava falando sério.

Sua mandíbula cerrou, e seus olhos se estreitaram para mim em dúvida. Ele não acreditava em mim.

— Eu juro, Adrian. Estarei lá. Não vou mais fugir — eu disse com firmeza. Queria implorar para que ele acreditasse em mim. Implorar que me desse uma chance de provar.

Ele não me deu a chance de dizer mais nada. Apenas balançou a cabeça pensativamente, fechou o bloco de desenho e andou pela calçada em direção ao seu carro.

— Tchau, Ains — disse ele antes de se fechar em seu carro.





Capítulo

19

Ainsley

Havia, provavelmente, um milhão de coisas que eu gostava de fazer na vida. Você sabe, beber café quente em um dia frio. Ler um livro aconchegada sob um cobertor macio. Comer pizza tomando uma Coca-cola de verdade, não aquela merda diet que me impedia de engordar, mas aquela coisa maravilhosa cheia de açúcar. Sim, eu poderia continuar falando o dia inteiro sobre as coisas que adorava fazer, mas ir para o aeroporto às seis e meia da manhã de um sábado não era uma delas. Não, eu não gostava dessa tarefa. Apenas uma coisa me fez sorrir no caminho, e ela estava de pé sob o sinal de desembarque, sorrindo, quando puxei minha caminhonete para o meio-fio. Ainda estava um pouco escuro, mas, mesmo sob o breu, não consegui não enxergar a garota pequena de grande personalidade, apoiada em sua mala, segurando um par de baquetas em uma das mãos.

— Kells! — gritei, pulando do carro e correndo para puxá-la para um grande abraço. — Meu Deus, como é bom ver você. Poxa, como eu senti a sua falta. — Segurei-a contra mim e a embalei de um lado a outro.

Ela me abraçou em retorno enquanto falava contra meu cabelo.

— Porra, eu também senti sua falta. É por isso que não posso ser responsabilizada pela aparência do apartamento. Eu estava estressada. Foi um artesanato de emergência.

Ri ao mesmo tempo em que revirei os olhos. Estava pouco me lixando para aquele apartamento. Nem sabia se voltaria para lá. Tudo o que me importava no momento era a minha melhor amiga estar perto de mim. Afastei-me do nosso abraço para poder olhá-la. Seu cabelo estava um pouco mais longo, mas, fora isso, parecia a mesma. Sentia como se tivéssemos ficado separadas por um ano e não apenas um pouco menos de dois meses. Kelly parecia feliz e normal, e eu

precisava dessa normalidade quase tanto quanto precisava de café.

Quando ela ligou na semana passada, pedindo para vir me ver por alguns dias, eu nem hesitei: "Faças as malas e venha o mais rápido possível!", gritei ao telefone. E ela fez isso. Porque esse era o tipo de amiga que ela era.

Começava a perceber que, embora a vida tivesse me tirado muitas coisas, ela me dera muitas mais. *Demorei a entender, sei disso. Mas estava chegando lá.*

Enquanto caminhávamos de volta para o carro, ela me cutucou com o braço e olhou para mim, sorrindo.

— Está bonita, Ains. Estou sentindo a vibe de garota country. Cai bem em você.

Eram seis e meia da manhã, pelo amor de Deus. Olhei para os meus chinelos, meu short jeans desfiado e minha camiseta vermelha. Não tive tempo de me maquiar nem arrumar meu cabelo. Apenas fiz um coque no topo da minha cabeça e me joguei na minha caminhonete. Nos últimos tempos, porém, não andava fazendo muitas daquelas coisas. Ela estava absolutamente certa. Eu me sentia mais como eu mesma, mas ri de qualquer maneira.

— Kelly, eu só estou aqui há um pouco menos de dois meses, garota. Nada mudou exceto esta bunda. — Mostrei-lhe o meu traseiro, apertando-o com força. Eu definitivamente tinha ganhado peso desde que voltei para casa. — Aparentemente, biscoitos e pastas não são muito favoráveis a bundas.

Ela riu.

— Eu acho que sua bunda está fabulosa, então, eu diria o contrário, na verdade. — Seu rosto assumiu uma expressão solene. — Mas sério, Ains. Você parece feliz. Realmente feliz.

E eu acho que estava feliz. Mais feliz do que estive em muito tempo. Estar em casa, na verdade, havia me ajudado de uma maneira muito louca. Mesmo levando mamãe à quimioterapia uma vez por semana, indo e vindo do hospital, ficando acordada a noite toda quando ela tinha crises – ainda assim, sentia-me contente. Estranho, eu sei. Mas os bons momentos – assistir TV aconchegadas, os filmes à noite, os sons familiares e o cheiro da minha casa – me confortavam durante estes momentos desafiadores da vida da minha mãe. De alguma maneira, aquele lugar estava me curando de dentro para fora. De certa forma, todos os dias que passava com minha gente – Adrian, Miranda e mamãe – iam curando as feridas profundas da minha alma. Uma vez eu me senti presa e sufocada naquela cidade, o que me fez ter vontade de fugir. Agora eu começava a me sentir livre.

Sorri para Kelly quando entramos no carro.

— Isso é porque eu estou feliz, Kells. Eu realmente estou — disse.

Minha amizade com Adrian parecia estar finalmente voltando aos eixos. As coisas continuavam tensas, mas ele sempre vinha jantar comigo e com mamãe, e,

nos fins de semana, nunca deixava de aparecer para desenhar enquanto eu tocava na varanda da frente. Lentamente voltávamos a ser quem éramos, e eu me sentia nas nuvens com isso.

— Então, voltar para casa acabou sendo uma coisa boa, então, hein? — ela perguntou.

Liguei o carro e me afastei do meio-fio.

— Sim, eu acho que sim. Quer dizer, mamãe estar doente é difícil, mas ela vai ficar bem. Sei isso. E eu... eu vou ficar bem também.

Kelly agarrou minha mão na dela.

— Estou muito feliz por você, Ains. Você merece cada pedacinho de felicidade no mundo — ela disse, apertando meus dedos.

Eu não sabia se acreditava, mas poderia dizer, pela expressão no rosto de Kelly, que ela tinha bem mais fé nisso.

Porra, eu a amava. Queria pegá-la e carregá-la dentro meu bolso todos os dias, para todos os lugares. Em vez disso, só apertei a mão dela e voltei a me concentrar em nos levar para casa.

O caminho até lá foi divertido, mas sem intercorrências. Nós discutimos pela estação do rádio. Ela queria ouvir rock e bater suas malditas baquetas em todo o meu painel. Eu queria ouvir country, então, não a assassinei por batucar na merda da minha caminhonete. Assim eram as coisas com Kelly, e eram sempre incríveis.



— Você está gostosa pra caralho — disse Kelly para Miranda, enquanto ela dava uma volta em torno de si mesma, no meu pequeno quarto.

Eu tinha acabado de dar a Miranda o pacote completo de Ainsley, o que significava maquiagem e seu cabelo completos, e ela parecia sexy pra caralho. Nem um cílio estava fora do lugar. Silenciosamente dei um tapinha em minhas próprias costas enquanto observava minhas melhores amigas rindo juntas.

Kelly e eu chegamos em casa do aeroporto e saímos com mamãe por algumas horas. Minha mãe conhecera Kelly quando foi me ver em Nashville, e elas se amaram logo de cara. Passamos o dia fazendo biscoitos e lasanha. Foi divertido ficar com elas, mas não tão divertido quanto Miranda e duas garrafas de vinho.

Ela aparecera naquela noite, exigindo que fôssemos dar um passeio pela cidade naquela noite. Levava uma garrafa de vinho pendurada em cada mão e uma mochila cheia de vestidos sexies jogada por cima do ombro. Eu estava animada com a perspectiva de sair e dançar a noite toda com minhas meninas.

Como mamãe não estava se sentindo mal, era um momento perfeito para tentar me divertir.

Passei as últimas duas horas escovando e enrolando cabelos, enquanto Miranda e Kelly se uniram com vinho e roupas sexies. A conexão delas foi instantânea. Fazia todo o sentido para mim, porque ambas eram loucas como o inferno.

— Não é? Eu quase pareço digna de ir para uma esquina — Miranda disse, enquanto deslizava as mãos pelas laterais de seu corpo, desde os seios até os quadris. Arqueou um pouco a pélvis, e Kelly caiu na minha cama, gargalhando.

Duas garrafas de vinho e já nos sentíamos muito zonzas.

— Ei, cuidado com o cabelo, Kells. Demorei uma eternidade para fazê-lo, e eu ainda preciso me arrumar — eu disse, apontando um dedo em riste para ela.

Entrei no banheiro e vesti botas pretas combinadas com um vestido preto muito colado ao corpo. Mais parecia um tubo de esparadrapo sem mangas. Apliquei rímel e um batom vermelho, e joguei minha cabeça para frente, afofando meus cachos. Um pouco de perfume, e eu estava pronta.

Todas nós nos amontoamos no banco de trás de um Cavalier branco, Kelly e eu nas extremidades, Miranda no meio, todas nós nos recusando a sentarmos na frente, ao lado do motorista de Uber de quarenta e poucos anos.

— Ele parece tão assustador — Miranda sussurrou para nós duas.

Revirei meus olhos. Fora ela quem sugerira o Uber, e ele não parecia nada assustador. Parecia um americano típico, e eu me perguntei se Miranda tinha começado a ler livros de mistérios e assassinato em vez de romance.

— Cala a boca. Ele não parece assustador — sussurrei de volta, o mais baixo que consegui, enquanto o motorista embicava para a estrada. — Ele provavelmente está tentando ganhar algum dinheiro extra para levar para sua esposa e filhos.

— Este homem não tem esposa, Ains. Ele nem sequer usa uma aliança. Você sabe o que, provavelmente, ele tem? Uma corda e clorofórmio no bagageiro — Miranda sussurrou de volta para nós.

O cara assustador do Uber ligou o rádio muito alto, para não conseguir mais nos ouvir, e todas nós caímos na gargalhada.

Antes de nos darmos conta, paramos em frente ao clube. Ainda era bem cedo, então, a fila era quase inexistente. Nós pagamos nossa entrada e nos dirigimos para dentro. Luzes estroboscópicas e música alta nos cumprimentaram, e embora o verão estivesse acabando, o espaço estava excessivamente quente por conta da multidão. Abrindo caminho, seguimos em direção à área do bar.

— Tequila! — Miranda gritou por sobre a música.

Kelly e eu concordamos com a cabeça.

— Eu pago a primeira rodada — disse, enquanto pedia três doses de tequila ao barman baixinho, de cabelo loiro com mechas azuis.

Nós nos empoleiramos em três bancos alinhados ao longo do bar, enquanto esperávamos nossas bebidas. Quando o barman se aproximou, trazendo nossos copos, coloquei meu cartão de crédito sobre o balcão apenas para ser impedida por uma mão masculina que lançava um par de notas de dez. Segui a mão masculina até o blazer preto, a camisa azul e depois os olhos verdes pálidos e o cabelo loiro escuro. Sorri enquanto revirava meus olhos. Quais eram as probabilidades de eu estar enlouquecendo?

— Por minha conta — disse Anthony Jackson, empurrando os vinte dólares para mais perto do barman. — Fique com o troco.

Quem diria! Eu não fazia ideia de que ele ainda estava na área. Honestamente, aquele cara não tinha mudado tanto assim. A barba de lenhador sexy sumira, e seu cabelo loiro estava limpo, mas ainda era incrivelmente bonito, só que agora de um jeito másculo. Era uma pena que apenas um homem conseguisse incendiar a minha alma. E este era moreno, lindo e muito talentoso.

O familiar sorriso de canto de Anthony me fez sorrir.

— Ouvi dizer que você tinha voltado para casa, Ainsley. Há quanto tempo não te vejo — disse ele, sentando-se ao meu lado.

Fazia muito tempo, mas, infelizmente para ele, não fora suficiente. Eu ainda o olhava e pensava nele cuspindo no meu cabelo na escola primária e em seu jeito galinha no Ensino Médio.

— Ai, porra! — Miranda resmungou baixinho ao mesmo tempo que Kelly sussurrava:

— Puta merda, olha o que temos aqui!

Miranda nunca foi fã de Anthony, mas as palavras de Kelly me fizeram rir.

— Ei, Anthony. Como você está? — perguntei, inclinando a cabeça para trás e tomando minha dose. Tive a sensação de que precisaria dela.

Miranda e Kelly tomaram as suas também, mas Kelly não tirou os olhos de Anthony o tempo todo. Eu não podia culpá-la. Ele era bonito. Só que simplesmente não era para mim.

— Estou bem. Você está morando aqui em Columbia agora, ou vocês, garotas, estão na cidade para se divertirem? — ele perguntou antes de tomar um gole de sua bebida cor de âmbar.

— Viemos apenas para nos soltarmos um pouco. Estou ficando na casa da minha mãe — contei a Anthony, mas meus olhos estavam fixos em Miranda, que digitava furiosamente em seu telefone. Era melhor que não estivesse enviando mensagens de texto para quem eu pensava que estava. Estreitei meus olhos para

ela assim que desviou os olhos de seu telefone. Olhei de volta para Anthony. — E você? — perguntei.

Ele olhou para o relógio antes de me responder.

— Só vim encontrar alguns amigos, mas moro a alguns quarteirões daqui. Eu me mudei para cá para ir à faculdade há alguns anos. Acabei de terminar minha graduação em medicina, então, no outono, vou começar a residência.

Anthony olhou para a porta da frente e viu seus amigos. Apontou para o nosso lado do bar, e eu observei boquiaberta enquanto vários homens gatos se posicionavam em torno de nós, dando tapinhas nos ombros e cumprimentando uns aos outros.

Kelly agarrou meu braço e me puxou para ela.

— Por favor, me diga que este homem delicioso acabou de dizer que está se formando em medicina. E como diabos você o conhece? — Ela parecia um pouco frenética, e eu não pude deixar de rir.

— Nós fomos amigos na infância. Ou quase isso. Bem, na verdade, ele costumava cuspir em mim na sala de aula e me torturava no ponto de ônibus.

— E ele era um galinha total — Miranda informou, por cima do ombro de Kelly. — Transou com quase todo mundo no Ensino Médio. Você não vai querer tocar nele nem com uma vara de três metros — ela disse, enquanto se inclinava para chamar a atenção do barman para pedir mais bebidas.

Kelly se aproximou para que somente eu pudesse ouvir.

— Não, mas eu deixaria que me tocasse com a vara dele — disse ela, arqueando as sobrancelhas para mim.

— Ai, Kells, que horror! — exclamei, estendendo a mão para a nova rodada de tequilas sobre o balcão. Sim, muito álcool seria necessário para que sobrevivêssemos àquela noite. Todo o maldito álcool do mundo.

Uma hora depois, começava a me sentir bem. Bem demais, o que provavelmente significava que estaria péssima na manhã seguinte, mas, naquele momento, parecia valer a pena. Anthony e seus amigos da faculdade eram ótimas companhias, e mesmo que eu não tivesse interesse nele, seria mentira se dissesse que não gostava de suas atenções. Ele não estava sendo excessivamente paquerador, mas seu toque no meu rosto de vez em quando e o brilho em seus olhos quando disse que eu era ainda mais bonita do que se lembrava, alertavam-me de seu interesse. Toda aquela atenção começava a me deixar com calor, quando Kelly agarrou meu braço e me virou para si sobre o banco.

— Duas horas, duas horas. Olhe na direção de duas horas agora — ela disse em meu ouvido apenas alto o suficiente para ser ouvida por sobre a música, mas o meu cérebro embriagado não captou.

— Do que você está falando? — perguntei, tentando decifrar o que diabos

estava acontecendo.

— Olhe na direção de duas horas agora, Ainsley, porque o homem mais incrível que eu já vi entrou pela porta da frente — disse ela um pouco mais alto desta vez, saltando de seu assento.

Finalmente, apesar de algumas de suas palavras soarem emboladas, eu entendi o que ela estava tentando dizer. Girei meu banquinho em direção à porta da frente e vi Adrian Davis caminhando até nós. Parecia um homem em uma missão. Seu rosto estava determinado, seu passo, firme e inabalável. Usava uma calça preta e uma camisa verde de mangas compridas e colarinho. Seus sapatos engraxados o traziam ainda mais perto, e eu imediatamente observei seus suspensórios pretos. Aquele negócio fazia misérias com meu corpo. Claro que ele os estaria usando. Adrian sabia o que faziam comigo, então, provavelmente, saíra vestido pronto para afugentar tipos como Anthony Jackson. Sua expressão proposital enviou um arrepio delicioso pela minha espinha, e eu tive que lembrar que esse homem de dar água na boca não era mais meu. As duas últimas semanas entre nós tinham sido ótimas. Eu ficava quase tonta toda vez que o via estacionar na garagem da minha mãe. Até fui convidada para sua primeira exposição de arte e prometi estar lá. Sentia-me mais do que orgulhosa e não pretendia perder o evento por nada naquele mundo. Mas o que quer que significasse *aquilo*... Sua presença ali... Não ia funcionar para mim. Ele me queria como mais do que um amigo ou não?

Maldita Miranda. Olhei para ela, mas sua única resposta foi um encolher de ombros. Nem sequer teve a decência de negar que mandara uma mensagem para Adrian no momento em que Anthony aparecera no bar. Respirei fundo, lembrando que ela sempre torcera para Adrian. Não podia culpá-la. Também sempre torci para ele. E, verdade fosse dita, ainda sentia o mesmo.

Miranda cutucou Kelly com o ombro e ergueu sua dose. Kelly brindou com ela enquanto minha amiga mais antiga gritava:

— Esta merda está ficando boa! — disse antes de levar a bebida à boca.

— Não faço ideia do motivo do brinde, mas não vou deixar passar uma chance de beber — disse Kelly, rindo para Miranda.

Revirei os olhos para as duas. Provavelmente eu iria matar Miranda antes que a noite acabasse. Minha mãe estava certa. Ela era uma maldita intrometida. Assisti quando Adrian cumprimentou Anthony educadamente e quando, depois, colocou-se entre o banco de Kelly e o meu.

— Boa tarde, meninas — Adrian disse tranquilamente, como se aquele encontro não tivesse sido arranjado e como se ele não tivesse surgido naquela cidade em tempo recorde. Como se eu o tivesse convidado para nos acompanhar quando, na verdade, fora Miranda quem me vendera.

— E aí, Grande A. Você chegou na hora certa — Miranda se levantou e se inclinou para beijar Adrian.

Eu queria matá-la.

Gesticulei em direção a Kelly, para Adrian e, depois, para ela de volta.

— Kelly – Adrian. Adrian – Kelly — eu disse, fazendo minhas apresentações, e foi quando descobri que Kelly já tinha bebido demais.

— Este é o Adrian? — ela perguntou. — Você só pode estar brincando comigo?! O que eles colocam na água deste lugar? Cristo todo-poderoso, Ainsley, mas eu entendo. Entendo totalmente por que você ficou esperando por ele. Quatro anos? Eu ficaria quatrocentos sem sexo por causa deste doce pedaço de mau caminho. E esses suspensórios? Deus, eu faria arte com você. A. Noite. Inteira. Baby — disse ela, olhando ansiosamente para Adrian. — Jesus, eu estou apaixonada. — Kelly passou a mão por um suspensório, e eu, de alguma forma, resisti à vontade de afastar a mão dela.

Lancei um olhar de repreensão para Kelly e senti meu rosto queimar de vergonha. Adrian não precisava saber que eu não fiquei com ninguém desde que fiquei com ele. Tanto Kelly quanto Miranda mereciam o título de intrometidas, e isso não era nada bom. Era uma merda.

Adrian sorriu com arrogância para mim, e isso me fez querer lhe dar um ou dois socos, então, pedi mais bebidas, virei meu banquinho na direção de Anthony e fiquei ouvindo ele e seus amigos falarem sobre futebol. Eu não entendia nada de esportes e me senti super entediada, mas Adrian não precisava saber disso. Pela minha visão periférica, eu o vi começar a beber álcool como água. Agradou-me perceber que não estava lidando muito bem com a situação. Bem feito por ter aparecido ali com a clara missão de me vigiar. Era totalmente desnecessário, e eu não era sua responsabilidade.

Finalmente, Anthony deixou os amigos de lado e voltou sua atenção para mim.

— Quer dançar, Ains? — ele perguntou.

Porra, sim, eu queria dançar. Só que queria dançar com aquele “doce pedaço de mau caminho” de suspensórios, como Kelly descrevera tão eloquentemente. Mas eu não neguei o convite de Anthony. Balancei a cabeça e coloquei minha mão na dele enquanto seguíamos para a pista de dança. Precisei de cada pedacinho da minha força de vontade, mas não olhei para Adrian.

Anthony e eu abrimos caminho entre o que pareciam cinco bilhões de pessoas. O lugar agora estava lotado, mas, de alguma forma, encontramos um espaço no meio da pista de dança. Eu podia ver Adrian em pé no bar com Kelly e Miranda, enquanto Anthony pressionava seu peito no meu e começávamos a dançar. Uma música techno animada definiu o ritmo, e não consegui não rir com

alguns dos passos de dança de Anthony que eram incrivelmente desajeitados. Ele colocou a mão na minha cintura e pegou a minha antes de me girar em um círculo. Joguei minha cabeça para trás e ri, porque a versão adulta de Anthony era muito divertida. Quase me fez esquecer que Adrian estava ali no bar. Quase.

No entanto, não consegui impedir que meu olhar se dirigisse a ele de vez em quando. Parecia que Kelly e Miranda o tinham abandonado para ir à pista de dança, mas lá estava ele parado, em seu posto, encostado no bar, sem nunca parar de me observar. Erguia a bebida para aqueles lábios masculinos, e seus olhos preguiçosos mantinham-se focados em mim. Para outros, poderia parecer sonolento ou entediado, mas, para mim, aqueles olhos falavam tão alto que Adrian desejava sexo, tanto que ele poderia muito bem estar gritando a plenos pulmões. E, por mais que eu quisesse ficar puta da vida por vê-lo praticamente me fodendo com os olhos enquanto eu dançava com Anthony, simplesmente não conseguia. Cada pedacinho de atenção com o qual Adrian Davis considerava abençoar-me parecia-me sagrado e especial, e eu absorvia tudo como o sol em um dia nublado.

A música mudou para uma lenta e antiga de R&B, e Anthony me puxou ainda mais para si, daquela vez colocando sua coxa entre minhas pernas e colando sua testa na minha. Deslizou as mãos pelas minhas costas, e elas estavam prestes a chegar muito rápido na minha bunda. Sinos de alerta soaram no meu cérebro, mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa ou afastá-lo, a voz de Adrian, que surgira subitamente, exigiu:

— Chega.

Uma colônia com cheiro amadeirado envolveu-me como um cobertor quente numa noite gelada. Meu corpo cambaleou involuntariamente por conta daquele calor, e Adrian colocou as mãos nos meus quadris, firmando-me por trás. Anthony me soltou, sorrindo por cima do meu ombro para Adrian e me lançou um olhar de compreensão. Antes que eu pudesse pedir desculpas pelo comportamento Neanderthal de Adrian, Kelly puxou Anthony para si.

— Eu cuido de você — disse ela.

Eles desapareceram em meio à multidão da pista de dança, deixando Adrian e eu sozinhos em nossa pequena bolha, embora cercados por muitas pessoas. O hálito quente de Adrian atingiu meu pescoço, e eu não pude evitar inclinar a cabeça para o lado, dando-lhe melhor acesso. Ele gentilmente deslizou o nariz desde a base do meu pescoço até a parte sensível da pele bem atrás da minha orelha, e eu não consegui abafar um gemido.

Ele inspirou profundamente.

— Mmm, você está cheirosa, Raio de Sol — ele sussurrou em meu ouvido.

Apesar deste elogio, eu estava disposta a apostar minha vida que a *sensação*

que ele me provocava era melhor. Porque seu corpo pressionado contra as minhas costas parecia algo celestial. Eu podia sentir que me apaixonava novamente por ele. A música foi abafada pela sua respiração no meu ouvido. As pessoas ao nosso redor desapareceram quando suas mãos enormes deslizaram pelas minhas coxas. Era o meu homem favorito no mundo inteiro naquela pista de dança comigo, e eu não queria que aquele momento acabasse.

Ele se balançou ao ritmo da música e fez com que eu sentisse cada centímetro de seu corpo pressionado à minha bunda. Arqueei-a contra ele, e Adrian depositou um beijo lento e de boca fechada na curva do meu pescoço.

— Você gosta de me deixar com ciúmes, Ainsley? — ele perguntou calmamente, seus lábios pressionados contra o meu ouvido. Ergueu as mãos ainda mais em minhas coxas, levando-as até perigosamente perto do cóis da calcinha. Tentei fechar minhas pernas, mas foi tudo em vão, porque ele só exigiu: — Responda.

— Talvez — choraminguei, sem saber se ele tinha me ouvido por sobre a música, mas mal conseguia respirar, muito menos falar.

Ele mordeu suavemente o lóbulo da minha orelha antes de dizer:

— Hummm. Você vai pagar por isso mais tarde, Raio de Sol. — O cheiro de seu hálito atingiu meu nariz, e eu pude sentir o aroma doce de conhaque e homem.

Oh, Deus. Eu queria pagar. Muito. Queria que ele me *fizesse* pagar. Ergui meus braços e os envolvi em torno de seu pescoço, segurando-me, porque quanto mais alto ele chegava com suas mãos, menos firme eu me sentia em pé.

Finalmente, uma das mãos dele chegou à minha calcinha, e em vez de escorregar para dentro dela como eu esperava que fizesse, Adrian esfregou círculos lentos sobre o algodão úmido com os dedos. Virei a cabeça e gemi contra lateral do pescoço dele, envergonhada de que alguém pudesse ver, mas em êxtase demais para impedi-lo. Eu estava em chamas e a ponto de incendiar o estabelecimento inteiro.

— Sempre tão molhada para mim, baby — Adrian sussurrou em meu ouvido.

Não pude deixar de arquear meu corpo com mais força contra sua mão. Estava tão perto, e, mais do que qualquer coisa no mundo, eu queria permitir tudo, mas Adrian parou e ajeitou a barra do meu vestido antes de deslizar as mãos pelas laterais do meu corpo e sussurrar contra o ponto exato onde meu pescoço encontrava meu ombro:

— Venha para casa comigo, Ains.





Capítulo

20

Ainsley

Eu era uma amiga terrível e estava sendo completamente irresponsável, mas não me importava nem um pouco. Álcool e desejo se transformavam em coragem líquida correndo por minhas veias, e, naquele momento, tudo o que eu desejava era o homem sentado ao meu lado naquele táxi.

Nós nos despedimos das minhas amigas e fizemos Miranda prometer que iria levar Kelly para casa, embora esta estivesse agarrada a Anthony na pista de dança e não parecesse preocupada em encontrar um caminho de volta para a *minha* casa. Eu deveria me sentir mal por deixá-la sozinha em uma cidade onde não conhecia quase ninguém e sem ter a menor ideia de onde se encontrava, mas não senti. Porque os lábios úmidos de Adrian estavam depositando beijos quentes ao longo do meu decote e meu peito. Eu tinha a impressão de que ele estava prestes a abaixar as alças do meu vestido, e eu não sabia se a perspectiva me deixava apavorada ou excitada. *Seja indestrutível.*

Agarrei a parte de trás de sua cabeça com uma mão e passei os dedos por seu cabelo espesso, aceitando as investidas. Cada beijo ao longo dos meus seios enviava um zumbido de calor direto para o centro da minha intimidade. Isso me fazia querer rastejar para o colo de Adrian e montá-lo. Queria me esfregar nele. Queria que cada centímetro de sua pele tocasse cada centímetro da minha.

Inclinei minha cabeça para trás e gemi dentro do táxi. Ele estava me matando. Eu o desejava. Não me importava onde estávamos ou quem iria assistir.

Adrian salpicou beijos doces pelo meu pescoço antes de morder meu queixo com força suficiente para que doesse. A dor e o prazer se misturaram tão perfeitamente que me ouvi gemer novamente quando Adrian sussurrou no meu ouvido:

— Beije-me, Raio de Sol.

Segurei ambos os lados do seu rosto, sentindo sua barba fazer cócegas nas palmas das minhas mãos. De boca fechada, beijei seu lábio superior e depois o inferior. Fiz isso uma e outra vez, alternando entre os dois, vermelhos e inchados, até que ele tomou o meu inferior em sua boca, sugando-o suavemente antes de segurá-lo com os dentes. Então, aplacou um pouco do meu desejo doloroso com uma investida de sua língua. Chupei seu lábio superior, deslizei minha língua ao longo da dele e então abri minha boca ainda mais. O gemido alto que escapou do fundo da garganta de Adrian só me incentivou, e eu me vi rastejando para seu colo e montando sobre suas coxas.

— Ei! — Ouvi do banco da frente do táxi.

Nem sei como consegui ouvir alguma coisa através da névoa de luxúria que nos envolvia. Senti os lábios de Adrian sorrirem contra os meus. Ele, então, afastou-se, agarrando-me pela cintura e me colocando de volta no meu lugar. Inclinou-se sobre mim, puxando o cinto de segurança sobre o meu corpo e afivelando-o.

— Mal posso esperar para chegar em casa — ele sussurrou em meu ouvido, roçando os dentes ao longo da minha clavícula antes de voltar para o seu lugar.

Mal podia esperar que ele me levasse para casa também. Nem imaginava o que iria fazer comigo quando chegássemos, mas o que quer que fosse, eu sabia que seria alucinante. Esperava que soubesse que eu não tinha a mínima ideia do que estava fazendo. Mas, quando puxei um fio de cabelo da parte de trás da minha cabeça em torno do meu dedo indicador e comecei a enrolá-lo intensamente, Adrian agarrou minha mão, arrastando-a para o seu colo e segurando-a contra a dele.

— Nada disso, Ainsley. Não precisa se preocupar — disse Adrian, olhando para nossas mãos juntas como se fossem algum tipo de anomalia.

Eu acho que elas realmente eram. Não ficávamos de mãos dadas daquele jeito há muito tempo. Parecia tão íntimo. Mais do que os longos e lentos beijos e os toques apaixonados.

E, sim, minha preocupação era genuína. Adrian estava me levando para a sua casa, onde provavelmente tinha planos de me deixar nua e fazer misérias com o meu corpo. O que era ótimo, exceto que eu não tinha muita experiência naquele departamento. Ou melhor, quase nenhuma. Adrian fora o meu primeiro e único, e por mais que soubesse que ele não era mais um adolescente desajeitado, eu não tinha evoluído muito – exceto na parte da adolescente. Mesmo em meu estado induzido pelo álcool, os nervos me dominaram.

Quando o táxi parou do lado de fora de um antigo condomínio, percebi que nem sabia onde Adrian morava até aquele momento. Queria olhar em volta e me

familiarizar com o local, mas ele jogou uma nota de vinte para o motorista e praticamente me arrastou para fora do táxi até a porta da frente. Tirou as chaves do bolso, destrancou a porta e me arrastou para dentro. Ouvi o barulho de suas chaves sendo jogadas sobre a mesa e o baque da porta se fechando, e então, de repente, meu corpo foi pressionado de frente para a parede ao lado da porta, e Adrian imprensou-se contra mim. Encostei meu rosto quente na parede fria e respirei fundo quando as palavras de Adrian me atingiram.

— Você quase permitiu que outro homem tocasse essa bunda, Ainsley — ele disse em meu ouvido enquanto deslizava as mãos frias até a barra do meu vestido. Ergueu meu vestido preto mais e mais até que este descansasse em volta da minha cintura, deixando meu traseiro totalmente exposto.

Igualmente constrangida e excitada, tentei pressionar minha bunda contra ele, mas Adrian continuou me segurando, suas grandes mãos agarrando meus quadris, mantendo-me como refém. Quando ele recuou, pude senti-lo admirando minha calcinha preta.

Adrian enfiou um dedo ao longo do cócs da minha calcinha e perguntou:

— Você gosta de deixar outros homens tocarem o que sempre foi meu, Raio de Sol?

Aquelas palavras. Puta merda. Aquele era, provavelmente, o momento mais sexy de toda a minha vida. Senti-me estremecer contra a parede. Minhas pernas pareciam feitas de borracha e fracas, e se ele não estivesse me segurando, eu provavelmente teria me derretido no chão, transformando-me em uma grande poça. Abri meus lábios para responder, mas minha voz ficou presa na garganta. Eu estava excitada demais para funcionar mesmo nos níveis mais simples.

A mão de Adrian bateu forte na minha nádega nua. Não uma vez. Nem duas. Três vezes.

— Responda, Ainsley. — Ele esfregou a mão sobre a ardência da minha pele, aliviando a dor e aumentando minha excitação.

Balançando a cabeça para frente e para trás o melhor que pude, tendo o lado do meu rosto pressionado contra a parede, soltei um arfante:

— Não.

Eu diria a ele tudo que quisesse, contanto que aliviasse a dor incessante entre minhas pernas. Nunca desejei tanto alguém na minha vida.

Agarrando cada uma das minhas ancas com uma das mãos, ele perguntou rudemente:

— A quem esta bunda pertence, baby?

Arqueei meus quadris novamente em direção às suas mãos fortes e sussurrei:

— Você.

Ele me apertou com mais força entre as mãos e perguntou de novo, com mais severidade:

— A quem, Ainsley?

— A você! — gritei alto no meio da sala. A forma bruta como me tratava parecia apenas aguçar todos os meus sentidos.

Meus mamilos formigaram.

A umidade se acumulou entre as minhas pernas.

Um incêndio rugiu dentro do meu corpo.

Eu precisava dele como precisava da minha próxima respiração.

— Isso mesmo — ele disse suavemente no meu ouvido, pressionando seu corpo no meu mais uma vez, sua calça roçando asperamente contra a minha pele nua.

Em pouco tempo, Adrian virou meu corpo para encará-lo e me beijou com uma ferocidade que eu nunca tinha experimentado antes. Sua boca saqueou a minha mais e mais.

Ele só parou tempo suficiente para dizer:

— No meu colo, baby. — Ele me ergueu do chão, colocando minhas pernas em volta de sua cintura, e me carregou por um corredor até o seu quarto.

Ele gentilmente me deitou na cama e se elevou sobre mim, apoiando-se nos cotovelos e nos joelhos, seus olhos fixos nos meus. Seu olhar quase me desfez, porque apesar de estar cheio de luxúria e necessidade, também havia muita mágoa e arrependimento. Eu só podia imaginar que meus olhos refletiam algo muito similar para ele. Aquela expressão roubou meu ar. Adrian olhou para o lado, piscando lentamente, e, em uma fração de segundo, a mágoa desapareceu e, em seu lugar, surgiu um sorriso de satisfação.

— Você esperou por mim por quatro anos? — sua voz soou presunçosa.

Eu ia assassinar Kelly. Será que ele ia esfregar aquilo na minha cara? Senti vontade de me levantar e ir embora. Teria feito isso se ele não estivesse deslizando pelo meu corpo e afastando meus joelhos com as mãos.

Afastou minha calcinha para o lado e olhou para baixo, para entre as minhas pernas.

— Já que esta linda boceta esperou tanto tempo por mim, eu deveria prová-la — disse ele antes de enterrar o rosto entre as minhas pernas.

E que Deus abençoasse a América, porque ele lambeu toda a minha fenda antes de chupar meu clitóris e sugá-lo. Remexi-me na cama, segurando sua cabeça exatamente onde estava, e gemi um longo:

— Pooooooooorra!

Minhas mãos se enterraram em seus cabelos macios, e eu arqueei meus quadris contra seu rosto enquanto ele grunhia contra minha intimidade. Ele

passou a mão pela minha coxa enquanto impiedosamente deslizava a língua pelo meu clitóris uma e outra vez. Um dedo gentil esfregou em torno da entrada da minha fenda antes de me penetrar. Sons de gemidos preencheram a sala, e eu poderia ter ficado envergonhada se já não tivesse ido tão longe. Se não estivesse tão concentrada no homem lindo entre as minhas pernas.

Eu estava tão perto, à beira de um orgasmo explosivo. Fiquei surpresa por ter me controlado por tanto tempo. Minhas pernas tremeram ao redor da cabeça de Adrian e minhas costas se curvaram. Ele escolheu aquele momento para parar e se levantar, ficando ao lado da cama.

— Nada disso, Raio de sol. Quando você gozar, quero estar dentro de você — ele disse, puxando as alças do meu vestido para baixo, tirando-o do meu corpo e levando minha calcinha junto em um movimento rápido. Tirou meus sapatos um de cada vez antes de recuar e deslizar seus suspensórios pelos braços.

Sentei-me rapidamente, porque não queria perder um único minuto daquele show de strip. Sim, eu fiquei com Adrian por um bom tempo, mas nunca tive a oportunidade de apreciar seu corpo. Não iria deixá-la passar. Observá-lo se despir era quase tão erótico quanto tê-lo me pressionando contra a parede e espancando minha bunda.

Ele parecia predador e sombrio, elevando-se próximo à cama, abaixando a cabeça apenas para tirar sua cueca boxer, mas nunca afastando os olhos de mim, nem por um segundo. Mamilos perfeitos, escuros e achatados, adornavam seu peito. A extensão suave da pele bronzeada sobre os músculos de seu peitoral e seu abdômen acelerava meu pulso. Pelos negros cobriam coxas grossas que me davam água na boca. Era a perfeição absoluta.

Adrian lentamente deslizou as palmas das mãos para as laterais da boxer, empurrando-a para baixo. Lançou-me um sorriso enviesado que dizia que ele estava gostando da minha atenção, mas não consegui fazer um comentário inteligente nem mesmo sorrir em retribuição. Sua cueca se embolou em torno de seus pés, e seu pau duro se projetou tão gloriosamente de seu corpo que a única palavra que minha boca pôde formular foi: “Porra”. Eu disse isso em alto e bom som, com o olhar fixo no membro enorme que se erguia orgulhoso entre suas pernas.

— É isso que você quer, Raio de Sol? — ele perguntou, lentamente e com firmeza, acariciando a si mesmo para cima e para baixo.

Prestei atenção ao que ele estava fazendo para aprender como ele gostava, porque queria ter certeza, quando o tocasse – ah, e eu estava planejando tocar muito – que estava fazendo da maneira certa.

Eu não sabia se era fruto do álcool ou da luxúria que zumbia pelo meu corpo, mas respondi com um ressoante:

— Porra... sim. — Porque, de verdade, a resposta era uma porra de um sim. Sim, eu queria seu pênis. Queria sentir sua pele aveludada dentro de mim. Queria provar a gota do líquido que surgira bem na ponta. Queria sentir tudo aquilo me alongar e me preencher.

Adrian riu baixinho, aproximando-se da cama, ainda acariciando aquele lindo pau rosado. As linhas musculares de seus quadris estavam me chamando, e quando ele chegou perto o suficiente para que eu pudesse tocá-lo, corri meu dedo por aquele V profundo. Adrian estava pegando fogo, e ele soltou um suspiro trêmulo. Isso me fez sentir forte. Empoderada.

Levei uma mão hesitante até seu membro e o envolvi, sentindo sua considerável circunferência. Fiquei surpresa com a suavidade da pele. Com o peso. Depositei um beijo naquele abdômen rígido antes de mover meus lábios para baixo e tomar a cabeça de seu pênis na minha boca. O sabor almiscarado explodiu na minha língua, e eu não pude deixar de gemer. Queria tomá-lo mais fundo. Queria tocá-lo em todos os lugares, mas não tinha ideia do que estava fazendo.

Adrian cobriu minha mão com a sua e apertou ambas ao redor de seu pênis. Levou a outra para a parte de trás da minha cabeça e me guiou para a frente.

— Assim, baby. Segure-o em sua boca e chupe. Aperte-o com a mão.

OK. Eu poderia fazer isso. Chupei-o como a um pirulito e acariciei-o com a minha mão. Sons baixos e crescentes saíram de mim e me estimularam. Mas eles também me fizeram querer ver seu rosto. Com a minha boca ainda cheia, desviei meus olhos para os dele, e a expressão de possessividade que vi fez minha pele arrepiar.

Olhos azuis prenderam os meus em cativeiro enquanto ele rosnava:

— Sim, Raio de Sol. Porra... sim ... Pegue tudo. Chupe com mais força... Sim... apenas... assim.

Continuei até que ele puxou o cabelo da parte de trás da minha cabeça com força e libertou-se da minha boca. Rastejando por sobre o meu corpo, cobriu meus lábios com os dele.

— Eu esperei tanto tempo por isso. Preciso do meu pau na sua boceta agora — ele murmurou contra meus lábios.

Senti a cabeça dele cutucar a minha entrada. Doeu um pouco, mas entrelacei minhas pernas em volta de seu corpo e cruzei meus calcanhares em sua bunda, trazendo-o mais para dentro de mim. Adrian investiu até estar completamente dentro de mim. Pressionou a pélvis contra o meu clitóris inchado, e eu gritei:

— Por favor, mexa-se! Por favor... eu não posso.

Passei minhas mãos pelos músculos lisos de seu estômago e seu peito

enquanto ele pegava um ritmo punitivo. Sua língua girou sobre um dos meus mamilos enquanto seu polegar desenhava círculos ao redor do outro. Meus sentidos estavam sobrecarregados. Sua língua, seus lábios, suas mãos, seu pênis. Todos eles me lançavam mais e mais alto, e antes que eu pudesse me lançar no abismo, Adrian grunhiu:

— Porra, baby, goze... agora. Não posso esperar mais. Você está muito gostosa.

— Sim ... sim ... sim! — gritei. Meu corpo se desintegrou em mil pequenos pedaços de luz ofuscante. Meus olhos estavam bem fechados, mas uma miríade de cores explodiu atrás de minhas pálpebras, e isso me fez sentir como se eu vivesse em uma das belas pinturas de Adrian.

Ele investiu em mim freneticamente mais duas vezes antes de se acalmar.

— Porra... porra, Ainsley. É tão bom — ele respirou contra a pele entre meus seios.

Senti a umidade e o calor dentro de mim antes que ele despencasse contra o meu corpo, sua respiração acelerada contra o meu peito.

A felicidade e o peso do corpo de Adrian me embalararam e me fizeram dormir.

Porra. Eu estava quente. Muito quente. Como se tivesse sido banida para o inferno. Tentei me livrar das cobertas, mas elas não se mexiam, e eu precisava afastá-las, porque me sentia sufocada. Tentei empurrá-las novamente só para perceber que não eram lençóis, mas uma sólida parede de músculos. Oh, Deus! Adrian. As escapadas sexuais da noite passada inundaram minha mente. Eu flertando com Anthony para deixar Adrian com ciúme. Adrian realmente enciumado e dançando sensualmente comigo no clube. A sessão de pegação no táxi. Os tapas que me deu no corredor. *Ah, puta merda!* Os tapas! Deus, aquilo foi sexy. Seu rosto pressionado entre as minhas pernas. Ele me fodendo. Não fazendo amor, como quando éramos adolescentes, mas me fodendo seriamente. Uau. Adrian Davis *tinha* me levado ao inferno. E fora incrível, mas eu estava com uma dor de cabeça forte, sentia gosto de bunda na língua e tinha noventa e nove por cento de certeza que meu cabelo deveria parecer um ninho de rato, além da maquiagem arruinada da noite anterior. Meu Jesus Cristo, eu precisava dar o fora dali antes que ele acordasse. Não estava preparada para enfrentá-lo depois dos Jogos Olímpicos Sexuais da noite passada. Especialmente com a aparência que eu deveria ter naquele momento.

Abri um olho e olhei ao redor, tentando me recompor. Olhei através da sala em direção a uma grande janela sem cortinas. Parecia estar prestes a amanhecer, e o pouquinho de sol que aparecia me fez estremecer de dor. Seria um dia longo com aquela ressaca.

Eu estava deitada de bruços, a lateral da minha cabeça firmemente plantada em um travesseiro e Adrian firmemente plantado em cima de mim. Sua cabeça estava tão perto da minha que ele deitara sobre todo o meu cabelo que não estava jogado sobre a minha cara. Mesmo durante o sono, era como se Adrian pudesse ler minha mente, porque ele me prendia de forma ridícula no colchão sob nós. Toda a sua parte superior de seu corpo estava pressionada às minhas costas, seu braço em volta da minha cintura. Uma de suas pernas fora jogada sobre o meu corpo, bloqueando minha fuga.

Soltei uma respiração frustrada, soprando o cabelo na minha cara e me encolhi com o cheiro do meu hálito. Oh, Deus, eu precisava sair dali. Aquele não era o momento de discutir a noite passada. Poderíamos falar sobre ela quando minha cabeça não estivesse me matando e quando eu não cheirasse a morte. Além disso, sentia medo de que ele acordasse arrependido. E se nem se lembrasse da noite passada? E se lembrasse, mas ela não tivesse significado nada? E se quisesse "colocar um ponto final em tudo". Meu corpo inteiro se aqueceu de vergonha ante o pensamento. Porra! Minha cabeça latejava.

O ronco suave de Adrian me tirou de minhas divagações internas e tentei abrir meus olhos novamente. Daquela vez foi um pouco menos doloroso, mas ainda foi difícil. Deslizei meu corpo para a beira da cama, para longe de Adrian, e eu quase consegui escapar. Quase. Então, Adrian murmurou em seu sono: "Não", abraçando-me com mais força e me puxando de volta para ele. Puta merda. Eu nunca sairia daquela cama.

Nem sequer tentei me movimentar para a beirada da cama novamente. Daquela vez, tentei sair por baixo. Fui descendo, descendo, mantendo meu estômago tão perto do colchão quanto pude para não acordar Adrian. Estava quase desanimada quando parei e olhei para ele. Grande erro. Imenso. Porque meus olhos estavam bem no nível de seu pau. Parecia macio e sonolento, deitado contra a perna dele, e eu tive a vontade ridícula de rir. Porra, eu provavelmente ainda estava um pouco bêbada. Meu corpo convulsionou com risadas silenciosas, enquanto continuei deslizando para fora da cama.

Consegui! Sim! Agora era só encontrar meu vestido e minha bolsa. Olhei de volta para a cama, certificando-me de que meu vestido não estava emaranhado nos lençóis, mas então Adrian começou a se mexer. Só porque eu era completamente desastrada, caí no carpete de quatro e rezei para que, pela graça de Deus, Adrian continuasse dormindo. Esperei alguns momentos. Não o ouvi se mover, então, arrastei-me pelo chão do quarto, procurando pela minha roupa. Finalmente encontrei-a no canto, perto dos meus sapatos e da minha calcinha. Peguei tudo e saí do quarto o mais rápido que pude. Droga de carpete.

Assim que cheguei no corredor, encontrei coragem de me levantar, colocar

meu vestido pela cabeça, calçar meus sapatos e vestir minha calcinha. Merda. Senti uma estranha umidade entre as minhas coxas. Levei as mãos à testa e enterrei meu rosto nelas. Nós não tínhamos usado preservativo. *Por que não usamos um maldito preservativo?* Que estupidez! Eu não estava tomando anticoncepcionais, porque não fazia sexo. Não ficava bêbada em bares nem voltava para casa com homens. Bem, nunca tinha feito isso antes, na verdade. Soltei um suspiro profundo. Acho que teria que adicionar esse assunto à lista de coisas sobre as quais não queria falar com Adrian, mas seria necessário, de qualquer maneira.

Onde diabos estava minha bolsa? Precisava do meu telefone para pedir uma carona para sair dali. Andei em direção à porta da frente e a encontrei no chão, ao lado da parede contra a qual Adrian me empurrara. Devo tê-la deixado cair enquanto ele espancava a minha bunda. Tive que reprimir o desejo de rir novamente. Sim, eu me sentia completamente louca naquele momento, então, provavelmente ainda devia estar um pouco bêbada.

Digitei uma mensagem rápida para Miranda.

Eu: SOS. Venha para a casa do Adrian agora!

Coloquei meu celular no silencioso, ainda com medo de acordar Adrian. Saí pela porta da frente e segui até o estacionamento. Sentei-me no meio-fio e esperei.

Miranda: Estou indo! Mal posso esperar para ouvir os detalhes. ;)

Revirei meus olhos para o emoji de piscadinha.





Capítulo

21

Adrian

Assim que ouvi a porta da frente fechar, rolei para o lado de Ainsley e trouxe o travesseiro para o meu nariz. Porra, o cheiro dela era maravilhoso. E a noite passada fora a mais incrível da minha vida. Ela agira de forma desinibida, real e crua. Meu pau endurecia novamente só de pensar nela imprensada contra a parede na minha sala, sua bunda magnífica em exibição e vermelha dos tapas que lhe dei.

Sorri. Sim. Era louco, certo? Talvez eu devesse estar furioso. Fumegando, de verdade. E talvez eu devesse mesmo. Mas não estava. Já imaginava que Ainsley surtaria naquela manhã. Até já esperava que fizesse isso, então, quando tentou escapar pela lateral da minha cama naquela manhã, apenas a puxei de volta e resmunguei um não com firmeza. Quando ela começou a se esgueirar de outra forma, decidi que talvez precisasse de um tempo para processar o que estava acontecendo entre nós. E havia muita coisa acontecendo, então, eu esperava que estivesse realmente refletindo.

Ainsley e Adrian oficialmente significavam alguma coisa outra vez, e eu não dava a mínima para o que ela tinha a dizer sobre isso. Estava cansado de lutar. Estava cansado de ignorá-la. Estava ainda mais cansado com aquela coisa de sermos amigos. Basicamente, eu estava *de saco cheio*.

E a gota d'água fora ver Anthony Jackson prestes a colocar as mãos na bunda da minha garota. O inferno congelaria antes que alguém tocasse o que era meu. Eu não queria mais lutar contra o sentimento, e quanto mais cedo Ainsley compreendesse o que a noite passada significara, melhor. Porque ela era minha. Sempre fora. Sempre seria.

Ainsley James era minha desde que a vi na margem daquele riacho. Seu vestido rosa estava coberto de lama, mas ela ainda era a coisa mais linda na qual

já tinha colocado meus olhos de garoto de oito anos de idade.

E eu nunca mais desistiria dela. Nunca.

Pensei no comentário da sua amiga Kelly na noite passada. Ela não ficara com ninguém em quatro anos. E saber disso quebrou algo dentro de mim. Era impossível manter um ressentimento de anos quando recebia provas do que sempre soube em segredo – ela era minha tanto quanto eu era dela. Agora, só precisava descobrir uma maneira de fazê-la compreender.

Eu a deixaria respirar pelos próximos dois dias. Daria a ela algum espaço para colocar suas merdas em ordem. Mas aquele negócio de fugir não aconteceria mais. Ela desmaiara na noite passada comigo ainda em cima dela, ainda dentro dela. E eu a ajeitei na cama, acomodando-me ao seu lado. Coloquei meus braços em torno dela e fiz uma promessa de que nunca mais precisaria perguntar o porquê de eu não tê-la procurado.

Ainsley poderia fugir de mim, mas o que ela não conseguiria fazer era esconder seu coração. Gostando ou não, eu o possuía. Era meu.

Eu sempre iria atrás dela, porque, quando você ama alguém, isso é o que você faz. Aguenta as coisas ruins, porque as boas são grandiosas. E eu queria toda essa grandiosidade novamente. E a teria, mesmo que precisasse persegui-la uma e outra vez.



Tinha acabado de fazer um lanche quando ouvi a porta da frente abrir e Miranda dizer:

— Espero que você esteja decente, porque eu não posso lidar com essa merda de novo hoje.

— Sim. Estou na cozinha. — Coloquei algumas batatinhas no prato, ao lado do meu sanduíche, e Miranda sentou-se de frente para mim. — Você está com fome? — perguntei.

— Meu Deus, sim. Estou morrendo de fome e enlouquecendo — disse ela, girando a cabeça para estalar o pescoço.

Sorri por causa de seu drama e peguei os ingredientes para preparar outro sanduíche.

— Deve ser cansativo correr pela cidade para resgatar donzelas em perigo às seis e meia da manhã, né? A nossa garota chegou em casa bem? — perguntei.

Sim, eu estava pescando informações, e Miranda sabia disso. Seu sorriso sorrateiro deixava bem claro.

— Não sei. Não me lembro. Ela pode ter chegado ou pode estar vagando pelas ruas sozinha. — Ela mordeu o lábio inferior e piscou muito para mim. —

Mas uma troca de informações pode clarear minha memória — disse com um sorriso.

Eu ri alto. Ah, então ela tinha mesmo pegado Ains naquela manhã, e aparentemente nenhuma informação fora compartilhada. Isso seria muito divertido.

— Eu não sei do que você está falando, querida — eu disse com uma risada. Coloquei o sanduíche na frente dela, junto com uma Coca-Cola, antes de mergulhar na minha própria comida.

— Desembucha, Adrian. Não tenho o maldito dia inteiro. Tenho três livros para editar e um vizinho gostoso para perseguir. Sou uma garota ocupada — Miranda resmungou, com a boca cheia de presunto e queijo.

Empurrei a Coca para o lado de seu prato e me inclinei contra o balcão, terminando meu almoço.

— Nada aconteceu, doidinha. Nós voltamos para cá, fomos dormir e ela escapou esta manhã antes de eu acordar. Fim da história — eu menti por entre dentes.

— Não me venha com essa merda agora, Adrian. Não gosto disso nem um pouco. Conte à sua melhor amiga sobre a sua noite quente de sexo para que eu possa viver indiretamente através de você, por favor e obrigada — Miranda disse, pegando suas batatas.

— Eu te disse. Pare de dizer que é minha melhor amiga. Essa merda é para garotas. — Eu odiava aquilo. Mas ela insistia naquele negócio há anos.

Miranda riu.

— Desembuche. Ainsley não me contou nada — ela disse.

Lancei-lhe um olhar sério.

— Bem. Eu a trouxe para cá. Imprensei-a contra a parede e espanquei sua bunda no meu corredor. Então a levei para o meu quarto, chupei-a e ficamos fodendo por horas até que ela praticamente desmaiou comigo ainda dentro dela. Feliz? — perguntei com uma sobrelheira arqueada.

Sua boca se abriu e uma batatinha caiu no balcão.

— É mentira. Você é um mentiroso imundo, Adrian. — Ela estreitou seus olhos questionadores para mim. — Você está mentindo? Certo?

Tentei parecer sério, mas não consegui segurar meu sorriso por mais tempo.

— Acho que você nunca vai saber, querida. — Dei de ombros.

— Você e Ainsley são maus. Nunca ganho nada — ela disse, pegando seu sanduíche.

Eu estava lavando a louça quando ela fez uma pergunta que eu poderia responder.

— Então, isso tudo significa que você e Ainsley estão juntos? — ela

perguntou tão hesitante que respondi imediatamente. Queria que soubesse que eu estava falando sério.

— Sim. Ainsley provavelmente não está na mesma vibe ainda, mas vou convencê-la — confirmei, contornando o balcão e erguendo meu corpo para me sentar na bancada. — Deixei que saísse daqui esta manhã. Vou lhe dar um pouco de espaço para que ponha a cabeça no lugar, mas logo irei atrás dela.

Um grito alto veio de Miranda quando ela pulou do banco e colocou os braços em volta da minha cintura.

— Oh, meu Deus. Finalmente. Você finalmente se decidiu. Estou tão orgulhosa. — Miranda fez uma pausa de repente, dando um passo para trás e olhando para mim, muito séria. — Puta merda, você realmente a espancou, não foi? — ela perguntou, rindo.

Sorri com orgulho, e ela me cutucou no estômago.

— Então, qual é o seu plano agora? — perguntou, voltando a se sentar no banquinho.

— Plano? — perguntei de volta. O que diabos ela estava falando?

— Sim. Seu plano para colocar você e Ainsley na mesma vibe novamente. Para ganhar sua garota de volta. Como vai fazer isso? — ela perguntou, olhando para mim como se eu fosse a pessoa mais burra do planeta.

— Ah, eu não preciso de um plano. Vamos conversar depois que ela se acalmar um pouco. Vamos resolver as coisas juntos — eu disse despreocupadamente.

Miranda sacudiu a cabeça.

— Não. Resposta errada. Agora é o momento de você ganhar sua garota de volta com um grande gesto, Adrian. Tem que ir atrás dela. Mas precisa de algo épico. Algo que ela nunca esquecerá. Algo que provará que você sempre a amou. Sabe o que eu quero dizer?

— Um grande gesto? Ela me deixou, Miranda — lembrei.

— Sim, mas as mulheres são loucas. Não podemos ser responsabilizados por essas coisas. E, além disso, você quer sua mulher de volta. Precisa fazer algo grande.

Ponderei o conselho de Miranda e imaginei: e se, pela primeira vez em sua vida, ela não estivesse sendo completamente insana. Hummm. Um grande gesto? Se Ainsley esperara por mim por quatro anos, enquanto nossos corações se curavam, devia haver pelo menos uma maneira de eu lhe mostrar que a tinha amado durante quase toda a minha vida. Pensei nessa ideia por mais alguns segundos antes de decidir o que precisava fazer. Mas o que eu não podia era contar à fofoqueira sentada no banquinho ao meu lado. Toda a cidade acabaria sabendo.

— Hora de você ir para casa, querida. Tenho trabalho a fazer — anunciei, afastando-a do banquinho e levando-a até a porta da frente, o mais educadamente que consegui. Teria dois dias para fazer a coisa acontecer e sem dúvidas não era tempo suficiente.

— Mas o que você vai fazer? Não precisa da minha ajuda? Ou conselhos? — ela perguntou, parada na frente da porta.

— Não. Eu tenho tudo sob controle — respondi, abrindo a porta e arrastando-a para fora. — Tchau — eu disse, fechando a porta na cara chocada de Miranda antes de trancá-la.

Enquanto eu me afastava, ouvi o barulho da maçaneta. Abafada pela porta, ouvi sua voz gemer com um tom exasperado:

— Agora ele tranca a porta.

Eu ri.

— É por razões de segurança! — gritei alto o suficiente para que ela pudesse me ouvir.

— Com certeza! — ela gritou de marchar pelo corredor.

Praticamente corri pelo apartamento até chegar ao meu estúdio e abri o armário ao lado do futon. Peguei uma caixa cheia de vários materiais de arte, mas finalmente segui para os fundos do espaço, onde encontrei o que procurava.

Fiquei parado dentro do closet, olhando para todo o trabalho ao meu redor, e enfiei a mão no meu bolso traseiro para pegar meu celular. Encontrei o número de Greta na minha lista de contatos e rezei para que, quando fizesse aquela ligação, a mulher não agisse como uma idiota. Apertei o botão para discar.

Ela atendeu logo após o primeiro toque com um:

— Olá, Adrian.

Passei a mão pelo meu cabelo, pensando em todo o trabalho que isso implicaria. Seria difícil, e eu seria pressionado pelo tempo. Mas, definitivamente, seria um grande gesto. Seria o maior de todos.

— Ei, Greta. Ouça... Houve uma pequena mudança de planos com a programação. Você poderia vir aqui agora para discutirmos? — perguntei. Era muito mais do que uma pequena mudança, mas ela não precisava saber disso agora. Além disso, era a minha estreia como artista, e eu tinha a palavra final.

— Claro. Deixe-me terminar o que estava fazendo, e eu passo aí em, digamos, uma hora? — ela perguntou em um tom profissional.

Talvez Greta e eu pudéssemos ter um relacionamento profissional, no final das contas. Ela não estava sendo infantil comigo, o que eu considerava uma vitória.

— Perfeito. Te vejo daqui a pouco, então — respondi antes de desligar e olhar ao meu redor. Estava me sentindo um pouco estressado, mas muito

animado.

Olhar para aqueles esboços e desenhos antigos trouxe de volta o melhor das minhas memórias. Estudei todos eles, um por um, enquanto os tirava do armário. Pensei em quais cores acrescentaria aos esboços antigos. Planejei como juntar algumas das peças menores para transformá-las em maiores. E, enquanto fazia tudo isso, a nostalgia me inundou em ondas suaves. Mantive aquelas lindas lembranças enterradas por muito tempo, e a sensação de libertá-las era muito boa.

Ainsley Michelle James vivia em meu coração desde que eu me entendia por gente.

Mas só começava a perceber naquele momento que ela vivia na minha alma pela mesma quantidade de tempo.

Nossos destinos foram escritos no momento em que pus os olhos nela, então, eu não ia desistir de nós outra vez.

Estou indo buscá-la, Raio de Sol.





Capítulo

22

Ainsley

— Oh, Deus. Eu me sinto no inferno — Kelly gemeu ao meu lado.

Nós duas estávamos deitadas na minha cama, de banho tomado. Miranda nos deixara em casa naquela manhã. Ela ficou conosco por apenas dois minutos até perceber que eu não iria contar nada sobre minha noite com Adrian. Mas sabia exatamente para onde iria em seguida. Ela e Adrian eram muito próximos agora, e tudo que eu podia fazer era torcer para que ele não contasse nada sobre a noite passada.

Era começo de noite naquele momento, e nós tínhamos dormido pela maior parte do dia. Eu precisava me levantar e preparar um jantar para mamãe ou pelo menos fazer algo produtivo. Mas a verdade era que me sentia no inferno também. Nunca mais iria beber.

— Eu também garota, mas preciso me levantar. Tenho coisas para fazer — eu disse a Kelly. — Você ficou na Miranda na noite passada?

— Não exatamente — ela respondeu, lançando-me um sorriso envergonhado.

Pare o mundo! Kelly não era o tipo de garota que ia para casa de homens desconhecidos. Eu sabia que minha expressão deveria ser de puro choque, porque era assim que me sentia.

— Puta merda, você foi para casa com um cara na noite passada? — perguntei, sentando-me na cama.

Ela riu nervosamente e tirou o travesseiro de baixo da cabeça antes de colocá-lo firmemente sobre o rosto. Ela murmurou e gemeu sob ele:

— O quê? — eu perguntei, olhando para a minha amiga, que estava tentando se sufocar com um travesseiro.

Suas próximas palavras foram novamente abafadas pelo travesseiro, mas

ela as repetiu mais alto. Foi apenas clara o suficiente para que eu as compreendesse. Mas só poderia ser um engano, porque não havia chance de ser verdade. Nenhuma.

— Diga que você não acabou de contar que dormiu com Anthony na noite passada! — gritei, tentando tirar o travesseiro de seu rosto, mas ela tinha braços fortes de baterista. — Kelly! — gritei outra vez.

Ela finalmente soltou o travesseiro.

— Não posso te dizer isso, Ains. Porque foi exatamente o que eu fiz. Fui para casa com Anthony, e ele bagunçou meu mundo. — Ela estava sorrindo como uma pateta para o teto, enquanto lembranças da noite passada passavam pela sua cabeça.

Balancei a cabeça. Estava confusa.

— Como diabos você e Miranda estavam juntas esta manhã, então? — perguntei.

Seu sorriso distante desapareceu e, de repente, ela pareceu completamente chateada.

— Bem, eu acordei esta manhã completamente feliz e pronta para uma nova rodada... Talvez a quinta. Mas Anthony se levantou e me pediu para ir embora. Acho que ele não vai me ligar na manhã seguinte — ela disse, franzindo a testa.

Ah, inferno, não! Aquele prostituto não jogou minha melhor amiga para fora de sua casa.

— Você está falando sério? Kelly, vou matá-lo. Não. Miranda vai matá-lo. Ela vai assassiná-lo de verdade — eu disse. Fiquei indignada e sabia que Miranda ficaria ainda mais. Ela nunca gostara dele.

— Tudo bem — disse Kelly, recostando-se contra a cabeceira da cama. — Ele me avisou que seria apenas uma noite. Eu sabia no que estava me metendo. E não me arrependo, porque foi incrível. Acho que fiquei surpresa, porque ele parecia estar tão na minha quanto eu na dele. Foi estranha a forma como me expulsou. Parecia confuso.

Ela parecia preocupada com Anthony. Mas eu não, de jeito nenhum. Eu queria matar o desgraçado. Kelly merecia algo melhor.

Também apoiei-me contra a cabeceira e passei um braço ao redor dos ombros dela.

— Sinto muito, Kells — eu disse. E falava sério. E se encontrasse Anthony Jackson de novo, iria chutar suas bolas.

Kelly olhou para mim com seriedade.

— Como foi sua noite com Adrian? — ela perguntou.

A noite passada fora passionaL – tudo que desejei por quatro longos anos.

Eu não queria entrar em detalhes com Kelly, mas também queria que ela soubesse que fora de tirar o fôlego.

— Foi maravilhosa, Kelly. Tudo que eu queria — disse a ela.

— Então, por que você estava sentada na calçada, do lado de fora do apartamento de Adrian, às sete da manhã? — ela perguntou, com uma expressão confusa.

Respirei fundo. Peguei uma mecha do meu cabelo e girei em torno dos meus dedos.

— Eu não sei. Acho que sou uma idiota. Fugir é tudo que sei fazer. Eu costumava consertar as coisas. Fazê-las acontecerem. Ajudar as pessoas. Agora, só sei ir embora — eu disse baixinho.

— Own, Ainsley. Isso não é verdade. Você só está com medo, e tudo bem por isso — Kelly disse, inclinando-se para mim.

— Estou assustada. Estou com medo de que Adrian se arrependa de ontem à noite. Eu não poderia viver com isso. Então saí antes mesmo de ele acordar. Ainda o amo tanto que dói, Kells. E se ele nunca me amar de novo? E se ele não me perdoar pelo que fiz? — perguntei a ela.

— Ah, pelo amor de Deus! Mesmo tão bêbada quanto eu estava na noite passada, consegui enxergar o quanto esse homem te ama. Ele não tirou os olhos de você a noite toda. E quando te viu dançando com Anthony, pensei que a cabeça dele iria explodir. — Ela sorriu.

Meu coração se apertou com suas palavras.

— Merda! E se eu cometi um grande erro saindo esta manhã? E se ele achar que eu fugi dele como na última vez? Eu só precisava de um tempo para pensar, sabe? Nós tínhamos acabado de nos tornar amigos de novo, e tudo que eu consigo fazer é estragar — eu disse, encostando minhas mãos no meu rosto.

— Garota, é só pegar o carro e ir falar com ele. Pare de ficar aqui preocupada se ele está puto com você ou não. Descubra.

Kelly estava certa. Ficar ali sentada, de ressaca e preocupada, não era nada produtivo. Eu teria que encarar aquela música mais cedo ou mais tarde.

— Você está certa — eu disse a Kelly, levantando-me da cama e pegando minhas chaves na mesinha de cabeceira. — Ficar sentada aqui, preocupada com o que Adrian acha, é simplesmente idiota quando eu posso apenas descobrir por mim mesma. — *Seja indestrutível.*

Deus, eu o queria. Queria que me dissesse que a noite passada não fora um erro. Queria dizer a ele que eu o amava e nada no mundo mudara ou mudaria isso. Cometi um grave erro ao deixá-lo quatro anos atrás, mas tinha pagado por isso. Chorei até não poder mais. E com certeza estava cansada de esperar que fosse até mim.

Quatro anos e mais de setecentos e vinte quilômetros nos separaram, mas aquele homem ainda segurava meu coração nas palmas de suas mãos.

E ele provavelmente sabia muito bem disso.



Dirigi para o apartamento de Adrian em tempo recorde. Esperava seriamente que ele estivesse em casa, porque não sabia por quanto tempo aquela explosão de coragem iria durar. Estacionei minha caminhonete e dei uma olhada rápida em volta, porque daquela vez ninguém estava me arrastando para dentro. Os prédios eram marrom e datados, mas o condomínio era bom e bem conservado.

Toquei na porta dele, batendo nervosamente o meu pé. Não pude deixar de me lembrar de como tinha ficado assustada na primeira vez em que fui à varanda de Adrian, enquanto aguardava que ele atendesse depois que Lori se apressara em tocar a campainha. Apesar de muito animada em nadar em sua piscina, só conseguia pensar que ele era a coisa mais linda que eu já tinha visto. A lembrança me fez sorrir, e pela primeira vez em muito tempo, lembrei-me Lori e a dor não inundou meu corpo. A agonia não arrancou um pedaço do meu coração.

Toquei a campainha outra vez, porque ele não atendeu na primeira. A porta se abriu, e o sorriso em meu rosto desapareceu instantaneamente. Lá estava a Loira, e meu coração firmemente se alojou na minha garganta. Eu tinha acabado de sair de lá naquela mesma manhã, e ela já estava lá de noite? A garota ficou me observando interrogativamente, mas tudo que consegui fazer foi olhar de volta para ela com a boca aberta.

— Sim? — ela perguntou com seus lábios vermelho-sangue.

Ela estava parada ali, parecendo perfeita em seu terninho impecável, sem um maldito cabelo fora do lugar; e lá estava eu, de ressaca, vestindo um conjunto de moletom azul, sem uma gota de maquiagem. Claro que seria assim.

— Adrian está? — eu finalmente consegui indagar. Já nem queria mais vê-lo, mas tinha que dizer alguma coisa. Qualquer coisa.

Ela me deu um sorriso cheio de superioridade.

— Acho que está no banho agora. Quer que eu passe alguma mensagem?

— Ela desviou o olhar de mim e focou em um celular que estava em sua mão, completamente entediada com a nossa conversa.

Porra. Já me sentia nauseada, e não só porque tinha bebido meu peso em álcool na noite passada. Sentia como se meu coração estivesse sendo arrancado do meu peito, mas, de alguma forma, consegui murmurar:

— Não, obrigada. Ligo para ele mais tarde.

Afastei-me da Loira vadia – sim, eu iria chamá-la sempre de Loira – e caminhei o mais rápido que pude de volta para a minha caminhonete.

Você não vai chorar, Ainsley. Você não vai chorar, porra!, eu disse a mim mesma uma e outra vez enquanto me afastava do apartamento de Adrian.

O que esperava? Você o deixou esta manhã. Correu como sempre faz. Você goza e depois vai embora.

Deus, eu estava tão cansada de sentir pena de mim mesma. Estava cansada de ser lamentável e patética.

Embiquei minha caminhonete no estacionamento de uma mercearia. Marchei pelos corredores, com raiva de Adrian por ter ficado com uma mulher logo depois de termos trepado loucamente e com raiva de mim mesma por estar tão chateada com isso. Joguei refrigerante, junk food, sorvete e tudo o mais que encontrei no meu carrinho. Parei na locadora do lado de fora da loja e aluguei para mim e para Kelly um filme que não era um romance. Que se fodesse. Coloquei tudo na minha picape e voltei para casa, determinada a aproveitar meus últimos dias com minha melhor amiga antes que ela voltasse a Nashville.

Era como se alguém tivesse puxado meu coração para fora do meu peito, pisado em cima dele e o colocado de volta, mas não chorei. Apenas esfreguei a ferida no meu peito com a palma da minha mão uma e outra vez, fingindo assistir aos filmes que aluguei e comendo junk food com Kelly. Tudo o que realmente fiz foi pensar naquela mulher atendendo à porta de Adrian apenas algumas horas depois de eu tê-la fechado quando saí.





Capítulo

23

Ainsley

Dois dias depois, meu coração ainda estava pesado de decepção e ferido sem chance de cura. Eu era puro caos emocional e tinha a sensação de que nenhuma quantidade de maquiagem e nenhum penteado elaborado iria esconder meu estado. Não que estivesse tentando.

Só saí do meu lugar no sofá para levar Kelly para o aeroporto na noite anterior, e isso só me deixou ainda mais triste. Já sentia a falta dela. Ela me manteve meio distraída de toda a provação de Adrian, e agora que tinha ido embora, eu não conseguia parar de pensar nisso. E nele. Estava mais confusa do que nunca sobre o que estava acontecendo entre nós.

Pelo menos tinha minha mãe para me fazer companhia. Assistimos filme após filme e nos entupimos de pizza e sorvete, mas ela continuava me lançando olhares preocupados. Eu não queria conversar, então, ignorei sua aparência preocupada.

Adrian não tentou me ligar. Não foi à nossa casa. Até onde eu sabia, ele ainda poderia estar trepando com a Loira vadia. Pensar nisso me deixava enjoada. Fazia com que a dor no meu peito se arrastasse para o meu estômago.

— Você vai hoje à noite? — mamãe perguntou do outro sofá. Não olhava para mim enquanto perguntava. Tinha os olhos fixos na TV como se não se importasse com a resposta à pergunta, mas eu sabia que não era bem assim.

— Onde? — perguntei de volta. Eu sabia sobre o quê era o assunto, mas já que ela estava fingindo, também iria fazer o mesmo. Miranda só me enviara um milhão de mensagens para perguntar a mesma coisa. A resposta foi simples: provavelmente, não. Mas ela não sabia por que eu vinha evitando seus recados.

— À exposição de arte de Adrian — mamãe respondeu, ainda sem me encarar, mas olhando fixamente para a TV, para que sua indiferença soasse

genuína.

Não contei à minha mãe o que havia acontecido quando fui à casa de Adrian. Não contei a ninguém, porque toda vez que pensava sobre isso a dor no meu peito ficava fora de controle.

— Provavelmente, não — respondi. Eu sabia que havia prometido a Adrian que estaria lá, mas isso fora antes daquela dor no peito. Não estava me sentindo bem. Não queria ir a lugar algum. Especialmente para vê-lo. Coloquei minha mão sobre o peito, desejando que a dor fosse embora.

Mamãe pegou minha mão e segurou-a na dela.

— Querida — ela disse tão baixinho que precisei olhar em sua direção. — Não faço ideia do que está acontecendo entre você e Adrian agora, mas sei de algo. Vale a pena lutar pelas melhores coisas da vida. E eu sei que você acha que Adrian é o melhor. Você é apaixonada por esse garoto desde que era uma coisinha pequena. — Ficou em silêncio por um momento, como se estivesse perdida em suas memórias. — Ambas as minhas garotas o amavam tanto. — Sorriu. — Como meus dois bebês poderiam amar tanto um rapazinho se ele não fosse o melhor? Não é possível, Ainsley. E Lori gostaria que você tivesse o melhor, porque você era a melhor para ela.

A dor no meu peito se intensificou, e as lágrimas que vinha tentando evitar há dias começaram a cair. Oh, Deus, como doía. Comecei a esfregar minha nuca em círculos lentos. Perdi muito quando Lori se foi, e eram partes que não sabia se poderia recuperar. Perdi minha melhor amiga e Adrian, mas, mais do que isso, me perdi. A verdadeira Ainsley fora embora, e eu a queria de volta. Queria sorrir com facilidade. Queria sentir que merecia ser feliz. Queria ser quem eu era antes da morte de Lori. Sentia sua falta, mas ela estava escondida nos recessos da minha mente. E, toda vez que a vislumbrava, algo traumático surgia para sobrepô-la. Não gostava da agonia de enfrentar as coisas de frente, mas tinha que ser feito. Eu não poderia mais viver com essa culpa. Vinha carregando-a por muito tempo.

— Se eu era a melhor para ela, então por que não a salvei, mamãe? Por que não fui àquela festa com ela? — perguntei com a voz embargada de lágrimas. Não conseguia olhar para ela. A culpa me deixava envergonhada demais. Em vez disso, olhei para as nossas mãos unidas.

— Olhe para mim agora, Ainsley — disse mamãe severamente.

Voltar meus olhos cheios de culpa para os dela quase me matou, e quando vi a expressão severa gravada no rosto normalmente suave da minha mãe, meu coração despencou. Aquele rosto parecia implacável, e eu estava com medo de que ela sempre me culpasse pela morte de Lori.

As lágrimas da minha mãe rolaram por seu rosto e caíram sobre o robe

macio que ela usava. Sentia muito medo de suas próximas palavras.

— O que aconteceu com Loralie não foi sua culpa. Não foi culpa de ninguém. Coisas ruins acontecem a pessoas boas o tempo todo. Lori tinha muitos problemas, Ains. Nós fizemos o que podíamos para ajudá-la. Especialmente você, querida. Ela te amava mais do que a qualquer outra pessoa no mundo. Nunca iria querer que você se culpasse. Nunca! — Minha mãe me puxou e me abraçou tão apertado que tive a sensação de que ela estava juntando todos os meus pedaços novamente.

Deixei que ela me abraçasse enquanto eu chorava e chorava contra o tecido macio de seu roupão.

Depois que me acalmei, mamãe disse:

— Bem, eu não sei você, mas vou a uma exposição de arte para prestigiar o meu garoto favorito. Então, preciso ir me vestir. Acho que você deveria fazer o mesmo, Ains. Adrian ficaria muito desapontado se você não fosse.

Era fácil ver que minha mãe também ficaria desapontada comigo se eu não fosse. Afastei-me dela e olhei-a com tristeza.

— Eu não sei. Acho que estou começando a perceber que Adrian e eu talvez não estejamos predestinados. Tanta coisa aconteceu entre nós, e sei que muito disso é minha culpa, mas não posso continuar me martirizando nem sentindo pena de mim mesma. Eu o amo muito, mamãe. Mas estou tão confusa.

Ela colocou a mão sobre o ponto dolorido no meu peito.

— Procure aqui, querida. É onde você encontrará a resposta — ela disse, antes de se levantar e caminhar pelo corredor em direção ao quarto.

Joguei meu corpo de volta no sofá, sentindo-me emocionalmente esgotada, mas, de alguma forma, melhor depois de ter conversado com minha mãe. Sentia-me mais leve. Pensei em ligar para Miranda e perguntar o que ela achava que eu deveria fazer a respeito de Adrian, mas sabia qual seria sua resposta. O lado romântico da minha amiga torcia por nós desde que éramos pequenas.

Precisava de conselhos de alguém que conhecesse Adrian tão bem quanto eu. Só que essa pessoa não estava mais entre nós. Lori. Se pudéssemos conversar, ela teria me dito o que fazer, e eu teria escutado, porque aquela garota conhecia a mim e a Adrian melhor do que nós mesmos. Entraria no quarto dela, deitaria na cama ao seu lado e faria a pergunta.

Eu não a tinha mais, mas, ainda assim, peguei-me andando pelo corredor com um propósito e depois parando em frente à porta de seu quarto. Enfrentei-a, colocando minha mão na maçaneta e girando-a rapidamente antes que pudesse mudar de ideia.

Tudo parecia igual – completamente intocado desde que a perdemos. Estava arrumado, como se mamãe ainda o limpasse, mas todas as facetas da vida

de Lori continuavam escondidas naquele pequeno cômodo, da forma como ela deixara. Seus pôsteres de rock ainda adornavam as paredes. Suas bugigangas ainda preenchiam todos os espaços disponíveis, e eu me senti feliz com a familiaridade de seus pertences.

Entrei no quarto, meu coração batendo com o ritmo familiar de medo e ansiedade. Sentei-me estoicamente na beira da cama e olhei em volta. Prendedores de cabelo, maquiagem, batons e canetas estavam espalhados por todo lado. Sua colcha preta, que nós compramos juntas no shopping, estava cuidadosamente alinhada, e eu me forcei a deitar sobre ela.

No momento em que minha cabeça bateu no travesseiro, senti o cheiro dela. O xampu doce que ela usara durante toda a sua vida preencheu o ar. Fechei meus olhos com força, porque as emoções eram quase fortes demais para suportar. Meu corpo tremeu, e meu coração disparou. Através dos meus olhos bem fechados, lágrimas escorreram pelo meu rosto, caindo sobre seu travesseiro.

— Deus, eu sinto sua falta — disse para o quarto silencioso, sentindo-me tão sobrecarregada pelas emoções que minha voz soou embargada.

Seu cheiro quase me fez acreditar no inconcebível. Respirei fundo, sugando mais dela. Senti falta desse cheiro.

— Queria que você estivesse aqui neste momento. Você saberia o que fazer com toda essa bagunça entre mim e Adrian. Sentia-me ridícula por conversar com um quarto vazio, mas estava me agarrando a qualquer coisa. Apenas algum tipo de sinal do que deveria fazer.

Esfreguei minhas mãos sobre os meus olhos ainda firmemente fechados. Isso era hilário. Um fantasma não iria me ajudar a descobrir nada sobre vida amorosa. Imaginei Lori dando risadinhas enquanto eu ficava ali, esperando por um maldito milagre.

Abafei uma gargalhada e me sentei na cama, abrindo os olhos. Estes se concentraram na caixa de música rosa e roxa de Lori – uma que mamãe comprara para ela em seu sexto aniversário. Passamos o dia inteiro torcendo a minúscula chave na parte de baixo e abrindo a parte de cima, observando a bailarina girar e girar com o suave tilintar de uma doce canção.

Peguei a caixa e virei-a, antes de torcer a pequena chave até não poder mais. Coloquei-a no meu colo, abrindo a tampa. O som suave da música preencheu a sala, e a linda bailarina rosa girou e girou. Assisti a cena durante a música inteira, desejando que Lori estivesse comigo.

Quando a melodia parou, fui fechar a tampa, mas um brilho prateado chamou a minha atenção. Aconchegada perto dos pés da bailarina havia uma joia. Puxei uma longa e delicada corrente com um medalhão na forma de um coração pendurado nela. Cristo Todo-Poderoso, eu me lembrava daquele

medalhão. O ar ficou preso no meu peito. Minhas mãos tremiam conforme pegava aquela preciosa joia em minhas mãos.

Lembrava-me muito bem daquele dia. Era aniversário de Lori, e Adrian lhe dera aquela joia de presente. Ela estava tão feliz. Fiquei enciumada e chateada com isso. Pensar que ele lhe tinha dado um presente tão íntimo partira meu coração adolescente. Era ridículo me lembrar disso, porque não fora Lori que me separara de Adrian. Fora eu mesma. Nunca nem olhei dentro daquele medalhão, com muito medo de ver fotos dos dois sem mim. Mas eu não estava mais com medo.

Apertei o minúsculo botão do lado de fora do coração com a unha do polegar, e o medalhão se abriu com facilidade. *Oh, meu Deus!*, suspirei baixinho no quarto vazio, porque o conteúdo daquele medalhão não era nada como eu esperava. Na verdade, era exatamente o oposto, porque era a foto de Lori que não estava em lugar nenhum.

De um lado do coração, havia uma Ainsley de catorze anos, cabelos selvagens, olhos verdes brilhantes e um sorriso tão livre – um que eu não via há muito tempo. E aninhado no outro estava Adrian. Seu rosto de menino arredondado pala juventude. Seu sorriso largo e cheio de dentes como eu me lembrava. E aquelas doces sardas no nariz e nas bochechas que me faziam sorrir tanto quanto estavam fazendo agora.

Olhei para nossos rostos no medalhão, tão surpresa que só consegui continuar a olhar. Era Adrian e eu lá dentro, não Lori e Adrian. Meu coração acelerou a noventa quilômetros por minuto, então, respirei fundo, mas, ainda assim, precisei me recuperar da emoção. Porque finalmente entendi. Levei praticamente a vida inteira, mas consegui compreender. Éramos eu e Adrian o tempo todo. Comecei a pensar em nós dois deitados em sua cama, comigo consolando-o. Ele sentado aos meus pés, na varanda, ouvindo-me tocar. Ele me dizendo que não podia parar de me beijar na primeira vez, na sala de ensaios na escola. Aquelas lembranças amadas me bombardearam com imensa doçura. Elas me dominaram com seu amor. Aquele homem me amava há tanto tempo quanto eu o amava. O medalhão era a prova. Pensei em como Lori usara aquele medalhão durante anos, carregando nós dois em seu coração, e isso me aqueceu. Encheu-me de ternura. Era isso. Lá estava o meu sinal. Lágrimas frescas caíram dos meus olhos, então, eu os fechei de novo, segurando o medalhão com firmeza.

Virei meus olhos fechados para o teto.

— Obrigada — sussurrei para Lori, sentindo uma imensurável quantidade de amor e alívio penetrando em mim.

Eu sabia que sempre sentiria falta de Lori. E alguns dias seriam difíceis. Em

outros, eu me lembraria dela e sorriria. Só sabia que precisava de Adrian ao meu lado em todos eles. Olhei para o medalhão novamente, esfregando meus dedos sobre os rostos pequenos lá dentro, e tudo o que Lori acabara de me dar não se perderia em mim. Ela me dera tudo de volta.

Eu me perdi.

Perdi Adrian.

Mas finalmente nos encontramos.

Em um dos lugares mais óbvios de todos os tempos: guardados dentro do coração de Lori.





Capítulo

24

Ainsley

Cuidadosamente coloquei o medalhão de volta na caixa de música de Lori. Puta merda, eu precisava ir à exposição de Adrian. Precisava dizer a ele que o amava. Precisava me desculpar por ter fugido. Novamente. E precisava fazer isso agora.

— Mãe! — gritei, correndo de cômodo em cômodo. Eu precisava encontrá-la e dizer que iria com ela.

Correr por toda a casa não adiantou de nada. Olhei na entrada da garagem, e o carro da minha mãe não estava mais lá. Chequei o relógio na cozinha. Merda! A exposição de Adrian começaria dali a quarenta e cinco minutos e era uma viagem de quarenta até a cidade.

Corri pelo corredor até o banheiro, tomei o banho mais rápido da história da humanidade e coloquei um vestido longo azul marinho. Calcei saltos marrons e vesti um cardigã no mesmo tom. Meu cabelo ainda estava úmido, e eu não estava maquiada, mas teria que servir. Não poderia perder aquele evento. Seria a grande noite de Adrian, e eu precisava estar lá para apoiá-lo.

Peguei minhas chaves, meu telefone, minha bolsa e enviei uma mensagem rápida para Miranda.

Eu: Estou indo!

Pulei na minha caminhonete e verifiquei o meu telefone antes de dar a partida.

Miranda: Porra, já era hora!

Eu soltei uma risada autodepreciativa e assenti. Porra! Sim, já era hora. Eu ia pegar meu homem. Um pouco atrasada. Mas eu era uma garota do sul. Não éramos conhecidos por nossa pontualidade. Fazíamos as coisas em nosso próprio maldito tempo. E finalmente era o meu momento.



Parei na frente do que parecia ser uma galeria de arte muito chique, e meu coração se inchou de orgulho pelo garotinho de cabelos negros que desenhava na minha varanda todos os dias. Entreguei as chaves da minha caminhonete para um manobrista e só pude rir quando ele entrou na minha cabine. Ainda estava rindo quando entrei na galeria, mas fiquei séria quando avistei a Loira bem na entrada. Ela não ia me parar daquela vez. Permiti que me impedisse de abrir uma porta uma vez, mas não permitiria novamente.

Aproximei-me dela e notei a placa à sua esquerda. Lia-se *Com os Olhos do Coração / Adrian Davis*, e sob as palavras havia uma foto que reconheci imediatamente. Era apenas um esboço simples, preto e branco, mas eu reconheceria aquele medalhão em qualquer lugar. Na verdade, eu o havia segurado em minhas mãos há menos de uma hora. Só um lado da joia estava aberto, mas, mesmo de perfil, eu sabia que aquele rosto era o meu. Meu corpo se aqueceu imediatamente. Ele me amava, eu o amava e isso era tudo que importava. Aquele esboço só me proporcionou ainda mais determinação.

Eu nem ia dar bola para a Loira. Não importava mais, mas quando a ultrapassei, meu braço foi agarrado, e ela me trouxe para perto de si. Lançou-me um olhar destinado a me quebrar. Este dizia: *Sua garota pobre e miserável*, mas eu estava cansada de ser despedaçada. Meus dentes cerraram tão apertados que cheguei a me machucar.

— Não faça o papel da garota patética, querida. Adrian nunca para com uma mulher, muito menos com garotas como você — ela sussurrou, em zombaria. Estava olhando para mim como se eu fosse uma caipira do interior, e talvez eu fosse mesmo, mas também já tinha passado por muitas coisas que me fizeram amadurecer nos meus curtos vinte e dois anos.

— Você dormiu com ele? Ontem? — perguntei, rezando para que meus instintos estivessem certos.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Não. Mas pretendo, esta noite.

Era aí que ela estava errada. Suas chances com ele estavam oficialmente encerradas. Eu deveria saber que Adrian não faria aquilo comigo. Não logo depois de ficarmos juntos. Deveria ter confiado nele.

Propositalmente olhei para a placa, para meu rosto no meio daquele lindo medalhão em forma de coração que Adrian desenhara com suas próprias mãos, e voltei-me para a cadela.

— Ele já desenhou você assim?

Seu sorriso arrogante desapareceu. Concluí, então, que ela sabia exatamente

quem eu era para Adrian, e não havia dúvidas em minha mente de que estava tentando nos separar.

Eu queria colocá-la em seu lugar, mas não o fiz. Era a noite de Adrian, então, não causaria uma cena. Em vez disso, disse calmamente:

— Estou aqui para ver o meu homem, então vou precisar que você saia do meu caminho. — Ela ainda segurava meu braço com força, então, acrescentei: — Agora.

Se ela pensou por um segundo que eu iria desistir, estava errada. Esperei muito por aquele momento, e ela estava me impedindo de vivê-lo. Eu a colocaria no chão em fração de segundo, mas a garota deve percebido o fogo em meus olhos, porque deu um passo para trás, soltando meu braço. Lancei-lhe um sorriso vitorioso e entrei na exposição.

Uma multidão de pessoas estava ao redor da sala, algumas admirando as peças na parede, e outras conversando e bebendo champanhe. Nem olhei para as pinturas penduradas nas paredes. Nem para os rostos dos desconhecidos que circulavam por lá. Eu estava procurando por uma pessoa.

Busquei por todo o salão, sentindo minha determinação evidente em cada um dos meus passos. *Seja indestrutível*. O mantra tocava na minha cabeça a cada passo que eu dava. Havia um casal mais velho à minha frente, bloqueando meu caminho, e enquanto passava por eles, não pude deixar de ouvir suas palavras enquanto olhavam para a pintura.

— Esta é simplesmente de tirar o fôlego. Elas ficam lindas juntas — disse a mulher, olhando para a pintura.

— Sim, eu concordo. E o contraste é lindo. O poder da luz e da escuridão neste aqui é muito cativante — o homem respondeu à mulher.

Suas palavras me fizeram parar e notar a pintura na parede. No início, tudo o que vi foi o rosto de uma mulher de cabelos loiros e expressivos olhos verdes. Eu. Era eu. Havia uma vulnerabilidade marcada em seu rosto, enquanto ela olhava para baixo, de perfil, na direção de outra tela. Minha respiração parou. Dor e amor ricochetearam dentro do meu corpo como balas perdidas, machucando-me e me curando ao mesmo tempo. Grandes e tristes olhos castanhos me encaravam da outra pintura, mantendo-me como refém. Eu não queria desviar o olhar, porque não via aqueles olhos há muito tempo. Contornei o casal que admirava o quadro e me aproximei. Eu queria estudar o rosto daquela garota. Queria ver se cada curva de seu rosto, se cada ruga que delineava seus olhos e se cada ângulo de sua mandíbula eram os mesmos. Queria ver Lori de perto. Fazia tanto tempo, e ela parecia tão real. A pequena covinha em seu queixo trouxe uma lágrima solitária ao meu rosto, e eu queria tocá-la para ver se era tão macia quanto parecia.

Estava prestes a erguer minha mão, aproximando-a da pintura, quando um homem com uma voz rouca e um aperto firme agarrou meu pulso.

— Por favor, não toque na pintura, senhora — ele disse, soltando meu punho e voltando para seu posto.

— Tudo bem — uma voz familiar disse logo atrás de mim.

Virei-me e encontrei Adrian me observando, parecendo desesperadoramente lindo em um terno preto, seu rosto quase selvagem pela emoção.

— São todos dela — disse ele, falando com o segurança ao meu lado, mas me olhando ferozmente nos olhos.

Virei meus olhos para a pintura de Lori e, em seguida, desviei meu olhar investigador para a obra acima da dela. Eu parecia um anjo pairando sobre a garota, pronta para protegê-la com a minha vida. E minha prima, com seus cabelos escuros e seus tristes olhos castanhos, parecia precisar de proteção. O casal estava *muito* certo. Minha pintura era leve, e a de Lori, sombria. O contraste era positivamente a coisa mais linda que já tinha visto na minha vida, e seu brilhantismo partiu meu coração.

Limpando um fluxo constante de lágrimas do meu rosto, circulei a sala, absorvendo cada pintura. Podia sentir os olhos de Adrian em mim a cada passo. Não me dei conta de sua proximidade, como se fosse meu guardião, enquanto me dava espaço suficiente para experimentar toda aquela beleza sozinha. Sua presença gritava: *Estou aqui! Apenas olhe para trás, e eu sempre estarei aqui.*

Cada pintura contava uma história e em cada uma havia uma qualidade única que se diferenciava da anterior. Mas todas elas também tinham uma similaridade.

Eu.

Eu deitada no riacho, no quintal da minha mãe, olhando as estrelas.

Eu de pé na varanda, tocando violino, de olhos fechados.

Eu com lábios recém beijados no meio de um campo de algodão.

E, às vezes, éramos eu e Lori.

Duas garotinhas de pé diante da porta de uma casa em trajes de banho.

Nós duas enroscadas em um saco de dormir, adormecidas.

Nós rindo diante da fogueira, o medalhão de Lori descansando em seu coração.

O amor de Adrian por mim resplandecia em cada quadro, e quanto mais velha eu ficava, mais bonita cada peça se tornava. Sensualidade e emoções desenfreadas estavam refletidas em cada toque de seu pincel ao me representar como adulta. Meu cabelo selvagem e dourado. Meu rosto aberto e revelador. Às vezes, eu me via em um campo de algodão. Outras vezes, notas musicais

voavam dos meus cachos, que brilhavam como raios de sol.

Era o nosso passado espalhado por todas as paredes daquele salão quadrado, memórias desnudas para todos verem. Cada imagem mostrava um momento de amor. Um momento de perda. Não havia para onde correr, e eu senti as memórias me cercando e me engolindo. Queria desmoronar com a força de tudo aquilo. Queria arrancar cada pintura da parede e protegê-las com a minha vida. Ele estava certo. Elas eram minhas, e eu as amava tanto quanto as odiava.

— Está vendo agora? — Adrian perguntou atrás de mim.

Desviei meu olhar das pinturas e olhei para ele. Sequei meu rosto com a manga do cardigã, porque eu era nada mais do que um caos, arrogante, feia e chorosa. Uma multidão estava se formando ao nosso redor, mas Adrian não pareceu notar. Ele manteve os olhos colados em mim.

— Está vendo agora, Raio de Sol? — ele perguntou novamente com a paciência de um maldito santo.

Queria correr até o outro lado da sala e me jogar em seus braços. Para abraçá-lo. Para sacudi-lo Para nunca mais abandoná-lo.

Senti Miranda e minha mãe se aproximando de mim, prontas para me pegarem se eu caísse.

— O quê? — suspirei e falei com tanta suavidade que nem soube se ele ouviu, mas me senti emocionalmente nua e muito vulnerável naquele momento. Senti-me observada quando tudo que queria era me esconder.

Adrian não vacilou nem reagiu ao meu desabafo. Apenas sorriu com ternura.

— Sua história está escrita por todas essas paredes, Ainsley. Literalmente. E é linda. Sim, foi difícil. E, sim, eu gostaria de voltar no tempo e mudar as coisas, se pudesse. Mas, Ainsley, isto é passado. E foi ele que fez quem somos hoje. Para melhor ou pior. Estivemos vivos uma vez, e acho que é hora de vivermos novamente. — Ele deu um passo em minha direção e gesticulou ao redor da sala. — O futuro não está nestas paredes. — Ele bateu com um dedo sobre seu coração e, em seguida, fez um sinal entre nós. — Está bem aqui, Raio de Sol. Você e eu. Sei que também sente isso. Podemos ser belos novamente.

Eu não disse nada, porque... o que eu poderia dizer? Ele estava certo. Minha vida fora linda, e quando olhava para as pessoas que tinham vivido tudo aquilo comigo, percebi que ainda era. Perdi alguém que amava muito, mas tivemos momentos incríveis juntas. E percebi, naquele instante, que não trocaria nenhuma daquelas lindas lembranças por qualquer coisa no mundo, nem mesmo a habilidade de não sentir a dor que a ausência de Lori deixara para trás.

Olhei ao redor do salão novamente, vendo a minha história. Nossa história,

na verdade. Minha. De Lori. Até mesmo de Adrian. Ele não aparecia em nenhuma das pinturas, mas estava lá o tempo todo, seu amor se refletia para mim em cada uma delas.

— Eu te amo — anunciei em voz alta em meio à sala silenciosa. Foi para isso que fui até lá. Todo mundo nos assistia, e eu tinha acabado de dar um espetáculo. Mas um ato de insanidade a mais, um a menos, não faria diferença, faria?

Ele sorriu.

— Eu sei.

Neguei com firmeza balançando a cabeça. Ele não sabia. Porque não havia palavras fortes o suficiente para explicar de forma adequada o que eu sentia por aquele garoto... e, naquele momento, pelo homem.

— Não. Você não sabe. — Respirei fundo e então confessei. — Eu realmente amo você, Adrian. Sempre amei. Minha vida inteira. Desde que coloquei os olhos em um menino de cabelo desgrehado e olhos azuis, usando suspensórios. — Fiz uma pausa enquanto lutava para falar através das minhas lágrimas. — E sempre amarei.

Os passos rápidos de Adrian o trouxeram para mim em um instante. Ele agarrou meu rosto com ambas as mãos e baixou os lábios até os meus.

— Obrigada — ele disse contra meus lábios antes de reivindicar minha boca em um beijo lento, mas profundo. Afastou-se e olhou nos meus olhos: — Sempre foi você, Ainsley. Para mim, *sempre* foi você. Quero estar ao seu lado enfrentando tudo. Até os momentos mais difíceis. — Ele olhou ao redor da sala. — Para criar a maior de todas as pinturas. A nossa vida. E eu não quero perder mais um minuto dela. Então me deixa estar ao seu lado. Me deixa cuidar de você. Me deixa te amar.

— Ok — sussurrei de volta contra sua boca. — Sem fingimentos.

Seus olhos ficaram suaves quando ele beijou meu nariz.

— Eu nunca fingi, Raio de Sol.





Epílogo

Adrian

— Verde? Ninguém gosta do verde, Adrian. Ninguém! É vermelho ou azul.
— Ainsley bufou, com uma expressão de frustração em seu rosto – ironicamente manchado de verde.

Se algum dia já havia sentido a falta da teimosia daquela mulher, estava arrependido. Ela estava compensando as últimas dez semanas.

Era véspera de Natal, e meu Raio de Sol estava um pouco mais à flor da pele do que o normal. Dirigimos pelos quarenta minutos que separavam a nossa cidade da casa de Jessi para jantarmos e trocarmos presentes. Nossa pequena casa na cidade era perfeita. Ficava em um ponto central entre a faculdade onde estudava a maioria dos alunos de Ainsley e a apenas cinco minutos de distância da sala de ensaio da orquestra, onde ela praticava. Estávamos vivendo nosso sonho – Ainsley ensinando durante o dia e tocando com a Filarmônica da Carolina do Sul à noite. Quanto a mim, foi uma subida lenta, mas constante, até o topo depois da minha primeira exibição, porém, a maioria das minhas pinturas já podia ser encontrada em galerias de arte por todos os EUA.

Nós nos casamos no outono, perto do nosso riacho, nem seis meses depois da noite em que Ainsley finalmente correria em minha direção ao invés de para longe de mim. Foi uma cerimônia discreta, apenas para familiares e amigos íntimos. Ainsley conseguiu que todos que amávamos estivessem presentes – até mesmo Lori. O medalhão de coração fora a única joia que usara naquele dia. Nosso casamento pareceu muito apressado para os outros, mas estávamos prontos. Já tínhamos perdido muito tempo. Além disso, pertencíamos um ao outro quase a vida inteira – agora só tínhamos um pedaço de papel para provar isso.

Não era o Natal que estava deixando Ainsley à flor da pele. Ela estava

animada para compartilhar as notícias que mantivemos em segredo nas últimas cinco semanas. Também andava muito enjoada. Aquele bebê estava sugando tudo dela. Não era apenas o enjoo matinal. Por que não chamavam de enjoos do dia inteiro? A mulher acordava enjoada, vomitava na hora do almoço e passava muitas noites na cama passando mal. Tentava acalmá-la com palavras que eu sabia serem verdadeiras.

— Só temos que passar por este primeiro trimestre, baby. Então poderemos velejar — eu dizia a ela. Mas estaria mentindo se falasse que aquele primeiro trimestre não parecia durar uma eternidade.

— Sim, papai. O verde é horrível — disse uma vozinha em algum lugar ao redor dos meus pés.

Coloquei o resto dos mantimentos no balcão da cozinha de Jessi e me ajoelhei.

— Você deveria ter dito isso ao papai na loja, amigão — eu disse, passando a mão pelos seus cachos doces e loiros.

Exatamente nove meses depois da noite em que fizemos sexo bêbados, Nicholas Michael Davis veio ao mundo, com cachos muito claros adornando sua cabeça em forma de cone, e pesando mais de quatro quilos. Fiquei surpreso por Ainsley engravidar na segunda vez em que fizemos sexo em quatro anos. Ou melhor, na verdade, não fiquei. Porque era o destino. E, embora o nosso rapazinho tivesse surgido como uma surpresa completa, eu não mudaria nada do que aconteceu.

Nós decidimos, assim que descobrimos que Ainsley estava grávida, que iríamos chamar o bebê pelo segundo nome de Loralie. Nicole, se fosse uma menina; e Nicholas, se fosse um menino, mas assim que ele nasceu e parou de chorar por tempo suficiente para abrir aqueles grandes olhos azuis para nós, só conseguimos lhe dar um apelido:

— Azul, vá para a sala e veja se a vovó pode te dar um biscoito. Ok, querido? — disse Ainsley, descarregando sacolas de compras.

Fui atrás dela, apoiando meu queixo em seu ombro e envolvendo meus braços em volta do nosso bebê, que descansava em segurança dentro do estômago ainda plano de Ainsley.

— É só Gatorade, Raio de Sol — sussurrei.

Imediatamente senti seu corpo rígido se derreter contra mim. Ela fazia a mesma coisa todas as vezes em que a chamava de Raio de Sol, e eu amava isso. Todas as suas preocupações pareciam se dissipar com essa palavra. Também a usava como vantagem quando me via em apuros – como qualquer homem inteligente faria.

Ainsley girou o corpo em meus braços até ficar de frente para mim.

— Eu sei, mas é a única coisa que se mantém no meu estômago. Não consigo comer nada. — Ela enterrou o rosto no meu peito e gemeu como se estivesse com dor.

Queria levá-la para casa para que ela pudesse descansar ou levantar os pés e assistir a um filme. Mas eu sabia que não havia lugar onde preferiria estar do que com sua família, então, ao invés disso, deslizei minhas mãos para cima e para baixo nas suas costas e beijei a curva perfumada entre seu pescoço e o ombro. Ainsley amava ter minha boca naquele ponto quase tanto quanto eu.

— Você quer que eu volte lá na loja? As coisas vão fechar ao meio-dia, mas consigo chegar a tempo se sair agora — perguntei com toda a seriedade.

— Não, eu vou beber a droga do verde — disse ela antes de beijar meus lábios e, em seguida, pressionar o rosto de volta contra o meu peito.

— Vamos. É melhor sairmos antes que eles nos procurem — eu disse a ela, pegando sua mão e puxando-a da cozinha.

Fomos para sala e encontramos Azul felizmente esticado nos colos de Holden e Miranda. Isso mesmo. Miranda tinha encontrado seu Deuce, ou qualquer que fosse o raio do nome. Viera na forma de Holden Steel, um intimidador ex-guarda florestal cujos sorrisos e risadas eram raros, mas seu amor por Miranda era feroz. E só isso já era suficiente para mim e Ainsley.

— Venha aqui, Azul, meu bebê — disse Jessi, da poltrona reclinável ao nosso lado.

Azul escalou o colo de Holden e desceu do sofá.

Jessi puxou-o para seu colo e perguntou:

— Então, qual é essa notícia que vocês tinham para nos dar antes de começarmos a fazer os donuts?

Jessi estava em remissão há três anos, e todos os dias que passávamos com ela pareciam a maior das bênçãos. Ela fora de grande ajuda com Azul, e, honestamente, eu não sabia o que teríamos feito sem ela — nem, surpreendentemente, sem meu pai. Ele estava sentado ao lado de Miranda e de Holden no sofá, seu rosto parecendo tão ansioso quanto o de todo mundo. A sobriedade dele fazia com que eu me lembrasse dos bons anos antes de perdermos minha mãe e Maggie. O fato de Azul poder ter experimentado o amor que meu pai tinha para dar quase compensou os anos ruins que passei.

— Bem — disse Ainsley, soltando um longo suspiro. — Queríamos esperar até que já tivesse passado tempo suficiente antes de contarmos qualquer coisa, mas estamos grávidos!

A sala irrompeu em aplausos e gritos de felicidade.

— Porra, a-le-luia! Estou muito feliz que o segredo foi *finalmente* revelado — disse Miranda, pulando do sofá. — Estou morrendo de fome! Vamos fazer

donuts.

— Miranda Elaine, cuidado com a boca na frente do bebê! — Jessi gritou de seu assento.

O som da risada de Holden rompeu todo o caos e fez cada um de nós paralisarmos. Ele jogou a cabeça grande para trás, e gargalhadas gigantescas ecoaram pela sala. Todos nós ficamos apenas observando. Não importava quantas vezes ele risse, ainda era chocante. Era estranho ver seu rosto se transformar tão completamente. Miranda jogou uma piscadela por cima do ombro e riu junto com ele.

Ainsley quebrou o silêncio.

— Você não podia saber, Miranda. Nós não contamos a ninguém. Não tinha como você saber — ela disse, levantando-se do meu colo e andando na direção de Miranda. Suas costas estavam eretas, e eu sorri para ela e para a loucura familiar de Miranda.

— Ah, querida, todo mundo sabia. Você andou super mal nos últimos dois meses e por mais que goste de pensar que é boa em esconder essas coisas, você não é. Na verdade, é péssima — disse Miranda voltando a rir.

Olhei ao redor da sala. Aquelas pessoas insanas eram a minha família. Nós caminhamos pelo inferno juntos. E, de alguma forma, conseguimos sair dele melhores do que antes. Nossa dor nos destruiu de maneiras inimagináveis, mas nosso amor um pelo outro nos recompôs. E Ainsley... ela estava ficando mais forte a cada dia. Toda vez que empurrávamos nosso filho no velho e enferrujado balanço azul no jardim. Todos os dias em que passávamos pelo riacho no quintal de Jessi com Azul. Cada tomate colhido diretamente da videira com o qual alimentávamos nosso rapazinho. As lembranças a inundavam. Essas lembranças a preenchiam, e às vezes ela sorria. Às vezes, elas se espalhavam por suas faces, e eu e Azul apenas as afastávamos com beijos.





Nota da Autora



Comecei este livro porque tinha uma história em meu coração – uma que senti que precisava ser contada. Como uma ávida leitora de romances e blogueira, nunca sonhei que iria finalmente dar o mergulho e escrever um livro, mas essa história não me abandonava. Ela praticamente exigiu ser escrita, e eu finalmente cedi. Sabia que ela iria me machucar. Sabia que choraria. E sabia que me faria lembrar. Por mais que *Com os Olhos do Coração* seja uma obra de ficção, há partes desta história comovente que são muito reais para mim. Uma dessas partes é a personagem Loralie Nicole James. Eu tive minha própria Loralie. Só que o nome dela era Lauren. Nós éramos primas e crescemos juntas como irmãs, quase como as personagens deste livro. E, assim como a personagem de Lori, nós a perdemos para as drogas e o álcool. Só que Lauren não conseguiu a paz que vem com a morte. Em vez disso, ela teve o cérebro maciçamente danificado, vive em uma casa de repouso e não consegue nem mesmo executar as mais simples funções humanas. Um estado vegetativo, é assim que eles chamam. A overdose de Lauren devastou minha família. Até hoje. Eu queria contar sua história. Queria gritar para o mundo o quanto a amo. Queria que o mundo soubesse o que esta situação fez com meus entes queridos. Queria dizer a todos o quão gentil, generosa, doce e divertida ela era. Como me ligou no dia em que teve seu bebê e exigiu que encomendasse logo o meu para que eles pudessem crescer e serem melhores amigos como nós. E como, um ano depois, quase no mesmo dia, meu próprio filho nasceu, e ela ficou em êxtase. E como, apenas um ano depois, ela se foi. Eu queria dizer como a overdose de Lauren mudou nossas vidas tão completamente. Como ainda sinto sua falta todos os dias. Como esse sentimento nunca desaparece. Então eu fiz isso. Eu criei Lori. Ela foi minha primeira personagem, e, a partir daí, a história de Ainsley e Adrian floresceu.

Eu não preciso de estatísticas para vocês saberem que tentar curar depressão ou qualquer outro tipo de transtorno mental com drogas e álcool é uma epidemia neste país. Nossos doentes mentais precisam muito de ajuda, e se meu livro fizer uma única pessoa procurar ajuda para seus entes queridos ou para si mesmo, então valerá a pena o tempo que levei para escrevê-lo. Não espere até que seja tarde demais.





Agradecimentos



Tony: Você sempre me encoraja a seguir meus sonhos. Este foi um ano cheio deles se tornando realidade, e você foi a força motriz de tudo isso. Eu te amo. Você é meu amor e meu melhor amigo.

Meus filhos: Sinto muito por aquela noite em que vocês comeram cereais no jantar porque eu precisava escrever. Ser uma dona-de-casa sempre foi meu primeiro sonho, e vocês me ajudaram a perceber isso, então agradeço por terem paciência comigo enquanto crio meus novos sonhos.

Miranda Arnold: A melhor coisa que já aconteceu comigo em um grupo de leitores foi você. Obrigada por blogar comigo, falando sobre cada livro que amamos e odiamos, e planejando este livro. Você é uma estrela, então, sacuda a poeira e comece a escrever. Eu acredito em você.

Kelly Markham: Você foi a primeira a ter este livro em mãos. Você me disse que eu tinha uma boa história. Não me deixou desistir quando senti que não era boa o suficiente. Você me incentivou diariamente a continuar. Eu nunca poderei te agradecer o suficiente, mas terá que bastar por ora. Eu te amo.

Mamãe: Obrigada por sempre encorajar meu amor pela leitura e por me apoiar, não importa as escolhas que eu faça na vida. Você é a melhor.

Aly Martinez: Acho que há palavras suficientes para agradecer por tudo o que você fez por mim durante este processo. O que começou como um pequeno incentivo se transformou em provocações, edição e praticamente todas as respostas para todas as perguntas do mundo. Você abrange tudo de bom nesta comunidade de autores indie. É talentosa, incrível, generosa e gentil. Nunca vou esquecer como você me ajudou. Gostaria de poder pagar de alguma forma por toda a sua ajuda, mas não há vinho suficiente no mundo.

Ashley Teague: Você me ouviu irritada e estressada, e, basicamente, tendo

colapso atrás de colapso. Não sei como me aguenta, mas obrigada, obrigada, obrigada.

Às minhas betas Nicole M., Nicole S., Danielle e Megan: Vocês foram inestimáveis durante o processo. Amo vocês. Nunca me deixem.

Pam Huff: Suas habilidades de revisão são muito apreciadas.

Para a comunidade de escritores independentes, blogueiros e leitores: A generosidade de vocês às vezes me surpreende e me sinto muito honrada por fazer parte deste mundo. Obrigada por tudo.



Table of Contents

<u>Capa</u>	
<u>Copyright</u>	
<u>Sumário</u>	
<u>Dedicatória</u>	
<u>Prólogo</u>	
<u>Capítulo 1</u>	
<u>Capítulo 2</u>	
<u>Capítulo 3</u>	
<u>Capítulo 4</u>	
<u>Capítulo 5</u>	
<u>Capítulo 6</u>	
<u>Capítulo 7</u>	
<u>Capítulo 8</u>	
<u>Capítulo 9</u>	
<u>Capítulo 10</u>	
<u>Parte dois</u>	
<u>Capítulo 11</u>	
<u>Capítulo 12</u>	
<u>Capítulo 13</u>	
<u>Capítulo 14</u>	
<u>Capítulo 15</u>	
<u>Capítulo 16</u>	
<u>Capítulo 17</u>	
<u>Capítulo 18</u>	
<u>Capítulo 19</u>	
<u>Capítulo 20</u>	
<u>Capítulo 21</u>	
<u>Capítulo 22</u>	
<u>Capítulo 23</u>	
<u>Capítulo 24</u>	
<u>Epílogo</u>	
<u>Nota da Autora</u>	
<u>Agradecimentos</u>	